

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • NOVEMBRO DE 2010

A Liahona



Discursos da Conferência Geral

O Presidente
Monson Exorta à
Preparação e ao
Serviço Missionário



Ele Untou os Olhos do Cego, de Walter Rane

Tendo compaixão do homem cego de nascença, o Salvador “cuspiu na terra, e com a saliva fez lodo, e untou com o lodo os olhos do cego. E disse-lhe: Vai, lava-te no tanque de Siloé (...). Foi, pois, e lavou-se, e voltou vendo” (João 9:6–7).

- 2 Sumário da 180ª Conferência Geral Semestral

SESSÃO DA MANHÃ DE SÁBADO

- 4 Ao Voltarmos a Nos Encontrar
Presidente Thomas S. Monson
- 6 Por Causa de Vossa Fé
Élder Jeffrey R. Holland
- 9 Permaneçam no Caminho
Rosemary M. Wixom
- 11 Obediência aos Profetas
Élder Claudio R. M. Costa
- 13 Aprender e Ensinar o Evangelho
David M. McConkie
- 16 Reflexões sobre uma Vida Consagrada
Élder D. Todd Christofferson
- 19 As Coisas Que Mais Importam
Presidente Dieter F. Uchtdorf

SESSÃO DA TARDE DE SÁBADO

- 23 Apoio aos Líderes da Igreja
Presidente Henry B. Eyring
- 24 Arbítrio: Essencial ao Plano de Vida
Élder Robert D. Hales
- 27 Que Haja Luz!
Élder Quentin L. Cook
- 31 Fé — A Escolha É Sua
Bispo Richard C. Edgley
- 34 Nossa Própria Sobrevivência
Élder Kevin R. Duncan
- 36 Espelhos da Eternidade do Templo: Um Testemunho de Família
Élder Gerrit W. Gong
- 39 Nunca O Deixem
Élder Neil L. Andersen
- 43 O Poder Transformador da Fé e do Caráter
Élder Richard G. Scott

SESSÃO DO SACERDÓCIO

- 47 Sê o Exemplo dos Fiéis
Élder Russell M. Nelson
- 50 “Vinde a Mim com Toda a Sinceridade de Coração e Eu Irei Curá-los”
Élder Patrick Kearon
- 53 Ele Nos Ensina a Deixar de Lado o Homem Natural
Élder Juan A. Uceda

- 55 O Orgulho e o Sacerdócio
Presidente Dieter F. Uchtdorf

- 59 Servir com o Espírito
Presidente Henry B. Eyring

- 67 Os Três Rs da Escolha
Presidente Thomas S. Monson

SESSÃO DA MANHÃ DE DOMINGO

- 70 Confiar em Deus e, Então, Fazer
Presidente Henry B. Eyring

- 74 Limpar o Vaso Interior
Presidente Boyd K. Packer

- 77 O Espírito Santo e a Revelação
Élder Jay E. Jensen

- 80 Sê o Exemplo dos Fiéis
Mary N. Cook

- 83 Duas Linhas de Comunicação
Élder Dallin H. Oaks

- 87 O Divino Dom da Gratidão
Presidente Thomas S. Monson

SESSÃO DA TARDE DE DOMINGO

- 91 O Sacerdócio de Aarão
Élder L. Tom Perry

- 94 Receber o Espírito Santo
Élder David A. Bednar

- 98 Pais Corajosos
Élder Larry R. Lawrence

- 101 Descanso para Vossa Alma
Élder Per G. Malm

- 103 Evitar a Armadilha do Pecado
Élder Jairo Mazzagardi

- 105 O Que Você Fez com Meu Nome?
Élder Mervyn B. Arnold

- 108 “Quão Astuto É o Plano do Maligno”
Élder M. Russell Ballard

- 111 Até Voltarmos a Nos Encontrar
Presidente Thomas S. Monson

REUNIÃO GERAL DA SOCIEDADE DE SOCORRO

- 112 “Filhas em Meu Reino”: A História e o Trabalho da Sociedade de Socorro
Julie B. Beck

- 116 Firmes e Inamovíveis
Silvia H. Allred

- 119 E Apiedai-vos de Alguns, Usando de Discernimento
Barbara Thompson

- 122 A Caridade Nunca Falha
Presidente Thomas S. Monson

- 64 As Autoridades Gerais de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

- 125 Índice das Histórias Contadas na Conferência

- 126 A Presidência Geral das Auxiliares

- 126 Ensinaamentos para os Nossos Dias

- 127 Notícias da Igreja



Sumário da 180ª Conferência Geral Semestral

MANHÃ DE SÁBADO, 2 DE OUTUBRO DE 2010, SESSÃO GERAL

Preside: Presidente Thomas S. Monson.
Dirige: Presidente Henry B. Eyring. Oração de abertura: Élder Octaviano Tenorio. Oração de encerramento: Élder Eduardo Gavarret. Música: Coro do Tabernáculo; regentes: Mack Wilberg e Ryan Murphy; organistas: Andrew Unsworth e Clay Christiansen. “Jeová, Sê Nosso Guia”, *Hinos*, nº 40; “Let Zion in Her Beauty Rise” [Que São Se Erga em Beleza], *Hymns*, nº 41; “Graças Damos, Ó Deus, por um Profeta”, *Hinos*, nº 9, arr. Wilberg, não publicado; “Nossa Lei É Trabalhar”, *Hinos*, nº 142; “Conta-me Histórias de Cristo”, *Músicas para Crianças*, p. 36, arr. Murphy, não publicado; “A Alva Rompe”, *Hinos*, nº 1, arr. Wilberg, não publicado.

TARDE DE SÁBADO, 2 DE OUTUBRO DE 2010, SESSÃO GERAL

Preside: Presidente Thomas S. Monson.
Dirige: Presidente Henry B. Eyring. Oração de abertura: Élder Claudio D. Zivic. Oração de encerramento: Élder Jorge F. Zeballos. Música: Coro familiar da região de Sandy e Draper, Utah; regente: Timothy Workman; organista: Linda Margetts. “Vinde, Ó Filhos do Senhor”, *Hinos*, nº 27, arr. Lyon, pub. Jackman; “Bela São”, *Hinos*, nº 25; “Sim, Eu Te Seguirei”, *Hinos*, nº 134; “Home” [Lar], *Children’s Songbook*, p.192, arr. Dayley, não publicado.

NOITE DE SÁBADO, 2 DE OUTUBRO DE 2010, SESSÃO DO SACERDÓCIO

Preside: Presidente Thomas S. Monson. Dirige: Presidente Dieter F. Uchtdorf. Oração de abertura: Élder Marcos A. Aidukaitis. Oração de encerramento: Élder James J. Hamula. Música: Coro do Sacerdócio do Centro de Treinamento Missionário de Provo; regentes: Douglas Brechley e Ryan Eggett; organista: Richard Elliott. “Povos da Terra, Vinde, Escutai”, *Hinos*, nº 168, arr. Ipson, não publicado; “Go, Ye Messengers of Heaven” [Ide, Mensageiros do Céu], *Hymns*, nº 327; “No Monte a Bandeira”, *Hinos*, nº 4; “Chamados a Servir”, *Hinos*, nº 166, arr. Boothe, não publicado.

MANHÃ DE DOMINGO, 3 DE OUTUBRO DE 2010, SESSÃO GERAL

Preside: Presidente Thomas S. Monson.
Dirige: Presidente Dieter F. Uchtdorf. Oração de abertura: Élder Gérald Caussé. Oração de

encerramento: Élder Carlos A. Godoy. Música: Coro do Tabernáculo; regente: Mack Wilberg; organistas: Clay Christiansen e Richard Elliott. “Truth Eternal” [Verdade Eterna], *Hymns*, nº 4; “Ó Jeová, Senhor do Céu”, *Hinos*, nº 179; “Ama o Pastor Seu Rebanho”, *Hinos*, nº 140, arr. Wilberg, não publicado; “Cantando Louvamos”, *Hinos*, nº 50; “Amam-vos Uns Aos Outros”, *Hinos*, nº 197, arr. Wilberg, não publicado; “Alegres Cantemos”, *Hinos*, nº 3, arr. Wilberg, não publicado.

TARDE DE DOMINGO, 3 DE OUTUBRO DE 2010, SESSÃO GERAL

Preside: Presidente Thomas S. Monson.
Dirige: Presidente Dieter F. Uchtdorf. Oração de abertura: Élder Lawrence E. Corbridge. Oração de encerramento: Bispo H. David Burton. Música: Coro do Tabernáculo; regentes: Mack Wilberg e Ryan Murphy; organista: Bonnie Goodliffe. “Come, Rejoice” [Vinde, Alegrai-vos], *Hymns*, nº 9, arr. Murphy, não publicado; “Brilha, Meiga Luz”, *Hinos*, nº 60, arr. Wilberg, não publicado; “Sou um Filho de Deus”, *Hinos*, nº 193; “Ao Partir Cantemos”, *Hinos*, nº 89, arr. Wilberg, não publicado.

NOITE DE SÁBADO, 25 DE SETEMBRO DE 2010, REUNIÃO GERAL DA SOCIEDADE DE SOCORRO

Preside: Presidente Thomas S. Monson.
Dirige: Julie B. Beck. Oração de abertura: Sharon L. Eubank. Oração de encerramento: Marsha G. Beck. Música: Coro da Sociedade de Socorro das estacas em Kearns, Utah; regente: Cathy Jolley; organista: Linda Margetts. “Conta as Bênçãos”, *Hinos*, nº 57, arr. Kasen, pub. Jackman; “Constantes Qual Firmes Montanhas”, *Hinos*, nº 184, arr. Nielsen

e Boothe, não publicado (trumpetes: Kristina Orcutt Tollefson, Mary Lampros e Claire Grover); “Mais Vontade Dá-me”, *Hinos*, nº 75, arr. Beebe, pub. Larice; “Tal como um Facho”, *Hinos*, nº 2, arr. DeFord, não publicado (flautas: Tia Jaynes e Natalie Hall; solistas vocais: Katherine Dowse, Olivia Dowse, Megan Dowse Broughton, Jayni Dowse, Sally Dowse Duffin e Sofia Lee Dowse).

GRAVAÇÃO DAS SESSÕES DA CONFERÊNCIA

Para acessar os discursos da conferência geral em vários idiomas pela Internet, visite os sites conference.lds.org e languages.lds.org. Selecione um idioma. Geralmente, dois meses após a conferência, as gravações também são disponibilizadas nos centros de distribuição.

MENSAGENS DOS MESTRES FAMILIARES E DAS PROFESSORAS VISITANTES

Para as mensagens dos mestres familiares e das professoras visitantes, escolha um discurso que mais atenda à necessidade daqueles a quem você visita.

NA CAPA

Primeira capa: Fotografia: Les Nilsson. Última capa: Fotografia: Welden C. Andersen.

FOTOGRAFIAS DA CONFERÊNCIA

As cenas da conferência geral em Salt Lake City foram tomadas por Craig Dimond, Welden C. Andersen, John Luke, Matthew Reier, Christina Smith, Les Nilsson, Scott Davis, Lindsay Briggs, Cody Bell, Mark Weinberg, Weston Colton, Rod Boam e Sarah Carabine; na Argentina, por Lucio Fleytas; no Brasil, por Lauren Fochetto e Ana Claudia Soli; na República Dominicana, por Krista Groll; na Irlanda, por Farris Gerard; na Itália, por Alessandro Dini Ciacci; na Nova Zelândia, por Victoria Taupau; na África do Sul, por Kevin Cooney; na Suécia, por Jens Rydgren; e no Uruguai, por Abel Gómez Pereyra. Fotografia do Presidente Monson: Busath Photography.



Revista Oficial em Português de A Igreja de
Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A Primeira Presidência: Thomas S. Monson,
Henry B. Eyring e Dieter F. Uchtdorf

Quórum dos Doze Apóstolos: Boyd K. Packer,
L. Tom Perry, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks,
M. Russell Ballard, Richard G. Scott, Robert D. Hales,
Jeffrey R. Holland, David A. Bednar, Quentin L. Cook,
D. Todd Christofferson e Neil L. Andersen

Editor: Paul B. Pieper

Consultores: Stanley G. Ellis, Christoffel Golden Jr.,
Yoshihiko Kikuchi

Diretor Administrativo: David L. Frischknecht

Diretor Editorial: Vincent A. Vaughn

Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg

Gerente Editorial: R. Val Johnson

Gerentes Editoriais Assistentes: Jenifer L. Greenwood,
Adam C. Olson

Editor Associado: Ryan Carr

Editores Adjunta: Susan Barrett

Equipe Editorial: David A. Edwards, Matthew D. Flitton,
LaRene Porter Gaunt, Larry Hiller, Carrie Kasten, Jennifer
Maddy, Melissa Merrill, Michael R. Morris, Sally J. Odekirk,
Joshua J. Perkey, Chad E. Phares, Jan Pinborough,
Richard M. Romney, Don L. Searle, Janet Thomas, Paul
VanDenBerghe, Julie Wardell

Secretária Sênior: Laurel Teuscher

Diretor Administrativo de Arte: J. Scott Knudsen

Diretor de Arte: Scott Van Kampen

Gerente de Produção: Jane Ann Peters

Equipe de Diagramação e Produção: Cali R. Arroyo,
Collette Nebeker Aune, Howard G. Brown, Julie Burdett,
Thomas S. Child, Reginald J. Christensen, Kim Fenstermaker,
Kathleen Howard, Eric P. Johnson, Denise Kirby, Scott M.
Mooy, Ginny J. Nilson

Pré-impresão: Jeff L. Martin

Diretor de Impressão: Craig K. Sedgwick

Diretor de Distribuição: Evan Larsen

Tradução: Edson Lopes

Para assinaturas e preços fora dos Estados Unidos e do
Canadá, consulte o centro de distribuição local em seu
país ou o líder da ala ou do ramo.

**Envie manuscritos e perguntas para Liahona,
Room 2420, 50 E. North Temple St., Salt Lake City, UT
84150-0024, USA; ou mande e-mail para:
liahona@LDSchurch.org.**

A *Liahona*, termo do Livro de Mórmon que significa
"bússola" ou "guia", é publicada em albanês, alemão,
armênio, búlgaro, cambojano, cebuano, chinês,
cingalês, coreano, croata, dinamarquês, esloveno, espanhol,
estoniano, fijiano, finlandês, francês, grego, hindi, húngaro,
holandês, indonésio, inglês, islandês, italiano, japonês,
letão, lituano, malgaxe, marshallês, mongol, norueguês,
polonês, português, quiribatí, romeno, russo, samoano,
sueco, tagalo, tailandês, taitiano, tâmil, tcheco, télugo,
tonganês, ucraniano, urdu e vietnamita. (A periodicidade
varia de um idioma para outro.)

© 2010 Intellectual Reserve, Inc. Todos os direitos
reservados. Impresso nos Estados Unidos da América.

O texto e o material visual encontrados na revista *A Liahona*
podem ser copiados para uso eventual, na Igreja ou no lar,
não para uso comercial. O material visual não poderá ser
copiado se houver qualquer restrição indicada nos créditos
constantes da obra. As perguntas sobre direitos autorais
devem ser encaminhadas para Intellectual Property Office,
50 E. North Temple St., Salt Lake City, UT 84150, USA;
e-mail: cor-intellectualproperty@LDSchurch.org.

For Readers in the United States and Canada:

November 2010 Vol. 63 No. 11. LIAHONA (USPS 311-480)
Portuguese (ISSN 1044-3347) is published monthly by The
Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 E. North
Temple St., Salt Lake City, UT 84150. USA subscription
price is \$10.00 per year; Canada, C\$11.90 plus applicable
taxes. Periodicals Postage Paid at Salt Lake City, Utah. Sixty
days' notice required for change of address. Include address
label from a recent issue; old and new addresses *must* be
included. Send USA and Canadian subscriptions to Salt Lake
Distribution Center at address below. Subscription help
line: 1-800-537-5971. Credit card orders (Visa, MasterCard,
American Express) may be taken by phone. (Canada Poste
Information: Publication Agreement #40017431)

POSTMASTER: Send address changes to Salt Lake
Distribution Center, Church Magazines, PO Box 26368,
Salt Lake City, UT 84126-0368.



ORADORES EM ORDEM ALFABÉTICA

Allred, Silvia H., 116
Andersen, Neil L., 39
Arnold, Mervyn B., 105
Ballard, M. Russell, 108
Beck, Julie B., 112
Bednar, David A., 94
Christofferson, D. Todd, 16
Cook, Mary N., 80
Cook, Quentin L., 27
Costa, Claudio R. M., 11
Duncan, Kevin R., 34
Edgley, Richard C., 31
Eyring, Henry B., 23, 59, 70
Gong, Gerrit W., 36
Hales, Robert D., 24
Holland, Jeffrey R., 6
Jensen, Jay E., 77
Kearon, Patrick, 50
Lawrence, Larry R., 98
Malm, Per G., 101
Mazzagardi, Jairo, 103
McConkie, David M., 13
Monson, Thomas S., 4, 67,
87, 111, 122
Nelson, Russell M., 47
Oaks, Dallin H., 83
Packer, Boyd K., 74
Perry, L. Tom, 91
Scott, Richard G., 43
Thompson, Barbara, 119
Uceda, Juan A., 53
Uchtdorf, Dieter F., 19, 55
Wixom, Rosemary M., 9

ÍNDICE POR ASSUNTO

Abuso de drogas, 108
Adversidade, 116
Amor, 53
Aprendizado, 13
Arbitrio, 24, 27, 31, 67, 74, 103
Arrependimento, 24, 50, 53,
74, 103
Atributos cristãos, 53
Autoridade, 83
Bênçãos, 87
Caráter, 43
Caridade, 122
Compaixão, 119
Compromisso, 67
Conferência geral, 4, 111
Confiança, 70
Confirmação, 94
Consagração, 16
Consequências, 67
Convênios, 36
Conversão, 39
Coragem, 98
Crianças, Filhos, 9
Cura, 50
Diligência, 19
Ensino, 9, 13
Escolha, 67
Espírito Santo, 13, 59, 77,
94, 98
Estudo das Escrituras, 9, 13
Exemplo, 9, 47, 80
Expiação, 36, 108
Família, 19, 36, 98
Fé, 6, 31, 34, 43, 80, 111, 116
Gratidão, 6, 87
História da Família, 36
Honestidade, 27
Humildade, 55, 122
Integração, 47

Integridade, 16, 27
Jesus Cristo, 31, 39, 87
Julgamento, 122
Lealdade, 39
Livro de Mórmon, 77
Luz de Cristo, 27
Mandamentos, 105
Ministério de anjos, 91
Moralidade, 16, 27, 74, 80
Obediência, 11, 34, 43, 50,
70, 94, 98, 101, 105, 111
Obra missionária, 4, 47
Ofensa, 39
Oração, 9, 83
Orgulho, 55
Padrões, 80
País, 98
Paz, 101
Pecado, 103
Pioneiros, 34
Plano de salvação, 9, 24, 116
Pornografia, 74, 103
Princípios do Evangelho, 19
Professoras visitantes, 119
Profetas, 11, 34, 70
Responsabilidade, 67
Retidão, 91
Revelação, 11, 77, 83, 94
Sacerdócio, 59, 91
Sacerdócio Aarônico, 91
Sacrifício, 6
Serviço, 6, 16, 55, 59, 91,
112, 119
Simplicidade, 19
Sociedade de Socorro, 112
Templos, 4, 36
Testemunho, 31, 77, 101
Trabalhar, 16
Vício, 108



Presidente Thomas S. Monson

Ao Voltarmos a Nos Encontrar

O serviço missionário é um dever do sacerdócio — uma obrigação que o Senhor espera de nós, que tanto recebemos Dele.

Meus amados irmãos e irmãs, queremos dar-lhes as boas-vindas à conferência geral, que está sendo vista e ouvida por diversos meios de comunicação no mundo inteiro. Expressamos nossa gratidão a todos os que estão envolvidos na complicada logística deste grande empreendimento.

Desde abril, quando nos reunimos pela última vez, o trabalho da Igreja progrediu sem impedimentos. Tive o privilégio de dedicar quatro novos templos. Acompanhado de meus conselheiros e de outras Autoridades Gerais, viajei para Gila Valley, Arizona; para Vancouver, Colúmbia Britânica; para Cebu City, nas Filipinas; e para

Estocolmo, Suécia



Kiev, Ucrânia. O templo construído em cada um desses lugares é magnificamente belo. Cada um desses templos é uma bênção na vida de nossos membros e uma influência positiva para os que não são de nossa religião.

Na véspera da dedicação de cada templo, tivemos o privilégio de assistir a uma celebração cultural, da qual participaram nossos jovens e mesmo alguns não tão jovens assim. Esses eventos foram geralmente realizados em grandes estádios, embora em Kiev tenhamos nos reunido em um belo palácio. A dança, o canto, os números



musicais e as apresentações foram excelentes. Expresso meu elogio e amor a todos os que estiveram envolvidos.

Cada dedicação de templo foi um banquete espiritual. Sentimos o Espírito do Senhor em todas elas.

No mês que vem, rededicaremos o Templo de Laie Havaí, um de nossos templos mais antigos, que passou por grandes reformas com duração de muitos meses. Aguardamos ansiosamente essa ocasião sagrada.

Continuamos a construir templos. Nesta manhã, tenho o prazer de

anunciar cinco novos templos, cujos terrenos estão sendo adquiridos e que, nos meses e anos vindouros, serão construídos nos seguintes lugares: Lisboa, Portugal; Indianápolis, Indiana; Urdaneta, Filipinas; Hartford, Connecticut; e em Tijuana, México.

As ordenanças realizadas em nossos templos são fundamentais para nossa salvação e para a salvação de nossos entes queridos falecidos. Continuemos fielmente a frequentar os templos. Eles estão sendo construídos cada vez mais perto de nossos membros.

Agora, antes de ouvirmos nossos oradores desta manhã, gostaria de mencionar um assunto que está sempre em meu coração e que merece toda a nossa atenção. Refiro-me ao trabalho missionário.

Em primeiro lugar, aos rapazes do Sacerdócio Aarônico e a vocês rapazes que serão élderes, repito o que os profetas há muito têm ensinado: todo rapaz digno e capaz deve preparar-se para servir em uma missão. O serviço missionário é um dever do sacerdócio — uma obrigação que o Senhor espera de nós, que tanto recebemos

Dele. Rapazes, eu os admoesto a prepararem-se para servir como missionários. Mantenham-se limpos, puros e dignos de representar o Senhor. Mantenham sua saúde e suas forças. Estudem as escrituras. Onde for possível, participem do seminário ou do instituto. Procurem conhecer bem o guia missionário

Pregar Meu Evangelho.

Uma palavra para vocês, moças: embora não tenham a mesma responsabilidade de servir como missionárias de tempo integral, como os rapazes do sacerdócio têm, vocês também fazem uma valiosa contribuição como missionárias, e ficamos felizes quando decidem servir.

E agora para vocês, irmãos e irmãs mais idosos, precisamos de muitos mais casais idosos. Aos casais fiéis que hoje servem ou que serviram no passado, queremos agradecer a vocês por sua fé e devoção ao evangelho de Jesus Cristo. Vocês servem de boa vontade e o fazem muito bem, realizando muitas coisas boas.

Aos que ainda não estão na idade de servir como casal missionário, peça-lhes que se preparem agora para o dia em que você e seu cônjuge poderão fazê-lo. Se as circunstâncias permitirem, quando se aposentarem, e se sua saúde permitir, apresentem-se como voluntários para deixar o lar e servir como missionários de tempo integral. Há poucas ocasiões em sua vida em que vocês desfrutarão o doce espírito e a satisfação de servirem juntos em tempo integral na obra do Mestre.

Meus irmãos e irmãs, que estejamos em sintonia com o Espírito do Senhor ao ouvir as palavras de Seus servos nos próximos dois dias. Que essa seja a bênção concedida a cada um de nós, eu oro humildemente, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■



Élder Jeffrey R. Holland

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Por Causa de Vossa Fé

Agradeço a todos os maravilhosos membros da Igreja (...) por provarem a cada dia de sua vida que o puro amor de Cristo “nunca falha”.

Presidente Monson, os membros desta igreja em todo o mundo unem-se nesse hino ao magnífico coro e dizem “Graças Damos, Ó Deus, por um Profeta”. Obrigado por sua vida, por seu exemplo e por essa mensagem de boas-vindas a mais uma conferência geral da Igreja. Nós o amamos, o admiramos e o apoiamos. De fato, na sessão desta tarde, teremos uma oportunidade mais formal de erguer a mão em voto de apoio não apenas para o Presidente Monson, mas também para todos os outros líderes gerais da Igreja. Como meu nome está incluído na lista, tomo a liberdade de falar em nome de todos para agradecer a vocês antecipadamente por seu voto de apoio. Nenhum de nós poderia servir sem suas orações e sua ajuda. Sua lealdade e seu amor significam para nós muito mais do que podemos expressar.

Nesse espírito, minha mensagem de hoje é de que *nós os* apoiamos, de que também oramos sinceramente por *vocês* e de que os amamos tanto quanto vocês nos demonstram seu amor. Sabemos que há chaves, convênios e responsabilidades especiais concedidas aos líderes presidentes da Igreja, mas também sabemos que a

Igreja extrai sua força incomparável, sua vitalidade realmente ímpar, da devoção e da contribuição de *todo* membro desta Igreja, seja ele quem for. Não importa o país em que você more, por mais jovem e incapaz que se sinta, ou por mais idoso ou limitado que você se considere, digo-lhe que você é amado individualmente por Deus; você é essencial para o significado de Sua obra e é amado pelos líderes presidentes de Sua Igreja, que oram por você. O valor pessoal, o sagrado esplendor de cada *um* de vocês, é o verdadeiro motivo de haver um plano para a salvação e exaltação. Ao contrário do que se diz hoje, tudo *tem a ver* com *você*. Não, não se vire nem olhe para a pessoa ao lado. Estou falando com *você*!

Tive dificuldade para encontrar um meio adequado de dizer-lhe o quanto Deus o ama e quão gratos, nós aqui neste púlpito, somos por você. Procuo ser porta-voz dos próprios anjos dos céus para agradecer-lhe por todas as coisas boas que você fez, por todas as palavras bondosas que já disse, por todo sacrifício que já fez ao levar a alguém, — seja quem for — a beleza e as bênçãos do evangelho de Jesus Cristo.

Sinto-me grato pelas líderes das Moças que vão aos acampamentos com elas e, sem xampu, chuveiro nem maquiagem, transformam esfu­maçadas reuniões de testemunhos ao redor da fogueira em algumas das mais marcantes experiências espirituais que aquelas moças — ou aquelas líderes — terão na vida. Sinto-me grato por *todas* as mulheres da Igreja que em minha vida foram tão fortes quanto o Monte Sinai e tão compassivas quanto o Monte das Bem-Aventuranças. Sorrimos, às vezes, com as histórias das nossas irmãs, vocês sabem: gelatina verde, colchas de retalhos e lanchinhos em reuniões. Mas meus familiares foram os agradecidos beneficiários de cada uma dessas coisas, em diversas ocasiões, e em uma delas, a colcha e o lanche vieram no mesmo dia. Era apenas uma colcha bem pequena — minúscula mesmo — para proporcionar ao corpinho do meu irmãozinho uma jornada de volta ao lar celestial que fosse tão cálida e confortável quanto nossas irmãs da Sociedade de Socorro queriam que fosse. O lanche providenciado para nossa família depois do funeral, oferecido de boa vontade, sem que tivéssemos pedido, foi recebido com muita gratidão. Sorriam, se quiserem, por causa de nossas tradições, mas de alguma forma, são as mulheres menos aclamadas desta Igreja que estão *sempre* presentes, quando há mãos que pendem e joelhos enfraquecidos.¹ Elas parecem compreender instintivamente a divindade desta declaração de Cristo: “Quando o fizestes a um destes meus pequeninos (...), a mim o fizestes”.²

E os irmãos do sacerdócio não ficam atrás. Lembro-me, por exemplo, dos líderes de nossos rapazes que, dependendo do clima e



do continente, fazem caminhadas extenuantes de mais de 80 quilômetros (50 milhas) ou abrem cavernas no gelo — e até tentam dormir nelas — nas mais longas noites da experiência humana. Sinto-me grato pela lembrança dos membros de meu grupo de sumos sacerdotes que, há alguns anos, se revezaram por semanas, dormindo em uma pequena poltrona no quarto de um membro agonizante do quórum, para que sua idosa e igualmente frágil esposa conseguisse dormir um pouco, nas semanas finais de vida de seu querido marido. Sinto-me grato pelo exército de professores, líderes, consultores e secretários da Igreja, sem mencionar as pessoas que estão sempre montando mesas e guardando cadeiras. Sinto-me grato pelos patriarcas ordenados, pelos músicos, pelos consultores de história da família, pelos casais com osteoporose que caminham com dificuldade às cinco horas da manhã até o templo, carregando malas quase maiores que eles próprios. Sinto-me grato pelos pais discretos e abnegados que — talvez por toda a vida — cuidam de um filho deficiente, às vezes com mais de uma deficiência, e às vezes com mais de um filho. Sinto-me grato pelos filhos que retribuem mais tarde o carinho que receberam, cuidando de pais enfermos ou idosos.

E pela quase perfeita irmã idosa que, como se pedisse perdão, disse-me recentemente: “Nunca fui líder ou qualquer coisa parecida na Igreja.

Acho que só ajudei um pouco”, digo, “querida irmã, Deus a abençoe, assim como a todos os que ‘ajudam’ no reino”. Alguns de nós, que *somos* líderes esperamos um dia ter a mesma condição no céu que vocês já alcançaram.

Muito frequentemente deixei de expressar gratidão por essas pessoas que foram tão boas em minha vida. O Presidente James E. Faust subiu a este púlpito, há treze anos, e disse: “Lembro de quando eu era garotinho (...) e minha avó (...) preparava refeições deliciosas no calor do fogão a lenha. Quando a caixa de lenha ao lado do fogão esvaziava, minha avó (...), sem fazer alarde, saía para enchê-la com lenha de cedro que ficava numa pilha lá fora e depois trazia a pesada caixa de volta para casa. Eu era tão insensível (...) que ficava lá, sentado, e deixava minha querida avó encher [aquela] caixa”. Então, com a voz embargada de emoção, ele disse: “Sempre me arrependi e me envergonhei de minha omissão. Espero um dia pedir-lhe perdão”.³

Se um homem tão perfeito quanto o Presidente Faust pôde reconhecer essa negligência da juventude, não posso deixar de admitir algo semelhante e prestar hoje um tributo que há muito estou devendo.

Quando fui chamado para servir em uma missão, antes da aurora dos tempos, não havia custos missionários equalizados. Cada um tinha de arcar com todas as despesas da

missão à qual tinha sido enviado. Algumas missões eram muito caras, e aconteceu que a minha foi uma delas.

Conforme incentivamos os missionários a fazerem, eu tinha economizado dinheiro e vendido alguns de meus pertences para conseguir o máximo de meu sustento. *Achei* que tinha dinheiro suficiente, mas não sabia como ficariam as coisas nos meses finais de minha missão. Mesmo com essa dúvida, abençoadamente deixei minha família e parti para a melhor experiência pessoal que alguém pode desejar. Adorei minha missão, e estou certo de que nenhum rapaz, antes ou depois de mim, tenha gostado tanto da missão.

Então, voltei para casa, pouco depois de meus pais terem sido chamados para cumprir sua própria missão. O que eu iria fazer, então? Como é que eu poderia pagar minha faculdade? Como conseguiria me sustentar? E como conseguiria realizar o grande sonho de meu coração, que era o de casar-me com a incrivelmente perfeita Patricia Terry? Não me importo em admitir que me senti desanimado e temeroso.



Hesitante, fui até o banco local e perguntei ao gerente, que era amigo da família, quanto havia em minha conta. Ele pareceu surpreso e disse: “Ora, Jeff, está *tudo* em sua conta. Eles não contaram para você? Seus pais quiseram fazer de tudo, por mínimo que fosse, para ajudá-lo a iniciar sua vida quando voltasse para casa. Eles não sacaram um centavo da conta durante sua missão. Achei que você soubesse”.

Bem, eu não sabia. O que eu sei é que meu pai, que era o que chamávamos em nossa cidadezinha de “guarda-livros” autodidata, tendo pouquíssimos clientes, provavelmente passara dois anos sem um terno novo ou camisa nova ou par de sapatos novos, para que o filho tivesse tudo isso na missão. Além disso, o que eu não sabia, mas fiquei sabendo então, foi que minha mãe, que nunca tinha trabalhado fora de casa depois de casada, arrumara um emprego numa loja de departamentos local para custear minha missão. E nada disso me foi contado durante a missão. Nem uma palavra sequer foi dita a esse respeito. Quantos pais na Igreja fizeram exatamente o mesmo que o meu? E quantas mães, nesta época de dificuldades econômicas, ainda fazem o que minha mãe fez?

Meu pai já morreu há 34 anos; por isso, tal como o Presidente Faust, vou ter de esperar para poder agradecer plenamente a ele do outro lado do véu. Mas minha querida mãe, que fará 95 anos na próxima semana, está assistindo feliz a esta transmissão em casa hoje, em St. George e, por isso, não é tarde para agradecer a ela. A vocês, Mamãe e Papai, e a todas as mães e pais e famílias e boas pessoas do mundo inteiro, agradeço por terem-se sacrificado tanto por seus filhos (ou pelos filhos dos outros!),

por terem desejado tanto dar-lhes as vantagens que nunca tiveram, por terem desejado tanto proporcionar-lhes a vida mais feliz que lhes podiam oferecer.

Agradeço a todos os maravilhosos membros da Igreja — e a legiões de boas pessoas que não são da nossa fé — por provarem a cada dia de sua vida que o puro amor de Cristo “nunca falha”.⁴ Nenhum de vocês é pequeno ou insignificante, em parte por que vocês tornam o evangelho de Jesus Cristo o que ele é: um lembrete vivo de Sua graça e misericórdia, uma manifestação particular, porém vigorosa, em pequenas vilas e grandes cidades, do bem que Cristo fez e da vida que Ele deu, procurando trazer paz e salvação a outras pessoas. Sentimo-nos honrados, mais do que podemos expressar, por participarmos com vocês de uma causa tão sagrada.

Como disse Jesus aos nefitas, digo hoje:

“Por causa de vossa fé (...), é completa minha alegria.

E depois de haver proferido estas palavras, ele chorou.”⁵

Irmãos e irmãs, ao ver seu exemplo, asseguro novamente a *minha* determinação de ser melhor, mais fiel — mais bondoso e dedicado, mais caridoso e verdadeiro — como é o nosso Pai Celestial e como muitos de vocês já são. É minha oração, em nome de nosso Grande Exemplo em todas as coisas, o Senhor Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Hebreus 12:12; Doutrina e Convênios 81:5.
2. Mateus 25:40.
3. James E. Faust, “O Mais Importante da Lei: O Juízo, a Misericórdia e a Fé”, *A Liahona*, janeiro de 1998, p. 68.
4. I Coríntios 13:8; ver também Morôni 7:46–47.
5. 3 Néfi 17:20–21.



Rosemary M. Wixom
Presidente Geral da Primária

Permaneçam no Caminho

Se segurarmos a mão de nossas crianças e seguirmos os passos do Salvador, todos retornaremos ao nosso lar celestial e estaremos seguros nos braços do Pai Celestial.

Observei recentemente o nascimento da pequena Kate Elizabeth. Depois de entrar neste mundo e ser colocada nos braços da mãe, Kate ergueu a mão e segurou o dedo da mãe. Foi como se a pequena Kate dissesse: “Se eu me agarrar firme, você vai-me ajudar a permanecer no caminho de volta a meu Pai Celestial?”

Aos sete anos de idade, Joseph Smith contraiu febre tifoide, e uma infecção atacou-lhe a perna. O Dr. Nathan Smith era pioneiro em um procedimento pelo qual a perna infectada poderia ser salva. Sem anestesia, o Dr. Smith teria de fazer um corte na perna de Joseph e remover partes do osso infectado. Joseph recusou a bebida alcoólica que lhe foi oferecida para amenizar a dor e não quis ser amarrado, dizendo: “Quero que meu pai se sente na cama e me segure nos braços, e então farei tudo o que for necessário”.¹

Para as crianças do mundo inteiro dizemos: “Tome minha mão. Segure firme. Juntos, vamo-nos manter no caminho de volta ao nosso Pai Celestial”.

Pais, avós, vizinhos, amigos, líderes da Primária — todos nós podemos estender a mão para segurar as crianças. Podemos parar, ajoelhar-nos, fitar-lhes os olhos e sentir seu desejo inato de seguir o Salvador. Segurem a mão delas. Caminhem com elas. Essa é nossa chance de firmá-las no caminho da fé.

Nenhuma criança precisa trilhar o caminho sozinha, desde que falemos abertamente a nossos filhos sobre o plano de salvação. O conhecimento do plano vai ajudá-las a apegar-se à verdade de que são filhos e filhas de Deus e de que Ele tem um plano para elas; de que viveram com Ele na existência pré-mortal, de que exclamaram de alegria por poderem vir a esta Terra, e de que, por meio da ajuda do Salvador, todos podemos voltar à presença de nosso Pai Celestial. Se elas compreenderem o plano e compreenderem quem são, não temerão.

Em Alma 24, lemos: “[Ele] ama nossa alma (...) [e] ama nossos filhos; portanto, (...) o plano de salvação nos [é] revelado, assim como às gerações futuras”.²

Começamos a tornar o plano conhecido por nossos filhos quando nós mesmos nos agarramos firmemente à barra de ferro.

Se estivermos firmemente agarrados à barra de ferro, podemos tomar-lhes a mão e trilhar juntos o caminho estreito e apertado. Nosso exemplo é magnificado aos olhos deles. Eles seguirão nossos passos quando se sentirem seguros com nossas ações. Não precisamos ser perfeitos — apenas honestos e sinceros. Os filhos precisam sentir que estamos unidos a eles. Quando um pai ou uma mãe diz: “Podemos fazer isso! Podemos ler as escrituras diariamente em família”, os filhos vão seguir!

Os pais de uma família como essa, com quatro filhos pequenos, escreveram: “Decidimos começar aos poucos, porque nossos filhos tinham dificuldade em prestar atenção. Nossa filha mais velha ainda não lia, mas conseguia repetir as palavras; por isso, começamos a ler o Livro de Mórmon, só três versículos a cada noite. Meu marido e eu líamos um versículo cada um, e depois a Sydney repetia um versículo. Progredimos para quatro versículos, e depois cinco, quando os meninos começaram a repetir seus próprios versículos. Sim, era cansativo, mas continuamos fazendo isso. Procuramos concentrar-nos na consistência em lugar de na velocidade. Levamos três anos e meio para terminar a leitura do Livro de Mórmon. Foi um grande sentimento de realização!”

A mãe prossegue, dizendo: “A leitura diária das escrituras é um hábito familiar agora. Nossos filhos sentem-se à vontade com a linguagem das escrituras, e meu marido e eu aproveitamos para prestar testemunho das verdades. O mais importante é que sentimos o Espírito em nosso lar”.



Vocês aprenderam com a experiência dessa família o mesmo que eu? Vocês conseguem ver o mesmo que eu, no que essa família fez? Quando nossa intenção é apegar-nos firmemente à palavra de Deus, nossa leitura das escrituras pode ser de apenas um versículo por vez. Nunca é tarde demais para iniciar. Podemos começar agora.

O mundo vai ensinar nossos filhos, se não o fizermos; e as crianças são capazes de aprender tudo o que o mundo vai ensinar-lhes, desde quando são bem pequenas. Tudo o que quisermos que nossos filhos saibam daqui a cinco anos precisa fazer parte de nossas conversas com eles hoje. Ensinem seus filhos em todas as ocasiões. Façam com que cada dilema, cada consequência, cada provação que enfrentarem seja uma oportunidade de ensinar-lhes como apegar-se às verdades do evangelho.

Shannon, uma jovem mãe, não esperava que poderia ensinar a seus filhos o poder da oração, enquanto os amontoava em seu furgão para levá-los para casa, num trajeto de 40 minutos. A tempestade ainda não havia se formado quando saíram da casa da avó; mas ao entrarem na estrada que atravessava os desfiladeiros, a neve que caía levemente se transformou numa nevasca. O furgão começou a derrapar na pista. A visibilidade logo se tornou nula. Os dois filhos mais novos sentiram o estresse da situação e começaram a chorar. Shannon disse aos filhos mais velhos, Heidi e

Thomas, de oito e seis anos: “Vocês precisam orar. Precisamos que o Pai Celestial nos ajude a chegar em casa em segurança. Orem para que não fiquemos atolados e que não derrapemos para fora da estrada”. Suas mãos tremiam ao segurar o volante, mas ela ouviu o sussurro das oraçãozinhas que eram repetidas no banco de trás: “Pai Celestial, por favor, ajuda-nos a voltar para casa em segurança. Por favor, ajuda-nos a não derrapar para fora da estrada”.

Com o tempo, as orações acalmaram os dois menores, e eles pararam de chorar assim que perceberam que um bloqueio na estrada os impedia de prosseguir. Cuidadosamente, deram meia volta e encontraram uma pousada para passar a noite. Assim que chegaram à pousada, ajoelharam-se e agradeceram ao Pai Celestial por sua segurança. Naquela noite, uma mãe ensinou aos filhos o poder de apegar-se verdadeiramente à oração.

Que provações nossos filhos enfrentam? Tal como Joseph Smith, nossos filhos podem adquirir a coragem de “fazer tudo o que for necessário”. Se tivermos a firme intenção de segurar a mão deles e ensinar-lhes o plano do Pai Celestial por meio da oração e das escrituras, eles saberão *de onde vieram, por que* estão aqui e *para onde* estão indo.

Na primavera passada, meu marido e eu fomos assistir a um jogo de futebol de nosso neto de quatro anos. Sentimos a emoção no campo enquanto os jogadores corriam para

todo lado atrás da bola de futebol. Quando soou o apito final, os jogadores não sabiam quem havia perdido ou ganhado. Simplesmente tinham disputado um jogo. Os técnicos orientaram os jogadores para que apertassem a mão dos jogadores do time adversário. Então, observei algo extraordinário. O técnico pediu-nos que formássemos um túnel da vitória. Todos os pais, avós e espectadores presentes ao jogo se levantaram e formaram duas filas, uma de frente para a outra, e ergueram os braços para formar um arco. As crianças passaram correndo e rindo pelos adultos que os aclamavam, até chegarem ao corredor formado pelos espectadores. Logo as crianças do time adversário entraram na brincadeira com todos os jogadores — os vencedores e os perdedores — sendo aclamados pelos adultos ao passarem correndo pelo túnel da vitória.

Em minha mente, vi outra imagem. Tive a sensação de ver as crianças vivendo o plano que o Pai Celestial criou para cada criança individualmente. Elas corriam pelo caminho estreito e apertado formado pelos braços dos espectadores que as amavam, cada uma delas sentindo a alegria de estar no caminho.

Jacó disse: “Oh! Quão grande é o plano de nosso Deus!”³ O Salvador “nos mostrou a senda que conduz à vida eterna”.⁴ Testifico que, se segurarmos a mão de nossas crianças e seguirmos os passos do Salvador, todos retornaremos a nosso lar celestial e estaremos seguros nos braços do Pai Celestial. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Lucy Mack Smith, *History of Joseph Smith by His Mother*, ed. Preston Nibley, 1958, pp. 56–57.
2. Alma 24:14.
3. 2 Néfi 9:13.
4. “Da Corte Celestial”, *Hinos*, nº 114.



Élder Claudio R. M. Costa
Da Presidência dos Setenta

Obediência aos Profetas

Que grande bênção é termos profetas em nossos dias!

Sou converso à Igreja. Sou grato por Deus ter respondido a minha oração e ter-me dado o conhecimento e um forte testemunho de que Joseph Smith é um profeta de Deus.

Antes de tomar a decisão de ser batizado na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, estudei trechos da história de Joseph Smith. Orei, depois de ler cuidadosamente cada parágrafo. Se quiserem fazer o mesmo, isso levará umas quatorze horas.

Depois de ler, ponderar e orar, o Senhor deu-me a certeza de que Joseph Smith é Seu profeta. Testifico-lhes que Joseph Smith é um profeta e, por ter recebido essa resposta do Senhor, sei que todos os sucessores de Joseph são profetas também. Que grande bênção é termos profetas em nossos dias!

Por que é importante ter profetas vivos dirigindo a verdadeira Igreja de Jesus Cristo e seus membros?

No *Guia para Estudo das Escrituras*, encontramos a definição da palavra *profeta*: “Pessoa chamada por Deus para falar em nome Dele. Como mensageiro do Senhor, o profeta recebe mandamentos, profecias e revelações de Deus” (“Profeta”, *Guia para Estudo*

das Escrituras, p. 169; ver também o *Bible Dictionary*, p. 754).

É uma grande bênção receber a palavra, os mandamentos e a orientação do Senhor nestes dias difíceis em que o mundo se encontra. O profeta pode ser inspirado a ver o futuro em benefício da humanidade.

Foi-nos ensinado que “certamente o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas” (Amós 3:7). Aprendemos nessa escritura que o Senhor revelará a Seus profetas absolutamente qualquer coisa que Ele julgar necessária para ser-nos comunicada. Ele revelará Sua vontade a nós e nos instruirá por meio de Seus profetas.

O Senhor prometeu-nos que, se cremos nos santos profetas, teremos a vida eterna (ver D&C 20:26). Na sexta Regra de Fé, declaramos que cremos em profetas. Crer significa ter fé e confiança neles, segui-los e fazer o que os profetas nos pedem.

Em 1980, quando o Presidente Ezra Taft Benson serviu como presidente do Conselho dos Doze Apóstolos, ele nos passou uma vigorosa mensagem sobre a obediência aos profetas, durante um devocional da

BYU no Marriot Center. Esse grande discurso intitulado “Fourteen Fundamentals in Following the Prophet” [Quatorze Princípios Fundamentais para Seguir o Profeta] tocou meu coração. Fez-me sentir bem por ter tomado a decisão de seguir os profetas pelo resto de minha vida, quando aceitei o batismo na verdadeira Igreja do Senhor.

Gostaria de compartilhar com vocês alguns dos princípios que o Presidente Benson ensinou:

“Primeiro: *O profeta é o único homem que fala pelo Senhor em tudo*” (1980 *Devotional Speeches of the Year*, 1981, p. 26).

Em nossos dias, o profeta do Senhor nos disse para amarmos nosso semelhante, servir, cuidar das novas gerações, resgatar os inativos e os menos ativos, e fazer muitas coisas às quais chamamos Prioridades Proféticas. Precisamos entender que essas prioridades são prioridades de Deus e que o profeta é a voz de Deus que as comunica à Igreja e ao mundo.

Somos aconselhados a dar ouvidos a todas as suas palavras e mandamentos (ver D&C 21:4). Também aprendemos:

“Pois suas palavras receberéis como de minha própria boca, com toda paciência e fé.

Porque, assim fazendo, as portas do inferno não prevalecerão contra vós; sim, e o Senhor Deus afastará de vós os poderes das trevas e fará tremeter os céus para o vosso bem e para a glória de seu nome” (D&C 21:5–6).

Segundo princípio: “*O profeta vivo é mais importante para nós do que as obras-padrão*” (“Quatorze Princípios”, p. 26).

O profeta vivo recebe revelações específicas para nós. Lembro-me de muitas vezes em que estive



específico ou de credenciais terrenas para falar sobre qualquer assunto ou agir quanto a qualquer questão, a qualquer momento (“Quatorze Princípios”, p. 27).

O Senhor chamou um jovem, Joseph Smith, para restaurar Sua Igreja. Teria o jovem Joseph Smith sido um doutor em teologia ou em ciências? Sabemos que ele era um jovem humilde e que não teve formação acadêmica. Mas foi escolhido pelo Senhor e recebeu de Deus tudo de que necessitava para honrar e magnificar o chamado de profeta da Restauração.

E o Presidente Benson continua:

“Sexto: *O profeta não precisa dizer ‘Assim diz o Senhor’ para nos dar uma escritura (...)*.”

Sétimo: *‘O profeta nos diz o que precisamos saber, nem sempre o que queremos saber’* (“Quatorze Princípios”, pp. 27, 28).

E nesse ponto, o Presidente Benson cita 1 Néfi 16:1, 3:

“E aconteceu que após ter eu, Néfi, acabado de falar a meus irmãos, eis que eles me disseram: Tu nos tens declarado coisas duras, mais do que somos capazes de suportar. (...)”

E agora, meus irmãos, se fôsseis justos e estivésseis dispostos a ouvir a verdade e a segui-la, a fim de andar retamente diante de Deus, não iríeis murmurar por causa da verdade e afirmar: Tu dizes coisas duras contra nós”.

Oitavo princípio: *“O profeta não se limita à razão humana. (...)”*

Por acaso é razoável curar lepra fazendo um homem lavar-se sete vezes em determinado rio? No entanto, foi exatamente isso que o Profeta Eliseu disse que o leproso devia fazer, e ele foi curado (ver II Reis 5). (“Quatorze Princípios”, p. 28.)

E o Presidente Benson continua explicando outros princípios de

presente para ouvir um dos servos do Senhor falar algo específico para uma cidade ou um país. Lembro-me de pelo menos três profetas, videntes e reveladores vivos que falaram sobre meu país, o Brasil. Um desses servos disse que o Brasil se tornaria uma das grandes economias do mundo, livre da inflação. Naquela época, tínhamos uma inflação mensal de dois dígitos. Era difícil para muitas pessoas acreditarem no que o profeta disse, mas eu acreditei. Atualmente, o Brasil tem uma inflação anual de cinco por cento, e isso vem acontecendo há vários anos. O Brasil tornou-se a oitava maior economia do mundo, e o país está indo muito bem!

Terceiro princípio: *“O profeta vivo é mais importante para nós do que um profeta morto”* (“Quatorze Princípios”, p. 27).

Aprendemos nas escrituras uma grande lição sobre esse princípio. Na

época de Noé, era fácil o povo acreditar nos profetas mortos, mas, para eles, era difícil acreditarem em Noé. Sabemos disso porque, devido a sua incredulidade, eles não sobreviveram ao dilúvio (Gênesis 6–7).

Quarto princípio: *“O profeta nunca fará a Igreja se desviar”* (“Quatorze Princípios”, p. 27).

Mais uma vez, aprendemos com os profetas vivos. O Presidente Wilford Woodruff disse: “O Senhor jamais permitirá que eu ou qualquer outro homem que presida esta Igreja vos desvie do caminho verdadeiro. Isso não faz parte do plano, não é a intenção de Deus. Se eu tentasse fazê-lo, o Senhor me afastaria de meu lugar, o mesmo acontecendo com qualquer outro que tentasse afastar os filhos dos homens dos oráculos de Deus e de seus deveres” (Declaração Oficial 1).

Quinto princípio: *“O profeta não precisa de nenhum treinamento*

obediência ao profeta. Vou ler os últimos seis e os convido, na sua próxima reunião familiar, a descobrir esses princípios nas palavras e nos ensinamentos de nossos profetas, videntes e reveladores atuais dados nesta conferência geral.

“Nono: *O profeta pode receber revelação sobre qualquer assunto — temporal ou espiritual. (...)*

Décimo: *O profeta pode envolver-se em questões cívicas. (...)*

Décimo primeiro: *Os dois grupos de pessoas com maior dificuldade de seguir o profeta são os orgulhosos que são doutos e os orgulhosos que são ricos. (...)*

Décimo segundo: *O profeta não será necessariamente popular no mundo nem entre os que são do mundo. (...)*

Décimo terceiro: *O profeta e seus conselheiros constituem a Primeira Presidência — o quórum mais elevado da Igreja. (...)*

Décimo quarto: *O profeta e a presidência — o profeta vivo e a Primeira Presidência — siga-os e receba as bênçãos; rejeite-os e sofra* (“Quatorze Princípios”, p. 29).

Somos privilegiados por ter as palavras de nossos profetas vivos, videntes e reveladores durante esta maravilhosa conferência geral. Eles dirão a nós, o povo de Deus, a vontade do Senhor. Transmitirão a nós a palavra de Deus e Seu conselho. Prestem atenção e sigam suas instruções e sugestões, e testifico a vocês que sua vida será plenamente abençoada.

Jesus é o Cristo, nosso Salvador e Redentor. Thomas S. Monson é o profeta vivo de Deus, e a Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos são profetas, videntes e reveladores. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■



David M. McConkie

Primeiro Conselheiro na Presidência Geral da Escola Dominical

Aprender e Ensinar o Evangelho

O mais importante é a atitude ou o espírito pelo qual o professor ensina.

Como faço parte da presidência geral da Escola Dominical, tenho a sensação de que deveria começar dizendo “Bom dia, turma!”

Minha mensagem de hoje é dirigida a todos os que foram chamados a ensinar, seja em que organização for, sejam recém-convertos à Igreja ou professores com muita experiência.

Não vou falar de “como” ensinar, mas sim, de “como” aprender. Pode haver uma grande diferença entre o que o professor diz e o que a classe escuta ou aprende.

Façam uma pausa e pensem em um professor que teve grande influência em sua vida. O que havia nessa pessoa para vocês se lembrarem do que ela ensinou e o que fez com que vocês

quissem descobrir a verdade por si mesmos, ou utilizar seu arbítrio para agir em vez de ficar passivos — ou, em outras palavras, aprender? O que esse professor tinha de diferente dos outros?

Um professor e escritor de sucesso disse: “O mais importante no aprendizado é a atitude (...) a atitude do professor”.¹

Vejam que o mais importante no aprendizado não é há quanto tempo o professor já é membro da Igreja, quanta experiência ele tem, nem seu conhecimento do evangelho e de técnicas de ensino. O mais importante é a atitude ou o espírito pelo qual o professor ensina.

Em uma reunião mundial de treinamento de liderança, o Élder Jeffrey R.





sentir a influência de uma professora muito eficaz e inspirada, que nos ouvia e nos amava. Seu nome era Lucy Gertsch. Em nossa classe da Escola Dominical, ela nos ensinou a respeito da Criação do mundo, da Queda de Adão e do sacrifício expiatório de Jesus. [Ela] trouxe para a nossa sala de aula convidados de honra: Moisés, Josué, Pedro, Tomé, Paulo e, claro, Cristo. Embora não os vissemos, aprendemos a amá-los, a honrá-los e a imitá-los”.⁴

Lucy Gertsch conseguiu levar esses convidados de honra para a sala de aula porque os conhecia. Eles eram amigos queridos e, por causa disso, seus alunos aprenderam a “amá-los, honrá-los e imitá-los”.

O Senhor disse a Hyrum Smith: “Não procures pregar minha palavra, mas primeiro procura obter minha palavra”.⁵ Essa admoestação se aplica a todos nós.

O Senhor ordenou que examinássemos as escrituras,⁶ que nos banquetearmos com elas⁷ e que as entesourássemos.⁸ Se com sinceridade estudarmos a palavra do Senhor e meditarmos sobre ela, teremos conosco o Seu Espírito; passaremos a conhecer a Sua voz.⁹

Pouco depois de ter sido chamada para presidir a estaca, a presidência de nossa estaca foi treinada por um Setenta de Área. Durante o treinamento, fiz uma pergunta e ele respondeu: “Boa pergunta! Vamos procurar a resposta no *Manual de Instruções da Igreja*”. Então abrimos o manual, e lá estava a resposta para a minha pergunta. Um pouco depois, ainda no treinamento, fiz outra pergunta. Mais uma vez, ele respondeu: “Boa pergunta! Vejamos o que diz o *Manual de Instruções da Igreja*”. Eu não me arrisquei a fazer mais nenhuma pergunta — achei que seria melhor ler o manual.

De lá para cá me ocorreu que o Senhor poderá nos dar uma resposta

Holland contou esta história: “Faz anos que gosto da história que o Presidente Packer contou sobre o professor que William E. Berrett teve na escola dominical, quando era menino. Chamaram um senhor idoso, dinamarquês, para ser o professor de uma classe de meninos desordeiros. (...) [Ele] não sabia inglês muito bem e tinha um sotaque dinamarquês muito forte, era muito mais velho e tinha mãos de agricultor, [mas ainda assim tinha sido chamado para ensinar aquela turma de jovens bagunceiros de quinze anos]. Para todos os efeitos, não parecia ter sido uma escolha muito boa, mas o irmão William E. Berrett costumava dizer — e esta é a parte que o Presidente Packer cita — que esse homem, de algum modo, conseguiu ensiná-los: que apesar de todas as barreiras e todas as limitações, esse homem tocou o coração daqueles jovens bagunceiros de quinze anos e mudou a vida deles. E o testemunho do irmão Berrett era este: ‘Nós podíamos aquecer as mãos no calor de sua fé’”.²

Os bons professores do evangelho amam o evangelho, são entusiasmados com o evangelho e, como amam seus alunos, querem que eles sintam o mesmo e que experimentem o que eles experimentaram. Ensinar o evangelho é transmitir o amor que temos por ele.

Irmãos e irmãs, a atitude de professor não é algo que se aprende: é algo que se apreende.³

Então, o que fazer para desenvolver a atitude necessária para ser um professor de sucesso? Quero abordar quatro princípios básicos do ensino do evangelho.

Primeiro, mergulhem nas escrituras. Não é possível amar o que não se conhece. Desenvolvam o hábito de estudar as escrituras diariamente, como algo independente da preparação da aula. Antes de ensinar o evangelho, precisamos conhecê-lo.

O Presidente Thomas S. Monson ainda se lembra com carinho da professora da Escola Dominical que teve na infância. Ele disse: “Quando eu era menino, tive a experiência pessoal de

semelhante, quando O procuramos com dúvidas ou preocupações. Ele poderá dizer: “Boa pergunta! Se você examinar o capítulo 5 de Alma ou a seção 76 de Doutrina e Convênios, verá que eu já lhe falei sobre esse assunto”.

Irmãos e irmãs, é contrário à ordem do céu que o Senhor repita para cada um de nós, individualmente, o que Ele já nos revelou a todos, coletivamente. As escrituras contêm as palavras de Cristo. Elas são a voz do Senhor. O estudo das escrituras nos treina a ouvir a voz do Senhor.

Segundo, apliquem na vida aquilo que aprendem. Quando Hyrum Smith quis participar desta grande obra dos últimos dias, o Senhor lhe disse: “Eis que esta é a tua obra: Guardar meus mandamentos, sim, com todo teu poder, mente e força”.¹⁰ Nossa obra é, acima de tudo, como professores, guardar os mandamentos com todo o nosso poder, mente e força.

Terceiro, busquem o auxílio divino. Apelem ao Senhor e peçam-Lhe Seu Espírito com toda energia de seu coração. As escrituras dizem: “e se não receberdes o Espírito, não ensinareis”.¹¹ Isso significa que mesmo que utilizemos todas as técnicas corretas, e que aquilo que ensinarmos seja verdade, sem o Espírito não haverá um aprendizado real.

O papel do professor é “ajudar as pessoas a sentirem-se responsáveis por aprender o evangelho — despertar nelas o desejo de estudar, de compreender e de viver o evangelho”.¹² Isso significa que nós, professores, não devemos nos concentrar tanto em nosso desempenho, mas em como ajudar os demais a aprender e viver o evangelho.¹³

Quando foi a última vez que você se ajoelhou e pediu ao Senhor que o ajudasse não só com a lição, mas também que o ajudasse a perceber o que

cada aluno precisa e a atender a essas necessidades? Não há classe tão grande que não possamos orar para pedir inspiração quanto a como alcançar cada aluno.

É natural que os professores não se sintam capazes. É preciso compreender “que a idade, maturidade e treinamento intelectual não são nem um pouco necessários à comunhão com o Senhor e Seu Espírito”.¹⁴

O Senhor sempre cumpre Suas promessas. Se vocês estudarem as escrituras com sinceridade e sempre entesourarem na mente as palavras de vida, se guardarem os mandamentos de todo o coração e orarem por todos os alunos, terão a companhia do Espírito Santo e receberão revelações.¹⁵

Quarto, irmãos e irmãs, é da maior importância que exerçamos nosso arbítrio para agir, sem demora, de acordo com a inspiração que recebemos.

O Presidente Thomas S. Monson ensinou: “Aguardamos. Esperamos. Ficamos atentos àquela voz mansa e delicada. Quando ela fala, os homens e mulheres sensatos obedecem. Não se pode deixar para depois a obediência aos influxos do Espírito”.¹⁶

Não tenham medo de empregar o arbítrio para agir de acordo com as ideias e impressões que o Espírito do Senhor colocar em seu coração. Talvez

São Paulo, Brasil



achem isso estranho, no princípio; mas prometo-lhes que as experiências mais ternas e gratificantes que terão como professores acontecerão quando se sujeitarem à vontade do Senhor e seguirem as inspirações que receberem do Espírito Santo. Essas experiências fortalecerão sua fé e lhes darão mais coragem para agir no futuro.

Caros professores, vocês são os grandes milagres desta Igreja. O encargo que lhes foi confiado é sagrado. Nós os amamos e confiamos em vocês. Sei que se estudarmos as escrituras e vivermos de maneira a ser dignos da companhia do Espírito Santo, o Senhor nos apoiará em nossos chamados e em nossas responsabilidades, para assim cumprirmos a tarefa que o Senhor nos deu. Que todos nós consigamos isso. É minha oração, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. David McCullough, “Teach Them What You Love” (discurso proferido em 9 de maio de 2009, no Tabernáculo de Salt Lake, Salt Lake City, Utah).
2. Jeffrey R. Holland, “Ensinar e Aprender na Igreja”, *A Liahona*, junho de 2007, p. 72.
3. Ver David McCullough, “Teach Them What You Love”.
4. Thomas S. Monson, “Exemplos de Grandes Professores”, *A Liahona*, junho de 2007, p. 76.
5. Doutrina e Convênios 11:21.
6. Ver João 5:39.
7. Ver 2 Néfi 32:3.
8. Ver Joseph Smith — Mateus 1:37.
9. Ver Doutrina e Convênios 18:36; 84:52.
10. Doutrina e Convênios 11:20.
11. Doutrina e Convênios 42:14.
12. *Ensino, Não Há Maior Chamado: Um Guia de Recursos para o Ensino do Evangelho*, 2009, p. 61.
13. Ver *Ensino, Não Há Maior Chamado*, pp. 60–62.
14. J. Reuben Clark Jr. *O Curso Traçado para a Igreja nos Assuntos Educacionais* (discurso aos líderes do seminário e instituto, proferido em Aspen Grove, Utah, em 8 agosto de 1938), p. 6.
15. Ver *Ensinos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 138.
16. Ver Thomas S. Monson, “O Espírito Vivifica”, *A Liahona*, junho de 1997, p. 4.



Élder D. Todd Christofferson
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Reflexões sobre uma Vida Consagrada

O verdadeiro sucesso nesta vida advém da consagração de nossa vida — ou seja, de nosso tempo e escolhas — aos propósitos de Deus

Quando jovem, visitei a Feira Mundial de 1964 na Cidade de Nova York. Um de meus estandes favoritos era o pavilhão da Igreja SUD, com sua impressionante réplica das torres do templo de Salt Lake. Foi lá que vi pela primeira vez o filme *O Homem em Busca da Felicidade*. A exposição do plano de salvação mostrada no filme, que era narrada pelo Élder Richard L. Evans, teve uma influência marcante na vida de muitos visitantes, inclusive na minha. Entre outras coisas, o Élder Evans dizia:

“A vida lhe oferece duas dádivas preciosas — uma é o tempo e, a outra, a liberdade de escolha — a liberdade de comprar com seu tempo o que você quiser. Você é livre para investir seu tempo na busca de emoções. Na gratificação de desejos vis. Pode investí-lo em ganância. (...)”

Você tem a liberdade de escolha. Mas não serão uma boa troca, porque nelas você não terá uma satisfação duradoura.

Chegará o momento em que você terá de prestar contas de cada dia, cada hora, cada minuto de sua

vida mortal. E é *nesta* vida que você caminha pela fé e prova que é capaz de escolher o bem em vez do mal, o certo em vez do errado, a felicidade duradoura em vez da mera diversão. E sua recompensa eterna será de acordo com suas escolhas.

Um profeta de Deus disse: ‘O homem existe para que tenha alegria’ — uma alegria que inclui uma vida plena, uma vida dedicada ao serviço, ao amor e à harmonia no lar, aos frutos do trabalho honesto e a aceitação do evangelho de Jesus Cristo, seus requisitos e mandamentos.

Somente nessas coisas você encontrará a verdadeira felicidade, uma felicidade que não se dissipa com as luzes, a música e as multidões”.¹

Essas declarações expressam a realidade de que nossa vida na Terra é uma mordomia de tempo e escolhas que nos foi concedida por nosso Criador. A palavra *mordomia* nos traz à mente a lei da consagração do Senhor (ver, por exemplo, D&C 42:32, 53), que tem um aspecto financeiro porém, mais que isso, é uma aplicação da lei celestial à vida aqui na Terra (ver D&C 105:5).

Consagrar significa separar ou dedicar algo para que se torne sagrado, isto é, para propósitos santos. O verdadeiro sucesso nesta vida advém da consagração de nossa vida — ou seja, de nosso tempo e escolhas — aos propósitos de Deus (ver João 17:1, 4; D&C 19:19). Ao fazê-lo, permitimos que Ele nos erga até o nosso destino mais elevado.

Gostaria de abordar com vocês cinco dos aspectos de uma vida consagrada: a pureza, o trabalho, o respeito pelo corpo físico, o serviço e a integridade.

Conforme demonstrou o Salvador, uma vida consagrada é uma vida pura. Embora Jesus tenha sido o único a levar uma vida sem pecados, aqueles que se achegam a Ele e tomam o Seu fardo sobre si têm direito a Sua graça, que os tornará como Ele é: sem culpa e sem mancha. Com profundo amor, o Senhor nos encoraja com estas palavras: “Arrependei-vos todos vós, confins da Terra; vinde a mim e sede batizados em meu nome, a fim de que sejais santificados, recebendo o Espírito Santo, para comparecerdes sem mancha perante mim no último dia” (3 Néfi 27:20).

Consagração, portanto, significa arrependimento. A teimosia, a rebelião e a racionalização precisam ser abandonadas, sendo substituídas pela submissão, pelo desejo de ser corrigido e pela aceitação de tudo o que o Senhor exigir. Foi isso que o rei Benjamim chamou de despojar-se do homem natural, ceder aos influxos do Santo Espírito e tornar-se “santo pela expiação de Cristo, o Senhor” (Mosias 3:19). Ao fazermos isso recebemos a promessa da presença constante do Santo Espírito, uma promessa que é relembrada e renovada cada vez que uma alma penitente toma o sacramento da ceia do Senhor (ver D&C 20:77, 79).

O Élder B. H. Roberts explicou esse processo da seguinte forma: “O homem que anda na luz, na sabedoria e no



poder de Deus acabará, pela própria força da associação, fazendo com que essa luz, sabedoria e poder de Deus se tornem seus, tecendo com esses raios brilhantes uma corrente divina, que une a Deus e Deus a ele para sempre. Essa [é] a essência das místicas palavras do Messias, ‘tu, ó Pai, em mim, e eu em ti’, que é a condição mais elevada que um homem pode alcançar”.²

Uma vida consagrada é uma vida de trabalho árduo. Desde bem cedo em Sua vida, Jesus cuidou dos assuntos de Seu Pai (ver Lucas 2:48–49). O próprio Deus é glorificado por Sua obra de levar a efeito a imortalidade e vida eterna de Seus filhos (ver Moisés 1:39). É natural que desejemos participar com Ele de Sua obra, e ao fazê-lo, devemos reconhecer que todo trabalho honesto é a obra de Deus. Nas palavras de Thomas Carlyle: “Todo Trabalho verdadeiro é sagrado; em todo Trabalho verdadeiro, ainda que seja apenas um trabalho braçal, há algo de divino. O trabalho árduo, amplo como a Terra, tem seu ponto culminante no Céu”.³

Deus determinou que esta existência mortal exija um esforço quase constante. Vêm-me à mente esta simples declaração do Profeta Joseph Smith: “Trabalhando continuamente, conseguíamos viver de maneira confortável” (Joseph Smith — História 1:55). Por meio do trabalho sustentamos e enriquecemos a vida. Ele nos permite sobreviver às frustrações e tragédias da vida mortal. Uma realização alcançada arduamente proporciona um sentimento de valor próprio. O trabalho edifica e refina o caráter, cria beleza e é o instrumento de nosso serviço ao próximo e a Deus. Uma vida consagrada é cheia de trabalho, às vezes repetitivo, às vezes braçal, às vezes pouco reconhecido, mas sempre um trabalho que melhora, que organiza, que sustém, que eleva,

que ministra e que aprimora.

Depois de louvar o trabalho, tenho também de falar algo de bom sobre o lazer. Assim como o labor honesto torna o descanso agradável, a recreação sadia é a amiga e constante companheira do trabalho. A música, a literatura, as artes, a dança, o teatro, os esportes — tudo isso pode prover entretenimento para enriquecer a vida e consagrá-la ainda mais. Por outro lado, nem é preciso dizer que grande parte do que se considera entretenimento hoje em dia são coisas vulgares, degradantes, violentas, alienantes e que desperdiçam nosso tempo. Ironicamente, muitas vezes é preciso trabalho árduo para encontrar um lazer sadio. Quando o entretenimento passa da virtude ao vício, ele se torna um destruidor da vida consagrada. “Portanto tende cuidado (...) a fim de que não julgueis ser de Deus o que é mau” (Morôni 7:14).

Uma vida consagrada respeita a incomparável dádiva do corpo físico, uma criação divina feita à própria imagem de Deus. O propósito principal da vida mortal é o de que todo espírito receba um corpo assim, e aprenda a exercer o arbítrio moral em um tabernáculo de carne. O corpo físico também é essencial à exaltação, que somente é alcançada pela combinação perfeita do físico com o espiritual, como vemos em nosso amado Salvador ressuscitado. Neste mundo decaído, alguns terão uma vida dolorosamente curta; outros terão um corpo deformado, débil ou pouco adequado para manter a vida; mas a duração da vida será suficientemente longa para cada espírito, e cada corpo terá direito à ressurreição.

Aqueles que acreditam que nosso corpo nada mais é do que o resultado de uma evolução aleatória não sentem

que devem prestar contas a Deus, ou a qualquer outra pessoa, pelo que fazem com o próprio corpo. Nós, que temos um testemunho da realidade mais ampla da eternidade pré-mortal, mortal e pós-mortal, porém, precisamos reconhecer que temos um dever para com Deus em relação a essa sublime realização de Sua criação física. Nas palavras de Paulo:

“Não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?

Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus” (I Coríntios 6:19–20).

Se reconhecermos essas verdades e a orientação do Presidente Thomas S. Monson dadas na última conferência geral de abril, certamente não vamos desfigurar o corpo, com tatuagens; nem o debilitar, com drogas; nem o desonrar, com fornicação, adultério ou falta de recato.⁴ Por ser o instrumento de nosso espírito, é vital que cuidemos deste corpo da melhor forma possível. Devemos consagrar seus poderes para servir e levar adiante o trabalho de Cristo. Paulo disse: “Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus” (Romanos 12:1).

Jesus mostrou que uma vida consagrada é uma vida de serviço. Horas antes do início da agonia de Sua Expição, o Senhor humildemente lavou os pés de Seus discípulos, dizendo-lhes:

“Ora, se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros.

Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também.

Na verdade, na verdade vos digo que não é o servo maior do que o seu senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou (João 13:14–16).

Aqueles que discretamente e prestativamente fazem o bem são um exemplo de consagração. Ninguém em nossos dias demonstra de modo mais perfeito essa característica na vida diária do que o Presidente Thomas S. Monson. Ele desenvolveu um ouvido que sabe ouvir, para poder discernir até o mais suave sussurro do Espírito que lhe sinaliza as necessidades de alguém que ele pode alcançar e ajudar. Geralmente são atos simples que confirmam o amor e a preocupação divinos, mas Thomas Monson sempre — sempre — atende à inspiração.

Encontrei na vida de meu avô e de minha avó, Alexander DeWitt e Louise Vickery Christofferson, um exemplo dessa consagração. Vovô era um homem forte e sabia tosquiar ovelhas muito bem, antes da época dos tosquiadores elétricos. Era tão bom nisso, que contava: “Certo dia, tosquei 287 ovelhas e poderia ter tosquiado mais de 300, mas não havia tantas assim”. Em 1919, ele tosquiou mais de 12.000 ovelhas, ganhando com isso cerca de dois mil dólares. Poderia ter usado o dinheiro para aumentar significativamente sua fazenda e reformar a casa, mas recebeu dos líderes da Igreja um chamado para servir na Missão dos Estados do Sul e, com todo o apoio de Louise, ele o aceitou. Deixou a mulher (que estava grávida do primeiro filho, meu pai) e as três filhas com o dinheiro da tosquia das ovelhas. Em seu feliz retorno, dois anos depois, ele comentou: “Nossas economias nos sustentaram durante os dois anos, e ainda nos restaram 29 dólares”.

Uma vida consagrada é uma vida íntegra. Vemos isso no marido e na mulher “que [honram] os votos matrimoniais com total fidelidade”.⁵ Vemos



isso no pai e na mãe cuja prioridade é comprovadamente nutrir seu casamento e garantir o bem-estar físico e espiritual dos filhos. Vemos isso nos que são honestos.

Há vários anos, conheci duas famílias que estavam no processo de dissolução de um empreendimento comercial conjunto. Os dois diretores, que eram amigos e membros da mesma congregação cristã, haviam criado a empresa vários anos antes. De modo geral, tiveram um relacionamento harmonioso como sócios, mas à medida que foram envelhecendo e a nova geração começou a participar dos negócios, surgiram conflitos. Por fim, as duas partes decidiram que seria melhor dividir os ativos e seguir rumos separados. Um dos sócios originais elaborou um estratagema com seus advogados que lhe garantiu uma significativa vantagem financeira na dissolução, em detrimento do outro sócio e dos filhos. Numa reunião

dos sócios, um dos filhos reclamou do modo injusto como haviam sido tratados e apelou para a honra e as crenças cristãs do primeiro sócio. “Você sabe que isso não está certo”, disse ele. “Como é que pode tirar vantagem de alguém dessa maneira, especialmente de um irmão da mesma igreja?” O advogado do primeiro sócio replicou: “Ora, veja se cresce! Como pode ser tão ingênuo?”

Integridade não é ingenuidade. Ingênuo é quem acha que não teremos de prestar contas a Deus. O Salvador declarou: “Meu Pai enviou-me para que eu fosse levantado na cruz (...) [e], assim como fui levantado pelos homens, assim sejam os homens levantados pelo Pai, para comparecerem perante mim a fim de serem julgados por suas obras, sejam elas boas ou más” (3 Néfi 27:14). Quem vive uma vida consagrada não busca tirar vantagem dos outros, mas oferece a outra face e, se lhe exigirem que entregue a

túnica, dá a capa também (ver Mateus 5:39–40). As mais severas reprimendas do Salvador foram para os hipócritas. A hipocrisia é terrivelmente destrutiva, não apenas para quem é hipócrita, mas também para todos os que observam ou conhecem sua conduta, especialmente os filhos. Ela destrói a fé, ao passo que a honra é o rico solo no qual a semente da fé viceja.

Uma vida consagrada é uma coisa bela. Sua força e serenidade são “como uma árvore muito frutífera, plantada em terra fértil junto a um riacho de água pura, que produz muitos frutos preciosos” (D&C 97:9). É de especial importância a influência que um homem [ou mulher] consagrado tem sobre as pessoas, particularmente as mais próximas e queridas. A consagração de muitos que nos antecederam, assim como a de outros que vivem entre nós, ajudou a estabelecer o alicerce de nossa felicidade. De igual maneira, as gerações futuras serão encorajadas por nossa vida consagrada, reconhecendo a dívida que têm para conosco pela posse de tudo o que realmente importa. Que nos consagremos como filhos e filhas de Deus, para que, “quando ele aparecer, sejamos como ele, porque o veremos como ele é; que tenhamos esta esperança” (Morôni 7:48; ver também I João 3:2). É minha oração, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. *Man's Search for Happiness*, (folheto, 1969), pp. 4–5.
2. B. H. Roberts, “Brigham Young: A Character Sketch”, *Improvement Era*, junho de 1903, p. 574.
3. Thomas Carlyle, *Past and Present*, 1843, p. 251.
4. Ver Thomas S. Monson, “A Preparação Traz Bênçãos”, *A Liahona e Ensign*, maio de 2010, pp. 64–67.
5. “A Família: Proclamação ao Mundo”, *A Liahona*, outubro de 2004, última contracapa; *Ensign*, novembro de 1995, p. 102.



Presidente Dieter F. Uchtdorf

Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

As Coisas Que Mais Importam

Se a vida e seu ritmo acelerado e muito estresse fizeram com que lhes fosse difícil ter vontade de regozijar-se, então talvez agora seja um bom momento para voltarem a concentrar-se no que mais importa.

É extraordinário o quanto podemos aprender sobre a vida ao estudar a natureza. Por exemplo: os cientistas ao analisarem os anéis das árvores, podem estimar o clima e as condições de crescimento de centenas e até de milhares de anos. Uma das coisas que aprendemos ao estudar o crescimento das árvores é que nas épocas em que as condições são ideais, elas têm uma taxa de crescimento normal. Mas nas épocas em que as condições não são ideais, as árvores diminuem seu crescimento e concentram sua energia nos elementos básicos necessários à sobrevivência.

A essa altura, alguns de vocês devem estar pensando: “Tudo isso é muito interessante, mas o que tem a ver com pilotar aviões?” Bem, vou-lhes dizer.

Já estiveram num avião e passaram por uma turbulência? A causa mais comum de turbulência é uma súbita mudança no movimento do ar, fazendo com que a aeronave sacuda, balance e gire. Embora os aviões sejam construídos para suportar

turbulências bem maiores do que as que costumam ocorrer em voos regulares, ainda assim isso pode ser muito desagradável para os passageiros.

O que vocês acham que o piloto faz ao encontrar uma turbulência? Um piloto aprendiz pode achar que aumentar a velocidade seria uma boa estratégia, porque isso o faria atravessar a turbulência mais depressa. Essa, no entanto, pode ser a coisa errada a fazer. Os pilotos profissionais sabem que há uma velocidade ótima de entrada na turbulência que minimiza seus efeitos negativos. Na maioria dos casos, isso significa reduzir a velocidade. O mesmo princípio se aplica igualmente às lombadas na estrada.

Portanto, é um bom conselho desacelerar um pouco, firmar o curso e concentrar-se nas coisas essenciais ao se enfrentar condições adversas.

O Ritmo da Vida Moderna

Essa é uma lição simples, porém muito importante de aprender. Pode parecer lógica quando explicada em termos de árvores ou turbulências,



mas é surpreendentemente fácil de ser ignorada quando se trata de aplicar esses princípios a nossa própria vida diária. Quando o nível de estresse se eleva, quando surgem aflições, quando ocorrem tragédias, muito frequentemente procuramos manter o mesmo ritmo frenético ou até acelerar, achando que, quanto mais rápido for o nosso ritmo, melhor será.

Uma das características da vida moderna parece ser a de que nos movemos a uma velocidade cada vez maior, sejam quais forem as turbulências ou os obstáculos.

Sejamos sinceros: é bem mais fácil estar atarefado. Todos podemos lembrar de uma lista de tarefas que lotam nossa agenda. Alguns podem até achar que seu valor próprio depende do tamanho de sua lista de coisas a fazer. Elas inundam os espaços vazios de seu tempo com uma série de reuniões e de pequenos detalhes, até nos momentos de estresse ou fadiga. Por complicarem desnecessariamente a vida, geralmente sentem mais frustração, têm menos alegria e não acham muito sentido na vida.

Já foi dito que qualquer virtude levada ao extremo pode tornar-se um vício. O abarrotamento de nossas agendas sem dúvida se enquadra nisso. Há um ponto em que as realizações se tornam uma pedra de tropeço e as ambições se tornam um empecilho.

Qual É a Solução?

Aqueles que são sábios compreendem e aplicam as lições dos anéis das

árvores e das turbulências. Eles resistem à tentação de serem arrastados pelo ritmo frenético da vida cotidiana. Seguem o conselho: “Há mais coisas na vida do que correr cada vez mais rápido”.¹ Resumindo, eles se concentram nas coisas que mais importam.

O Élder Dallin H. Oaks, em uma conferência geral recente, ensinou: “Temos de renunciar a algumas coisas boas em prol de outras muito boas ou excelentes, pois elas desenvolvem a fé no Senhor Jesus Cristo e fortalecem a família”.²

A busca pelas melhores coisas inevitavelmente nos conduz aos princípios fundamentais do evangelho de Jesus Cristo — as simples e belas verdades que nos foram reveladas por um Pai Celestial carinhoso, eterno e onisciente. Essas doutrinas e esses princípios básicos, embora sejam suficientemente simples para que uma criança os compreenda, respondem às mais complexas questões da vida.

Há uma beleza e clareza na simplicidade que às vezes não valorizamos em nossa ânsia de encontrar soluções complexas.

Por exemplo: pouco tempo depois de começarem a orbitar a Terra, os astronautas e cosmonautas descobriram que as canetas esferográficas não funcionavam no espaço. Algumas pessoas muito inteligentes se puseram a trabalhar para resolver o problema. Foram despendidas milhares de horas e milhões de dólares, mas, por fim, conseguiram criar uma caneta que podia escrever em qualquer lugar,

a qualquer temperatura e em quase qualquer superfície. Mas, como os astronautas e cosmonautas se viraram até que o problema fosse resolvido? Eles simplesmente usaram um lápis.

“Atribui-se a Leonardo da Vinci o dito de que “a simplicidade é a sofisticação suprema”.³ Quando analisamos os princípios fundamentais do plano de felicidade, o plano de salvação, reconhecemos e valorizamos em sua clareza e simplicidade a elegância e a beleza da sabedoria de nosso Pai Celestial. Portanto, quando vivemos como Ele deseja que vivamos, começamos a demonstrar nossa sabedoria.

O Poder das Coisas Básicas

Conta-se que o famoso técnico de futebol americano Vince Lombardi tinha um ritual que seguia no primeiro dia de treinamento. Erguia uma bola de futebol americano, mostrava aos atletas que já praticavam o esporte, havia muitos anos, e dizia: “Senhores, *isto* é uma bola de futebol americano!” Falava de seu tamanho e formato, e de como ela podia ser chutada, carregada ou passada. Levava então o time até o campo vazio e dizia: “Este é um campo de futebol americano”. Fazia-os caminhar por ele, descrevendo as dimensões, o formato, as regras e como o jogo era disputado.⁴

Aquele técnico sabia que até aqueles jogadores experientes, e de fato o próprio time, só poderiam tornar-se grandes, se dominassem os princípios fundamentais. Podiam passar o tempo todo praticando jogadas mirabolantes, mas até que dominassem os fundamentos do jogo, jamais se tornariam um time campeão.

Acho que a maioria de nós compreende intuitivamente quão importantes são os fundamentos. Mas simplesmente nos distraímos, às vezes,

com inúmeras coisas que nos parecem mais emocionantes.

Publicações, amplas fontes de mídia, ferramentas e dispositivos eletrônicos — todos muito úteis se devidamente utilizados — podem tornar-se distrações prejudiciais ou implacáveis câmaras de isolamento.

No entanto, em meio à multidão de vozes e opções, o humilde Homem da Galileia nos aguarda de mãos estendidas. Sua mensagem é bem simples: “Vem, e segue-me”.⁵ Ele não fala com um megafone poderoso, mas com uma voz mansa e delicada.⁶ É muito fácil a mensagem básica do evangelho se perder em meio à enxurrada de informações que nos atingem por todos os lados.

As santas escrituras e a palavra proferida pelos profetas vivos enfatizam os princípios e as doutrinas fundamentais do evangelho. A razão de voltarmos a esses princípios fundamentais e às doutrinas puras, é que elas são a via de acesso a verdades de profundo significado. São o portal para experiências pessoais de sublime importância, que de outra forma estariam além de nossa capacidade de compreensão. Esses princípios simples e básicos são a chave para uma vida em harmonia com Deus e com os homens. São as chaves que abrem as janelas do céu. Elas nos conduzem à paz, alegria e compreensão que o Pai Celestial prometeu a Seus filhos que O ouvem e obedecem a Ele.

Caros irmãos e irmãs, bem faríamos em reduzir um pouco nosso ritmo, prosseguir a uma velocidade ideal as nossas circunstâncias, concentrar-nos no que é significativo, erguer os olhos e ver realmente as coisas que mais importam. Lembremo-nos dos preceitos fundamentais que nosso Pai Celestial deu a Seus filhos; esses preceitos é que vão estabelecer a base

de uma rica e produtiva vida mortal, com promessas de felicidade eterna. Eles nos ensinarão a fazer todas essas “coisas (...) com sabedoria e ordem; porque não se exige que o homem corra mais rapidamente do que suas forças o permitam. [Mas] é necessário que [sejamos diligentes e ganhemos] o galardão”.⁷

Irmãos e irmãs, se fizermos diligentemente as coisas que mais importam, seremos conduzidos ao Salvador do mundo. É por isso que “falamos de Cristo, regozijamo-nos em Cristo, pregamos a Cristo, profetizamos de Cristo (...) para que [possamos saber] em que fonte procurar a remissão de [nossos] pecados”.⁸ Em meio à complexidade, confusão e correria da

vida moderna, esse é o “caminho mais excelente”.⁹

Afinal, Quais São as Coisas Básicas?

Se nos voltarmos para nosso Pai Celestial e buscarmos Sua sabedoria em relação às coisas que mais importam, aprenderemos repetidamente a importância de quatro relacionamentos fundamentais: com nosso Deus, com nossa família, com nosso próximo e com cada um de nós mesmos. Se avaliarmos nossa própria vida com uma mente solícita, veremos onde nos desviamos do caminho mais excelente. Os olhos de nossa compreensão serão abertos e reconheceremos o que precisa ser feito para purificarmos o coração e realinharmos nossa vida.

Em primeiro lugar, nosso relacionamento com Deus é extremamente sagrado e vital. Somos Seus filhos espirituais. Ele é nosso Pai. Ele deseja nossa felicidade. Se O buscarmos, se aprendermos com Seu Filho Jesus Cristo, se abrirmos o coração à influência do Santo Espírito, nossa vida se tornará mais estável e segura. Teremos mais paz, alegria e realização, se fizermos tudo o que pudermos para viver de acordo com o plano eterno de Deus e guardar Seus mandamentos.

Melhoramos nosso relacionamento com o Pai Celestial ao aprender a respeito Dele, ter comunhão com Ele, arrepender-nos de nossos pecados e seguir ativamente Jesus Cristo; porque “ninguém vem ao Pai, senão por [Cristo]”.¹⁰ Para fortalecer nosso relacionamento com Deus precisamos despendar tempo significativo a sós com Ele. Ao concentrar-nos serenamente, a cada dia, na oração pessoal e no estudo das escrituras, procurando estar sempre dignos de uma recomendação para o templo, estaremos investindo sabiamente nosso tempo



e empenho para chegar-nos a nosso Pai Celestial. Aceitemos o convite que está em Salmos: “Aquietai-vos, e sabeis que eu sou Deus”.¹¹

Nosso segundo relacionamento essencial é com nossa família. Como “nenhum sucesso pode compensar o fracasso no lar”¹², precisamos dar alta prioridade à família. Edificamos um relacionamento familiar profundo e amoroso fazendo coisas simples, como o jantar em família e a reunião familiar, ou simplesmente nos divertindo juntos. No relacionamento familiar, o *amor* se soletra assim: *t-e-m-p-o*, tempo. Reservar tempo para passar uns com os outros é a chave para a harmonia no lar. Temos que conversar uns com os outros, em vez de falar uns dos outros. Aprendemos uns com os outros e valorizamos nossas diferenças e também as coisas que temos em comum. Estabelecemos um vínculo divino uns com os outros ao chegar-nos a Deus juntos, por meio da oração familiar, do estudo do evangelho e da adoração aos domingos.

O terceiro relacionamento primordial é com nosso próximo. Edificamos esse relacionamento com uma pessoa por vez — tendo sensibilidade para com as necessidades das pessoas, servindo-as e doando-lhes de nosso tempo e talentos. Fiquei profundamente impressionado com uma irmã que, mesmo enfrentando os desafios da idade e da doença, decidiu que, embora não pudesse fazer muito, poderia ouvir. Então, toda semana, ficava atenta a pessoas que pareciam preocupadas ou desanimadas e passava algum tempo com elas, ouvindo. Que bênção ela foi na vida de tantas pessoas!

O quarto relacionamento importante é com cada um de nós mesmos. Pode parecer estranho pensar que temos um relacionamento conosco,



Dublin, Irlanda

mas temos. Algumas pessoas não conseguem se dar bem com elas mesmas. Criticam e desprezam a si próprias o dia inteiro, até começarem a se odiar. Sugiro que desacelerem sua vida e reservem um pouco mais de tempo para se conhecerem melhor. Caminhem pela natureza, observem o pôr do sol, desfrutem as criações de Deus, ponderem as verdades do evangelho restaurado e descubram o que significam para vocês pessoalmente. Aprendam a se ver como o Pai Celestial vê vocês: como Seus preciosos filhos e filhas, com potencial divino.

Regozijar-se no Puro Evangelho

Irmãos e irmãs, sejamos sábios. Voltemos para as águas puras da doutrina do evangelho restaurado de Jesus Cristo. Partilhemos delas com alegria, em sua simplicidade

e clareza. Os céus estão novamente abertos. O evangelho de Jesus Cristo está de novo na Terra, e suas verdades simples são uma fonte abundante de alegria!

Irmãos e irmãs, temos realmente grande motivo para regozijar-nos. Se a vida e seu ritmo acelerado e muito estresse fizeram com que lhes fosse difícil ter vontade de regozijar-se, então talvez agora seja um bom momento para voltarem a concentrar-se no que mais importa.

A força não advém da atividade frenética, mas do estabelecimento de um firme alicerce de luz e verdade. Advém da concentração de nossa atenção e empenho nos fundamentos básicos do evangelho restaurado de Jesus Cristo. Advém da atenção dada às coisas divinas que mais importam.

Simplifiquemos um pouco a vida. Façamos as mudanças necessárias para centralizar novamente a vida na beleza do caminho simples e humilde do discípulo cristão: o caminho que sempre conduz a uma vida cheia de significado, alegria e paz. Essa é minha oração, ao deixar com vocês minha bênção. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Mahatma Gandhi, em Larry Chang, *Wisdom for the Soul*, 2006, p. 356.
2. Dallin H. Oaks, “Bom, Muito Bom, Excelente”, *A Liahona*, novembro de 2007, p. 107.
3. Leonardo da Vinci, em John Cook, comp., *The Book of Positive Quotations*, 2ª ed., 1993, p. 262.
4. Vince Lombardi, em Donald T. Phillips, *Run to Win: Vince Lombardi on Coaching and Leadership*, 2001, p. 92.
5. Lucas 18:22.
6. Ver I Reis 19:12.
7. Mosias 4:27.
8. 2 Néfi 25:26.
9. I Coríntios 12:31; Éter 12:11.
10. João 14:6.
11. Salmos 46:10.
12. J. E. McCulloch, *Home: The Savior of Civilization*, 1924, p. 42; ver também *Conference Report*, abril de 1935, p. 116.



Apresentado pelo Presidente Henry B. Eyring
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Apoio aos Líderes da Igreja

É proposto que apoiemos Thomas Spencer Monson como profeta, vidente e revelador e Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; Henry Bennion Eyring como Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência; e Dieter Friedrich Uchtdorf como Segundo Conselheiro na Primeira Presidência.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Os que se opõem, se houver, manifestem-se.

É proposto que apoiemos Boyd Kenneth Packer como Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos, e os seguintes como membros desse quórum: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, David A. Bednar, Quentin L.

Cook, D. Todd Christofferson e Neil L. Andersen.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Se alguém se opuser, manifeste-se.

É proposto que apoiemos os conselheiros na Primeira Presidência e os Doze Apóstolos como profetas, videntes e reveladores.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Os que se opõem, se houver, pelo mesmo sinal.

É proposto que desobriguemos os Élderes Spencer J. Condie, Bruce C. Hafen, Kenneth Johnson, Glenn L. Pace e Lance B. Wickman como membros do Primeiro Quórum dos Setenta e os designemos Autoridades Gerais eméritas.

É proposto também que desobriguemos os Élderes Spencer V. Jones e Wolfgang H. Paul como membros do Segundo Quórum dos Setenta.

Os que quiserem juntar-se a nós e expressar gratidão a esses irmãos por seu excelente serviço, manifestem-se.

É proposto que desobriguemos Fernando Maluenda e José L. Torres como Setentas de Área.

Os que quiserem juntar-se a nós e expressar gratidão por seu excelente serviço, manifestem-se.

É proposto que apoiemos Wenceslao H. Svec como Setenta de Área.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Alguém se opõe?

É proposto que apoiemos as outras Autoridades Gerais, Setentas de Área e presidências gerais das auxiliares como presentemente constituídas.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Se alguém se opuser, manifeste-se.

Presidente Monson, pelo que pude observar, o voto de apoio no Centro de Conferências foi unânime.

Obrigado, irmãos e irmãs, pelo seu voto de apoio, por sua fé, dedicação e suas orações. ■





Élder Robert D. Hales
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Arbítrio: Essencial ao Plano de Vida

Sempre que escolhermos vir a Cristo, tomar seu nome sobre nós e seguir Seus servos, progredimos no caminho rumo à vida eterna.

Recebi recentemente uma carta de um amigo de mais de 50 anos, que não é membro de nossa Igreja. Eu havia enviado a ele alguns artigos sobre o evangelho, sobre os quais ele comentou: “Inicialmente foi difícil para eu entender o significado do típico jargão mórmon, como o termo *arbítrio*. Provavelmente um pequeno glossário seria útil”.

Fiquei surpreso por ele não compreender o significado da palavra *arbítrio*. Consultei um dicionário on-line. Das dez definições e usos da palavra *arbítrio*, nenhuma delas expressava a ideia de fazer escolhas para agir. Ensinamos que arbítrio é a capacidade e o privilégio que Deus nos dá de escolher e agir por nós mesmos e não de recebermos a ação¹. Ter arbítrio é agir com comprometimento e ter responsabilidade por nossas ações. Nosso arbítrio é essencial ao plano de salvação. Com ele, somos “livres para escolher a liberdade e a vida eterna por meio do grande Mediador de todos os homens, ou para [escolher] o cativo e a morte, de acordo com o cativo e o poder do diabo”.²

As palavras de um hino conhecido ensinam claramente esse princípio:

*A Alma é livre para agir
E seu destino decidir;
Suprema lei deixou-nos Deus
Não forçará os filhos seus.*³

Respondendo à pergunta de meu amigo, e às perguntas dos bons homens e mulheres do mundo inteiro, gostaria de compartilhar com vocês um pouco mais do que sabemos sobre o arbítrio.

Antes de irmos a esta Terra, o Pai Celestial apresentou um plano de salvação: o plano de irmos à Terra e recebermos um corpo, escolhermos o bem ou o mal, e progredirmos para tornar-nos semelhantes a Ele e viver com Ele para sempre.

Nosso arbítrio — nossa capacidade de decidir por nós mesmos — era um elemento essencial desse plano. Sem o arbítrio, não poderíamos fazer escolhas corretas e progredir. No entanto, com o arbítrio poderíamos fazer escolhas erradas, cometer pecados e perder a oportunidade de voltar a estar com o Pai Celestial. Por esse motivo, foi-nos dado um Salvador para sofrer por

nossos pecados e redimir-nos, desde que nos arrependêssemos. Por Sua infinita Expição, Ele efetua “o plano de misericórdia, para satisfazer os requisitos da justiça”.⁴

Depois que o Pai Celestial apresentou Seu plano, Lúcifer se adiantou, dizendo: “Envia-me (...) e redimirei a humanidade toda, de modo que nenhuma alma [sequer] se perca (...); portanto dá-me a tua honra”.⁵ Esse plano foi rejeitado por nosso Pai, pois negava-nos o arbítrio. Na verdade, era um plano de rebelião.

Então Jesus Cristo, o Filho Amado e Escolhido do Pai desde o princípio, exerceu Seu arbítrio, dizendo: “Pai, faça-se a tua vontade e seja tua a glória para sempre”.⁶ Ele seria nosso Salvador — o Salvador do mundo.

Por causa da rebelião de Lúcifer, houve uma grande batalha espiritual. Cada um dos filhos do Pai Celestial teve a oportunidade de exercer o arbítrio que Ele lhes dera. Decidimos ter fé no Salvador Jesus Cristo — chegar-nos a Ele, segui-Lo e aceitar o plano que o Pai Celestial apresentou para nosso bem. Mas um terço dos filhos do Pai Celestial não teve fé para seguir o Salvador e decidiu, em vez disso, seguir Lúcifer, ou Satanás.⁷

E Deus disse: “Portanto, por ter Satanás se rebelado contra mim e procurado destruir o arbítrio do homem, o qual eu, o Senhor Deus, lhe dera (...), fiz com que ele fosse expulso”.⁸ Aqueles que seguiram Satanás perderam a oportunidade de receber um corpo mortal, de viver na Terra e de progredir. Pelo modo como usaram seu arbítrio, perderam esse mesmo arbítrio.

Hoje, o que Satanás e seus seguidores podem fazer é tentar-nos e provar-nos. Sua única alegria é a de tornar-nos “tão miseráveis como [eles próprios]”.⁹ Sua única felicidade acontece quando somos



desobedientes aos mandamentos.

Mas pensem nisto: em nosso estado pré-mortal decidimos seguir o Salvador Jesus Cristo! E por termos feito isso, foi-nos permitido vir à Terra. Testifico que, se tomarmos essa mesma decisão de seguir o Salvador agora, enquanto estivermos aqui na Terra, obteremos uma bênção ainda maior na eternidade. Mas, para que todos saibam: precisamos continuar a escolher seguir o Salvador. A eternidade está em jogo, e nosso sábio uso do arbítrio e nossas ações são essenciais para que tenhamos vida eterna.

Durante toda Sua vida, nosso Salvador mostrou-nos como usar o arbítrio. Quando menino, em Jerusalém, Ele deliberadamente decidiu “tratar dos negócios de [Seu] Pai”.¹⁰ Em Seu ministério, decidiu obedientemente “fazer a vontade de [Seu] Pai”.¹¹ No Getsêmani, decidiu sofrer todas as coisas, dizendo: “Não se faça a minha vontade, mas a tua. E apareceu-lhe um anjo do céu, que o fortalecia”.¹² Na cruz, Ele decidiu amar Seus inimigos, orando: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”.¹³ E então, para

que pudesse realmente escolher por Si mesmo, foi deixado sozinho. “Deus meu, por que me desamparaste?” Perguntou Ele.¹⁴ Finalmente, exerceu Seu arbítrio de perseverar, até poder dizer: “Está consumado”.¹⁵

Embora “como nós, em tudo foi tentado”,¹⁶ com suas escolhas Ele assegurou o arbítrio de ser nosso Salvador para quebrar as correntes do pecado e da morte para nós. Com Sua vida perfeita, Ele nos ensinou que, quando decidimos fazer a vontade de nosso Pai Celestial, nosso arbítrio é preservado, nossas oportunidades aumentam e progredimos.

Evidências dessa verdade são encontradas nas escrituras. Jó perdeu tudo o que possuía, mas permaneceu fiel e obteve as bênçãos eternas de Deus. Maria e José decidiram ouvir o conselho do anjo e fugiram para o Egito e a vida do Salvador foi preservada. Joseph Smith escolheu seguir as instruções de Morôni, e a Restauração aconteceu conforme as profecias. Sempre que escolhermos vir a Cristo, tomar Seu nome sobre nós e seguir Seus servos, progrediremos no

caminho rumo à vida eterna.

Em nossa jornada mortal, é útil saber que o oposto também é verdadeiro: quando não guardamos os mandamentos nem seguimos os sussurros do Espírito Santo, nossas oportunidades se reduzem; nossa capacidade de agir e de progredir diminuem. Quando Caim, por amar a Satanás mais do que a Deus, tirou a vida de seu irmão, seu progresso espiritual foi interrompido.

Em minha juventude, aprendi uma importante lição sobre como nossas ações podem limitar nossa liberdade. Certo dia, meu pai me encarregou de envernizar um piso de madeira. Tomei a decisão de começar junto à porta e trabalhar em direção ao *interior* do quarto. Quando estava quase terminando, dei-me conta de que eu não deixara um meio de sair do quarto. Não havia janelas nem portas do outro lado. Havia eliminado minhas vias de acesso e não tinha como sair. Eu estava preso.

Sempre que desobedecemos, ficamos encurralados e nos tornamos reféns de nossas escolhas. Embora nos encontremos acuados espiritualmente, sempre há um caminho de volta. Tal

como o arrependimento, voltar a pisar no chão que acabou de ser envernizado significa que teremos de lixá-lo e envernizá-lo de novo! Não é fácil voltar para o Senhor, mas vale a pena.

Quando compreendemos o desafio que é o arrependimento, damos valor às bênçãos do Espírito Santo para guiar nossas escolhas e também ao Pai Celestial, que nos fortalece e sustém para que escolhamos o certo. Também compreendemos como a obediência aos mandamentos, no final, protege nosso arbítrio.

Quando cumprimos a Palavra de Sabedoria, por exemplo, escapamos do cativado da saúde debilitada e da dependência de substâncias que literalmente nos roubam a capacidade de escolher por nós mesmos.

Quando obedecemos ao conselho de abster-nos e livrar-nos de dívidas, obtemos a liberdade de usar nossa renda disponível para ajudar e abençoar as pessoas.



Quando seguimos o conselho do profeta para realizar a reunião familiar, a oração familiar e o estudo das escrituras em família, nosso lar se torna uma incubadora para o crescimento espiritual de nossos filhos. Nele, nós lhes ensinamos o evangelho, prestamos nosso testemunho, expressamos nosso amor e os ouvimos quando eles compartilham seus sentimentos e experiências pessoais. Por meio de nossas escolhas justas, nós os libertamos da escuridão, aumentando seu arbítrio para andar na luz.

O mundo ensina muitas coisas falsas a respeito do arbítrio. Muitos acham que devemos comer, beber e divertir-nos “e se acontecer de sermos culpados, Deus nos castigará com uns poucos açoites e, ao fim, seremos salvos”.¹⁷ Outros adotam o materialismo e negam a existência de Deus. Convencem-se de que não há “uma oposição em todas as coisas”¹⁸ e, portanto, “nada que o homem [faça é] crime”.¹⁹ Isso “[destrói] a sabedoria de Deus e seus eternos propósitos”.²⁰

Contrariamente aos ensinamentos seculares, as escrituras nos ensinam que temos liberdade de escolha e que as escolhas certas sempre têm repercussões nas oportunidades que temos e na nossa capacidade de agir e de progredir eternamente.

Por exemplo: por meio do profeta Samuel o Senhor deu um mandamento bem claro ao rei Saul:

“Enviou-me o Senhor a ungir-te rei (...); ouve, pois, agora a voz (...) do Senhor. Vai, pois, agora e fere a Amaleque; e destrói totalmente a tudo o que tiver”.²¹

Mas Saul não seguiu o mandamento do Senhor. Fez o que chamo de “obediência seletiva”. Confiando em sua própria sabedoria, ele poupou a vida do rei Agague e trouxe de volta o melhor das ovelhas, das vacas e de outros animais.

O Senhor revelou isso ao profeta Samuel e o enviou para depor Saul do trono real. Quando o profeta chegou, Saul disse: “Cumpra a palavra do Senhor”.²² Mas o profeta sabia que aquilo não era verdade, e disse: “Que balido, pois, de ovelhas é este aos meus ouvidos, e o mugido de vacas que ouço?”²³

Saul se desculpou pondo a culpa em outros, dizendo que o povo tinha ficado com os animais para fazer sacrifícios ao Senhor. A resposta do profeta foi clara: “Tem porventura o Senhor tanto prazer em holocaustos e sacrifícios, como em que se obedeça à palavra do Senhor? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros”.²⁴

Por fim, Saul confessou, dizendo: “Pequei, porquanto tenho transgredido a ordem do Senhor e as tuas palavras; porque temi ao povo, e dei ouvidos à sua voz”.²⁵ Como Saul não obedeceu com exatidão — como decidiu “obedecer seletivamente” — ele perdeu a oportunidade e o arbítrio de ser rei.

Meus irmãos e irmãs, será que obedecemos com exatidão à voz do Senhor e de Seus profetas? Ou, tal como Saul, praticamos a “obediência seletiva” e tememos o juízo dos homens?

Reconheço que todos cometemos erros. As escrituras ensinam: “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”.²⁶ Para os que se encontram presos a escolhas erradas do passado, que estão sem saída, sem as bênçãos do arbítrio, queremos dizer que os amamos. Voltem! Saiam do canto escuro em que estão presos. Mesmo que tenham de pisar num chão molhado e pegajoso, vale a pena. Confie em que “por meio da Expição de Cristo, toda a humanidade [inclusive você] pode ser salva por obediência

às leis e ordenanças do Evangelho”.²⁷

Quando se aproximava a hora da Expição, o Salvador proferiu Sua grande Oração Intercessória e falou de cada um de nós, dizendo: “Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória que me deste”.²⁸ “E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste”.²⁹

Presto meu testemunho especial de que Eles vivem. Quando exercermos nosso arbítrio em retidão, nós Os conhecemos, tornamo-nos mais semelhantes a Eles e preparamo-nos para o dia em que “todo joelho se dobrará e toda língua confessará” que Jesus é nosso Salvador.³⁰ Que continuemos a seguir Jesus Cristo e nosso Pai Eterno, como fizemos no princípio, é minha oração, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver 2 Néfi 2:26.
2. 2 Néfi 2:27.
3. “A Alma é Livre para Agir”, *Hinos*, nº 149.
4. Alma 42:15.
5. Moisés 4:1.
6. Moisés 4:2.
7. Ver Doutrina e Convênios 29:36.
8. Moisés 4:3.
9. 2 Néfi 2:27; ver também 2 Néfi 9:9.
10. Lucas 2:49.
11. 3 Néfi 27:13.
12. Lucas 22:42–43.
13. Lucas 23:34.
14. Mateus 27:46; Marcos 15:34.
15. João 19:30.
16. Hebreus 4:15.
17. 2 Néfi 28:8.
18. 2 Néfi 2:11.
19. Alma 30:17.
20. 2 Néfi 2:12.
21. I Samuel 15:1, 3.
22. I Samuel 15:13.
23. I Samuel 15:14.
24. I Samuel 15:22.
25. I Samuel 15:24.
26. Romanos 3:23.
27. Regras de Fé 1:3.
28. João 17:24.
29. João 17:3.
30. Mosias 27:31.



Élder Quentin L. Cook

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Que Haja Luz!

Em nosso mundo cada vez mais iníquo, é essencial que os valores que se baseiam nas crenças religiosas façam parte dos debates públicos.

Fiz aniversário no mês passado. Minha esposa, Mary, presenteou-me com um CD de uma famosa cantora britânica chamada Vera Lynn com músicas de esperança e fé que inspiraram o público nos dias sombrios da Segunda Guerra Mundial.

Há toda uma história por trás desse presente de minha esposa. Os bombardeios em Londres, em setembro de 1940, começaram na véspera de meu nascimento.¹ Minha mãe, ao ouvir no rádio do hospital o desenrolar da Blitz de Londres, decidiu dar-me o nome de um radialista chamado Quentin.

A cantora Vera Lynn hoje tem 93 anos de idade. Ano passado, algumas de suas músicas da época da guerra foram regravadas e logo chegaram ao topo das paradas britânicas. As pessoas de mais idade devem recordar algumas dessas músicas, como “The White Cliffs of Dover” [Os Penhascos Brancos de Dover].

A música chamada “When the Lights Go on Again (All over the World)” [Quando as Luzes Se Reacenderem (em Todo o Mundo)] me tocou profundamente. A música trouxe-me dois pensamentos à mente: primeiro, as palavras proféticas de um estadista britânico: “As lâmpadas estão apagando-se em toda a Europa. Não as veremos acesas em

nossa época”;² e segundo, os bombardeios que atingiram cidades britânicas como Londres. Para dificultar a localização dos alvos pelos inimigos, foram instituídos blecautes. As luzes foram apagadas e as janelas, cobertas.

Essa música era permeada da esperança otimista de que a liberdade e a luz seriam restauradas. Para nós, que compreendemos o papel do Salvador e da Luz de Cristo³ no conflito contínuo entre o bem e o mal, a analogia entre essa guerra mundial e os conflitos morais de hoje fica bem clara. É pela Luz de Cristo que toda a humanidade pode “diferenciar o bem do mal”.⁴

Nunca foi fácil alcançar ou conservar a liberdade e a luz. Desde a Guerra nos Céus, as forças do mal vêm usando todos os meios possíveis para destruir o arbítrio e extinguir a luz. Os ataques aos princípios morais e à liberdade religiosa nunca foram tão fortes.

Como santos dos últimos dias, precisamos dar tudo de nós para preservar a luz e proteger nossa família e a comunidade das investidas contra a moralidade e a liberdade religiosa.

Proteger a Família

Um perigo constante para a família são os ataques das forças do mal que parecem vir de todos os lados. Embora



nossa principal preocupação seja buscar luz e verdade, convém-nos proteger o lar das bombas letais que destroem o desenvolvimento e o crescimento espirituais. A pornografia, em particular, é uma arma de destruição moral em massa. Seu impacto é determinante na erosão dos valores morais. Alguns programas de televisão e sites da Internet são igualmente letais. Essas forças malignas tiram a luz e a esperança do mundo. O nível de decadência aumenta em ritmo acelerado.⁵ Se não removermos o mal de nosso lar e de nossa vida, não devemos nos surpreender se explosões morais devastadoras estilhaçarem a paz que é a recompensa de uma vida digna. Compete-nos estar

no mundo, sem ser do mundo.

Além disso, devemos aumentar muito a observância religiosa no lar. A reunião familiar semanal, a oração familiar diária e o estudo diário das escrituras em família são essenciais. Devemos ainda fazer um esforço consciente para propor à família diversões que sejam virtuosas, amáveis, de boa fama ou louváveis.⁶ Se não transformarmos o lar num lugar sagrado que nos proteja do mal, não estaremos preparados para as consequências adversas preditas nas escrituras.

Proteger a Comunidade

Além de proteger nossa própria família, devemos ser uma fonte de

luz para proteger a comunidade. O Salvador disse: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus”.⁷

Nossa época já foi descrita como “um tempo de abundância e uma era de dúvidas”.⁸ A crença básica no poder e na autoridade de Deus não é apenas questionada, mas também depreciada. Nessas circunstâncias, como podemos promover valores de modo a tocar os descrentes e os apáticos e ajudar a deter o declínio galopante rumo à violência e ao mal?

Essa questão é de suma importância. Pensem no profeta Mórmon e em sua angústia ao declarar: “Como pudestes rejeitar aquele Jesus que estava de braços abertos para vos receber?”⁹ A aflição de Mórmon era justificada e seu filho, Morôni, sobreviveu para narrar a “triste história da destruição de [seu] povo”.¹⁰

Minha experiência pessoal de viver e interagir com pessoas de todo o mundo fez de mim um homem otimista. Creio que a luz e a verdade podem ser preservadas em nossa época. Em todas as nações, há multidões que adoram a Deus e sentem que têm de prestar contas de sua conduta a Ele. Alguns observadores creem até mesmo que há um redespertar da fé no mundo.¹¹ Como líderes da Igreja, ao nos reunirmos com autoridades de outras religiões, aprendemos que há um alicerce moral comum que transcende diferenças ideológicas e nos une em nossas aspirações por uma sociedade melhor.

Também constatamos que a maioria das pessoas ainda respeita os valores morais básicos. Mas não se iludam: há, também, pessoas determinadas tanto a destruir a fé quanto a rejeitar qualquer influência religiosa na sociedade. Outras pessoas más exploram,

manipulam e corrompem a sociedade com drogas, pornografia, exploração sexual, tráfico de seres humanos, roubos e práticas comerciais desonestas. O poder e a influência dessas pessoas são enormes, embora sejam relativamente pouco numerosas.

Sempre houve uma batalha contínua entre as pessoas de fé e as que gostariam de expurgar a religião e Deus da vida pública.¹² Muitos formadores de opinião de hoje rejeitam uma visão moral do mundo baseada nos valores judaico-cristãos. A seu ver, não existe uma ordem moral objetiva.¹³ Creem que não se deve dar preferência a anseios morais.¹⁴

Ainda assim, em sua maioria, as pessoas aspiram a ser boas e honradas. A Luz de Cristo, que é distinta do Espírito Santo, guia-lhes a consciência. Sabemos pelas escrituras que a Luz de Cristo é “o Espírito [que] dá luz a todo homem que vem ao mundo”.¹⁵ Essa luz é dada “para o bem do mundo todo”.¹⁶ O Presidente Boyd K. Packer ensinou que essa é uma “fonte de inspiração que cada um de nós tem em comum com todos os demais membros da família humana”.¹⁷ É por isso que muitas pessoas aceitam certos valores morais mesmo que eles se baseiem em convicções religiosas que elas não têm pessoalmente. Como lemos em Mosias, no Livro de Mórmon, “Não é comum a voz do povo desejar algo contrário ao que é direito; mas é comum a minoria do povo desejar o que não é direito”. Mosias adverte em seguida que “Se chegar o tempo em que a voz do povo escolher iniquidade, então os julgamentos de Deus recairão”.¹⁸

Em nosso mundo cada vez mais iníquo, é essencial que os valores que se baseiam nas crenças religiosas façam parte dos debates públicos. Os posicionamentos morais inspirados por uma consciência religiosa devem

estar em pé de igualdade com os demais na sociedade. A constituição da maioria dos países pode não dar preferência à consciência religiosa, mas tampouco deve desconsiderá-la.¹⁹

A fé religiosa é fonte de luz, conhecimento e sabedoria e beneficia a sociedade de modo significativo, quando os seguidores se pautam por princípios morais por sentirem que devem satisfações a Deus.²⁰

Dois princípios religiosos vão ilustrar essa questão.

Conduta Honesta Motivada pela Responsabilidade para com Deus

A décima terceira regra de fé da Igreja declara: “Cremos em ser honestos”. A honestidade é um princípio que se baseia na crença religiosa e é uma das leis básicas de Deus.

Há muitos anos, quando eu advogava na Califórnia, um amigo e cliente que não era membro da Igreja me visitou e, com grande entusiasmo, mostrou-me uma carta que recebera de um bispo mórmon de uma ala próxima. O bispo contou que esse homem, antigo funcionário de meu cliente, subtraía materiais do escritório de meu cliente, com a justificativa de que eram excedentes. Mas depois de tornar-se um santo dos últimos dias fiel e tentar seguir a Jesus Cristo, o funcionário reconheceu que seus atos tinham sido desonestos. A carta vinha acompanhada de uma quantia que cobria não só o custo dos materiais, mas também os juros. Meu cliente ficou impressionado ao ver a Igreja, por meio de seus líderes leigos, ajudar esse homem em seu empenho para reconciliar-se com Deus.

Pensem na luz e verdade que o valor compartilhado da honestidade tem no mundo judaico-cristão. Pensem em como a sociedade se beneficiaria se os jovens não trapaceassem

na escola e se os adultos fossem honestos no local de trabalho e fiéis ao cônjuge e aos votos matrimoniais. Para nós, o conceito fundamental da honestidade baseia-se na vida e nos ensinamentos do Salvador. A honestidade também é um atributo valorizado por muitas outras religiões e na literatura histórica. O poeta Robert Burns escreveu: “Um homem honesto é a obra mais nobre de Deus”.²¹ Em quase todos os casos, as pessoas de fé sentem que a honestidade é algo que devem a Deus. Foi por esse motivo que aquele homem na Califórnia se arrependeu de suas atitudes desonestas do passado.

Ao discursar numa cerimônia de formatura no ano passado, Clayton Christensen, professor em Harvard e líder na Igreja, contou a história verídica de um colega de trabalho e amigo de outro país que estudara a democracia e o capitalismo nos Estados Unidos. Esse amigo ficou surpreso com o papel determinante da religião na democracia. Ressaltou que, nas sociedades em que os cidadãos aprendem desde pequenos que devem a Deus um comportamento honesto e íntegro, eles seguem regras e práticas que, embora não obrigatórias, promovem ideais democráticos. Nas sociedades em que isso não ocorre, por mais que haja policiais, é impossível impor um comportamento honesto.²²

Certamente, os valores morais relacionados à honestidade podem desempenhar um papel significativo para estabelecer a luz e a verdade e melhorar a sociedade, e devem ser valorizados até pelos que não têm fé.

Tratar Todos os Filhos de Deus Como Irmãos

Um segundo exemplo de como a fé religiosa beneficia a sociedade e contribui com luz para o mundo é o fato de



a religião tratar todos os filhos de Deus como irmãos.

Muitas instituições de cunho religioso nos últimos dois séculos tomaram a dianteira para ajudar e resgatar pessoas submetidas a circunstâncias cruéis, porque seus membros creem que todos os homens foram criados à imagem e semelhança de Deus.²³ William Wilberforce, o grande estadista britânico que desempenhou um papel crucial para proibir o tráfico de escravos na Grã-Bretanha, é um excelente exemplo.²⁴ “Amazing Grace” [Preciosa Graça], esse hino tão tocante e o inspirador filme homônimo estão impregnados da atmosfera do início do século XIX e narram o empenho heroico desse homem. A luta incansável de Wilberforce foi uma das primeiras iniciativas para eliminar essa prática terrível, opressora, cruel e mercenária. Como parte desse esforço, ele, juntamente com outros líderes, engajou-se na reforma da moralidade pública. Ele acreditava que a educação e o governo devem ser norteados por princípios morais.²⁵ “Sua visão do aperfeiçoamento moral e espiritual foi sua bandeira de luta ao longo da vida, seja na defesa da instituição do casamento, no ataque às práticas do tráfico negreiro ou na defesa veemente do Dia do Senhor.”²⁶ Com grande energia, conseguiu mobilizar os líderes morais e sociais do país numa luta nacional contra os vícios.²⁷

Nos primeiros anos da história da Igreja, nossos membros eram em sua grande maioria abolicionistas.²⁸ Esse foi um dos motivos preponderantes (juntamente com suas

crenças religiosas) para a hostilidade e a violência que eles sofreram, bem como para a ordem de extermínio decretada pelo Governador Boggs, no Missouri.²⁹ Em 1833, Joseph Smith recebeu uma revelação que declarava: “não é certo que homem algum seja escravo de outro”.³⁰ Nosso comprometimento para com a liberdade religiosa e o fato de tratarmos todos como filhos de Deus estão no cerne de nossa doutrina.

Esses são apenas dois exemplos de como valores que se baseiam na fé são a fonte de princípios que trazem grandes bênçãos à sociedade. Há muitos outros. Devemos envolver-nos pessoalmente, bem como apoiar pessoas de caráter e integridade para restabelecer valores morais que abençoarão a comunidade como um todo.

Ressalto que todas as vozes precisam ser ouvidas nos debates públicos. Nem as vozes religiosas nem as seculares devem ser silenciadas. Além do mais, não devemos achar que, por nossas opiniões emanarem de princípios religiosos, serão aceitas automaticamente ou receberão tratamento preferencial. Mas também é evidente que essas visões e esses valores merecem ser avaliados por seus próprios méritos.

Os alicerces morais de nossa doutrina podem ser uma luz para o mundo e uma força unificadora tanto para a moralidade quanto para a fé em Jesus Cristo. Precisamos proteger nossa família e estar na linha de frente, ao lado de seguidores de todas as denominações e pessoas de boa vontade, para fazer tudo a nosso alcance no mundo inteiro para

preservar a luz, a esperança e a moralidade em nossa comunidade.

Se vivermos e proclamarmos esses princípios, estaremos seguindo a Jesus Cristo, que é a verdadeira Luz do Mundo. Podemos ser uma força para a retidão em preparação para a Segunda Vinda de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Aguardamos com ansiedade o belo dia em que “corações livres cantarão quando as luzes se reacenderem em todo o mundo”.³¹ No sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Richard Hough e Denis Richards, *The Battle of Britain: The Greatest Air Battle of World War II* [A Batalha da Grã-Bretanha: A Maior Batalha Aérea da Segunda Guerra Mundial], 1989, p. 264.
2. Atribuído a Sir Edward Grey. Ver “When the Lights Go on Again All over the World”, wikipedia.org.
3. Ver Doutrina e Convênios 88:11–13. A Luz de Cristo é a “luz que está em todas as coisas, que dá vida a todas as coisas, que é a lei pela qual todas as coisas são governadas” (v. 13). Para um estudo mais aprofundado da Luz de Cristo e da diferença entre a Luz de Cristo e o Espírito Santo, ver Boyd K. Packer, “A Luz de Cristo”, *A Liahona*, abril de 2005, p. 8.
4. Morôni 7:19.
5. Ver Jacques Barzun, *From Dawn to Decadence: 500 Years of Western Cultural Life* [Do Amanhecer à Decadência: 500 Anos da Vida Cultural Ocidental], 2000, p. 798.
6. Regras de Fé 1:13.
7. Mateus 5:16.
8. Roger B. Porter, “Seek Ye First the Kingdom of God” [Buscai Primeiro o Reino de Deus] (discurso proferido na Ala Cambridge University, Estaca Cambridge Massachusetts, em 13 de setembro de 2009).
9. Mórmon 6:17.
10. Mórmon 8:3.
11. Ver John Micklethwait e Adrian Wooldridge, *God Is Back: How the Global Revival of Faith Is Changing the World* [Deus Voltou: Como o Renascimento da Fé Está Mudando o Mundo], 2009.
12. Ver Diana Butler Bass, “Peace, Love and Understanding” [Paz, Amor e Compreensão], (resenha de *God Is Back*, de John Micklethwait e Adrian Wooldridge), *Edição Nacional Semanal do Washington Post*, 27 de julho–2 de agosto de 2009, p. 39.

13. Ver David D. Kirkpatrick, “The Right Hand of the Fathers,” [A Mão Direita dos Pais] *New York Times Magazine*, 20 de dezembro de 2009, p. 27.
14. Ver Kirkpatrick, “The Right Hand of the Fathers,” p. 27. Robert P. George ensina que ou temos raciocínio moral e liberdade de escolha ou temos amoralidade e determinismo.
15. Doutrina e Convênios 84:46.
16. Doutrina e Convênios 84:48.
17. Boyd K. Packer, *A Liahona*, abril de 2005, p. 8.
18. Mosias 29:26–27.
19. Ver Margaret Somerville, “Should Religion Influence Policy?” [A Religião Deve Influenciar as Normas?] www.themarknews.com/articles/1535-should-religion-influence-policy.
20. Ver Zhao Xiao, “Market Economies with Churches and Market Economies without Churches,” [Economia de Mercado com Religiões e Economia de Mercado sem Religiões], 2002, www.danwei.org/business/churches_and_the_market_econom.php. Esse economista do governo chinês argumenta que é necessária uma base moral para impedir que as pessoas mintam e causem dano a outras.
21. “The Cotter’s Saturday Night,” em *Poemas de Robert Burns*, 1811, p. 191.
22. Ver Clayton M. Christensen, “The Importance of Asking the Right Questions” [A Importância de Se Fazer as Perguntas Certas] (discurso de formatura na Universidade do Sul de New Hampshire, Manchester, N.H., 16 de maio de 2009).
23. Ver Gênesis 1:26.
24. Hague, William, *William Wilberforce: The Life of the Great Anti-Slave Trade Campaigner*, [William Wilberforce: A Vida do Grande Defensor da Eliminação do Comércio de Escravos], 2007, pp. 352–356.
25. Ver Hague, *William Wilberforce*, pp. 104–105.
26. Ver Hague, *William Wilberforce*, p. 513.
27. Ver Hague, *William Wilberforce*, pp. 107–108.
28. Ver James B. Allen e Glen M. Leonard, *The Story of the Latter-day Saints*, [A História dos Santos dos Últimos Dias], 2ª ed., 1992, pp. 93, 120, 202.
29. Ver Leonard J. Arrington e Davis Bitton, *The Mormon Experience: A History of the Latter-day Saints*, [A Experiência Mórmon: Uma História dos Santos dos Últimos Dias], 2ª ed., 1992, pp. 48–51; ver também Clyde A. Milner e outros, *The Oxford History of the American West* [A História do Oeste Americano, Oxford], 1994, p. 362: “Proslavery settlers and politicians persecuted them mercilessly” [Colonos e políticos escravagistas perseguiram-nos sem piedade].
30. Doutrina e Convênios 101:79.
31. Último verso da música “When the Lights Go on Again All over the World”.



Bispo Richard C. Edgley
Primeiro Conselheiro no Bispado Presidente

Fé — a Escolha É Sua

Escolham a fé em vez da dúvida; escolham a fé em vez do medo; escolham a fé em vez do desconhecido e do invisível, e escolham a fé em vez do pessimismo.

Vivemos em uma das maiores dispensações de todos os tempos — uma época que os antigos profetas esperaram e sobre a qual profetizaram e pela qual, creio eu, ansiaram. No entanto, a despeito de todas as bênçãos celestes que nos foram concedidas, Satanás — sempre tão real — está muito ativo, e somos continuamente bombardeados com mensagens conflitantes. O anjo Morôni advertiu o jovem Profeta Joseph Smith de que seu nome seria conhecido por bem e por mal no mundo inteiro (ver Joseph Smith—História 1:33), e nunca o cumprimento de uma profecia foi tão evidente. O Profeta deu a vida por seu testemunho, mas ainda hoje prosseguem os ataques contra a Igreja e contra o Próprio Salvador. A realidade do Salvador, Seu sacrifício expiatório e sua aplicação universal para todos nós são questionados e frequentemente descartados como mito ou vã esperança de uma mente fraca e iletrada. Além disso, a realidade da Restauração do evangelho nestes últimos dias continua a ser questionada. O contínuo bombardeio de mensagens como essas pode causar confusão, dúvida e pessimismo, cada qual atacando as verdades fundamentais nas quais acreditamos, nossa fé em Deus e nossa

esperança no futuro.

Essa talvez seja a realidade de nosso mundo, mas ainda assim podemos decidir como vamos reagir a isso. Quando nossa doutrina e crenças sagradas forem desafiadas, teremos então a oportunidade de conhecer melhor a Deus, de modo muito mais íntimo e pessoal. Essa será nossa oportunidade de escolher.

Devido aos conflitos e problemas que enfrentamos no mundo atual, gostaria de sugerir uma escolha única, uma escolha de paz e de proteção e uma escolha adequada a todos. Essa escolha é a fé. Estejam cientes de que a fé não é um dom gratuito concedido sem que pensemos, desejemos ou nos esforcemos. Ela não nos chega como o orvalho que cai do céu. O Senhor disse: “Vinde a mim” (Mateus 11:28) e “Batei, e [dar]-se-vos-á” (Mateus 7:7). Esses verbos são de ação: “*vir*” e “*bater*”. Tratam-se de escolhas. Portanto, eu digo: escolham a fé. Escolham a fé em vez da dúvida; escolham a fé em vez do medo; escolham a fé em vez do desconhecido e do invisível, e escolham a fé em vez do pessimismo.

A clássica preleção de Alma sobre a fé, registrada no capítulo 32 de Alma,

no Livro de Mórmon, é uma série de escolhas para garantir o desenvolvimento e a preservação de nossa fé. Alma admoestou-nos a escolher. Suas palavras descrevem ações iniciadas por escolhas. Ele usou as palavras *despertar, exercitar, pôr à prova, exercer, desejar, operar e plantar*. Depois, Alma explicou-nos que, se fizermos essas escolhas e não descartarmos a semente por descrença, então “ela começará a inchar em [nosso] peito” (Alma 32:28).

Sim, a fé é uma escolha, e ela precisa ser buscada e desenvolvida. Portanto, somos responsáveis por nossa própria fé. Também somos responsáveis por nossa falta de fé. A escolha é sua.

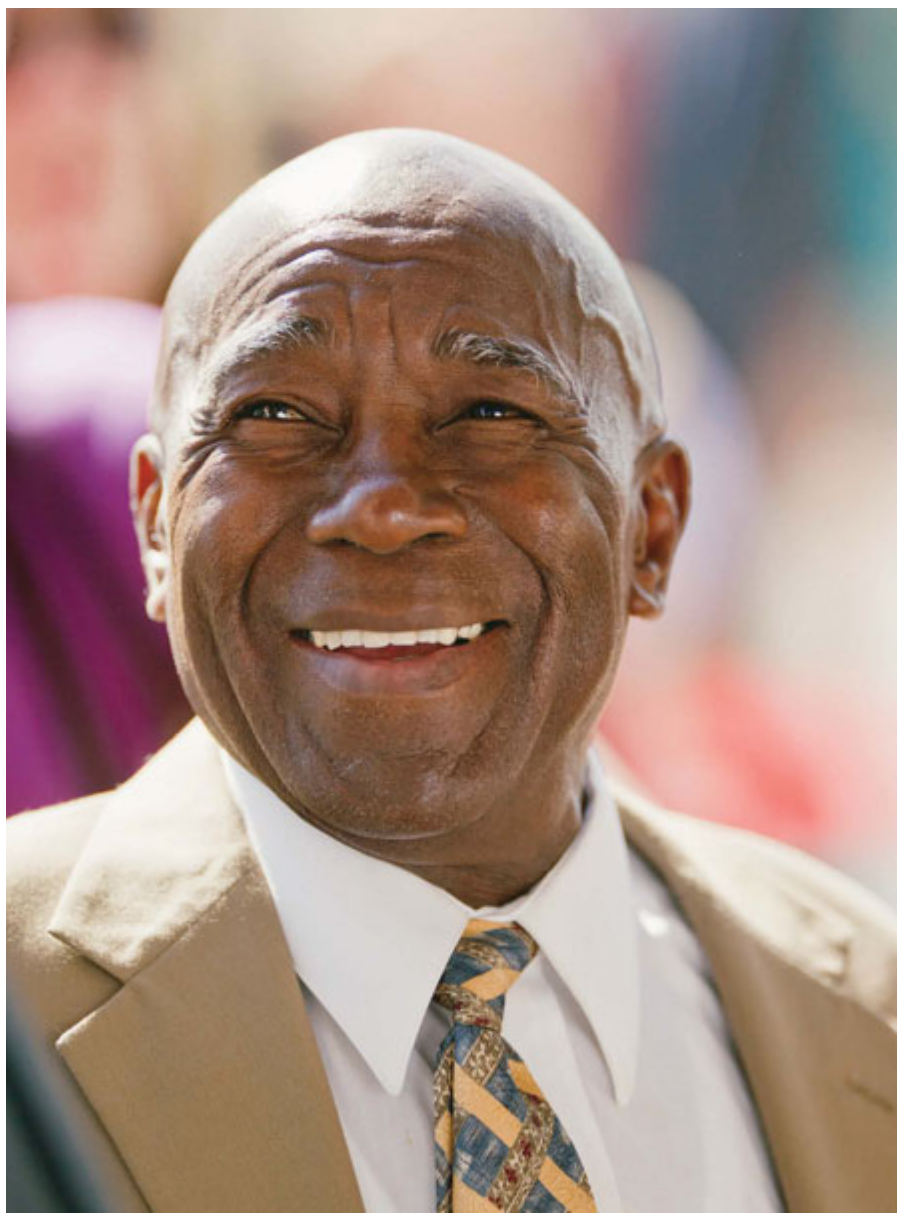
Há muitas coisas que desconheço. Não conheço os detalhes da organização da matéria no belo mundo em que vivemos. Não compreendo as complexidades da Expição, nem como o sacrifício do Salvador pode purificar todas as pessoas arrependidas, ou como o Salvador pôde sofrer “a dor de todos os homens” (D&C 18:11). Não sei onde ficava a Cidade de Zaraenla, que é mencionada no Livro de Mórmon. Não sei por que razão minhas crenças entram às vezes em conflito com o suposto conhecimento científico ou secular. Talvez esses sejam assuntos que nosso Pai Celestial descreveu como “mistérios do (...) céu” (D&C 107:19), que serão revelados posteriormente.

Mas, embora eu não conheça tudo, sei o que é importante. Conheço as verdades claras e simples do evangelho que conduzem à salvação e à exaltação. Sei que o Salvador realmente sofreu a dor de todos os homens, e que todas as pessoas que se arrependem podem ser limpas do pecado. E, quanto às coisas que desconheço ou que não compreendo plenamente,

com a vigorosa ajuda de minha fé, preencho a lacuna e sigo em frente, partilhando as promessas e bênçãos do evangelho. Então, conforme ensinou Alma, nossa fé nos proporciona um conhecimento perfeito (ver Alma 32:34). Quando seguimos em frente rumo ao desconhecido, armados apenas com a esperança e o desejo, provamos nossa fé e nossa devoção ao Senhor.

Portanto, seguindo a fórmula de Alma, façamos nossa escolha. Vamos escolher a fé.

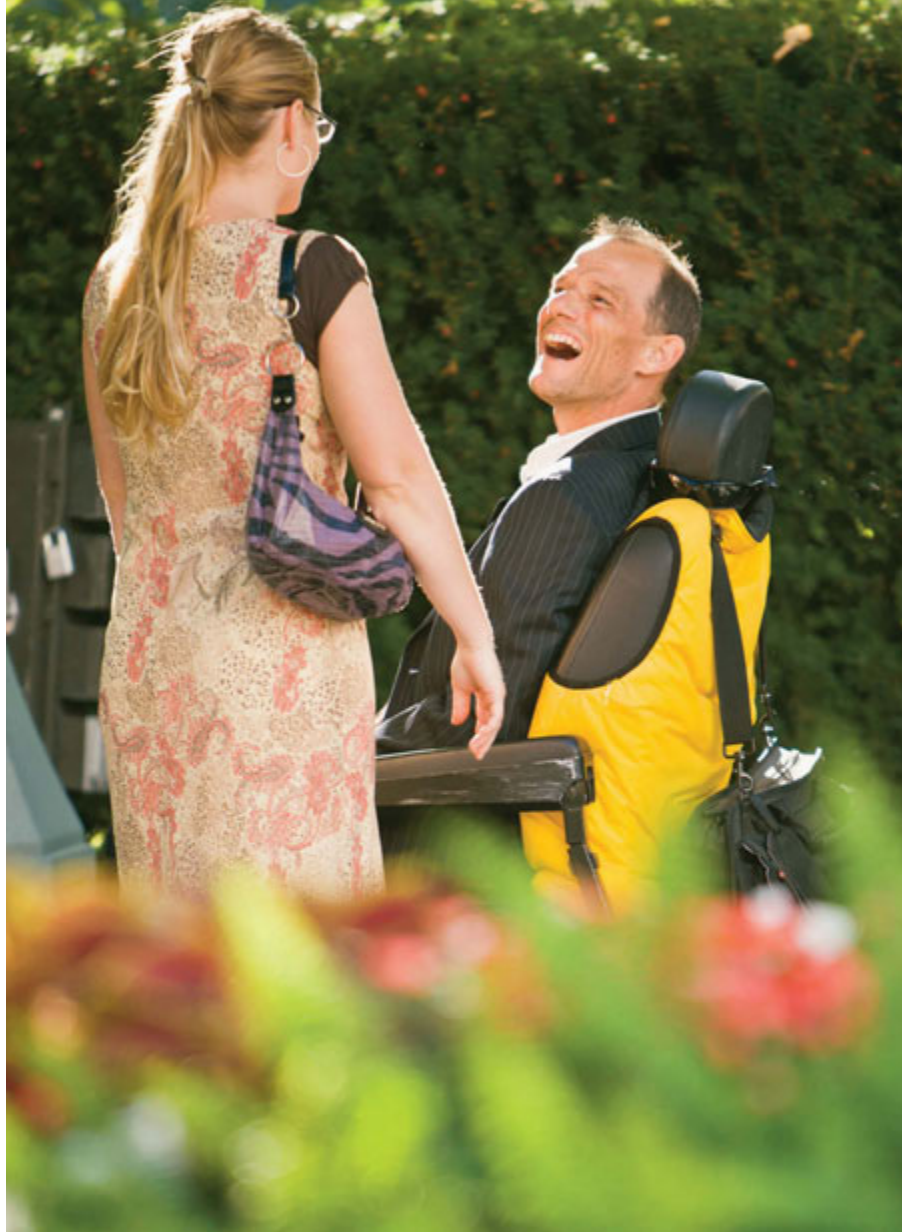
- Se a confusão e a desesperança pesarem em sua mente, *escolham* despertar e exercitar suas faculdades (ver Alma 32:27). Ao chegar-nos humildemente ao Senhor com um coração quebrantado e um espírito contrito, seguimos pelo caminho da verdade e pela senda do Senhor, de luz, conhecimento e paz.
- Se seu testemunho for imaturo, não testado e inseguro, *escolham* “exercer ainda que seja uma partícula de fé”; *escolham* “[pôr] à prova [Suas] palavras” (Alma 32:27). O Salvador



explicou: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo” (João 7:17).

- Quando a lógica, a razão ou o intelecto pessoal entrarem em conflito com a doutrina e os ensinamentos sagrados, ou quando mensagens conflitantes ataquem suas crenças, como os dardos inflamados descritos pelo Apóstolo Paulo (ver Efésios 6:16), *escolham* não lançar a semente fora de seu coração por descrença. Lembrem-se de que não recebemos um testemunho até que nossa fé tenha sido provada (ver Éter 12:6).
- Se sua fé for testada e amadurecida, *escolham* nutri-la “com muito cuidado” (Alma 32:37). Por mais forte que seja nossa fé, com todas as mensagens confusas que a atacam, ela também se pode tornar muito frágil. Precisa de nutrição contínua por meio de constante estudo das escrituras, oração e aplicação de Sua palavra.

Quando os discípulos perguntaram a Jesus por que não conseguiam expulsar um demônio, como tinham visto o Salvador fazer, Jesus respondeu: “Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e há de passar” (Mateus 17:20). Nunca vi uma montanha de verdade ser movida. Mas, graças à fé, já vi uma montanha de dúvida e desespero ser removida e substituída por esperança e otimismo. Graças à fé, testemunhei pessoalmente uma montanha de pecado ser substituída pelo arrependimento e perdão. E graças à fé, testemunhei pessoalmente uma montanha de dor ser substituída pela paz, esperança e gratidão. Sim, já vi montanhas serem movidas.



- Graças à fé, ativei o poder do sacerdócio que possuo e partilhei a serenidade das bênçãos do evangelho e aceitei as ordenanças de salvação.
- Graças a minha fé, enfrento os problemas e as dificuldades da vida com paz e segurança.
- Graças a minha fé, consigo transformar perguntas e até dúvidas em certezas e compreensão.
- Graças a minha fé, encaro o desconhecido, o invisível e o inexplicável com segurança inabalável.
- E graças a minha fé, mesmo nos momentos aparentemente piores, reconheço com paz e gratidão que, na realidade, eles são os melhores momentos.

E quando escolhemos a fé e nutrimos essa fé até um perfeito conhecimento das coisas do Senhor, usamos então as palavras “eu testifico” ou “eu sei”. Plantei pessoalmente a semente em meu próprio coração, e durante toda a vida tenho procurado nutrir essa semente até um conhecimento perfeito. E hoje, atrás deste púlpito, testifico que Jesus é o Cristo, o Redentor do mundo. Testifico também que Joseph Smith foi um profeta de Deus e o instrumento vivo que o Senhor usou para trazer de volta à Terra o evangelho pleno e verdadeiro de Jesus Cristo. Testifico que o Presidente Thomas S. Monson é o profeta do Senhor em nossos dias. Da mesma forma, a escolha da fé é sua; a escolha da fé é minha. Que escolhamos a fé. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■



Élder Kevin R. Duncan
Dos Setenta

Nossa Própria Sobrevivência

Oro para que tenhamos a sabedoria de confiar no conselho dos profetas e apóstolos vivos e de seguir esse conselho.

O inverno de 1848 foi difícil e desafiador para os pioneiros colonizadores, no Vale do Lago Salgado. No verão de 1847, Brigham Young declarou que os santos haviam finalmente chegado a seu destino. “Este é o lugar certo”¹, disse Brigham Young, que tivera uma visão em que lhe fora mostrado onde os santos deveriam estabelecer-se. Os primeiros membros da Igreja haviam enfrentado imensas adversidades no desenrolar da Restauração do evangelho. Tinham sido expulsos de seus lares, perseguidos e caçados. Tinham sofrido dificuldades indescritíveis ao cruzarem as planícies. Finalmente, porém, estavam no “lugar certo”.

Mas o inverno de 1848 foi extremamente rigoroso. Fez tanto frio, que algumas pessoas tiveram problemas sérios de congelamento dos pés. Um espírito de inquietação começou a se espalhar entre os santos. Alguns membros da Igreja declararam que não iriam construir suas casas no vale. Eles queriam permanecer em seus carroções, pois não tinham certeza se a liderança da Igreja lhes anunciaria um lugar melhor para morar. Tinham trazido consigo sementes e árvores frutíferas, mas não

queriam desperdiçá-las plantando-as naquele deserto árido. Jim Bridger, conhecido explorador da época, disse a Brigham Young que daria mil dólares pelo primeiro saco de milho cultivado no Vale do Lago Salgado, porque achava que aquilo seria impossível.²

Para complicar as coisas, havia sido descoberto ouro na Califórnia. Alguns membros da Igreja acharam que a vida seria mais simples e próspera se prosseguissem até a Califórnia, em busca de riquezas e de um clima melhor.

Em meio a essa onda de descontentamento, Brigham Young falou aos membros da Igreja, declarando:

“[Este vale] é o local que Deus indicou para Seu povo.

Fomos lançados da frigideira para o fogo, e do fogo para o chão; e aqui estamos, e aqui permaneceremos. Deus me mostrou que este é o lugar certo para estabelecermos Seu povo, e é aqui que prosperaremos. Ele vai amenizar o clima para benefício dos santos. Vai repreender a geada e a esterilidade do solo, e a terra vai-se tornar frutífera. Irmãos, vão agora, e plantem (...) suas (...) sementes”.

Além de prometer essas bênçãos, o Presidente Young declarou que o Vale do Lago Salgado se tornaria conhecido como uma estrada para as nações.

Reis e imperadores visitariam aquela terra. E o melhor de tudo é que um templo do Senhor seria erguido ali.³

Aquelas foram promessas extraordinárias. Muitos membros da Igreja tiveram fé nas profecias de Brigham Young, ao passo que outros continuaram céticos e partiram para o que acharam que seria uma vida melhor. Mas a história mostrou que todas as profecias declaradas por Brigham Young foram cumpridas. O vale realmente floresceu e começou a produzir. Os santos prosperaram. O inverno de 1848 contribuiu muito para que o Senhor ensinasse uma valiosa lição a Seu povo. Eles



aprenderam, como todos temos que aprender, que o único meio garantido e seguro de sermos protegidos nesta vida é confiar no conselho dos profetas de Deus e obedecer a ele.

Sem dúvida, uma das maiores bênçãos de sermos membros desta Igreja é a de sermos liderados por profetas vivos de Deus. O Senhor declarou: “Nunca há mais que um, na Terra, ao mesmo tempo, a quem esse poder e as chaves desse sacerdócio são conferidas”.⁴ O profeta e presidente atual da Igreja, Thomas S. Monson, recebe a palavra de Deus para todos os membros da Igreja e para o mundo. Além disso, apoiamos como profetas, videntes e reveladores os conselheiros na Primeira Presidência e os membros do Quórum dos Doze Apóstolos.

Com os pés congelados e um deserto árido, sem dúvida foi preciso fé para que aqueles antigos santos confiassem em seu profeta. Sua sobrevivência e sua vida estavam em jogo. Mas o Senhor recompensou sua obediência e abençoou e fez prosperar os que seguiram Seu porta-voz.

E o Senhor faz o mesmo hoje em dia para todos nós. Este mundo está cheio de livros de autoajuda, de pessoas que se dizem especialistas, de teóricos, de educadores e de filósofos que têm conselhos para dar sobre todo e qualquer assunto. Com a tecnologia atual, há informações sobre uma infinidade de assuntos acessíveis apenas com um clique ou toque. É fácil cairmos na armadilha de confiar nos conselhos do “braço de carne”⁵ sobre todas as coisas, desde a criação dos filhos até a busca da felicidade. Embora algumas informações tenham seu mérito, como membros da Igreja, temos acesso à fonte da pura verdade, que é Deus. Seria bem melhor que buscássemos as respostas para nossos problemas e dúvidas pesquisando



Estocolmo, Suécia

o que o Senhor revelou por meio de Seus profetas. Com essa mesma tecnologia atual, temos ao alcance dos dedos as palavras dos profetas sobre quase todos os assuntos. O que Deus nos ensinou sobre o casamento e a família por meio de Seus profetas? O que Ele nos ensinou sobre educação e a vida previdente por meio de Seus profetas? O que Ele nos ensinou sobre a felicidade e a realização pessoais, por meio de Seus profetas?

O que os profetas ensinam pode parecer ultrapassado, impopular ou até impossível. Mas Deus é um Deus de ordem e estabeleceu um sistema pelo qual podemos conhecer Sua vontade. “Certamente o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas.”⁶ No início desta, que é a dispensação da plenitude dos tempos, o Senhor reafirmou que Se comunicaria conosco por meio de Seus profetas. Ele declarou: “Minha palavra (...) será toda cumprida, seja pela minha própria voz ou pela voz de meus servos, é o mesmo”.⁷

A confiança nos profetas e a obediência a suas palavras são mais do que uma bênção e um privilégio. O Presidente Ezra Taft Benson declarou que “nossa [própria] salvação depende da obediência ao profeta”. Ele descreveu o que chamou de “Quatorze Princípios Fundamentais para Seguir

o Profeta”. Na sessão desta manhã, o Élder Claudio Costa, da Presidência dos Setenta, instruiu-nos de modo muito eloquente a respeito desses Quatorze Princípios Fundamentais. Devido a sua grande importância para nossa própria salvação, vou repeti-los agora.

“Primeiro: O profeta é o único homem que fala pelo Senhor em tudo.

Segundo: O profeta vivo é mais importante para nós do que as obras-padrão.

Terceiro: O profeta vivo é mais importante para nós do que um profeta morto.

Quarto: O profeta nunca fará a Igreja se desviar.

Quinto: O profeta não precisa de nenhum treinamento específico ou de credenciais terrenas para falar sobre qualquer assunto ou agir quanto a qualquer questão, a qualquer momento.

Sexto: O profeta não precisa dizer ‘Assim diz o Senhor’ para nos dar uma escritura.

Sétimo: O profeta nos diz o que precisamos saber, nem sempre o que queremos saber.

Oitavo: O profeta não se limita à razão humana.

Nono: O profeta pode receber revelação sobre qualquer assunto — temporal ou espiritual.

Décimo: O profeta pode envolver-se em questões cívicas.

Décimo primeiro: Os dois grupos

de pessoas com maiores dificuldades de seguir o profeta são os orgulhosos que são doutos e os orgulhosos que são ricos.

Décimo segundo: O profeta não será necessariamente popular no mundo nem entre os que são do mundo.

Décimo terceiro: O profeta e seus conselheiros constituem a Primeira Presidência — o quórum mais elevado da Igreja.

Décimo quarto: [Siga] (...) o profeta vivo e a Primeira Presidência (...) e receba as bênçãos; rejeite-os e sofra”.⁸

Irmãos e irmãs, tal como os santos de 1848, podemos decidir que seguiremos o profeta ou podemos confiar no “braço de carne”. Oro para que tenhamos a sabedoria de confiar no conselho dos profetas e apóstolos vivos e de seguir esse conselho. Sou testemunha da bondade deles e testifico que foram chamados por Deus. Testifico também que não há meio mais seguro de conduzir-nos na vida, de encontrar respostas para nossos problemas, de ter paz e felicidade neste mundo e de proteger nossa própria salvação do que obedecer às palavras deles. Presto esse testemunho no sagrado nome do Senhor Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Brigham Young, como citado por Wilford Woodruff, em *The Utah Pioneers*, 1880, p. 23.
2. Ver Bryant S. Hinckley, *The Faith of Our Pioneer Fathers*, 1956, pp. 9–15; ver também Gordon B. Hinckley, “Remarks at Pioneer Day Commemoration Concert”, *Ensign*, outubro de 2001, pp. 70–72.
3. Ver Hinckley, *The Faith of Our Pioneer Fathers*, pp. 11–12; ver também *Ensign*, outubro de 2001, p. 71.
4. Doutrina e Convênios 132:7.
5. Doutrina e Convênios 1:19.
6. Amós 3:7.
7. Doutrina e Convênios 1:38.
8. Ezra Taft Benson, “Quatorze Princípios Fundamentais para Seguir o Profeta”, em *1980 Devotional Speeches of the Year*, 1981, pp. 29–30.



Élder Gerrit W. Gong
Dos Setenta

Espelhos da Eternidade do Templo: Um Testemunho de Família

Uma perspectiva eterna da conversão ao evangelho e aos convênios do templo pode ajudar-nos a enxergar ricas bênçãos em cada geração de nossa família eterna.

Queridos irmãos e irmãs, quando nosso filho estava no Centro de Treinamento Missionário de Provo, minha esposa mandou pelo correio um pão caseiro fresquinho para ele e seus companheiros missionários. Vou ler agora algumas das mensagens de agradecimento que ela recebeu: “Irmã Gong, o pão tinha o gostinho de casa”. “Irmã Gong, nem tenho palavras. Este pão é a melhor comida que já me chegou à boca desde as enchiladas de minha mãe”. Mas esta foi a minha predileta: “Irmã Gong, o pão estava maravilhoso”. Em tom de brincadeira, ele prosseguiu: “Caso a senhora se desentenda com seu marido um dia, sou o primeiro da fila”.

Amamos nossos missionários: cada élder, suster e casal sênior. Somos eternamente gratos ao missionário especial que apresentou o evangelho restaurado de Jesus Cristo a nossa família. Testifico, com gratidão, que uma perspectiva eterna da conversão ao evangelho e aos convênios do templo pode

ajudar-nos a enxergar ricas bênçãos em cada geração de nossa família eterna.

O primeiro converso em nossa família Gong à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias foi nossa mãe, Jean Gong. Quando era adolescente em Honolulu, Havaí, ela ouviu, ganhou um testemunho, foi batizada e confirmada e continua firme na fé. Os membros fiéis da Igreja ajudaram minha mãe a ter amigos no evangelho, a ter chamados na Igreja e a continuar sendo nutrida pela boa palavra de Deus. Usando termos atuais, cada recém-converso, jovem adulto solteiro, membro que volta à atividade na Igreja, e outros, abençoam gerações inteiras quando se tornam santos na família de Deus.¹

Uma das famílias que nutriu minha mãe foi a de Gerrit de Jong Jr. Um poliglota que amava a linguagem do coração e do Espírito, meu avô Jong instigava minha imaginação de menino dizendo coisas como: “As amoras-pretas (blackberries) são vermelhas quando

estão verdes”. Hoje, falando de aparelhos eletrônicos manuais, digo aos jovens: “Ler *Blackberries* na Igreja faz os bispos rirem amarelo ou ficarem vermelhos de raiva”.

Meus pais, Walter e Jean Gong, casaram-se três vezes: uma cerimônia chinesa para a família, uma americana para os amigos e uma cerimônia sagrada, na casa do Senhor, para o tempo e toda a eternidade.

Nossas crianças da Primária cantam: “Eu gosto de ver o templo, ali eu hei de entrar”.² Nossas jovens comprometem-se a “receber as ordenanças do templo”.³

Recentemente estive numa casa do Senhor com um casal digno que foi receber bênçãos por convênio. Incentivei-os a fazerem a lua de mel durar cinquenta anos e, após esse meio século, a começarem a segunda lua de mel.

Lá estava eu contemplando com esse belo casal os espelhos do templo — um espelho de um lado, outro espelho de outro. Juntos esses espelhos no templo refletem uma sucessão de imagens que parecem prolongar-se pela eternidade.

Os espelhos da eternidade do templo nos lembram que cada ser humano “possui natureza e destino divinos”; que as “ordenanças e os convênios sagrados dos templos santos permitem que as pessoas retornem à presença de Deus e que as famílias sejam unidas para sempre”;⁴ e que juntos, com amor e fidelidade crescentes, poderemos dar aos filhos raízes e asas.

Nos espelhos da eternidade do templo, pensei em meu primeiro honorável antepassado Gong, nascido em 837 d.C. (fim da dinastia Tang) no sul da China, e nas gerações seguintes da família Gong até meu querido pai, a 32ª geração registrada. Meu irmão, minha irmã e eu somos a 33ª geração

da família, meus quatro filhos e seus primos, a 34ª geração, e nosso neto, a 35ª geração registrada da família Gong. Nos espelhos da eternidade do templo, não consegui ver o início nem o fim das gerações.

Naquele momento, vislumbrei não só uma sucessão de gerações, mas também de relacionamentos familiares. De um lado, vi-me como filho, neto, bisneto e descendente do primeiro honorável Gong. Nos espelhos

do outro lado, vi-me como pai, avô, bisavô. Vi minha esposa, Susan, como filha, neta, bisneta e, no outro lado, como mãe, avó e bisavó.

Nos espelhos da eternidade do templo, comecei a enxergar minha esposa e a mim mesmo tanto como filhos de nossos pais quanto como pais de nossos filhos, tanto como netos de nossos avós quanto como avós de nossos netos. As grandes lições da mortalidade se destilam sobre nossa alma ao





separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor”.¹⁷

Testifico humildemente: Deus vive. Ele “limpará de [nossos] olhos toda a lágrima”¹⁸ — exceto as lágrimas de alegria quando olharmos os espelhos da eternidade do templo e nos encontrarmos em casa, puros e imaculados, com nossas gerações familiares seladas pela autoridade do sacerdócio, cheios de amor, bradando: “Hosana, hosana, hosana”. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Efésios 2:19.
2. “Eu Gosto de Ver o Templo”, *Músicas para Crianças*, p. 99.
3. “Tema das Moças”, *Progresso Pessoal das Moças: Servir de Testemunhas de Deus*, livreto, 2009, p. 3.
4. “A Família: Proclamação ao Mundo”, *A Liahona*, outubro de 2004, última contracapa.
5. Ver Mosias 15:2.
6. Ver Alma 7:11–12.
7. Doutrina e Convênios 88:6; ver também Doutrina e Convênios 122:5–8.
8. Isaías 53:5.
9. Mateus 10:39.
10. Ver Alma 34:14.
11. Ver Doutrina e Convênios 20:77, 79.
12. Mosias 18:9.
13. Doutrina e Convênios 121:44.
14. “Da Corte Celestial”, *Hinos*, nº 114.
15. Ver Doutrina e Convênios 45:26; 88:91.
16. Doutrina e Convênios 1:30.
17. Romanos 8:38–39.
18. Apocalipse 21:4.

aprendermos e ensinarmos em nossos papéis eternos, que incluem o de filhos e pais, e de pais e filhos.

As escrituras descrevem nosso Salvador como “o Pai e o Filho”.⁵ Por ter vivido na carne e Se sujeitado à vontade do Pai, nosso Salvador sabe como nos socorrer — Seu povo — em nossas dores, aflições, tentações, enfermidades e até mesmo na morte.⁶ Por ter “[descido] abaixo de todas as coisas”,⁷ nosso Salvador pode tomar sobre Si nossas dores e carregar nossas tristezas. “Foi ferido por nossas transgressões, (...) moído por nossas iniquidades (...); pelas (...) pisaduras (...) [de nosso Salvador] fomos sarados.”⁸

Desde o conselho nos céus, nosso Salvador buscou apenas fazer a vontade de Seu Pai. Esse modelo do Pai e do Filho pode ajudar a explicar o paradoxo enunciado por Jesus: “quem perder a sua vida, por amor de mim, achá-la-á”.⁹ Mesmo bem-intencionado, o mundo busca seus próprios interesses. Mas não temos o poder de salvar a nós mesmos. *Ela, contudo, tem esse poder.* Infinita e eterna,¹⁰ somente a Expição de nosso Salvador transcende o tempo e a distância para vencer a morte, a ira, a amargura, a injustiça, a solidão e a desilusão.

Às vezes as coisas dão errado mesmo que façamos tudo a nosso

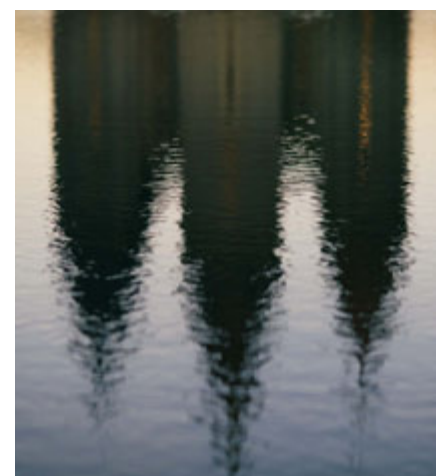
alcance. Cordeiro inocente e puro, nosso Salvador chora conosco e por nós. Se O recordarmos sempre,¹¹ Ele pode acompanhar-nos “em todos os momentos e em todas as coisas e em todos os lugares em que [nos encontremos]”.¹² Sua “fidelidade é mais forte que os laços da morte”.¹³ Ao atrair-nos para Si, o Salvador também nos atrai ao Pai Celestial. Embora algumas coisas sejam imperfeitas na Terra, podemos confiar que nosso Pai Celestial concederá com perfeição “perdão, justiça, redenção ao pobre pecador!”¹⁴

Algo miraculoso nas imagens que vislumbramos nos espelhos da eternidade do templo é que elas — isto é, nós — podem mudar. Quando Jean e Walter Gong fizeram o novo e eterno convênio, abriram as portas para que seus antepassados — como o primeiro honorável Gong — fosse selado e, para a posteridade, nascesse no convênio. Recordem sempre: ao ajudarmos cada irmão ou irmã, abençoamos gerações.

O mundo está conturbado,¹⁵ mas na “única igreja verdadeira e viva”¹⁶ há fé e não há temor. Nas palavras do Apóstolo Paulo, também testifico solenemente:

“Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida. (...)

Nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá





Élder Neil L. Andersen
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Nunca O Deixem

Se decidirem não ficar ofendidos ou envergonhados, vocês sentirão Seu amor e Sua aprovação. Saberão que estão tornando-se mais semelhantes a Ele.

Amadados irmãos e irmãs de todo o mundo, expresso minha profunda admiração pela fé e coragem que vejo em sua vida. Vivemos em uma época notável — mas também desafiadora.

O Senhor Alerta-nos sobre os Perigos Futuros

O Senhor não nos deixou sozinhos em nossa jornada de volta a Sua presença. Escutem Suas palavras de advertência sobre os perigos que enfrentaremos: “Olhai, vigiai e orai”.¹ “Acautelai-vos para que não vos enganem”.² “[Sede] diligentes e cuidadosos”.³ “Guardai-vos [para] que [não] (...) descaiais da vossa firmeza”.⁴

Nenhum de nós está imune às influências do mundo. O Senhor nos aconselha a estarmos atentos.

Lembrem-se do que aconteceu a Jesus em Cafarnaum, quando os discípulos que seguiam o Salvador deixaram de aceitá-Lo como Filho de Deus. Lemos nas escrituras: “Desde então muitos dos seus discípulos (...) já não andavam com ele”.⁵

Jesus voltou-Se aos Doze e perguntou: “Quereis vós também retirar-vos?”⁶

Quereis Vós Também Retirar-vos?

Em minha mente, respondi àquela pergunta muitas vezes: “De modo algum! Eu não! Jamais O deixarei! Estou contigo para sempre!” Sei que vocês responderam da mesma forma.

Mas a pergunta: “Quereis vós também retirar-vos?” faz-nos pensar em nossa própria vulnerabilidade. A vida não é fácil. As palavras dos apóstolos proferidas em outra ocasião, vêm-nos então à mente: “Porventura sou eu, Senhor?”⁷

Entramos nas águas do batismo com alegria e entusiasmo. O Salvador nos convida, dizendo “[vinde] a mim”,⁸ e aceitamos o convite com fé Nele, tomando sobre nós o Seu nome. Nenhum de nós deseja que essa jornada seja um breve flerte com a espiritualidade ou mesmo um capítulo extraordinário, porém finito. A trilha do discípulo não é para os que são espiritualmente tímidos. Jesus disse: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento”.⁹ “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me”.¹⁰

Seguir o Salvador, sem dúvida, traz consigo muitos desafios. Encaradas com fé, tais experiências refinam nosso espírito e aprofundam nossa conversão

à realidade do Salvador. Encaradas à maneira do mundo, essas mesmas experiências nos ofuscam a visão e enfraquecem nossa decisão. Alguns que amamos e admiramos se desviam do caminho estreito e apertado e “já não [andam] com ele”.

Como Permanecer Fiéis?

Como podemos manter-nos fiéis ao Salvador, a Seu evangelho e às ordenanças de Seu sacerdócio? Como podemos desenvolver a fé e a força para nunca deixá-Lo?

Jesus disse: “Se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus”.¹¹ Precisamos do humilde coração de uma criança.

Por meio do poder de Sua Expiação, temos que nos tornar “como uma criança, submisso, manso, humilde, paciente, cheio de amor, disposto a submeter-[nos] a tudo quanto o Senhor achar que [nos] deva infligir, assim como uma criança se submete a seu pai”.¹² Essa é a vigorosa mudança no coração.¹³

Logo percebemos por que essa mudança no coração é tão necessária. Duas palavras sinalizam o perigo à frente: As palavras são *ofendido* e *envergonhado*.

Decidir Não Se Sentir Ofendido

Aos que questionavam a divindade do Salvador, Jesus perguntou: “Isto escandaliza-vos?”¹⁴ Na parábola do semeador, Jesus advertiu: “[Ele persevera por algum tempo, porém], chegado a angústia e a perseguição, por causa da palavra, logo se ofende”.¹⁵

A ofensa vem com muitos disfarces e sempre consegue entrar em cena. As pessoas em quem acreditávamos nos decepcionam. Temos dificuldades imprevistas. Nossa vida não é exatamente o que esperávamos.



Cometemos erros, sentimo-nos indignos e perguntamo-nos se seremos perdoados. Temos dúvidas em relação a uma doutrina. Ouvimos algo que foi dito em um púlpito da Igreja há 150 anos e que nos deixa confusos. Nossos filhos são tratados de modo injusto. Somos ignorados ou menos-prezados. Podem ser mil coisas, todas muito reais para nós no momento em que acontecem.¹⁶

Em nossos momentos de fraqueza, o adversário procura despojar-nos de nossas promessas espirituais. Se não estivermos atentos, nosso espírito magoado e ingênuo voltará para dentro da couraça escura e fria do antigo ego inflado, deixando para trás a cálida e consoladora luz do Salvador.

Em 1835, quando Parley P. Pratt foi julgado injustamente, trazendo desonra para si e para sua família, o Profeta Joseph Smith aconselhou: “[Parley], (...) ignora essas coisas (...) [e] o Deus Todo-Poderoso estará contigo”.¹⁷

Outro exemplo: em 1830, Frederick G. Williams, um médico preeminente, foi batizado. Ele imediatamente dedicou seus talentos e sua prosperidade para a Igreja. Tornou-se um líder na Igreja. Doou propriedades para o Templo de Kirtland. Em 1837, na esteira das dificuldades ocorridas na época, Frederick G. Williams cometeu graves erros. O Senhor declarou em uma revelação dada em 1838 que “em consequência de [suas] transgressões,

[a] posição anterior [na liderança da Igreja] foi tirada [dele]”.¹⁸

A bela lição que aprendemos com Frederick G. Williams foi a de que “quaisquer que tenham sido suas fraquezas pessoais, ele teve força de caráter para [renovar] sua lealdade com o [Senhor], com o Profeta e (...) com a Igreja, quando teria sido muito fácil entregar-se ao ressentimento”.¹⁹ Na primavera de 1840, ele compareceu a uma conferência geral, pediu humildemente perdão por sua conduta anterior e expressou sua determinação de fazer a vontade de Deus no futuro. Seu caso foi apresentado por Hyrum Smith, e ele foi inteiramente perdoado. Faleceu como membro fiel da Igreja.

Conheci recentemente o presidente do Templo de Recife Brasil, que se chama Frederick G. Williams. Ele contou como a nobre decisão de seu trisavô abençoou a família e centenas de pessoas da sua posteridade.

Decidir Não Se Sentir Envergonhado

Ofendido tem um companheiro destrutivo chamado *envergonhado*.

No Livro de Mórmon, lemos sobre a visão de Leí da árvore da vida. A visão fala das nobres almas que “[avançaram com esforço] (...) através da névoa de escuridão, [apegadas] à barra de ferro, até que chegaram e comeram do fruto da árvore”.²⁰

Néfi descreveu a árvore como o “amor de Deus”,²¹ dando frutos que

“[enchiam] a alma de imensa alegria”.²²

Depois de provar do fruto, Leí viu “um grande e espaçoso edifício (...) cheio de gente, tanto velhos como jovens, tanto homens como mulheres; e suas vestimentas eram muito finas; e sua atitude era de escárnio e apontavam o dedo para aqueles que (...) comiam do fruto”.²³ O anjo explicou que a zombaria e a atitude de escárnio representavam o orgulho e a sabedoria do mundo.²⁴

Néfi declarou simplesmente: “Não lhes demos atenção”.²⁵

Infelizmente, houve quem perdesse a coragem. Lemos nas escrituras: “E os que haviam experimentado do fruto ficaram *envergonhados*, por causa dos que zombavam deles, e desviaram-se por caminhos proibidos e perderam-se”.²⁶

Em muitos aspectos, como discípulos de Cristo, somos diferentes do mundo. Há momentos em que nos sentimos incomodados com a atitude de escárnio e desprezo por coisas que nos são sagradas.²⁷ O Presidente Thomas S. Monson advertiu-nos: “A menos que as raízes de seu testemunho estejam firmemente plantadas, será difícil para vocês suportarem o escárnio das pessoas que desafiam





sua fé”.²⁸ Néfi disse: “Não lhes demos atenção”.²⁹ Paulo admoestou: “Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor (...). Portanto, não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor”.³⁰ Nunca O deixaremos.

Enquanto acompanhava o Presidente Dieter F. Uchtdorf em sua viagem à Europa Oriental, no ano passado, maravilhei-me com a fé e a coragem dos santos. Um líder do sacerdócio da Ucrânia nos contou que foi chamado para presidente de ramo na primavera de 1994, apenas seis meses após seu batismo. Isso exigiu que ele tornasse sua religião de conhecimento público e ajudasse a registrar a Igreja na Cidade de Dnipropetrovsk. Era uma época de incertezas na Ucrânia, e o fato de ele expressar publicamente sua fé em Cristo e no evangelho restaurado poderia resultar em problemas, inclusive a perda de seu emprego como piloto.

O líder do sacerdócio nos contou: “Orei e orei. Eu tinha um testemunho e havia feito um convênio. Eu sabia o que o Senhor queria que eu fizesse”.³¹ Com coragem, ele e a esposa foram

adiante, sem envergonhar-se do evangelho de Jesus Cristo.

A Quem Muito É Dado, Muito É Requerido

Alguns podem perguntar: “Tenho que ser tão diferente dos outros?” “Não posso ser discípulo de Cristo e não pensar tanto em meu comportamento?” “Não posso amar Cristo sem cumprir a lei da castidade?” “Não posso amá-Lo e fazer o que eu quiser no domingo?” Jesus deu uma resposta bem simples: “Se me amais, guardai os meus mandamentos”.³²

Alguns podem perguntar: “Não há muitas pessoas de outras religiões que amam a Cristo?” É claro que sim! Contudo, como membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, tendo o testemunho de Sua realidade, não apenas da Bíblia, mas também do Livro de Mórmon, sabendo que Seu evangelho foi restaurado na Terra, tendo feito convênios sagrados de segui-Lo e tendo recebido o dom do Espírito Santo, tendo sido investidos com poder em Seu santo templo e fazendo parte dos preparativos para Seu glorioso retorno à Terra, não

podemos comparar o que devemos ser com o que devem ser aqueles que ainda não receberam essas verdades: “Porque a quem muito é dado, muito é exigido”.³³

O Senhor disse: “Podes escolher segundo tua vontade”.³⁴

Prometo-lhes que, se decidirem não ficar ofendidos ou envergonhados, vocês sentirão Seu amor e Sua aprovação. Saberão que estão tornando-se mais semelhantes a Ele.³⁵

Será que compreenderemos todas as coisas? É claro que não. Deixaremos algumas questões de lado para serem compreendidas mais tarde.

Tudo será justo? Não será. Aceitaremos algumas coisas que não podemos consertar e perdoaremos as pessoas mesmo quando for difícil.

Será que em algumas ocasiões nos sentiremos isolados dos outros ao nosso redor? Sem dúvida alguma.

Será que às vezes ficaremos atônitos com a raiva que uns poucos sentem pela Igreja do Senhor e com o empenho deles em destruir a fé hesitante daqueles que estão fracos?³⁶ Ficaremos, sim. Mas isso não atrapalhará o crescimento ou o destino da Igreja,

tampouco impedirá o progresso espiritual de cada um de nós, como discípulos do Senhor Jesus Cristo.

Nunca Deixá-Lo

Adoro a letra de um hino que amamos:

*“A alma que em Cristo confiante
repousar,
A seus inimigos não há de se entregar.
Embora o inferno a queira destruir
Deus nunca, oh, nunca, Deus nunca,
oh, nunca,
Deus nunca, oh, nunca, o há de
permitir.”³⁷*

A perfeição não é alcançada nesta vida, mas exercemos fé no Senhor Jesus Cristo e guardamos nossos convênios. O Presidente Monson prometeu: “Seu testemunho, se for constantemente nutrido, vai mantê-[los] em

segurança”.³⁸ Aprofundamos nossas raízes espirituais ao banquetear-nos diariamente nas palavras de Cristo que estão nas escrituras. Confiamos nas palavras dos profetas vivos, que foram colocados diante de nós para mostrar-nos o caminho. Oramos e oramos, e ouvimos a serena voz do Espírito Santo que nos conduz e nos traz paz à alma. Sejam quais forem os desafios, nunca, oh, nunca O deixaremos.

O Salvador perguntou a Seus apóstolos: “Quereis vós também retirar-vos?”³⁹

Pedro respondeu:
“Senhor, para quem iremos nós?
Tu tens as palavras da vida eterna.

E nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo, o Filho do Deus vivente”.⁴⁰

Eu também tenho esse testemunho, do qual testifico em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Marcos 13:33.
2. Doutrina e Convênios 46:8.
3. Doutrina e Convênios 42:76.
4. II Pedro 3:17.
5. João 6:66.
6. João 6:67.
7. Mateus 26:22.
8. 3 Néfi 9:14.
9. Mateus 22:37.
10. Marcos 8:34.
11. Mateus 18:3; ver também Marcos 10:15; Lucas 18:17; 3 Néfi 9:22; 11:37–38.
12. Mosias 3:19.
13. Ver Alma 5:14.
14. João 6:61.
15. Mateus 13:21.
16. Ver David A. Bednar, “E para Eles Não Há Tropeço”, *A Liahona*, novembro de 2006, p. 89.
17. Joseph Smith, em *Autobiography of Parley P. Pratt*, ed. Parley P. Pratt Jr., 1938, p. 118.
18. *History of the Church*, vol. 3, p. 46, nota de rodapé.
19. Frederick G. Williams, “Frederick Granger Williams of the First Presidency of the Church”, *BYU Studies*, vol. 12, nº 3, 1972, p. 261.
20. 1 Néfi 8:24.
21. 1 Néfi 11:25.
22. 1 Néfi 8:12.
23. 1 Néfi 8:26–27; ver também v. 33.
24. Ver 1 Néfi 11:35–36; 12:18–19.
25. 1 Néfi 8:33.
26. 1 Néfi 8:28; grifo do autor.
27. O Presidente Boyd K. Packer disse: “Em boa parte por causa da televisão [e da Internet], em vez de estarmos olhando de fora para aquele edifício espaçoso, na verdade estamos morando dentro dele” (Boyd K. Packer, *A Liahona*, agosto de 2010, p. 27).
28. No mesmo discurso, o Presidente Thomas S. Monson disse: “O grande e espaçoso edifício da visão de Leí representa as pessoas do mundo que zombam da palavra de Deus e ridicularizam os que a aceitam, que amam o Salvador e cumprem os mandamentos” (Thomas S. Monson, “Tenham Coragem”, *A Liahona*, maio de 2009, p. 123).
29. 1 Néfi 8:33.
30. II Timóteo 1:7–8.
31. De uma conversa pessoal e de um trecho traduzido da história pessoal contada por Alexander Davydov, gravado em 16 de julho de 2010.
32. João 14:15.
33. Doutrina e Convênios 82:3.
34. Moisés 3:17.
35. Ver 1 Néfi 19:9.
36. Ver 2 Néfi 28:20.
37. “Que Firme Alicerce”, *Hinos*, nº 42.
38. Thomas S. Monson, *A Liahona*, maio de 2009, p. 126.
39. João 6:67.
40. João 6:68–69.





Élder Richard G. Scott
Do Quórum dos Doze Apóstolos

O Poder Transformador da Fé e do Caráter

Uma vida consistente e reta produz uma força interior que pode ser permanentemente resistente à influência corrosiva do pecado e da transgressão.

Quando a fé é devidamente compreendida e utilizada, ela tem repercussões drasticamente abrangentes. Tal fé pode mudar a vida de uma pessoa, transformando seu cotidiano melancólico em uma sinfonia de alegria e felicidade. O exercício da fé é essencial ao plano de felicidade do Pai Celestial. Mas a verdadeira fé que leva à salvação centraliza-se no Senhor Jesus Cristo, fé em Suas doutrinas e em Seus ensinamentos, fé na orientação profética do unguido do Senhor, fé na capacidade de descobrir características e peculiaridades ocultas que podem transformar a vida. De fato, a fé no Salvador é um princípio de ação e poder.

A fé é um tijolo fundamental do edifício da criação. Tenho certeza de que o Salvador Jesus Cristo utiliza a fé em Sua capacidade de agir sob a direção do Pai Celestial. O Mestre a usou para criar as galáxias mais remotas e também para compor os quarks, os menores elementos da matéria conhecidos atualmente. Mas acredito que existam tijolinhos ainda menores na maravilha da criação.

A fé no futuro é demonstrada pelo casal que é selado no templo. Eles sabem que, por meio da obediência aos ensinamentos de Jesus Cristo e ao plano de felicidade de nosso Pai Celestial, podem ter uma vida feliz juntos. Reconhecem que, quando surgirem desafios que são oportunidades de crescimento, encontrarão, com a inspiração do Espírito Santo, meios de vencê-los de um modo que lhes seja produtivo e que lhes edifique o caráter.

A fé e o caráter estão intimamente relacionados. A fé no poder da obediência aos mandamentos de Deus forja uma força de caráter que estará disponível nos momentos de urgente necessidade. Esse caráter não se desenvolve em momentos de grande desafio ou tentação. É nessa ocasião que ele deve ser utilizado. Seu exercício da fé em princípios verdadeiros edifica o caráter. Um caráter fortalecido aumenta sua capacidade de exercer mais fé. Consequentemente, sua capacidade e confiança de vencer as provações da vida são ampliadas. Quanto mais seu caráter for fortalecido, mais capaz você será

de beneficiar-se com o exercício do poder da fé. Você descobrirá como a fé e o caráter interagem entre si para fortalecerem-se mutuamente. O caráter é tecido pacientemente com fios de obediência, de doutrina e de princípios postos em prática.

O Presidente Hugh B. Brown disse: “Sempre que existem grandes valores espirituais que possam ser adquiridos pelo homem, somente a fé pode adquiri-los. O homem não pode viver sem fé porque na aventura da vida o problema central é a edificação do caráter — que não é um produto da lógica, mas, sim, da fé em ideais e na devoção sacrificada a esses ideais” (*Conference Report*, outubro de 1969, p. 105). Exercemos fé agindo. Joseph Smith disse que “fé [é] o princípio da ação e do poder” (*Lectures on Faith*, 1985, p. 72).

Para tornar-nos quem desejamos ser temos que ser constantemente, a cada dia, a pessoa em quem desejamos nos tornar. O caráter justo é uma manifestação preciosa da pessoa em quem você está-se tornando. O caráter justo é mais valioso do que qualquer objeto material que você possua, qualquer conhecimento adquirido pelo estudo ou qualquer meta alcançada, por mais que a humanidade o louve por essas coisas. Na vida futura, seu caráter justo será julgado para avaliar como você utilizou o privilégio da mortalidade.

Nem Satanás nem qualquer outro poder é capaz de destruir ou diminuir seu caráter em crescimento. Somente você pode fazê-lo por meio da desobediência. Um caráter firme é convertido em cinzas sem valor se for corroído pela falsidade ou transgressão.

Um forte caráter moral resulta de uma série constante de escolhas corretas nas provações e nos testes da vida. Essas escolhas são feitas com confiança em nossas crenças e que



são confirmadas, quando agimos de acordo com elas.

Quais são alguns dos princípios de poder sobre os quais se baseia a fé?

- Confiança em Deus e em Sua disposição de ajudar quando necessário, por mais desafiadora que seja a situação.
- Obediência a Seus mandamentos e uma vida que demonstre que Ele pode confiar em você.
- Sensibilidade aos serenos sussurros do Santo Espírito.
- Implementação corajosa dessa inspiração.
- Paciência e compreensão quando Deus permite que você passe por dificuldades a fim de crescer e quando as respostas chegam aos poucos, ao longo de muito tempo.

“Fé são coisas que se esperam, mas não se veem; portanto, não disputeis porque não vedes, porque não recebeis testemunho senão depois da prova

de vossa fé” (Êter 12:6). Portanto, toda vez que você prova sua fé — ou seja, age dignamente para pôr em prática a inspiração que teve — você recebe a comprovação do Espírito. Depois que caminhar até o limite de sua compreensão para dentro da penumbra da incerteza, exercendo fé, você será conduzido de modo a encontrar soluções que não obteria de outra forma. Mesmo que você exerça sua fé mais forte, Deus nem sempre vai recompensá-lo imediatamente de acordo com seus desejos. Em vez disso, Deus responderá com o que é melhor para você no plano eterno Dele, no momento em que isso for mais vantajoso para você. Seja grato quando, às vezes, Deus deixa que você se debata por um longo tempo, antes que a resposta chegue. Isso faz com que sua fé aumente e que seu caráter seja fortalecido.

O alicerce do caráter é a integridade. Um caráter digno fortalece sua capacidade de reconhecer a orientação do Espírito e de ser obediente

a ela. Seu constante exercício da fé edifica um caráter forte. Um firme alicerce para seu caráter em crescimento é estabelecido quando você faz com que Jesus Cristo e Seus ensinamentos sejam o ponto central de sua vida.

Sua felicidade na Terra, bem como sua salvação eterna, exigem muitas decisões corretas, e nenhuma delas é difícil de ser tomada. Em conjunto, essas decisões forjam um caráter resistente às influências corrosivas do pecado e da transgressão. Um caráter nobre é como uma porcelana preciosa feita de matéria prima selecionada, produzida com fé, cuidadosamente moldada por constantes atos justos e refinada na fornalha da experiência edificante. É um objeto de grande beleza e de valor inestimável. Mas ele pode ser danificado num instante por meio da transgressão, sendo exigido um esforço doloroso e prolongado para reconstruí-lo. Se for protegido pelo autocontrole, o caráter justo perdura por toda a eternidade.

As coisas materiais por si só não produzem a felicidade, a satisfação e a alegria da realização na Terra. Tampouco nos conduzem à exaltação. É a nobreza de caráter, aquele tecido de força interior e convicção confeccionado com incontáveis decisões justas, que dá direção à vida. Uma vida consistente e reta produz uma força interior que pode ser permanentemente resistente à influência corrosiva do pecado e da transgressão. Sua fé em Jesus Cristo e a obediência a Seus mandamentos fortalecem seu caráter. Seu caráter é uma medida de quem você está-se tornando. É a evidência de como você está usando seu tempo na Terra neste período de provação mortal.

Um axioma que todos compreendemos é o de que você colhe o que planta. Isso também se aplica às questões espirituais. Você colhe o que

planta em obediência, em fé em Jesus Cristo e na aplicação diligente das verdades que aprende. O que você colhe é um caráter bem formado, uma capacidade maior e o cumprimento bem-sucedido do seu propósito mortal de ser provado e de ter alegria.

Você não pode ser passivo na vida, senão, com o tempo, o homem natural vai enfraquecer seu empenho em viver dignamente. Você se torna aquilo que faz e aquilo em que pensa. A falta de caráter faz com que a pessoa sob pressão satisfaça seu apetite ou busque obter vantagem pessoal. Não é possível fortalecer um caráter fraco com o manto do fingimento.

Com o tempo, é praticamente garantido que a pessoa que toma decisões que dependem da situação cometa transgressões graves. Não há uma barra de ferro da verdade para manter essa pessoa no caminho certo. Ela se deparará continuamente com muitas tentações sutis para desviar-se

dos mandamentos. Essas escolhas são justificadas argumentando-se que não são más, que são mais socialmente aceitáveis e que proporcionam um número maior de amigos. Uma pessoa esperta, sem um alicerce de princípios, pode às vezes, temporariamente, alcançar realizações impressionantes; mas essas realizações são como um castelo de areia. Quando chega o teste de caráter, desaba, geralmente levando outros consigo. Por mais que o transgressor, cuidadosamente, tente manter oculta a violação dos mandamentos, com o tempo, quase sempre ela se torna de conhecimento público. O próprio Satanás cuida para que isso aconteça. Ele e seus subalternos estão determinados a causar o maior dano possível a cada um dos filhos do Pai Celestial. Um grave ato de desobediência ou quebra de confiança levanta dúvidas sobre a existência ou não de outros atos questionáveis. A fé e a confiança das pessoas no caráter daquela pessoa ficam abaladas.

Esta vida mortal é um campo de testes. O modo pelo qual você enfrenta os desafios determina sua força de caráter. Sua fé em Jesus Cristo e em Seus ensinamentos fortalece seu caráter.

Verifiquei pessoalmente que conceitos como fé, oração, amor e humildade não têm grande significado nem produzem milagres até que se tornem parte viva de nós por meio de nossa própria experiência, com a ajuda dos doces sussurros do Santo Espírito. Na juventude, descobri que podia aprender intelectualmente os ensinamentos do evangelho e, pelo poder do raciocínio e da análise, reconhecer que tinham um valor significativo. Mas seu imenso poder de elevar-me para além dos limites de minha imaginação e capacidade não se tornou realidade até que a prática constante e paciente permitisse que o Santo Espírito destilasse e ampliasse seu significado em meu coração. Descobri que ao servir sinceramente às pessoas, Deus forjou meu caráter pessoal. Ele gerou em mim a crescente capacidade de reconhecer a orientação do Espírito. A característica marcante do plano do evangelho é que ao fazermos as coisas que o Senhor nos aconselhou a fazer, recebemos toda compreensão e toda capacidade necessárias para termos paz e plena realização nesta vida. Da mesma forma, recebemos a preparação necessária para a felicidade eterna na presença do Senhor.

O testemunho é fortalecido por impressões espirituais que confirmam a validade de um ensinamento, de um ato justo. Frequentemente, essa orientação se faz acompanhar de emoções vigorosas que trazem lágrimas aos olhos e dificultam a fala. Mas um testemunho não é emoção. É a própria essência do caráter que se forma pela somatória de incontáveis decisões corretas. Essas escolhas são feitas com a fé confiante nas coisas em



que acreditamos e que, ao menos no princípio, não são visíveis. Um testemunho forte traz-nos paz, consolo e certeza. Ele gera a convicção de que, se os ensinamentos do Salvador forem constantemente cumpridos, a vida será bela, o futuro será seguro e teremos capacidade de vencer os desafios com os quais nos depararmos pelo caminho. O testemunho cresce com a compreensão da verdade, destilado por meio da oração e da reflexão sobre a doutrina contida nas escrituras. Ele é nutrido pela aplicação prática dessas verdades com uma fé alicerçada na segura confiança de que os resultados prometidos serão obtidos.

Seu testemunho se fortalecerá pela obediência de boa vontade à lei do dízimo e pela doação das ofertas de jejum, e o Senhor vai abençoá-lo ricamente por isso. À medida que seu testemunho se fortalecer, Satanás vai-se empenhar ainda mais em tentá-lo. Resista ao empenho dele. Você se tornará mais forte, e a influência dele sobre você se enfraquecerá.

Foi permitido que Satanás tivesse uma influência crescente no mundo para prover-nos um ambiente no qual pudéssemos ser postos à prova. Embora esteja causando muitos estragos hoje, o destino final de Satanás foi determinado por Jesus Cristo por meio de Sua Expição e da Ressurreição. O diabo não vai triunfar. Mesmo agora, ele precisa agir dentro dos limites estabelecidos pelo Senhor. Ele não nos pode roubar nenhuma bênção que foi conquistada. Não pode alterar o caráter que foi formado por decisões justas. Não tem poder para destruir os laços eternos forjados no templo sagrado entre marido, mulher e filhos. Não pode apagar a verdadeira fé. Não pode tirar de nós o nosso testemunho. Sim, essas coisas podem ser perdidas quando sucumbimos a suas tentações;



Dublin, Irlanda

mas ele não tem poder em si ou por si mesmo para destruí-las.

Resumindo:

- Deus usa sua fé para moldar seu caráter.
- O caráter é a manifestação daquilo em que você está-se tornando.
- Um caráter forte é fruto de escolhas corretas e consistentes.
- O alicerce do caráter é a integridade.
- Quanto mais o seu caráter for fortalecido, mais habilitado você estará para exercitar o poder da fé.

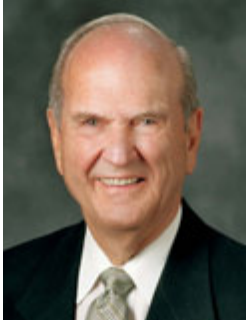
A humildade é a qualidade que nos permite ser ensinados do alto por meio do Espírito ou ser ensinados por fontes cuja origem foi a inspiração do Senhor, como as escrituras e as palavras dos profetas. A humildade é o precioso e fértil solo do caráter justo. Nela, as sementes do crescimento pessoal germinam. Se forem cultivadas por meio do exercício da fé, podadas pelo arrependimento e fortalecidas pela obediência e pelas boas obras, essas sementes produzem os muito apreciados frutos da orientação espiritual. Disso resultam a inspiração e o poder divinos: inspiração que nos dá a conhecer a vontade do Senhor, poder que nos dá a capacidade de cumprir essa vontade inspirada.

Gostaria de compartilhar quatro princípios que me trouxeram os mais profundos sentimentos de paz e felicidade em minha vida. O Senhor

estabeleceu essas quatro pedras de esquina de Seu plano eterno, e cada uma delas é essencial. Todas trabalham juntas em harmonia para consolidarem-se mutuamente. Se forem aplicadas com diligência e constância, elas produzem força de caráter, aumentando nossa capacidade de converter os desafios da vida em trampolins para a felicidade, agora e para sempre. Elas são:

- Fé no Senhor Jesus Cristo e em Seu programa para alcançar o pleno potencial.
- Arrependimento para corrigir as consequências dos erros de omissão ou dos erros cometidos.
- Obediência aos mandamentos do Senhor que nos proporciona força e orientação na vida.
- Serviço abnegado para enriquecer a vida de outras pessoas.

Se você tomou a firme decisão de viver de modo justo, não desanime. A vida pode parecer difícil agora, mas agarre-se firmemente à barra de ferro da verdade. Você está progredindo mais do que imagina. Suas dificuldades estão definindo seu caráter, disciplina e confiança nas promessas de seu Pai Celestial e do Salvador, se estiver obedecendo constantemente a Seus mandamentos. Que o Espírito Santo o inspire sempre a tomar decisões que lhe fortaleçam o caráter e que lhe proporcionem muita alegria e felicidade. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■



Élder Russell M. Nelson

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Sê o Exemplo dos Fiéis

Tanto os missionários de tempo integral quanto os membros, todos devemos ser um bom exemplo de pessoas que acreditam em Jesus Cristo.

Caros irmãos, estamos hoje reunidos em muitos lugares no mundo inteiro. Temos entre nós os excelentes missionários de tempo integral. Gostaria de pedir a todos os missionários de tempo integral que se levantem. Onde quer que estejam, élderes e presidências de missão, fiquem de pé. Queremos agradecer a cada um de vocês! Muito obrigado! Amamos vocês! Podem sentar-se.

De tempos em tempos precisamos lembrar-nos da razão de termos missionários. É por causa de um mandamento do Senhor, que disse:

“Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”.¹

Esse mandamento é um dos muitos que foram renovados devido à restauração do evangelho de Jesus Cristo em sua plenitude. Os missionários de agora trabalham exatamente como nos tempos do Novo Testamento. O livro de Atos descreve a obra missionária realizada na Antiguidade pelos apóstolos e outros discípulos do Senhor após

Seu ministério mortal. Nele, lemos a história da notável conversão e do batismo de Saulo de Tarso,² que antes “[respirava] ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor”³ e perseguia os membros da Igreja, quando esta ainda estava em seus primórdios. Com esse histórico, Saulo converteu-se e tornou-se Paulo, um dos maiores missionários do Senhor. Os últimos quinze capítulos do livro de Atos relatam o trabalho missionário realizado por Paulo e seus companheiros.

Em carta a um de seus companheiros mais chegados, Paulo escreveu a Timóteo: “Ninguém despreze a tua mocidade; mas *sê o exemplo dos fiéis,*

na palavra, no trato, no amor, no espírito, na fé, na pureza”.⁴ Esse conselho é tão válido para nós, hoje, quanto naquela época. Ele se aplica aos missionários de tempo integral; aplica-se igualmente a cada membro da Igreja. Tanto os missionários de tempo integral quanto os membros, todos devemos ser um bom exemplo de pessoas que acreditam em Jesus Cristo.

Missionários de Tempo Integral

Há missionários de tempo integral (mais de 52 mil) servindo em 340 missões em todo o mundo. Eles acreditam no Senhor e são Seus servos dedicados. Seu propósito é “convidar as pessoas a achegarem-se a Cristo, ajudando-as a receber o evangelho restaurado por meio da fé em Jesus Cristo e em Sua Expição, do arrependimento, do batismo, de se receber o dom do Espírito Santo e de perseverar até o fim”.⁵

Tal como Timóteo, a maioria dos missionários de tempo integral são jovens. Existem algumas irmãs e alguns missionários de mais idade. Amamos cada um de vocês! Os missionários trabalham para fazer com que a vida dos filhos de Deus seja melhor. O Pai Celestial ama a cada um de Seus filhos, afinal de contas, Ele é o Pai! Ele quer abençoá-los com o maior de Seus dons, o dom da vida

Auckland, Nova Zelândia



eterna.⁶ É isso que os missionários ensinam em todos os lugares. Eles ajudam as pessoas a desenvolverem a fé no Senhor, arrependem-se, serem batizadas, receberem o Espírito Santo e as ordenanças do templo, e perseverarem fielmente até o fim. A obra e glória de Deus, “levar a efeito a imortalidade e vida eterna do homem”,⁷ também é a obra sagrada e a glória de cada missionário.

Precisamos de mais missionários — de mais missionários dignos. Em seu ministério terreno, o Senhor disse a Seus discípulos: “Grande é, em verdade, a seara, mas os obreiros são poucos; rogai, pois, ao Senhor da seara que envie obreiros para a sua seara”.⁸

Na sessão desta manhã da conferência geral, nosso querido Presidente Thomas S. Monson fez um apelo ardoroso a cada rapaz da Igreja para que se prepare para o serviço missionário. Espero que em cada lar da Igreja se dê ouvidos integralmente a essa sua mensagem.

Presto meu testemunho do conselho sábio do Presidente Monson. Em minha família observei as bênçãos que cada missionário recebe. Até agora, entre nossos filhos, netos e seus cônjuges, um total de 49 pessoas foram chamadas para servir no campo missionário, em tempo integral, e esse número continua a crescer. Em cada caso, vi o aumento da sabedoria, da maturidade no discernimento e da fé vicejante que se desenvolveu em cada missionário. Eles, assim como os das muitas gerações que os precederam, embarcaram no serviço de Deus para servi-Lo de todo o coração, poder, mente e força.⁹ O serviço missionário ajudou a moldar seu destino eterno.

Membros Missionários

O conselho de Paulo, “sê o exemplo dos fiéis”, aplica-se igualmente aos

membros. Em sua maioria, eles nunca foram e talvez nunca venham a ser missionários de tempo integral, mas todos podem ser membros missionários. Isso me lembra de um acontecimento engraçado: em uma ampla quadra de um centro de treinamento missionário havia um aviso que dizia: “Só para missionários!” As pessoas que queriam jogar na quadra colocaram outro cartaz, que dizia: “Todo Membro É um Missionário!”

Todo membro pode ser um exemplo para os fiéis. Irmãos, como seguidores de Jesus Cristo, cada um de vocês pode viver de acordo com Seus ensinamentos. Vocês podem ter o “coração puro” e as “mãos limpas”, podem ter a “imagem de Deus gravada em [seu] semblante”.¹⁰ Suas boas obras serão evidentes para as pessoas.¹¹ A luz do Senhor pode iluminar seus olhos¹² e, por causa dessa luz, é melhor se prepararem para responder a perguntas. O Apóstolo Pedro aconselhou: “estai sempre preparados para responder (...) a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós”.¹³

Que a sua resposta seja calorosa e cheia de alegria, e que seja especificamente relevante para cada pessoa. Lembrem-se de que cada pessoa é um filho de Deus, desse mesmo Deus que quer muito que ela se qualifique para receber a vida eterna e voltar a estar com Ele um dia. Talvez seja você a pessoa que lhe abrirá a porta para a salvação e a compreensão da doutrina de Cristo.¹⁴

Depois dessa primeira resposta, estejam preparados para dar o próximo passo. Vocês podem convidar esse amigo a ir à Igreja com vocês. Muitos de nossos amigos não sabem que sua presença é bem-vinda nos prédios da Igreja. “Vinde, e vede” foi o convite do Salvador àqueles que queriam saber mais a Seu respeito.¹⁵

Um convite para ir a uma reunião de domingo com vocês, ou para participar de uma atividade recreativa ou de serviço pode ajudar a dissipar mitos errôneos e a fazer com que os visitantes se sintam mais à vontade entre nós.

Como membros da Igreja, estendam a mão àqueles a quem não conhecem e cumprimentem-nos calorosamente. Todos os domingos, estendam a mão amiga a pelo menos uma pessoa que ainda não conheçam. Todos os dias de sua vida, empenhem-se em ampliar seu círculo de amigos.

Vocês podem convidar um amigo a ler o Livro de Mórmon. Expliquem-lhe que não se trata de um romance nem de um livro de história, mas que é um outro testamento de Jesus Cristo e que seu objetivo é o de “convencer os judeus e os gentios de que Jesus é o Cristo, o Deus Eterno, que se manifesta a todas as nações”.¹⁶ Esse livro tem o poder de tocar o coração e edificar a vida de quem honestamente procura a verdade. Sugiram a seu amigo que o leia em espírito de oração.

O Profeta Joseph Smith disse que “o Livro de Mórmon era o mais correto de todos os livros da Terra e a pedra fundamental de nossa religião; e que seguindo seus preceitos o homem se aproximaria mais de Deus do que seguindo os de qualquer outro livro”.¹⁷ O Livro de Mórmon trata da Expição de Jesus Cristo e é o instrumento pelo qual Deus cumprirá a promessa, que fez na Antiguidade, de coligar Israel nos últimos dias.¹⁸

Há muitos anos dois colegas meus — uma enfermeira e seu marido (que era médico) — perguntaram-me por que eu vivia da forma que vivia. Respondi: “Porque sei que o Livro de Mórmon é verdadeiro”. Emprestei a eles meu exemplar do livro e sugeri que o lessem. Uma semana depois, eles devolveram o livro com um



Dublin, Irlanda

educado “muito obrigado”.

Repliquei: “Que história é essa de ‘muito obrigado’? Isso não é resposta de quem leu esse livro. Vocês não o leram, não é? Por favor, levem-no de volta e leiam; aí, sim, podem devolver o livro”.

Admitindo que só haviam folheado o livro, concordaram em lê-lo. Quando voltaram, disseram em lágrimas: “Lemos o Livro de Mórmon. Sabemos que é verdadeiro! Queremos saber mais”. Eles foram ensinados e eu tive o privilégio de batizar os dois.

Outra maneira de proclamarem o evangelho é convidar amigos a irem a sua casa para falar com os missionários de tempo integral. Esses missionários foram chamados e preparados para ensinar o evangelho. Seus amigos, no conforto de sua casa e com seu apoio constante, podem começar a jornada para a salvação e exaltação. O Senhor disse: “Sois chamados para efetuardes a reunião de meus eleitos; pois meus eleitos ouvem minha voz e não endurecem o coração”.¹⁹

As escrituras dizem que “existe muita gente na Terra (...) que só está afastada da verdade por não saber onde encontrá-la”.²⁰ Não é essa a sua oportunidade? Vocês podem ser os discípulos que os levarão à grande descoberta!

Nos dias de hoje, com a Internet, há muitas maneiras interessantes de fazer a obra missionária. Vocês podem convidar os amigos e vizinhos para conferirem o novo site mormon.org.

Caso tenham blogs ou redes de relacionamento, podem incluir atalhos para esse site. E no mormon.org, podem criar seu próprio perfil. Cada perfil inclui uma declaração de crenças, uma experiência e um testemunho. Como esse é um recurso novo, a maioria desses perfis só existe em inglês, mas logo haverá perfis em outros idiomas.

Esses perfis podem ter grande influência para o bem. Há dois meses, um rapaz chamado Zac (aluno do primeiro ano da faculdade) viu um anúncio do mormon.org na televisão em Baton Rouge, na Louisiana. Ele entrou no site e ficou intrigado com o perfil dos membros da Igreja. No nosso site ele encontrou um atalho que o informava onde havia uma capela da Igreja. No domingo seguinte, de camisa branca e gravata, ele foi à Igreja, foi apresentado aos membros da ala e assistiu a todas as reuniões. Convidaram-no para almoçar na casa de um membro e, em seguida, ele participou da primeira lição dos missionários. Em menos de duas semanas ele foi batizado e confirmado membro da Igreja.²¹ Bem-vindo, Zac! (Ele está ouvindo.)

Todo seguidor exemplar de Jesus Cristo pode tornar-se um membro missionário eficaz. Os membros e os missionários de tempo integral podem dar as mãos no trabalho de proporcionar as bênçãos do evangelho a amigos e vizinhos queridos. Muitos deles são

filhos de Israel, que agora estão sendo coligados como prometido. Tudo isso faz parte da preparação para a Segunda Vinda do Senhor.²² Ele quer que cada um de nós seja verdadeiramente o exemplo dos fiéis.

Sei que Deus vive. Jesus é o Cristo. Esta é a Sua Igreja. O Livro de Mórmon é verdadeiro. Joseph Smith o traduziu e é o profeta desta última dispensação. O Presidente Thomas S. Monson é o profeta de Deus hoje. Presto testemunho disso no sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Mateus 28:19–20.
2. Ver Atos 9:3–18.
3. Atos 9:1.
4. I Timóteo 4:12; grifo do autor.
5. *Pregar Meu Evangelho: Guia para o Serviço Missionário*, 2004, p. 1.
6. Ver Doutrina e Convênios 14:7.
7. Moisés 1:39.
8. Lucas 10:2.
9. Ver Doutrina e Convênios 4:2.
10. Alma 5:19.
11. Ver Mateus 5:16; Alma 7:24.
12. Ver Doutrina e Convênios 88:11.
13. I Pedro 3:15.
14. Ver 2 Néfi 31:2, 21.
15. João 1:39. Para esse padrão, ver também Apocalipse 6:1, 3, 5, 7.
16. Livro de Mórmon, página de rosto.
17. Livro de Mórmon, introdução.
18. Ver 3 Néfi 21:1–7. Observem que esses sete versículos formam uma única sentença.
19. Doutrina e Convênios 29:7.
20. Doutrina e Convênios 123:12.
21. Comunicação pessoal de William G. Woods, presidente da Missão Louisiana Baton Rouge.
22. Ver Malaquias 4:5; 3 Néfi 25:5; Doutrina e Convênios 2:1; 110:14–16; 128:17; 138:46; Joseph Smith—História 1:38.



Élder Patrick Kearon
Dos Setenta

“Vinde a Mim com Toda a Sinceridade de Coração e Eu Irei Curá-los”

Nosso Salvador é o Príncipe da Paz, o grande Médico, o Único que realmente pode purificar-nos da picada do pecado.

Gostaria hoje de transmitir uma mensagem de consolo e cura para todos os que se sentem solitários e abandonados, que não têm paz na mente nem no coração, ou que sentem que jogaram fora sua última chance. A cura e a paz completas podem ser encontradas aos pés do Salvador.

Quando eu tinha sete anos de idade e morava na Península Arábica, meus pais me diziam constantemente para usar sapatos *sempre*, e eu sabia o motivo. Sabia que os sapatos protegeriam meus pés das ameaças que existiam no deserto: cobras, escorpiões, espinhos e outras coisas. Certa manhã, depois de acampar à noite, no deserto, eu quis explorar o local, mas não senti vontade de calçar os sapatos. Racionalizei, dizendo que seria só uma pequena caminhada e que ficaria perto do acampamento. Em vez de sapatos, calcei chinelos

de dedo. Convenci a mim mesmo de que os chinelos eram — afinal — uma espécie de sapato. De qualquer forma, o que poderia acontecer?

Ao caminhar pela areia fria, com meus chinelos de dedo, senti algo parecido com um espinho picar-me o pé. Olhei para baixo e não vi um espinho, mas sim, um escorpião. Quando minha mente registrou o escorpião e dei-me conta do que havia acontecido, a dor da picada começou a subir do pé para a perna. Apertei a parte de cima da perna tentando estancar a dor lancinante e gritei pedindo ajuda. Meus pais saíram correndo da tenda em minha direção.

Enquanto meu pai matava o escorpião com uma pá, um amigo adulto que estava acampado conosco tentou heroicamente sugar o veneno do meu pé. Naquele momento, achei que ia morrer. Eu soluçava quando meus pais me puseram no carro e partimos pelo

deserto a toda velocidade, rumo ao hospital mais próximo, que ficava a duas horas de viagem. A dor na perna era excruciante e, durante toda a viagem, achei que estava morrendo.

Quando finalmente chegamos ao hospital, porém, o médico nos garantiu que apenas crianças muito pequenas e pessoas muito desnutridas correm o risco de morrer com a picada daquele tipo de escorpião. Ele aplicou-me um anestésico, que deixou minha perna amortecida, eliminando a sensação de dor. Em 24 horas, eu já não sentia os efeitos da picada do escorpião. Mas aprendi uma grande lição.

Eu sabia que, quando meus pais me disseram para calçar sapatos, eles não queriam dizer chinelos de dedo. Eu tinha idade suficiente para saber que os chinelos não ofereceriam a mesma proteção que a de um par de sapatos. Mas naquela manhã no deserto, não dei importância ao que sabia ser certo. Ignorei o que meus pais me ensinaram muitas vezes. Fui preguiçoso e até um pouco rebelde, e paguei o preço por isso.

Ao dirigir-me a vocês, jovens valentes, digo-lhes que seus pais, professores, líderes, amigos e eu prestamos tributo a todos os que estão-se esforçando diligentemente para tornar-se o que o Senhor necessita — e quer — que vocês se tornem. Mas testifico, por experiência própria, como menino que fui, e hoje, como homem, que, se desprezarmos aquilo que sabemos ser o certo, por preguiça ou por rebelião, isso sempre trará consequências indesejáveis e espiritualmente prejudiciais. Não, o escorpião, afinal, não foi uma ameaça a minha vida, mas causou extrema dor e aflição, tanto para mim quanto para meus pais. No tocante ao modo como vivemos o evangelho, não podemos agir com preguiça ou rebelião.

Como membros da Igreja de Jesus

Cristo e como portadores do sacerdócio, conhecemos os mandamentos e padrões que prometemos guardar por convênio. Quando escolhemos caminhos diferentes daquele que sabemos ser o certo, conforme nos foi ensinado por nossos pais e líderes e confirmado em nosso coração pelo Espírito Santo, é como se andássemos pelo deserto com chinelos de dedo, em vez de sapatos. Tentamos, então, justificar nosso comportamento preguiçoso ou rebelde. Dizemos a nós mesmos que não estamos fazendo nada de errado, que aquilo não importa realmente, e que nada de mal vai acontecer por largarmos só um pouquinho a barra de ferro. Talvez nos consolemos com o pensamento de que todos os outros estão fazendo isso — ou pior — e que não seremos afetados negativamente no final. De alguma forma, convencemo-nos de que somos uma exceção à regra e, portanto, somos imunes às consequências da violação. Recusamo-nos, às vezes deliberadamente, a ser “totalmente [obedientes]”¹ — como diz o manual *Pregar Meu Evangelho* — e retemos parte do nosso coração [em vez de dedicá-lo] ao Senhor. Então, somos picados.

As escrituras ensinam que “o Senhor *requer o coração*”², e recebemos o mandamento de amar e servir ao Senhor “de *todo* o [nosso] coração”.³ A promessa é que poderemos “[nos apresentar] sem culpa perante Deus no último dia” e retornar a Sua presença.⁴

Os ânti-néfi-leítas, no Livro de Mórmon, depuseram suas armas de guerra e as enterraram profundamente na terra, fazendo o convênio de jamais pegar em armas novamente contra seus irmãos. Mas fizeram mais que isso. “Tornaram-se um povo justo”, porque “depuseram as armas de sua *rebelião*, para não mais lutarem

contra Deus”.⁵ Sua conversão foi tão completa e tão profunda que “nunca apostataram”.⁶

Mas antes dessa conversão, lembram-se de qual era sua condição? Eles viviam como as escrituras descrevem “[rebelando-se] abertamente contra Deus”.⁷ Seu coração rebelde os condenou a viver “num estado contrário à natureza da felicidade”, porque “seguiram caminhos contrários à natureza de Deus”.⁸

Quando depuseram suas armas de *rebelião*, tornaram-se dignos da

cura e da paz do Senhor, que também podemos obter. O Salvador assegura: “Se não endurecerem o coração e não enrijecerem a cerviz contra mim, serão convertidos e *curá-los-ei*”.⁹ Você e eu podemos aceitar Seu convite de “voltar e [arrepender-nos] e vir a [Ele] com toda a sinceridade de coração e [Ele irá curar-nos]”.¹⁰

Comparem essa cura milagrosa com o que acontece “quando nos propomos a encobrir nossos pecados ou satisfazer nosso orgulho [ou] nossa vã ambição. (...) Os céus se afastam; o Espírito do





Senhor se magoa” e ficamos sozinhos “para recalçar contra os agulhões (...) e lutar contra Deus”.¹¹

Irmãos, só encontramos cura e alívio quando nos colocamos aos pés do Grande Médico, nosso Salvador, Jesus Cristo. Precisamos depor nossas armas de rebelião (e cada um sabe quais são). Precisamos abandonar nosso pecado, nossa vaidade e nosso orgulho. Precisamos despojar-nos do desejo de seguir o mundo e de ser lisonjeados e louvados pelo mundo. Temos de parar de lutar contra Deus e, em vez disso, entregar *todo nosso coração* a Ele, sem reter nada. Só então, Ele poderá curar-nos; Ele poderá purificar-nos da picada venenosa do pecado.

“Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.”¹²

O Presidente James E. Faust ensinou:

“Quando fazemos da obediência a nossa meta, ela deixa de ser algo exasperante. Em vez de ser uma pedra de tropeço, ela se torna um tijolo de nosso edifício. (...)”

A obediência conduz-nos à verdadeira liberdade. Quanto mais obedecemos à verdade revelada, mais livres seremos”.¹³

Conheci recentemente um homem de 92 anos de idade que participou de várias campanhas militares importantes na Segunda Guerra Mundial. Ele sobreviveu a três ferimentos, um dos quais foi causado pela explosão de

uma mina que destruiu o jipe em que ele estava e matou o motorista. *Ele descobriu que, para sobreviver em um campo minado, é preciso seguir exatamente a trilha deixada pelo veículo à frente.* Qualquer desvio para a direita ou para a esquerda pode ser fatal — como realmente foi.

Nossos profetas e apóstolos, líderes e pais, apontam continuamente a trilha que precisamos seguir, se quisermos evitar um golpe destrutivo para nossa alma. Eles conhecem o caminho livre de minas (ou de escorpiões), e nos convidam incansavelmente a segui-los. Há muitas armadilhas devastadoras a nos tentar ao longo do caminho. Se nos desviarmos para as drogas, para as bebidas alcoólicas, para a pornografia ou o comportamento imoral, na Internet ou em um videogame, isso vai levar-nos diretamente para a explosão. Um desvio para a direita ou para a esquerda da trilha segura, seja por preguiça ou por rebeldia, pode ser fatal para nossa vida espiritual. Não há exceções para essa regra.

Se já nos desviamos do caminho, podemos mudar; podemos voltar; podemos reconquistar nossa alegria e nossa paz interior. Descobriremos que a volta ao caminho do qual as minas foram retiradas é um imenso alívio.

Ninguém tem paz num campo minado.

Nosso Salvador é o Príncipe da Paz, o grande Médico, o Único que realmente pode purificar-nos da

picada do pecado e do veneno do orgulho, e transformar nosso coração rebelde em um coração do convênio. Sua Expição é infinita e abrange todos nós.

O convite feito aos nefitas quando Ele lhes ministrou como o Cristo ressuscitado ainda é válido para cada um de nós: “Tendes enfermos entre vós? Trazei-os aqui. Há entre vós coxos ou cegos ou aleijados ou mutilados ou leprosos ou atrofiados ou surdos ou pessoas que estejam aflitas de algum modo? Trazei-os aqui *e eu os curarei*”.¹⁴

Nenhum de vocês jogou fora suas chances. Vocês podem mudar, podem voltar, podem reivindicar Sua misericórdia. Venham para o Único que pode curar, e encontrarão paz. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. *Pregar Meu Evangelho: Guia para o Serviço Missionário*, 2004, última contracapa.
2. Doutrina e Convênios 64:34; grifo do autor.
3. Doutrina e Convênios 4:2; 59:5; grifo do autor.
4. Doutrina e Convênios 4:2.
5. Alma 23:7; grifo do autor.
6. Alma 23:6.
7. Mosíás 2:37; Alma 3:18; ver também Mórmon 2:15.
8. Alma 41:11.
9. Doutrina e Convênios 112:13; grifo do autor.
10. 3 Néfi 18:32.
11. Doutrina e Convênios 121:37, 38.
12. João 3:17.
13. James E. Faust, “Obediência: O Caminho Que Conduz à Verdadeira Liberdade”, *A Liahona*, julho de 1999, pp. 53, 54; *Ensign*, maio de 1999, pp. 47, 45.
14. 3 Néfi 17:7; grifo do autor.



Élder Juan A. Uceda
Dos Setenta

Ele Nos Ensina a Deixar de Lado o Homem Natural

Presto testemunho de que a Expição do Salvador tem verdadeiramente o poder de nos purificar e de tornar a nós e a nosso lar santos.

Certa manhã, uma família se reuniu para estudar as escrituras como de costume. Ao se reunir, o pai sentiu algo de negativo: alguns membros da família não pareciam muito animados em participar. Fizeram a oração familiar e, quando começaram a ler as escrituras, o pai notou que uma das filhas não estava com as escrituras. Ele pediu que ela fosse até o quarto e pegasse suas escrituras. Relutante, ela foi, e depois de um tempo que pareceu uma eternidade, voltou, sentou-se e disse: “Temos mesmo que fazer isso agora?”

O pai percebeu que o inimigo de toda a retidão queria criar problemas para que eles não estudassem as escrituras. Tentando manter a calma o pai disse: “Temos, sim, porque é isso o que o Senhor quer que façamos”.

Ela respondeu: “Eu não quero mesmo fazer isso agora!”

O pai perdeu a paciência, levantou a voz e disse: “Esta é a minha casa,

e sempre vamos ler as escrituras na minha casa!”

A filha não gostou nem do tom nem da altura da voz do pai e, com as escrituras na mão, saiu do círculo formado pela família, correu para o quarto e bateu a porta. Assim terminou o estudo das escrituras em família: sem harmonia e quase sem amor naquela casa.

O pai sabia que tinha agido errado, então foi para o próprio quarto, ajoelhou-se e orou. Ele suplicou ajuda ao Senhor, sabendo que tinha ofendido a um de seus filhos, a uma filha a quem muito amava. Implorou ao Senhor que restaurasse o espírito de amor e harmonia daquela casa e fizesse com que ainda fosse possível continuar a estudar as escrituras em família. Enquanto orava, ocorreu-lhe um pensamento: “Vá até lá e peça desculpas”. Ele continuou a orar com fervor, pedindo que o Espírito do Senhor voltasse a reinar na casa. Outra vez, veio-lhe o pensamento: “Vá pedir desculpas”.

Ele queria muito ser um bom pai e fazer o que era certo, por isso levantou-se e foi até o quarto da filha. Bateu na porta de mansinho várias vezes, mas ninguém respondeu. Então ele abriu a porta de mansinho e encontrou a filha chorando na cama. Ajoelhou-se ao lado dela e disse com suavidade e ternura: “Desculpe”. “Perdoe o que eu fiz”. Ele repetiu “Desculpe, amo você e não quero magoá-la”. Então, da boca da filha ouviu a lição que o Senhor queria ensinar-lhe.

Ela parou de chorar e, depois de uma pausa, pegou as escrituras e começou a procurar alguns versículos. O pai observou aquelas mãos puras e delicadas virarem as páginas das escrituras uma após outra. Enfim ela encontrou os versículos que procurava e começou a ler devagarinho com uma voz bem suave: “Porque o homem natural é inimigo de Deus e tem-no sido desde a queda de Adão e sê-lo-á para sempre; a não ser que ceda ao influxo do Santo Espírito e despoje-se do homem natural e torne-se santo pela expiação de Cristo, o Senhor; e torne-se como uma criança, submisso, manso, humilde, paciente, cheio de amor, disposto a submeter-se a tudo quanto o Senhor achar que lhe deva infligir, assim como uma criança se submete a seu pai”.¹

Ainda ajoelhado ao lado da cama da filha, ele sentiu-se tomado de humildade e pensou consigo mesmo: “Isso foi escrito especialmente para mim. Ela me deu uma grande lição”.

Depois a menina olhou para o pai e disse: “Desculpe. Desculpe, pai!”

Naquele momento o pai percebeu que ela não tinha lido o versículo para aplicá-lo ao pai, mas para aplicá-lo a si mesma. O pai deu um grande abraço na filha. O amor e a harmonia voltaram a reinar naquele terno momento de reconciliação que surgiu da palavra



de Deus e do Espírito Santo. Aquela escritura, da qual a filha se lembrou por ter estudado individualmente, tocou o coração do pai com o fogo do Espírito Santo.

Meus amados irmãos, nossa casa tem que ser um lugar onde o Espírito Santo possa habitar: “Há um único lugar cuja santidade é comparável a dos templos: o lar”.² Não há lugar para o homem natural em nosso lar. O homem natural tem inclinação para “encobrir [seus] pecados ou satisfazer [seu] orgulho, [sua] vã ambição ou exercer controle ou domínio ou coação sobre a alma dos filhos dos homens, (...) [e quando o homem age com] qualquer grau de iniquidade, eis que os céus se afastam; o Espírito do Senhor se magoa e, quando se afasta, amém para o sacerdócio ou a autoridade desse homem”.³

Nós, portadores do Sacerdócio Aarônico ou de Melquisedeque, temos que nos lembrar sempre de que “nenhum

poder ou influência pode ou deve ser mantido em virtude do sacerdócio, a não ser com persuasão, com longanimidade, com brandura e mansidão e com amor não fingido; com bondade e conhecimento puro, que grandemente expandirão a alma, sem hipocrisia e sem dolo”.⁴

Quando nos esforçamos por viver de acordo com esses princípios cristãos, deixa de existir discórdia em nosso lar e em nossa vida: “E também vos perdoareis uns aos outros vossas ofensas, pois em verdade vos digo que aquele que não perdoar as ofensas de seu próximo, quando este se confessar arrependido, trará sobre si condenação”.⁵ “Desculpe, pai. Desculpe-me!”

O Senhor Jesus Cristo, que é o Príncipe da Paz, ensina-nos como estabelecer a paz em nosso lar.

Ele ensinou-nos a ser submissos, ou em outras palavras a ceder à vontade ou ao poder do Senhor. “Vá até lá e peça desculpas.”

Ele nos ensina a ser mansos, ou em outras palavras a ser de temperamento afável, calmo, que dificilmente se irrita, dócil, paciente.⁶

Ele ensina cada um de nós a ser humilde ou, em outras palavras, a ser modesto, simples, sóbrio, singelo, e não *orgulhoso, altivo, arrogante* ou *presunçoso*.⁷

“Desculpe, por favor, desculpe-me”.

Ele nos ensina a ser pacientes, ou em outras palavras a ter a “virtude que consiste em suportar os dissabores e infelicidades” com resignação, a suportar ofensas com serenidade.⁸

Ele nos ensina a ser cheios de amor. “Amo você e não quero magoá-la.”

Sim, meus amados irmãos, Ele nos ensina a deixar de lado o homem natural, como o pai que suplicou ajuda ao Senhor, na história. Sim, assim como aquele pai abraçou a filha com amor, o Salvador também está de braços abertos para nós quando nos arrependemos sinceramente.

Ele nos ensina a ser santos por meio da Expição de Cristo, o Senhor. E, depois, nós nos reconciliaremos com Deus e seremos amigos de Deus. Presto testemunho de que a Expição do Salvador tem verdadeiramente o poder de nos purificar e de tornar a nós e a nosso lar santos, na medida em que nos empenharmos em abandonar o homem natural e seguir o Salvador.

Ele é o “cordeiro de Deus”,⁹ “o Santo e o Justo”,¹⁰ “e se chamará o seu nome: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz”.¹¹ Em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Mosias 3:19.
2. *Bible Dictionary*, “Temple”.
3. Doutrina e Convênios 121:37.
4. Doutrina e Convênios 121:41–42.
5. Mosias 26:31.
6. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* 2.0.1, 2007, ver as acepções de “manso” e verbetes correlatos.
7. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, “humilde”.
8. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, “paciente”.
9. João 1:29.
10. Atos 3:14.
11. Isaías 9:6.



Presidente Dieter F. Uchtdorf

Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

O Orgulho e o Sacerdócio

O orgulho é o interruptor que desliga o poder do sacerdócio. A humildade é o que o faz funcionar.

Meus queridos irmãos, obrigado por reunirem-se no mundo inteiro para esta sessão do sacerdócio da conferência geral. Sua presença mostra seu compromisso de erguer-se, onde quer que estejam, com seus irmãos que possuem o santo sacerdócio, e servir e honrar seu Senhor e Redentor, Jesus Cristo.

Geralmente marcamos o desenrolar de nossa vida com acontecimentos que nos deixam uma forte impressão no coração e na mente. Há muitos momentos assim em minha vida, um deles ocorreu em 1989, quando ouvi um sermão, sempre atual, proferido pelo Presidente Ezra Taft Benson, “Acautelem-se contra o Orgulho”. Na introdução foi observado que aquele assunto pesava profundamente na alma do Presidente Benson, já havia algum tempo.¹

Senti um peso semelhante nos últimos meses. Os sussurros do Santo Espírito me instaram a acrescentar minha voz como outra testemunha da mensagem do Presidente Benson, proferida há 21 anos.

Todo mortal tem no mínimo um convívio fortuito, senão íntimo, com o pecado do orgulho. Ninguém se absteve disso, poucos o sobrepujam.

Quando contei a minha mulher qual seria o tema de meu discurso, ela sorriu e disse: “É muito bom que você fale de coisas que conhece tão bem”.

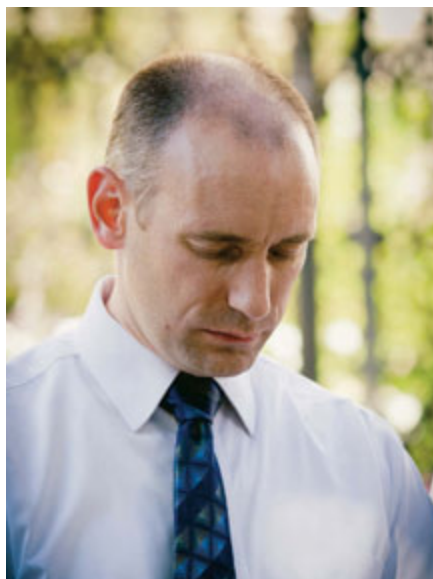
Outros Significados do Orgulho

Lembro-me também de um interessante efeito colateral do marcante discurso do Presidente Benson. Por algum tempo, quase se tornou tabu entre os membros da Igreja dizer que sentiam “orgulho” dos filhos, do país, ou que se “orgulhavam” do trabalho que faziam. A própria palavra *orgulho* pareceu ter sido banida de nosso vocabulário.

Nas escrituras encontramos inúmeros exemplos de pessoas boas e justas que se regozijavam na retidão e ao mesmo tempo se gloriavam na bondade de Deus. O próprio Pai Celestial apresentou Seu Filho Amado com as palavras “em quem me comprazo”.²

Alma gloriou-se no pensamento de que poderia “ser um instrumento nas mãos de Deus”.³ O Apóstolo Paulo gloriou-se na fidelidade dos membros da Igreja.⁴ O grande missionário Amon gloriou-se no sucesso que ele e os irmãos tiveram como missionários.⁵

Creio que há uma diferença entre



termos orgulho de certas coisas e sermos orgulhosos. Tenho orgulho de muitas coisas. Tenho orgulho de minha mulher. Tenho orgulho de nossos filhos e netos.

Tenho orgulho da juventude da Igreja e regozijo-me em suas boas qualidades. Tenho orgulho de vocês, meus queridos e fiéis irmãos. Tenho orgulho de estar ombro a ombro com vocês, como portadores do santo sacerdócio de Deus.

O Orgulho É o Pecado do Enaltecimento Próprio

Então, qual é a diferença entre esse tipo de sentimento e o orgulho que o Presidente Benson chamou de “pecado universal”?⁶ O orgulho é pecaminoso, como o Presidente Benson ensinou de modo tão memorável, porque gera ódio ou hostilidade e nos coloca em oposição a Deus e a nosso próximo. Em seu cerne, o orgulho é um pecado de comparação, porque embora geralmente comece com “vejam como sou maravilhoso e que coisas grandiosas fiz”, aparentemente sempre termina com “portanto, sou melhor que você”.

Quando temos o coração cheio de orgulho, cometemos um pecado grave, porque quebramos os dois grandes mandamentos.⁷ Em vez de adorar a Deus e amar nosso próximo, revelamos o verdadeiro objeto de nossa adoração e amor: a imagem que vemos no espelho.

O orgulho é o grande pecado do enaltecimento próprio. É, para muitos, um Rameumptom pessoal, um púlpito sagrado que justifica a inveja, a cobiça e a vaidade.⁸ Em certo sentido, o orgulho é o pecado original, porque antes da fundação desta Terra, o orgulho fez cair Lúcifer, um filho da manhã “que possuía autoridade na presença de Deus”.⁹ Se o orgulho conseguiu corromper alguém tão capaz e promissor assim, não deveríamos examinar nossa própria alma também?

O Orgulho Tem Muitas Faces

O orgulho é um câncer mortal. É uma via de acesso ao pecado que conduz a uma infinidade de outras fraquezas humanas. De fato, poderíamos dizer que todos os outros pecados são, em essência, uma manifestação do orgulho.

O orgulho tem muitas faces. Ele leva alguns a se deleitarem em seu próprio valor individual, realizações, talentos, riqueza ou posição. Contam essas bênçãos como prova de que são “escolhidos”, “superiores” ou “mais justos” do que os outros. Esse é o pecado de “Graças a Deus sou mais especial que você”. Em seu âmago está o desejo de ser admirado ou invejado. É o pecado da glorificação própria.

Para outros, o orgulho se manifesta na inveja: olham com amargura para os que têm uma posição melhor, mais talentos ou mais posses do que eles. Procuram magoar, rebaixar e humilhar os outros, numa tentativa equivocada e indigna de elevarem-se a si mesmos. Quando as pessoas que eles invejam caem ou sofrem, no íntimo eles se alegram.

O Laboratório dos Esportes

Talvez não haja melhor laboratório para se observar o pecado do orgulho do que o mundo dos esportes. Sempre

adorei participar de eventos esportivos ou assistir a eles. Mas confesso que há ocasiões em que a brutalidade nos esportes é vergonhosa. Como podem seres humanos que normalmente são bondosos e compassivos se tornarem tão intolerantes e cheios de ódio contra a equipe adversária e seus torcedores?

Já vi torcedores humilharem e afrontarem seus rivais. Procuram qualquer falha e a magnificam. Justificam seu ódio com amplas generalizações e as aplicam a todos os que estão associados ao outro time. Quando o rival é afligido por má sorte, eles se regozijam.

Irmãos, infelizmente vemos hoje, com muita frequência, o mesmo tipo de atitude e comportamento contaminar o discurso público sobre política, etnia e religião.

Meus queridos irmãos do sacerdócio, meus amados co-discípulos do gentil Cristo, não deveríamos manter um padrão mais elevado? Como portadores do sacerdócio, precisamos compreender que todos os filhos de Deus vestem o mesmo uniforme. Nosso time é a irmandade dos homens. Esta vida mortal é nosso campo de jogo. Nossa meta é aprender a amar a Deus e a estender esse mesmo amor a nosso próximo. Estamos aqui para viver de acordo com Sua lei e estabelecer o reino de Deus. Estamos aqui para edificar, elevar, tratar com justiça e incentivar todos os filhos do Pai Celestial.

Não Podemos Deixar-nos Levar

Quando fui chamado como Autoridade Geral, tive a bênção de ser orientado por muitos irmãos de posição elevada na Igreja. Um dia, tive a oportunidade de levar o Presidente James E. Faust de carro para uma conferência de estaca. Nas horas que passamos dentro do carro, o Presidente Faust aproveitou o tempo para ensinar-me alguns princípios

importantes sobre minha designação. Explicou também quão amáveis são os membros da Igreja, especialmente com as Autoridades Gerais. Ele disse: “Eles vão tratá-lo muito bem. Dirão coisas boas a seu respeito”. Deu uma risadinha e então disse: “Dieter, fique grato por isso. Mas não se deixe levar por essas coisas”.

Essa é uma boa lição para todos nós, irmãos, em qualquer chamado ou situação da vida. Podemos ser gratos por nossa saúde, riqueza, posses ou cargos, mas quando começamos a nos deixar levar por essas coisas — quando nos tornamos obcecados pelo status, quando nos concentramos em nossa própria importância, poder ou reputação, quando nos apegamos a nossa imagem pública e acreditamos no que dizem de nós — é aí que começa o problema, é aí que o orgulho começa a corromper-nos.

Há muitas advertências contra o orgulho nas escrituras: “Da soberba só provém a contenda, mas com os que se aconselham se acha a sabedoria”.¹⁰

O Apóstolo Pedro advertiu que “Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes”.¹¹ Mórmon explicou: “Ninguém é aceitável perante Deus, a não ser os humildes e brandos de coração”.¹² E, por desígnio, o Senhor escolhe “as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes”.¹³ O Senhor faz isso para mostrar que Sua mão está nesta obra, a fim de que não “[confiemos] no braço de carne”.¹⁴

Somos servos de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Não recebemos o sacerdócio para conseguir reconhecimento e ser aclamados. Estamos aqui para arregaçar as mangas e trabalhar. Não fomos convocados para uma tarefa comum. Fomos chamados para preparar o mundo para a vinda de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Não buscamos nossa própria glória,



mas damos louvor e glória a Deus. Sabemos que as contribuições que fazemos por nós mesmos são pequenas. No entanto, se exercermos o poder do sacerdócio em retidão, Deus pode fazer surgir uma grande e maravilhosa obra por meio de nossos esforços. Precisamos aprender, tal como Moisés aprendeu, que “o homem nada é”¹⁵ por si mesmo mas que “a Deus tudo é possível”.¹⁶

Jesus Cristo É o Perfeito Exemplo de Humildade

Nisso, como em todas as coisas, Jesus Cristo é nosso exemplo perfeito. Lúcifer tentou mudar o plano de salvação do Pai e obter honra para si mesmo, ao passo que o Salvador disse: “Pai, faça-se a tua vontade e seja tua a

glória para sempre”.¹⁷ Apesar de Suas magníficas capacidades e realizações, o Salvador sempre foi manso e humilde.

Irmãos, temos o “Santo Sacerdócio, segundo a Ordem do Filho de Deus”.¹⁸ Esse é o poder de Deus concedido aos homens na Terra para agir em nome Dele. Para exercer Seu poder, precisamos esforçar-nos para ser semelhantes ao Salvador. Isso significa que em todas as coisas buscamos fazer a vontade do Pai, assim como fez o Salvador.¹⁹ Significa que damos toda glória ao Pai, tal como fez o Salvador.²⁰ Significa que nos entregamos completamente ao serviço ao próximo, assim como o Salvador fez.

O orgulho é o interruptor que desliga o poder do sacerdócio.²¹ A humildade é o que o faz funcionar.



Ser Humilde e Cheio de Amor

Mas como vencemos esse pecado do orgulho que é tão frequente e prejudicial? Como nos tornamos mais humildes?

É quase impossível elevar-nos no orgulho, se nosso coração estiver cheio de caridade. “Ninguém pode participar desta obra, a menos que seja humilde e cheio de amor.”²²

Quando vemos o mundo a nosso redor através da lente do puro amor de Cristo, começamos a compreender a humildade.

Alguns acham que humildade significa autodepreciação. Humildade não significa convencer-nos de que somos imprestáveis, indignos e sem valor. Tampouco significa negar ou reter os talentos que Deus nos deu. Não descobrimos a humildade tendo um conceito pior *de* nós mesmos. Descobrimos a humildade pensando menos *em* nós mesmos. Isso acontece quando realizamos nosso trabalho com o espírito de servir a Deus e a nosso próximo.

A humildade dirige nossa atenção e nosso amor para os outros e para os propósitos do Pai Celestial. O orgulho faz o contrário. O orgulho tira sua energia e força do profundo poço do egoísmo. Assim que paramos de ficar obcecados por nós mesmos e nos entregamos completamente ao serviço, nosso orgulho diminui e começa a morrer.

Meus queridos irmãos, há muitas pessoas necessitadas em quem

precisamos pensar em vez de em nós mesmos. E, por favor, jamais se esqueçam de sua própria família e de sua esposa. Há muitas maneiras pelas quais poderíamos servir. Não temos tempo para absorver-nos em nós mesmos.

Eu tinha uma caneta que adorava usar quando era piloto de companhia aérea. Bastava girar a haste e eu podia escolher uma das quatro cores. A caneta não reclamava quando eu queria usar a tinta vermelha em vez da azul. Não me dizia: “Prefiro não escrever depois das dez da noite, na neblina ou em altitudes elevadas”. A caneta não dizia: “Só me use em documentos importantes, e não nas tarefas diárias comuns”. Eu podia confiar inteiramente nela para realizar toda e qualquer tarefa necessária, fosse ela importante ou insignificante. Estava sempre pronta para servir.

De modo semelhante, somos ferramentas nas mãos de Deus. Se tivermos o espírito certo no coração, não reclamaremos que a tarefa que nos foi designada é indigna de nossas habilidades. Serviremos com alegria em qualquer lugar que formos chamados. Se fizermos isso, o Senhor poderá usar-nos de maneiras que estão além de nossa compreensão, na realização de Sua obra.

Quero concluir com palavras da inspirada mensagem do Presidente Ezra Taft Benson, proferida há 21 anos:

“O orgulho é a grande pedra de tropeço no caminho de Sião.

Temos de limpar o vaso interior vencendo o orgulho. (...)”²³

Temos de ceder ‘ao influxo do Santo Espírito’, despojar-nos do orgulhoso ‘homem natural’, santificar-nos ‘pela expiação de Cristo, o Senhor’ e tornar-nos ‘como uma criança, submisso, manso, humilde’. (...)”²⁴

Deus quer um povo humilde (...) ‘Benditos são os que se humilham sem serem compelidos a ser humildes’. (...)”²⁵

Decidamos ser humildes. Podemos fazê-lo. Sei que podemos.”²⁶

Meus amados irmãos, sigamos o exemplo de nosso Salvador e estendamos a mão para servir em vez de buscar o louvor e a honra dos homens. É minha oração que reconhecamos e eliminemos o indigno orgulho do coração e que o substituamos por justiça, piedade, fé, amor, paciência e mansidão.²⁷ No sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Ezra Taft Benson, “Acautelai-vos do Orgulho”, *A Liahona*, julho de 1989, p. 3.
2. 3 Néfi 11:7.
3. Alma 29:9.
4. Ver II Tessalonicenses 1:4.
5. Ver Alma 26.
6. Ezra Taft Benson, *Ensign*, maio de 1989, p. 6.
7. Ver Mateus 22:36–40.
8. Ver Alma 31:21.
9. Doutrina e Convênios 76:25.
10. Provérbios 13:10.
11. I Pedro 5:5.
12. Morôni 7:44.
13. I Coríntios 1:27.
14. Doutrina e Convênios 1:19.
15. Moisés 1:10.
16. Mateus 19:26.
17. Ver Moisés 4:1–2.
18. Doutrina e Convênios 107:3.
19. Ver João 8:28–29.
20. Ver João 17:4.
21. Ver Doutrina e Convênios 121:34–37.
22. Doutrina e Convênios 12:8.
23. Ver Alma 6:2–4; Mateus 23:25–26.
24. Mosias 3:19; ver também Alma 13:28.
25. Alma 32:16.
26. Ezra Taft Benson, *Ensign*, maio de 1989, pp. 6–7.
27. Ver I Timóteo 6:11.



Presidente Henry B. Eyring
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Servir com o Espírito

Façamos tudo o que for exigido para sermos dignos da companhia do Espírito Santo.

Sinto-me grato por esta oportunidade de ser uno com vocês que receberam de Deus a honra de portar o sacerdócio. Fomos chamados para usar esse poder divino a fim de servir os filhos de nosso Pai Celestial. O modo como cumprimos essa obrigação terá consequências eternas para aqueles a quem fomos chamados a servir, para nós e para as gerações que ainda estão por nascer.

Guardo comigo a sagrada lembrança de dois portadores do sacerdócio que foram dignos da companhia do Espírito de Deus, na missão para a qual o Senhor os chamou. Eles próprios haviam conhecido o evangelho restaurado, nos Estados Unidos. Foram eles os servos do Senhor que primeiro falaram do evangelho para dois de meus antepassados europeus.

Um desses antepassados foi uma menina que morava em uma pequena fazenda na Suíça. O outro era um rapaz órfão que emigrara da Alemanha para os Estados Unidos e morava em St. Louis, Missouri.

Os dois ouviram um portador do sacerdócio prestar testemunho do evangelho restaurado: no caso da menina, junto à lareira de sua casinha na Suíça, e no do rapaz, no mezanino de um salão alugado nos Estados Unidos. Ambos souberam pelo Espírito

que a mensagem transmitida por aqueles élderes era verdadeira.

O rapaz e a menina decidiram ser batizados. Os dois se conheceram, anos depois, numa trilha empoeirada, quando percorriam centenas de quilômetros rumo às montanhas do Oeste americano. Enquanto caminhavam juntos, conversaram sobre uma bênção milagrosa: a de que, dentre todas as pessoas do mundo, eles tivessem sido encontrados pelos servos de Deus, e ainda mais, por saberem que a mensagem deles era verdadeira.

Apaixonaram-se e casaram-se. Graças ao testemunho do Espírito, que teve início quando ouviram as palavras dos portadores do sacerdócio, sob a influência do Espírito Santo, foram selados para a eternidade pelo poder do sacerdócio. Sou um dentre as dezenas de milhares de descendentes daquele rapaz e daquela menina que bendizem o nome dos dois portadores do sacerdócio que levaram consigo a ministração do Espírito de Deus quando subiram o monte na Suíça ou se ergueram para falar naquela reunião em St. Louis.

Essa história feliz, e milhões de outras semelhantes, repete-se no mundo inteiro e ao longo de gerações. Para alguns é a história de um jovem mestre familiar que disse palavras que

despertaram no avô o desejo de voltar a ser ativo na Igreja. Para outros são as palavras de consolo e bênção de um patriarca, que deram alento à mãe quando uma tragédia a deixou quase sem forças para prosseguir.

Há um tema comum em todas essas histórias. É o poder que um portador do sacerdócio tem de servir e abençoar, que foi magnificado pelo Espírito Santo.

Então, minha mensagem desta noite é esta: façamos tudo o que for exigido para sermos dignos da companhia do Espírito Santo e prossigamos sem medo, sabendo que teremos a capacidade de fazer tudo o que Senhor nos chamar para fazer. Esse aumento da capacidade de servir ocorre lentamente, talvez em pequenos atos que são difíceis de ver, mas sem dúvida virá.

Quero deixar-lhes hoje algumas sugestões sobre como nos qualificamos para receber o Espírito Santo como companheiro ao servir no sacerdócio. Depois, darei alguns exemplos de serviço no sacerdócio nos quais vocês podem ter a certeza de que sua capacidade de servir será fortalecida pela influência do Espírito.

Sabemos que a confirmação na Igreja nos concedeu o dom do Espírito Santo. Mas a companhia do Espírito Santo — Sua manifestação em nossa vida e serviço — exige que coloquemos a vida em ordem para sermos dignos dela.

Cultivamos dons espirituais ao guardar os mandamentos e procurar viver uma vida sem culpa. Isso exige fé em Jesus Cristo para arrependermos e purificar-nos por meio de Sua Expição. Portanto, como portadores do sacerdócio, jamais devemos perder a oportunidade de tomar parte, com todo o nosso coração, da promessa oferecida em cada reunião sacramental para os membros da Igreja restaurada,



Dublin, Irlanda

que é a de “tomar sobre si [o nome do Filho de Deus] e recordá-lo sempre e guardar os mandamentos que ele lhes deu, para que possam ter sempre consigo o seu Espírito”.¹

Assim como precisamos ser limpos dos pecados para ter o Espírito conosco, precisamos ser suficientemente humildes perante Deus para reconhecer que necessitamos desse Espírito. Os discípulos do Salvador ressuscitado demonstraram essa humildade, conforme lemos no Livro de Mórmon.

O Salvador os estava preparando para o ministério deles. Eles se ajoelharam para orar. Eis o relato: “E oraram por aquilo que mais desejavam; e desejavam que o Espírito Santo lhes fosse dado”.² Eles foram batizados, assim como vocês. E o registro narra que, em resposta a sua súplica, eles ficaram cheios do Espírito Santo e fogo.

O Salvador orou em voz alta para agradecer ao Pai por conceder o Espírito Santo aos que Ele havia escolhido por sua crença Nele. Então, o Salvador pediu em oração uma bênção espiritual para aqueles a quem eles serviam. O Senhor suplicou ao Pai: “Pai, rogo-te que dê o Espírito Santo a todos os que crerem em suas palavras”.³

Tal como os humildes servos do Salvador, devemos orar para que o Espírito Santo Se manifeste a nós, em nosso serviço, e aos que servimos. É essencial que oremos humildemente a nosso Pai Celestial, com profunda fé em Jesus Cristo, para tornar-nos dignos

da companhia do Espírito Santo.

A humildade e a fé que propiciam os dons espirituais aumentam quando lemos, estudamos e ponderamos as escrituras. Todos já ouvimos essas coisas. Mas pode ser que leiamos umas poucas linhas ou páginas das escrituras a cada dia e esperemos que seja o suficiente.

No entanto, ler, estudar e ponderar não são a mesma coisa. Lemos o que está escrito, e podem ocorrer-nos ideias. Estudamos e descobrimos padrões e conexões nas escrituras. Mas quando ponderamos, propiciamos a revelação do Espírito. Ponderar, para mim, é a reflexão e a oração que faço depois de ler e estudar as escrituras cuidadosamente.

Para mim, o Presidente Joseph F. Smith deixou o exemplo de como, ao ponderar, podemos convidar a luz de Deus. Está na seção 138 de Doutrina e Convênios. Ele estava lendo e estudando diversas escrituras, tentando compreender como os efeitos da Expição do Salvador chegariam aos que haviam morrido sem ouvir Sua mensagem. Eis o seu relato de como a revelação lhe veio: “Enquanto refletia sobre essas coisas que estão escritas, os olhos de meu entendimento foram abertos e o Espírito do Senhor repousou sobre mim e vi as hostes dos mortos, tanto pequenos como grandes”.⁴

O arrependimento, a oração e a reflexão a respeito das escrituras são partes essenciais do processo de qualificar-nos para os dons do Espírito em

nosso serviço no sacerdócio. Nossa capacidade de servir aumentará ainda mais se agirmos com fé e seguirmos com firmeza em nossos chamados, com o Espírito Santo para nos ajudar.

O Presidente Thomas S. Monson explicou-nos isso desta forma: “O que significa magnificar um chamado? Significa edificá-lo em dignidade (...), ampliá-lo e fortalecê-lo para permitir que a natureza divina desse chamado se manifeste aos olhos dos outros homens. E como alguém pode magnificar seu chamado? Simplesmente desempenhando as funções a ele pertinentes”.⁵

Vou sugerir dois chamados para servir, que todos nós recebemos. Ao cumpri-los sob a influência do Espírito, vocês e outros sentirão que sua capacidade de servir é fortalecida e magnificada.

O primeiro é o de agir em nome Dele para ensinar e testificar por Ele às pessoas. O Senhor incluiu os mais jovens e menos experientes portadores do Sacerdócio Aarônico nesse chamado para servir. Depois de descrever os deveres dos portadores do Sacerdócio Aarônico, Ele disse:

“Mas nem os mestres nem os diáconos têm autoridade para batizar, administrar o sacramento ou impor as mãos;

Devem, contudo, admoestar, explicar, exortar e ensinar e convidar todos a virem a Cristo.”⁶

Nesta semana, em algum lugar do mundo, um diácono receberá de seu presidente de quórum o encargo de convidar para a reunião um membro que ele nunca viu. Com seus treze anos de idade, o presidente provavelmente não dirá as palavras “admoestar, exortar e ensinar”, mas é isso que o Senhor espera do diácono enviado a fazer o resgate.

Ao diácono que recebe o chamado de visitar um membro do quórum,

farei três promessas. Primeiro, se você orar pedindo ajuda, o Espírito vai acalmar seus temores. Segundo, você ficará surpreso ao ver que saberá o que dizer quando chegar à casa dele e durante sua caminhada com ele de volta à Igreja. O que você dirá talvez lhe pareça sem sentido. Mas você sentirá que as palavras lhe foram dadas no momento em que precisava delas. E, terceiro, você sentirá a aprovação do Senhor, que foi Quem o chamou, por meio de seu presidente, seja qual for o resultado final.

Não posso prometer que terá sucesso, porque toda pessoa é livre para decidir como responderá ao convite de um servo de Deus. Mas o diácono com quem você falar em nome do Senhor vai-se lembrar de que você o visitou. Conheço um menino, hoje adulto, mas ainda afastado da atividade na Igreja, que contou a seu avô sobre uma visita dessas, recebida vinte

anos antes. A visita parecia não ter tido nenhum efeito, mas ele até sabia o nome do diácono que o visitou. O avô pediu-me que procurasse o diácono que recebeu o chamado de convidar, exortar e ensinar, para agradecer-lhe. Foi apenas um dia na vida de um menino, mas o avô e o Senhor se lembraram das palavras que o menino foi inspirado a dizer, e do nome dele.

Peço a todos, jovens ou idosos, quando forem chamados para falar em uma reunião em nome do Senhor, que ponham de lado os sentimentos de dúvida ou incapacidade. Não é preciso usar uma linguagem rebuscada nem transmitir pensamentos profundos. Algumas palavras simples de testemunho serão o bastante. O Espírito lhes dirá as palavras que devem dizer e as levará ao coração das pessoas humildes que procuram a verdade de Deus. Se continuarmos procurando falar em nome do Senhor,

um dia nos surpreenderemos ao saber que, muito além de nossa própria capacidade, admoestamos, exortamos, ensinamos e convidamos, com a ajuda do Espírito, para abençoar a vida das pessoas.

Além do chamado para ensinar, todos seremos enviados pelo Senhor para socorrer os necessitados. Esse é outro serviço do sacerdócio em que sentiremos a influência do Espírito aumentar nossa capacidade de servir. Vocês se sentirão mais capazes de reconhecer a dor e a preocupação no rosto das pessoas. O nome ou o rosto das pessoas de seu quórum lhes virão à mente, com o sentimento de que eles passam necessidades.

Os bispos têm esses sentimentos no meio da noite e toda vez que se sentam ao púlpito e olham para os membros de sua ala, pensando nos que não estão presentes. Isso pode acontecer quando estiverem próximos





Os membros em Roma, Itália, traduzem os discursos da conferência geral.

a um hospital ou a um asilo de idosos. Mais de uma vez, ao entrar pela porta de um hospital, ouvi estas palavras: “Ah, eu sabia que você viria!”

Não precisamos preocupar-nos em dizer ou fazer a coisa certa quando chegarmos ali. O amor de Deus e o Santo Espírito talvez sejam o suficiente. Quando eu era rapaz, temia que não soubesse o que fazer ou dizer para as pessoas que passavam por grandes necessidades.

Certa vez, eu estava no hospital, junto ao leito de meu pai, que parecia prestes a morrer, quando ouvi uma agitação entre as enfermeiras, no corredor. De repente, o Presidente Spencer W. Kimball entrou no quarto e sentou-se em uma cadeira, do outro lado do leito. Pensei comigo: “Agora terei a chance de observar e ouvir como um mestre cuida daqueles que estão sofrendo e aflitos”.

O Presidente Kimball cumprimentou meu pai e perguntou se ele já tinha recebido uma bênção do sacerdócio. Quando meu pai respondeu que sim, o profeta voltou a sentar-se na cadeira.

Esperei uma demonstração das habilidades de consolação, das quais eu sentia que tanto necessitava. Após uns cinco minutos, em que os dois ficaram simplesmente sorrindo em silêncio um para o outro, vi o Presidente Kimball levantar-se e dizer: “Henry, acho que já vou embora, antes que eu o deixe cansado”.

Achei que tinha deixado escapar a lição, mas ela veio depois. Em um momento tranquilo que tive com meu pai, depois que ele se recuperou o suficiente para voltar para casa, falamos da visita do Presidente Kimball. Meu pai disse serenamente: “De todas as visitas que recebi, a dele foi a que mais me elevou o ânimo”.

O Presidente Kimball não disse muitas palavras de consolo, ao menos que eu pudesse ouvir, mas ele chegou com o Espírito do Senhor como companheiro para dar consolo. Dou-me conta agora de que ele estava demonstrando a lição que o Presidente Monson ensinou: “Como alguém magnifica seu chamado? Simplesmente desempenhando as funções a ele pertinentes”.

Isso é verdade, quer sejamos chamados para ensinar o evangelho pelo Espírito ou para ajudar, com a companhia do Espírito Santo, aqueles que têm joelhos enfraquecidos e mãos que pendem.⁷ Nosso serviço no sacerdócio será fortalecido, as pessoas serão abençoadas, e a luz do céu estará presente. A luz do céu estará presente para nós e também para os que servimos. Talvez estejamos cansados. Nossos próprios problemas e os de nossa família podem ser bem grandes. Mas há uma bênção de incentivo para os que servem sob a influência do Espírito.

O Presidente George Q. Cannon enfrentou muito sofrimento, oposição e provações em seus anos de serviço no sacerdócio. Também sentiu a

influência da companhia do Espírito Santo em momentos difíceis e de trabalho árduo. Esta é a confirmação que temos em nosso serviço do sacerdócio, na Igreja e nas famílias. Para mim, essa promessa se cumpriu quando senti o Espírito ao servir no sacerdócio. “Sempre que as trevas nos enchem a mente, podemos saber que não temos o Espírito de Deus conosco. (...) Quando estamos plenos do Espírito de Deus, sentimo-nos cheios de alegria, paz e felicidade, sejam quais forem nossas circunstâncias; porque é um espírito de alegria e felicidade. O Senhor nos concedeu o dom do Espírito Santo. É nosso privilégio ter o poder do Espírito Santo conosco, de modo que, desde a manhã até a noite, e da noite até a manhã, tenhamos alegria, luz e a revelação do Espírito Santo.”⁸

Podemos esperar essa bênção de felicidade e alegria, quando necessitarmos dela, nos momentos difíceis, em nosso serviço fiel no sacerdócio.

Testifico que somos chamados por Deus por meio de profecia. Esta é a verdadeira Igreja de Jesus Cristo, restaurada por intermédio do Profeta Joseph Smith. Deus vive e ouve todas as nossas orações. Jesus é o Cristo ressuscitado e nosso Salvador. Vocês podem saber que essas coisas são verdadeiras pelo poder do Espírito Santo que virá a vocês em seu serviço. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Doutrina e Convênios 20:77.
2. 3 Néfi 19:9.
3. 3 Néfi 19:21.
4. Doutrina e Convênios 138:11.
5. Thomas S. Monson, “O Poder do Sacerdócio”, *A Liahona*, janeiro de 2000, p. 60 [tradução atualizada].
6. Doutrina e Convênios 20:58–59.
7. Ver Doutrina e Convênios 81:5.
8. George Q. Cannon, em Brian H. Stuy, comp., *Collected Discourses Delivered by President Wilford Woodruff, His Two Counselors, the Twelve Apostles, and Others*, 5 vols., 1987–1992, vol. 4, p. 137.



As Autoridades Gerais de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA



Henry B. Eyring
Primeiro Conselheiro



Thomas S. Monson
Presidente



Dieter F. Uchtdorf
Segundo Conselheiro

Outubro de 2010

O QUÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS



Boyd K. Packer



L. Tom Perry



Russell M. Nelson



Dallin H. Oaks



M. Russell Ballard



Richard G. Scott



Robert D. Hales



Jeffrey R. Holland



David A. Bednar



Quentin L. Cook



D. Todd Christofferson



Neil L. Andersen



Ronald A. Rasband



Claudio R. M. Costa



Steven E. Snow



Walter F. González



L. Whitney Clayton



Jay E. Jensen



Donald L. Hallstrom

A PRESIDÊNCIA DOS SETENTA

O PRIMEIRO QUÓRUM DOS SETENTA

(em ordem alfabética)



Marcos A. Adibkarifis



Carlos H. Amado



Mervyn B. Arnold



David S. Baxter



Shoyne M. Bowen



Gérald Caussé



Yoon Hwan Choi



Craig C. Christensen



Gary J. Coleman



Lawrence E. Coibridge



Benjamin De Hoyos



John B. Dickson



Kevin R. Duncan



David F. Evans



Enrique R. Falabella



Eduardo Gamaral



Carlos A. Godoy



Christoffel Golden Jr.



Gerrit W. Gong



C. Scott Grow



James J. Hamula



Keith K. Hilbig



Richard G. Hinckley



Martin K. Jensen



Daniel L. Johnson



Paul V. Johnson



Patrick Keanon



Yoshitoko Kikuchi



Paul E. Koelliker



Erich W. Kopschke



Richard J. Maynes



Marcus B. Nash



Brent H. Nielson



Allan F. Packer



Kevin W. Pearson



Anthony D. Perkins



Paul B. Pieper



Rafael E. Pino



Bruce D. Porter



Carl B. Pratt



Dale G. Reinhard



Michael I. Ringwood



Lynn G. Robbins



Cecil O. Samuelson Jr.



Joseph W. Strati



Ulisses Soares



Gary E. Stevenson



Juan A. Uceda



Francisco J. Vinas



William R. Walker



F. Michael Watson



Jorge F. Zephallos



Claudio D. Zivic



W. Craig Zwick

O SEGUNDO QUÓRUM DOS SETENTA

(em ordem alfabética)



Wilford W. Andersen



Kaichi Aoyagi



Todd R. Callister



Craig A. Cardon



Bruce A. Carlson



Don R. Clarke



Keith R. Edwards



Stanley G. Ellis



Gregory D. Foster



Larry W. Gibbons



Won Yong Ko



Larry R. Lawrence



Per G. Meim



James B. Martino



Jairo Mazzogardi



Kent F. Richards



Gregory A. Schwitzer



Lowell M. Snow



Paul K. Szyrowsky



Kent D. Watson

O BISPAPO PRESIDENTE



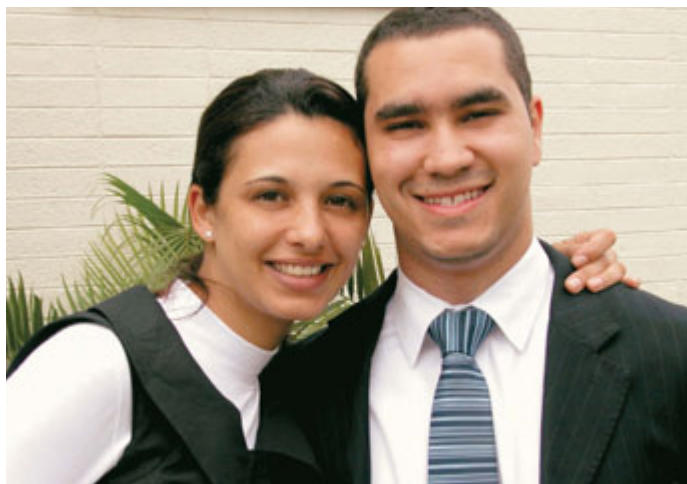
Richard C. Edgley
Primeiro Conselheiro



H. David Burton
Bispo Presidente



Keith B. Alcahulin
Segundo Conselheiro



Os santos dos últimos dias reúnem-se para participar da 180ª Conferência Geral Semestral da Igreja. No sentido horário, a partir do canto superior esquerdo: membros da Igreja em São Paulo, Brasil; Auckland, Nova Zelândia; Formosa, Argentina; Cidade do Cabo, África do Sul; Estocolmo, Suécia; Dublin, Irlanda; e Montevidéo, Uruguai.





Presidente Thomas S. Monson

Os Três Rs da Escolha

Cada um de nós veio à Terra com todas as ferramentas necessárias para fazer escolhas certas.

Meus amados irmãos do sacerdócio, oro sinceramente para que esta noite eu tenha a ajuda de nosso Pai Celestial para expressar as coisas que senti que deveria compartilhar com vocês.

Tenho pensado ultimamente a respeito das escolhas e suas consequências. Quase não se passa uma hora do dia sem que tenhamos de fazer algum tipo de escolha. Algumas são triviais, outras têm repercussões maiores. Algumas não vão fazer diferença no esquema eterno das coisas, mas outras farão *toda* a diferença.

Ao ponderar sobre os vários aspectos das escolhas, classifiquei-os em três categorias: primeiro, a *regalia* da escolha; segundo, a *responsabilidade* da escolha; e terceiro, os *resultados* da escolha. Chamo isso de os três Rs da escolha.

Começarei pela *regalia* (ou direito) de escolha. Devo imensa gratidão ao amoroso Pai Celestial por conceder-nos a dádiva do arbítrio, ou seja, o direito de escolha. O Presidente David O. McKay, nono Presidente da Igreja, disse: “Ao lado do dom da própria vida, o direito de conduzi-la é a maior dádiva de Deus ao homem”.¹

Sabemos que tínhamos o arbítrio antes de este mundo existir, e que Lúcifer tentou tirá-lo de nós. Ele não

confiava no princípio do arbítrio, nem em nós; e defendeu uma salvação imposta. Alegava que, com a utilização de seu plano, nenhum de nós se perderia; mas aparentemente não reconheceu — ou talvez não se importasse — que, desse modo, ninguém se tornaria mais sábio, mais forte, mais compassivo ou mais grato, caso seu plano fosse implementado.

Nós que escolhemos o plano do Salvador sabíamos que embarcaríamos numa jornada arriscada e difícil, porque percorreríamos os caminhos do mundo nos quais poderíamos pecar e tropeçar, sendo afastados da presença do Pai. Mas o Primogênito em Espírito ofereceu-Se como sacrifício para expiar os pecados de todos. Por meio de sofrimento indescritível, Ele Se tornou o grande Redentor, o Salvador de toda a humanidade, possibilitando assim nosso retorno bem-sucedido à presença do Pai.

O profeta Leí declarou: “Portanto os homens são livres segundo a carne; e todas as coisas de que necessitam lhes são dadas. E são livres para escolher a liberdade e a vida eterna por meio do grande Mediador de todos os homens, ou para escolherem o cativeiro e a morte, de acordo com o cativeiro e o poder do diabo; pois ele procura tornar todos os homens tão miseráveis como ele próprio”.²

Irmãos, dentro dos limites de quaisquer circunstâncias em que nos encontremos, sempre teremos a *regalia* (ou direito) da escolha.

Em seguida, junto com a *regalia* da escolha vem a *responsabilidade* da escolha. Não podemos ser neutros, não há meio-termo. O Senhor sabe disso, e Lúcifer também. Enquanto vivermos nesta Terra, Lúcifer e suas hostes jamais abandonarão a esperança de reivindicar nossa alma.

O Pai Celestial não nos enviou para nossa jornada eterna sem providenciar meios pelos quais pudéssemos receber Dele orientação divina para ajudar-nos a retornar em segurança no fim da vida mortal. Refiro-me à oração. Refiro-me também aos sussurros daquela voz mansa e delicada que há dentro de cada um de nós, sem esquecer as santas escrituras, que foram escritas por marinheiros que já atravessaram com sucesso os mares que também teremos de cruzar.

Cada um de nós veio à Terra com todas as ferramentas necessárias para fazer escolhas certas. O profeta Mórmon disse: “O Espírito de Cristo é concedido a todos os homens, para que eles possam distinguir o bem do mal”.³

Estamos cercados — às vezes somos até bombardeados — por mensagens do adversário. Ouçam algumas delas, que sem dúvida lhes soarão familiares: “Só desta vez não vai fazer mal”. “Não se preocupe, ninguém vai saber”. “Você pode parar de fumar ou de beber, ou de tomar drogas quando quiser”. “Todo mundo faz isso, portanto não pode ser tão ruim assim”. As mentiras são infundáveis.

Embora em nossa jornada encontremos bifurcações e retornos ao longo da estrada, simplesmente não podemos nos dar ao luxo de enveredar por um desvio do qual talvez jamais consigamos voltar. Lúcifer, como o astuto flautista



[de Hamelin], toca sua alegre melodia e atrai os incautos para longe da segurança do caminho escolhido, para longe dos conselhos de pais amorosos, para longe da segurança dos ensinamentos de Deus. Ele busca não apenas a assim chamada escória da humanidade, ele busca todos nós, inclusive os próprios eleitos de Deus. O rei Davi ouviu, vacilou e, depois, seguiu e caiu. O mesmo fez Caim, em uma época anterior, e Judas Iscariotes, em uma era posterior. Os métodos de Lúcifer são ardilosos, e suas vítimas, numerosas.

Lemos a respeito dele em 2 Néfi: “E a outros pacificará e acalentrará com segurança carnal”.⁴ “A outros ele lisonjeia, dizendo-lhes que não há inferno (...) até agarrá-los com suas terríveis correntes.”⁵ “E assim o diabo engana

suas almas e os conduz cuidadosamente ao inferno.”⁶

Quando nos deparamos com escolhas importantes, como decidimos? Será que sucumbimos à promessa do prazer momentâneo? Aos nossos desejos e paixões? À pressão de nossos colegas?

Não devemos ser indecisos como Alice, no clássico de Lewis Carroll, *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*. Vocês se recordam que ela chega a uma encruzilhada, com dois caminhos diante dela, ambos se estendendo para algum lugar, mas em direções opostas. Ela se vê diante do Gato Risonho, a quem Alice pergunta: “Que caminho devo seguir?”

O gato respondeu: “Depende do lugar para onde quer ir. Se não sabe

para onde quer ir, não importa o caminho que você vai seguir”.⁷

Ao contrário da Alice, todos sabemos para onde queremos ir. E o rumo que vamos tomar *realmente* importa, porque ao escolher um caminho, escolhemos nosso destino.

Temos constantemente de tomar decisões. Para fazê-lo com sabedoria, precisamos de coragem — a coragem de dizer “não” e a coragem de dizer “sim”. As decisões determinam, *de fato*, o destino.

Peço que decidam aqui, agora mesmo, que não se desviarão do caminho que vai levá-los a nossa meta: a vida eterna com nosso Pai Celestial. Ao longo do caminho reto e apertado haverá outras metas: serviço missionário, casamento no templo, atividade na Igreja, estudo das escrituras, oração, trabalho do templo. Há incontáveis metas dignas a serem alcançadas em nossa jornada da vida. Precisamos comprometer-nos a alcançá-las.

Por fim, irmãos, quero falar-lhes dos *resultados* da escolha. Todas as nossas escolhas têm consequências, algumas das quais pouco ou nada têm a ver com a nossa salvação, mas outras têm *tudo* a ver com ela.

O fato de vestirmos uma camiseta verde ou azul não faz qualquer diferença a longo prazo. Contudo, se você decidir apertar uma tecla do computador que o leve para a pornografia, isso pode fazer *toda* a diferença em sua vida. Você simplesmente terá dado um passo fora do caminho reto e seguro. Se um amigo o pressionar a ingerir bebidas alcoólicas ou a experimentar drogas, e você ceder à pressão, terá enveredado por um desvio do qual pode não conseguir voltar. Irmãos, quer sejamos diáconos de doze anos ou sumos sacerdotes experientes, todos somos suscetíveis. Vamos manter os

olhos, o coração e nossa determinação direcionados àquela meta que é eterna e que vale qualquer preço que tenhamos de pagar por ela, independentemente do sacrifício que tenhamos de fazer para alcançá-la.

Nenhuma tentação, pressão ou sedução pode vencer-nos, a menos que o permitamos. Se fizermos escolhas erradas, não podemos culpar ninguém, a não ser nós mesmos. O Presidente Brigham Young, certa vez, expressou essa verdade referindo-se a si mesmo. Ele disse: “Se o irmão Brigham desviar-se do caminho e for impedido de entrar no reino dos céus, ninguém terá culpa disso, a não ser ele mesmo. Nos céus, na Terra ou no inferno, eu serei o único culpado por isso”. E continuou: “Isso se aplica também a todos os santos dos últimos dias. A salvação é um trabalho individual”.⁸

O Apóstolo Paulo declarou: “Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que não vos deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar”.⁹

Todos já fizemos escolhas incorretas. Se ainda não corrigimos essas escolhas, asseguro-lhes que há um meio de fazê-lo. O processo se chama arrependimento. Rogo a vocês que corrijam seus erros. Nosso Salvador morreu a fim de proporcionar a todos nós essa dádiva abençoada. Embora o caminho não seja fácil, a promessa é real: “Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve”.¹⁰ “E eu, o Senhor, deles não mais me lembro.”¹¹ Não coloquem em risco sua vida eterna. Se pecaram, quanto antes comecem a trilhar o caminho de volta, mais cedo encontrarão a doce paz e a alegria que advêm do milagre do perdão.

Irmãos, vocês são de nobre estirpe. A vida eterna no reino de nosso Pai é



sua meta. Essa meta não é alcançada numa única tentativa gloriosa, mas, sim, como resultado de uma vida inteira de retidão, de uma somatória de escolhas sábias, sim, de uma constância de propósito. Como tudo que realmente vale a pena, a recompensa da vida eterna exige esforço.

As escrituras são bem claras:

“Fazeis como vos mandou o Senhor, vosso Deus; não vos desviareis, nem para a direita nem para a esquerda.

“Andareis em todo o caminho que vos manda o Senhor vosso Deus.”¹²

Para terminar, quero compartilhar com vocês o exemplo de alguém que decidiu bem cedo na vida quais seriam suas metas. Refiro-me ao irmão Clayton M. Christensen, membro da Igreja, que é professor da Faculdade de Administração de Empresas da Universidade de Harvard.

Quando tinha dezesseis anos, o irmão Christensen decidiu, entre outras coisas, que não praticaria esportes aos domingos. Anos depois, quando frequentava a Universidade de Oxford, na Inglaterra, ele jogava como pivô na equipe de basquete. Naquele ano, tiveram uma temporada invicta e chegaram ao que, na Inglaterra, equivaleria ao campeonato de basquete da Associação Atlética Universitária Nacional, nos Estados Unidos.

Venceram os jogos com relativa facilidade no campeonato, chegando às quartas de final. Foi então que o irmão Christensen viu a programação

e, para seu desalento, descobriu que a final estava marcada para um domingo. Ele e a equipe haviam-se esforçado muito para chegar até ali, e ele era o pivô. Procurou o técnico para expressar seu dilema. O técnico não foi gentil e disse ao irmão Christensen que ele devia disputar o jogo.

Antes da final, porém, houve a semifinal. Infelizmente, o pivô reserva deslocou o ombro, aumentando a pressão sobre o irmão Christensen para que disputasse a final. Ele foi para seu quarto de hotel. Ajoelhou-se. E perguntou ao Pai Celestial se haveria problemas se, apenas daquela vez, ele disputasse aquele jogo no domingo. Ele conta que, antes de terminar de orar, recebeu a resposta: “Clayton, por que Me está perguntando isso? Você sabe a resposta”.

Foi procurar o técnico e disse que sentia muito, mas que não disputaria a final. Depois, foi às reuniões dominicais na ala local, enquanto sua equipe jogava sem ele. Orou fervorosamente para que tivessem sucesso. Eles ganharam.

Aquela decisão fatídica e difícil foi tomada há mais de trinta anos. O irmão Christensen disse que, com o passar do tempo, ele veio a considerar aquela uma das decisões mais importantes que tomou na vida. Teria sido muito fácil dizer: “Sabe, de modo geral, o mandamento de guardar o Dia do Senhor é a coisa certa, mas na minha situação específica há atenuantes, e não vai fazer mal se, só desta vez, eu



Presidente Henry B. Eyring
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

não o cumprir”. Contudo, ele disse que, ao longo de toda sua vida, houve uma série interminável de situações atenuantes, e que se ele já tivesse cedido apenas aquela vez, quando surgisse novamente algo muito urgente ou crítico, teria sido bem mais fácil ceder de novo. A lição que ele aprendeu foi que é mais fácil guardar os mandamentos 100 por cento do tempo do que 98 por cento do tempo.¹³

Meus amados irmãos, que tenhamos a alma repleta de gratidão pela *regaliada* escolha; que aceitemos a *responsabilidade* da escolha e estejamos sempre cientes dos *resultados* da escolha. Como portadores do sacerdócio, sendo unos de coração podemos tornar-nos dignos da influência orientadora de nosso Pai Celestial, se fizermos cuidadosa e corretamente nossas escolhas. Estamos engajados no trabalho do Senhor Jesus Cristo. Nós, como aqueles de tempos passados, atendemos a Seu chamado. Estamos a serviço Dele. Teremos sucesso neste solene encargo: “Purificai-vos, os que levais os vasos do Senhor”.¹⁴ Oro humildemente que isso aconteça. É minha oração solene e humilde, em nome de Jesus Cristo, nosso Mestre. Amém. ■

NOTAS

1. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: David O. McKay*, 2003, p. 227.
2. 2 Néfi 2:27.
3. Morôni 7:16.
4. 2 Néfi 28:21.
5. 2 Néfi 28:22.
6. 2 Néfi 28:21.
7. Adaptado de Lewis Carroll, *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, 1898, p. 89.
8. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Brigham Young*, 1997, p. 294.
9. I Coríntios 10:13.
10. Isaías 1:18.
11. Doutrina e Convênios 58:42.
12. Deuteronômio 5:32–33.
13. Ver Clayton M. Christensen, “Decisions for Which I’ve Been Grateful” (Devocional na Universidade Brigham Young–Idaho, 8 de junho de 2004), www.byui.edu/presentations.
14. Isaías 52:11.

Confiar em Deus e, Então, Fazer

Vocês demonstram sua confiança Nele quando ouvem com a intenção de aprender e de arrepender-se e, depois, fazem tudo o que Ele lhes pede.

Meus amados irmãos e irmãs, é uma honra falar a vocês neste Dia do Senhor. Sinto-me humilde pelo encargo de falar aos milhões de santos dos últimos dias e aos nossos amigos no mundo inteiro. Em preparação para esta oportunidade sagrada, orei e ponderei para saber quais seriam suas necessidades pessoais e a mensagem que o Senhor queria que eu lhes transmitisse.

Suas necessidades são muitas e diversas. Cada um de vocês é um filho incomparável de Deus. Deus os conhece individualmente. Ele envia mensagens de incentivo, correção e orientação, adequadas a vocês e a suas necessidades.

Para descobrir o que Deus queria que eu dissesse nesta conferência, li as mensagens de Seus servos nas escrituras e nas conferências passadas. Recebi resposta a minha oração ao ler as palavras de Alma, um grande servo do Senhor, no Livro de Mórmon:

“Oh! eu quisera ser um anjo e poder realizar o desejo de meu coração de ir e falar com a trombeta de

Deus, com uma voz que estremece a terra, e proclamar arrependimento a todos os povos!

Sim, declararia a todas as almas, com voz como a do trovão, o arrependimento e o plano de redenção, para que se arrependessem e viessem ao nosso Deus, a fim de não haver mais tristeza em toda a face da Terra.

Mas eis que sou um homem e peço em meu desejo; porque deveria contentar-me com as coisas que o Senhor me concedeu”.¹

Depois descobri, na reflexão de Alma, a orientação pela qual vinha orando: “Porque eis que o Senhor concede a todas as nações que ensinem a sua palavra em sua própria nação e língua, sim, em sabedoria, tudo o que ele acha que devem receber; vemos, portanto, que o Senhor aconselha com sabedoria, segundo o que é justo e verdadeiro”.²

Ao ler essa mensagem de um servo de Deus, minha tarefa de hoje ficou mais clara. Deus envia mensagens e mensageiros autorizados a Seus Filhos. Devo edificar a confiança em Deus e

em Seus servos, até que nos motivemos a obedecer a Seus conselhos. Ele quer isso porque nos ama e deseja nossa felicidade. Ele sabe como a falta de confiança Nele traz infelicidade.

Essa falta de confiança resultou em sofrimento para os filhos do Pai Celestial desde antes de o mundo ser criado. Sabemos, por meio de revelações de Deus ao Profeta Joseph Smith, que muitos de nossos irmãos e irmãs no mundo pré-mortal rejeitaram o plano para nossa vida mortal apresentado por nosso Pai Celestial e Seu Filho mais velho, Jeová.³

Não sabemos todas as razões do terrível sucesso que Lúcifer obteve em incitar aquela rebelião. Contudo, uma delas é clara. Aqueles que perderam a bênção de vir para a mortalidade careciam de suficiente confiança em Deus para evitar a miséria eterna.

O triste padrão da falta de confiança em Deus persistiu desde a Criação. Tomarei cuidado ao citar exemplos da vida de alguns filhos de Deus, pois não conhecemos todos os motivos que os levaram a não ter suficiente fé para confiar Nele. Muitos de vocês já estudaram os momentos de crise da vida deles.

Jonas, por exemplo, não apenas rejeitou a mensagem do Senhor de ir a Nínive, mas tomou o rumo oposto. Naamã não confiou na instrução dada pelo profeta do Senhor, de banhar-se no rio, para que o Senhor o curasse da lepra, considerando aquela simples tarefa indigna de sua nobreza.

O Salvador convidou Pedro a sair da segurança do barco e a caminhar até Ele sobre as águas. Sofremos por ele e reconhecemos nossa própria carência de uma fé maior em Deus ao ouvir este relato:

“Mas, à quarta vigília da noite, dirigiu-se Jesus para eles, andando por cima do mar.

E os discípulos, vendo-o andando sobre o mar, assustaram-se, dizendo: É um fantasma. E gritaram com medo.

Jesus, porém, lhes falou logo, dizendo: Tende bom ânimo, sou eu, não temais.

E respondeu-lhe Pedro, e disse: Senhor, se és tu, manda-me ir ter contigo por cima das águas.

E ele disse: Vem. E Pedro, descendo do barco, andou sobre as águas para ir ter com Jesus.

Mas, sentindo o vento forte, teve medo; e, começando a ir para o fundo, clamou, dizendo: Senhor, salva-me!

E logo Jesus, estendendo a mão, segurou-o, e disse-lhe: Homem de pouca fé, por que duvidaste?⁴

Dá-nos coragem o fato de Pedro ter passado a confiar no Senhor a ponto de permanecer fiel a serviço Dele por toda a vida, até o próprio martírio.

O jovem Néfi, no Livro de Mórmon, desperta em nós o desejo de desenvolver confiança no Senhor para obedecer a Seus mandamentos, por mais difíceis que nos pareçam. Néfi enfrentou perigos e arriscou a vida ao declarar estas palavras confiantes que podemos e precisamos sentir com firmeza no coração: “Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, porque sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens possam ser cumpridas”.⁵

Essa confiança advém do conhecimento de Deus. Mais do que qualquer outro povo da Terra, e graças aos gloriosos eventos da Restauração do evangelho, nós sentimos a paz que o Senhor ofereceu a Seu povo nestas palavras: “Aquietai-vos, e sabeí que eu sou Deus”.⁶ Meu coração se enche de gratidão pelo que Deus revelou a respeito de Si mesmo, para que tenhamos vigorosa confiança Nele.

Isso começou para mim em 1820, com um jovem que foi a um bosque, numa fazenda do Estado de Nova York. O rapaz, Joseph Smith Jr., caminhou por entre as árvores até um lugar isolado. Ajoelhou-se em oração, com total confiança de que Deus responderia a sua súplica, para saber o que devia fazer para ser limpo e salvo por meio da Expição de Jesus Cristo.⁷

Toda vez que leio seu relato, minha confiança em Deus e em Seus servos aumenta:

“Vi um pilar de luz acima de minha cabeça, mais brilhante que o sol, que descia gradualmente sobre mim.

Assim que apareceu, senti-me livre



do inimigo que me sujeitava. Quando a luz pousou sobre mim, vi dois Personagens cujo esplendor e glória desafiavam qualquer descrição, pairando no ar, acima de mim. Um deles falou-me, chamando-me pelo nome, e disse, apontando para o outro: *Este é Meu Filho Amado. Ouve-O!*⁸

O Pai nos revelou que Ele vive; que Jesus Cristo é Seu Filho Amado, e que Ele nos amou tanto, que enviou esse Filho para salvar a nós, Seus filhos. E por ter um testemunho de que Ele chamou aquele rapaz sem instrução para ser apóstolo e profeta, confio em Seus apóstolos e profetas atuais, e naqueles a quem eles chamam para servir a Deus.

Essa confiança abençoou minha vida e a de minha família. Há vários anos, ouvi o Presidente Ezra Taft Benson falar em uma conferência como esta. Ele aconselhou-nos a fazer tudo o que pudéssemos para livrar-nos das dívidas e manter-nos livres delas. Ele mencionou o financiamento da casa própria. Disse que talvez não fosse possível, mas que seria melhor se conseguíssemos quitar nossa dívida do financiamento.⁹

Virei para minha mulher, depois da reunião, e perguntei: “Acha que existe alguma maneira de fazermos isso?” A princípio, não nos parecia possível. Depois, à noite, lembrei-me de uma propriedade que eu havia comprado em outro Estado. Por vários anos tínhamos tentado vendê-la, sem sucesso.

Mas, como confiamos em Deus e naquelas poucas palavras proferidas no meio da mensagem de Seu servo, na manhã da segunda-feira telefonamos para o corretor, em San Francisco, que cuidava da venda de nossa propriedade. Eu tinha ligado para ele poucas semanas antes, mas ele dissera: “Há anos que ninguém mostra



interesse por sua propriedade”.

No entanto, na segunda-feira depois da conferência, ouvi uma resposta que até hoje fortalece minha confiança em Deus e em Seus servos.

O homem ao telefone disse: “Fico surpreso por você ter ligado. Apareceu um homem hoje perguntando se poderia comprar sua propriedade”. Maravilhado, perguntei: “Quanto ele ofereceu?” Eram alguns dólares além do valor de nossa dívida.

Alguém poderia dizer que foi mera coincidência. Mas, nosso financiamento da casa própria foi quitado. E nossa família ainda procura escutar toda palavra que possa vir a ser

proferida na mensagem do profeta, para dizer-nos o que devemos fazer para ter a paz e a segurança que Deus deseja conceder-nos.

Essa confiança em Deus pode abençoar nossa comunidade e nossa família. Criei-me numa cidadezinha em New Jersey. Nosso ramo da Igreja tinha pouco mais de vinte membros que frequentavam regularmente.

Entre eles havia uma mulher idosa e muito humilde, que se havia convertido à Igreja. Era imigrante e falava com forte sotaque norueguês. Sendo o único membro da Igreja em sua família, era também o único membro da Igreja na cidade em que morava.

Por meio do meu pai, que era presidente do ramo, o Senhor a chamou para ser presidente da Sociedade de Socorro do ramo. Ela não tinha um manual que lhe dissesse o que tinha de fazer. Não havia nenhum outro membro da Igreja que morasse perto dela. Ela sabia apenas que o Senhor Se importava com os necessitados, e também conhecia o breve lema da Sociedade de Socorro: “A Caridade Nunca Falha”.

Isso aconteceu bem no meio da época que conhecemos como a “Grande Depressão”. Milhares de pessoas estavam desempregadas e desabrigadas. Portanto, sentindo que recebera uma tarefa do Senhor, ela pediu roupas velhas a seus vizinhos. Lavou e passou as roupas e as pôs em caixas de papelão, na varanda dos fundos de sua casa. Quando surgiam homens sem dinheiro, que precisavam de roupas pedindo ajuda a seus vizinhos, eles diziam: “Vá até a casa que fica no fim da rua. Ali mora uma senhora mórmon que lhe dará o que você precisa”.

O Senhor não governava a cidade, mas Ele mudou parte dela para melhor. Chamou uma pequena mulher — sozinha — que confiava Nele o suficiente para procurar saber o que Ele queria dela e, então, fazê-lo. Graças a sua confiança no Senhor, ela conseguiu ajudar naquela cidade centenas de filhos necessitados do Pai Celestial.

Essa mesma confiança em Deus pode abençoar nações. Aprendi que podemos confiar que Deus cumprirá esta promessa feita por Alma: “Porque eis que o Senhor concede a todas as nações que ensinem a sua palavra em sua própria nação e língua, sim, em sabedoria, tudo o que ele acha que devem receber”.¹⁰

Deus não está no governo das

nações, mas Ele Se importa com elas. Ele pode colocar em posição de influência pessoas que desejam o que é melhor para o povo e que confiam no Senhor, e Ele realmente o faz.¹¹

Já vi isso em minhas viagens pelo mundo. Em uma cidade de mais de dez milhões de pessoas, falei para milhares de santos dos últimos dias reunidos em uma conferência, realizada em um grande estádio esportivo.

Antes do início da reunião, percebi um homem jovem e de boa aparência sentado na primeira fila. Rodeavam-no outros que, tal como ele, estavam mais bem-vestidos do que a maioria das pessoas a sua volta. Perguntei à Autoridade Geral da Igreja ao meu lado quem eram aqueles homens. Ele sussurrou-me que eram o prefeito da cidade e seus assessores.

Ao caminhar para meu carro após a reunião, fiquei surpreso ao ver o prefeito esperando para cumprimentar-me, acompanhado de seus assessores. Ele se adiantou, estendeu-me a mão e disse: “Obrigado por ter vindo a nossa cidade e ao nosso país. Sentimo-nos gratos pelo que vocês fazem para edificar seu povo. Com pessoas e famílias assim, podemos criar a harmonia e a prosperidade que desejamos para nosso povo”.

Percebi naquele momento que ele era uma das pessoas de coração sincero colocadas por Deus em cargos influentes em meio a Seus filhos. Éramos minoria entre os cidadãos daquela grande cidade e nação. O prefeito pouco sabia sobre nossa doutrina e conhecia bem poucos membros de nossa Igreja. Mas Deus lhe enviara a mensagem de que os santos dos últimos dias, sob o convênio de confiar em Deus e em Seus servos autorizados, viriam a tornar-se uma luz entre seu povo.

Eu conheço os servos de Deus que

vão falar a vocês nesta conferência. Eles foram chamados por Deus para transmitir mensagens a Seus filhos. O Senhor disse o seguinte a respeito deles: “O que eu, o Senhor, disse está dito e não me desculpo; e ainda que passem os céus e a Terra, minha palavra não passará, mas será toda cumprida, seja pela minha própria voz ou pela voz de meus servos, é o mesmo”.¹²

Vocês demonstram sua confiança Nele quando ouvem com a intenção de aprender e de arrepender-se e, depois, fazem tudo o que Ele lhes pede. Se confiarem em Deus o suficiente para escutar a mensagem Dele em todo discurso, hino e oração desta conferência, vocês a ouvirão. E, se depois fizerem o que Ele deseja que vocês façam, sua capacidade de confiar Nele aumentará e, com o tempo, vão-se sentir dominados pela alegria de descobrir que Ele passou a confiar em vocês.

Testifico-lhes que Deus nos fala hoje por intermédio de Seus servos escolhidos na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Thomas S. Monson é o profeta de Deus. Nosso Pai Celestial e Seu Filho Jesus Cristo vivem e nos amam. Isso testifico, no sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Alma 29:1–3.
2. Alma 29:8.
3. Ver Doutrina e Convênios 29:36–37; Abraão 3:27–28.
4. Mateus 14:25–31.
5. 1 Néfi 3:7.
6. Salmos 46:10.
7. Ver *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 31.
8. Joseph Smith—História 1:16–17.
9. Ver, por exemplo, Ezra Taft Benson, “Prepare for the Days of Tribulation”, *Ensign*, novembro de 1980, p. 33.
10. Alma 29:8.
11. Ver II Crônicas 36:22–23; Esdras 1:1–3; Isaías 45:1, 13.
12. Doutrina e Convênios 1:38.



Presidente Boyd K. Packer
Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos

Limpar o Vaso Interior

Não há circunstância na qual se manifestem mais intensamente a generosidade, a bondade e a misericórdia de Deus, do que no arrependimento.

Esta conferência geral está sendo realizada numa época em que há tamanha confusão e tantos perigos que nossos jovens mal sabem por onde devem seguir. Tendo sido advertidos por meio de revelação de que isso aconteceria, sempre foi mostrado aos profetas e apóstolos o que fazer.

O Senhor revelou ao Profeta Joseph Smith “que todo homem, porém, fale em nome de Deus, o Senhor, sim, o Salvador do mundo”.¹ Quando foram restauradas, as chaves abriram a possibilidade de que a autoridade do sacerdócio estivesse presente em todos os lares por meio de avós, pais e filhos.

Há quinze anos, devido aos tumultos existentes no mundo, a Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos promulgaram “A Família: Proclamação ao Mundo”, a quinta proclamação da história da Igreja. Essa declaração é um guia que os membros da Igreja bem fariam em ler e seguir.

Em parte, ela declara: “Nós, a Primeira Presidência e o Conselho dos Doze Apóstolos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, solenemente proclamamos que o casamento entre homem e mulher foi ordenado por Deus e que a família é essencial ao plano do Criador para o destino eterno de Seus filhos”.²

“Os Deuses desceram para organizar o homem a sua própria imagem, para formá-lo à imagem dos Deuses, para formá-los, homem e mulher.

E os Deuses disseram: Abençoá-los-emos. E (...) faremos com que sejam frutíferos e se multipliquem e encham a terra e subjuguem-na.”³

Esse mandamento nunca foi revogado.

“E assim os provaremos para ver se farão todas as coisas que o Senhor seu Deus lhes ordenar.”⁴

Pretende-se que sejamos felizes porque “os homens existem para que tenham alegria”.⁵

Leí ensinou que os homens são e precisam ser “livres (...) para agirem por si mesmos e não para receberem a ação, salvo se for pelo castigo da lei no grande e último dia”.⁶

O antigo ditado “O Senhor vota em mim, e Lúcifer vota contra mim, mas é o meu voto que conta” descreve uma certeza doutrinária de que nosso arbítrio é mais poderoso do que a vontade do adversário. O arbítrio é precioso. Podemos desistir dele de modo insensato e cego, mas ninguém pode tirá-lo de nós à força.

Também existe a antiga desculpa: “O diabo me levou a fazer isso”. Isso não é verdade! Ele pode enganá-los e

desencaminhá-los, mas não pode forçar vocês ou quem quer que seja a cometer transgressão ou a manter-se nela.

O poder de criar vida que nos foi confiado proporciona a maior de todas as alegrias e as mais perigosas das tentações. O dom da vida mortal e a capacidade de gerar outras vidas é uma bênção sublime. Por meio do exercício justo desse poder, como em nenhuma outra coisa, podemos alcançar-nos mais ao Pai Celestial e sentir uma plenitude de alegria. Esse poder não é uma parte casual do plano de felicidade. É o ponto-chave desse plano, precisamente o ponto-chave.

A escolha entre o uso desse poder, conforme exigem as leis eternas, e a rejeição de seu propósito divino determinará para sempre a pessoa em quem nos tornaremos. “Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?”⁷

Algo que nos liberta é determinarmos por vontade própria que seremos obedientes a nosso Pai e nosso Deus, e expressarmos a Ele essa vontade em oração.

Se formos obedientes, poderemos desfrutar desses poderes no convênio do casamento. De nossa fonte de vida surgirão os nossos filhos, a nossa família. O amor entre marido e mulher pode ser constante e nos proporcionar um sentimento de realização e felicidade por todos os dias de nossa vida.

Se alguém deixar de receber essas bênçãos na mortalidade, a promessa é de que elas serão concedidas no mundo vindouro.

O puro amor pressupõe que somente após o juramento de fidelidade eterna, em uma cerimônia legal e legítima, e de preferência após a ordenança do selamento no templo, é que esses poderes de criação da vida serão liberados para a plena expressão do amor. Ele deve ser compartilhado única

e exclusivamente entre um homem e uma mulher, casados um com o outro, como companheiros eternos. No tocante a isso o evangelho é bem claro.

Temos a liberdade de ignorar os mandamentos, mas quando as revelações expressam uma proibição em termos tão claros, é melhor prestarmos atenção.

O adversário inveja todos os que têm o poder de gerar vida. Satanás não pode gerar vida, é impotente. “Ele procura tornar todos os homens tão miseráveis como ele próprio.”⁸ Procura degradar o uso justo dos poderes de criação de vida, tentando vocês a manterem relações imorais.

O Senhor usou a expressão “é semelhante” para criar uma imagem metafórica que Seus seguidores pudessem compreender, tais como:

“O reino dos céus é semelhante ao

homem, negociante”.⁹

“O reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido num campo.”¹⁰

Em nossos dias, a influência nefasta da pornografia é semelhante a uma praga que se espalha pelo mundo, infectando um aqui, outro ali, procurando implacavelmente invadir todos os lares, mais frequentemente por intermédio do marido e pai. O efeito dessa praga pode ser espiritualmente fatal, como infelizmente acontece, de modo geral. Lúcifer quer destruir “o grande plano de redenção”,¹¹ “o grande plano de felicidade”.¹²

A pornografia sempre repele o Espírito de Cristo e interrompe a comunicação entre nosso Pai Celestial e Seus filhos, destruindo o terno relacionamento existente entre marido e mulher.

O sacerdócio possui o maior dos poderes. Ele pode proteger vocês da

praga da pornografia — porque ela é uma praga — se estiverem sucumbindo à influência dela. Se a pessoa for obediente, o sacerdócio pode mostrar-lhe como vencer um hábito e até eliminar o vício. Os portadores do sacerdócio têm essa autoridade e devem empregá-la para combater as más influências.

Advertimos e alertamos os membros da Igreja para que despertem e compreendam o que está acontecendo. Pais, estejam sempre alertas e atentos, pois a iniquidade pode ameaçar seu círculo familiar.

Ensinamos um padrão de conduta moral que vai proteger-nos dos muitos substitutos e imitações de casamento criados por Satanás. Precisamos compreender que toda e qualquer proposta de se iniciar um relacionamento que não esteja em harmonia com os princípios do evangelho é obrigatoriamente errada. Aprendemos no Livro de Mórmon que “iniquidade nunca foi felicidade”.¹³

Alguns supõem que estão predestinados e não podem sobrepujar o que imaginam ser tentações inatas para coisas impuras e antinaturais. Isso não é verdade! Lembrem-se de que Deus é nosso *Pai Celestial*.

Paulo prometeu que “Deus (...) não vos deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar”.¹⁴ Vocês podem, se quiserem, quebrar o hábito e vencer o vício e abandonar aquilo que não é digno de nenhum membro da Igreja. Conforme Alma admoestou, precisamos “[vigiar] e [orar] continuamente”.¹⁵

Isaías advertiu: “Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem mal; que fazem das trevas luz, e da luz trevas; e fazem do amargo doce, e do doce amargo!”¹⁶

Há vários anos, visitei uma escola em Albuquerque. A professora me contou a respeito de um menino que





levou um gatinho para a sala de aula. Como podem imaginar, isso interrompeu tudo. Ela pediu que ele mostrasse o gatinho para as crianças da sala.

Tudo ia bem até que uma das crianças perguntou: “É um gatinho macho ou fêmea?”

Não querendo entrar naquela lição, a professora disse: “Não importa. É só um gatinho”.

Mas elas insistiram. Por fim, uma das crianças levantou a mão e disse: “Eu sei como ficar sabendo”.

Resignada em enfrentar a questão, a professora perguntou: “Como é que sabemos?”

E o aluno respondeu: “Podemos fazer uma votação!”

Podem rir com esta história, mas se não ficarmos alertas, há pessoas hoje em dia que não apenas toleram, mas defendem a votação para mudar leis que legalizariam a imoralidade, como se um voto pudesse de alguma forma alterar os desígnios das leis de Deus e da natureza. Uma lei contrária à natureza seria impossível de se colocar em prática. Por exemplo, de que adiantaria um plebiscito para revogar a lei da gravidade?

Há leis tanto morais quanto físicas que foram “irrevogavelmente [decretadas] no céu antes da fundação deste mundo” e que não podem ser alteradas.¹⁷ A história mostra repetidas vezes que os padrões morais não podem ser mudados por meio de batalhas nem por votações. A legalização de algo fundamentalmente mau ou errado não evita o sofrimento e as penalidades

que se seguirão tão seguramente quanto a noite segue o dia.

Independentemente da oposição, estamos decididos a permanecer no rumo certo. Continuaremos a seguir os princípios, as leis e as ordenanças do evangelho. Se eles forem mal compreendidos, quer por inocência quer por má fé, que assim seja. Não podemos mudar e não vamos mudar o padrão moral. Perdemos rapidamente o rumo, quando desobedecemos às leis de Deus. Se não protegemos e ampararmos a família, a civilização e nossa liberdade, inevitavelmente, tudo perecerá.

“Eu, o Senhor, estou obrigado quando fazeis o que eu digo; mas quando não o fazeis, não tendes promessa alguma”.¹⁸

Toda alma confinada à prisão do pecado, culpa ou perversão tem a chave da porta de saída. Essa chave se chama “arrependimento”. Se souberem como usar essa chave, o adversário não poderá mantê-los presos. Os princípios combinados do arrependimento e do perdão são mais fortes do que o assombroso poder do tentador. Se vocês estiverem presos a um hábito ou vício indigno, precisam interromper essa conduta prejudicial. Os anjos vão orientá-los¹⁹ e os líderes do sacerdócio vão guiá-los nesses momentos difíceis.

Não há circunstância na qual se manifestem mais intensamente a generosidade, a bondade e a misericórdia de Deus, do que no arrependimento. Vocês compreendem o supremo poder purificador da Expição feita pelo Filho de Deus, nosso Salvador e nosso

Redentor? Ele disse: “Pois eis que eu, Deus, sofri essas coisas por todos, para que não precisem sofrer caso se arrependam”.²⁰ Nesse sublime ato de amor, o Salvador pagou as penalidades por nossos pecados para que não tivéssemos que pagar.

Para aqueles que realmente desejarem, *há* um caminho de volta. O arrependimento é como um detergente. Ele faz sair até as manchas mais impregnadas de pecado.

Os portadores do sacerdócio carregam consigo o antídoto para remover as terríveis imagens de pornografia e eliminar a culpa. O sacerdócio tem o poder de destravar a influência de nossos hábitos, até de quebrar as correntes do vício, por mais fortes que sejam. Ele pode curar as cicatrizes de erros passados.

Não conheço, em todas as revelações, palavras mais belas e consoladoras do que estas: “Eis que aquele que se arrependeu de seus pecados é perdoado e eu, o Senhor, deles não mais me lembro”.²¹

Às vezes, mesmo após confessar e pagar as penalidades, a parte mais difícil do arrependimento é perdoar a si mesmo. Precisamos saber que perdão significa perdão.

“Tantas vezes quantas o meu povo se arrepender, perdoá-lo-ei de suas ofensas contra mim”.²²

O Presidente Joseph Fielding Smith contou-me a respeito de uma mulher que lutava para sair de uma vida extremamente imoral. Ela perguntou-lhe o que deveria fazer a partir de então.

Em resposta, ele pediu que ela lesse para ele o relato encontrado no Velho Testamento sobre a mulher de Ló que se transformou numa estátua de sal.²³ Em seguida, ele perguntou a ela: “Que lição há nesses versículos para você?”

Ela respondeu: “O Senhor destrói os iníquos”.

“Não é isso!” O Presidente Smith

disse que a lição, para aquela mulher arrependida e para você, é: “Não olhe para trás!”²⁴

Por estranho que pareça, essa pode ser a mais simples e poderosa prevenção e cura para a pornografia, ou para qualquer ato impuro: ignorá-lo e fugir dele. Apague da mente todo pensamento impuro que tente criar raízes. Ao decidir permanecer limpo, você está exercendo o arbítrio que lhe foi concedido por Deus. Depois disso, conforme aconselhou o Presidente Smith: “Não olhe para trás”.

Prometo que adiante de vocês está a paz e a felicidade, para vocês e para sua família. O objetivo final de toda atividade na Igreja é a de que um homem e sua mulher e seus filhos podem ser felizes no lar. E invoco as bênçãos do Senhor sobre vocês que se estão deba- tendo contra essa terrível praga, para que encontrem a cura que está a nossa disposição no sacerdócio do Senhor. Presto testemunho desse poder em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Doutrina e Convênios 1:20.
2. “A Família: Proclamação ao Mundo”, *A Liahona*, outubro de 2004, última contracapa.
3. Abraão 4:27–28.
4. Abraão 3:25.
5. 2 Néfi 2:25.
6. 2 Néfi 2:26.
7. I Coríntios 3:16.
8. 2 Néfi 2:27.
9. Mateus 13:45.
10. Mateus 13:44.
11. Jacó 6:8; Alma 34:31.
12. Alma 42:8.
13. Alma 41:10.
14. I Coríntios 10:13.
15. Alma 13:28.
16. Isaías 5:20.
17. Doutrina e Convênios 130:20.
18. Doutrina e Convênios 82:10.
19. Ver 2 Néfi 32:3.
20. Doutrina e Convênios 19:16.
21. Doutrina e Convênios 58:42.
22. Mosias 26:30.
23. Ver Gênesis 19:26.
24. Ver Boyd K. Packer, *The Things of the Soul*, 1996, p. 116.



Élder Jay E. Jensen

Da Presidência dos Setenta

O Espírito Santo e a Revelação

O Espírito Santo é o terceiro membro da Trindade e, juntamente com o Pai e o Filho, conhece todas as coisas.

Quando eu era um jovem élder e estava na missão havia um ano, ao ler as escrituras e as palavras dos Apóstolos modernos sobre revelação e o Espírito Santo, percebi algo que me deixou desconcertado: eu não tinha um testemunho próprio, especificamente a respeito do Pai e do Filho. Fui para a missão vivendo sob a luz emprestada de meus maravilhosos pais. Não duvidando das palavras deles, não tinha pensado em buscar meu próprio testemunho espiritual. Numa noite de fevereiro, em San Antonio, Texas, em 1962, descobri que teria de saber isso por mim mesmo. Em nosso pequeno apartamento encontrei um lugar onde pude orar em voz baixa, suplicando: “Pai Celestial, estás aí? Preciso saber por mim mesmo!”

Algum tempo depois, saí dali sabendo por mim mesmo, pela primeira vez na vida e de modo espiritualmente mais profundo, que Deus e Jesus eram reais. Não escutei uma voz audível nem vi um ser celeste. Eu soube, da mesma forma que vocês podem vir a saber — pelo “indescritível dom do Espírito Santo” (D&C 121:26) e pelo espírito de revelação

(ver D&C 8:1–3) que me trouxe paz à mente (ver D&C 6:23) e certeza ao coração (ver Alma 58:11).

Com isso, testemunhei os resultados do conselho de Alma de “[despertar e exercitar minhas] faculdades, pondo à prova [Suas] palavras” (Alma 32:27). Aquelas palavras ou sementes cresceram e se tornaram árvores realmente gigantes de testemunho. O processo continuou com mais experiências com a palavra, resultando em outras árvores de testemunho — hoje, uma verdadeira floresta.

O Dom do Espírito Santo É um Dom Desejado

Quando visitou as Américas, o Salvador chamou doze discípulos. Uma de Suas mensagens para eles e para o povo foi sobre o Espírito Santo. Depois de ensinar-lhes, o Salvador partiu e prometeu voltar no dia seguinte. O povo trabalhou a noite inteira a fim de reunir o máximo possível de pessoas para ouvi-Lo.

Os discípulos reuniram o povo em doze grupos para ensinar-lhes o que o Salvador lhes ensinara. Acima de todos os seus ensinamentos estava a importância do Espírito Santo

(ver 3 Néfi 11–18). Então o povo ajoelhou-se e orou. Seu desejo sincero era o de receberem o Espírito Santo (ver 3 Néfi 19:8–9).

O Salvador apareceu a eles e salientou novamente a importância do Espírito Santo ao orar ao Pai.

“Pai, graças te dou por teres conferido o Espírito Santo a estes que escolhi; (...)

Pai, rogo-te que dês o Espírito Santo a todos os que crerem em suas palavras” (3 Néfi 19:20–21).

Com base nesse acontecimento do Livro de Mórmon, compreendo melhor por que o Presidente Wilford Woodruff disse “que o dom do Espírito Santo é o maior dom que pode ser conferido ao homem. (...)

Não se limita aos homens nem aos apóstolos e profetas; pertence a todos os homens e mulheres fiéis e a todas as crianças com idade suficiente para receber o evangelho de Cristo” (*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Wilford Woodruff*, 2004, p. 49).

A Revelação Nos Dá Respostas nos Momentos de Necessidade

O Espírito Santo é o terceiro membro da Trindade e, juntamente com o Pai e o Filho, conhece todas as coisas (ver D&C 35:19; 42:17). Ele desempenha muitos papéis importantes, sendo o principal deles o de ensinar e testificar do Pai e do Filho (ver 3 Néfi 28:11). Outros papéis são o de revelar a verdade de todas as coisas (ver Morôni 10:5) e orientar-nos a fazer o bem (ver D&C 11:12).

O Presidente Thomas S. Monson é um exemplo desse importante papel de sermos orientados a fazer o bem. Ele segue o exemplo do Salvador, “o qual andou fazendo bem” (Atos 10:38). Ele ensinou a importância de não ignorarmos o influxo do Espírito Santo, para visitar alguém, ministrar-lhe e

resgatar o que estiver perdido.

Às vezes, porém, não há um Presidente Monson, um mestre familiar, uma irmã prestativa disponível para nos ministrar nos momentos de necessidade. Nessas situações, encontrei consolo e orientação advindos do Consolador, um outro papel do Espírito Santo (ver D&C 36:2).

Nosso neto Quinton nasceu com vários defeitos congênitos e viveu quase um ano, durante o qual foi internado diversas vezes. Minha mulher e eu morávamos na Argentina, na época. Queríamos realmente estar com nossos filhos para consolá-los e ser consolados por eles. Aquele era nosso neto, e nós o amávamos e queríamos estar perto dele. Só podíamos orar, e foi o que fizemos de modo muito fervoroso!

Minha mulher e eu estávamos visitando as áreas da missão quando soubemos que Quinton tinha morrido. Paramos no corredor de uma capela e nos abraçamos e nos consolamos mutuamente. Testifico a vocês que tivemos o consolo do Espírito Santo, uma paz que ultrapassa todo entendimento e continua até hoje (ver Filipenses 4:7). Também prestamos testemunho do indescritível dom do Espírito Santo na vida de nosso filho, de nossa nora e dos filhos deles, que até hoje falam daquela época com muita fé, paz e consolo.

A Revelação e o Livro de Mórmon

Esse mesmo dom de revelação influenciou meu testemunho do Livro de Mórmon. Eu leio, estudo, pesquiso o Livro de Mórmon e banqueteio-me

Missionários de tempo integral e uma irmã em Las Caobas, República Dominicana, preparam-se para uma reunião batismal entre as sessões da conferência geral.



nele continuamente. O Espírito Santo revelou-me sua veracidade e divindade.

O Presidente Gordon B. Hinckley chamou o Livro de Mórmon de uma das quatro pedras de esquina essenciais da Igreja, sendo que as outras são: a Primeira Visão de Joseph Smith, a restauração do sacerdócio e, é claro, nosso testemunho de Jesus Cristo, a principal pedra de esquina (ver Efésios 2:19–21). Ele explicou: “Esses [quatro] grandiosos dons concedidos por Deus são as pedras angulares inabaláveis que sustentam A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, bem como o testemunho e a convicção individual de seus membros” (“As Quatro Pedras Angulares da Fé”, *A Liahona*, fevereiro de 2004, p. 7).

Esses quatro dons concedidos por Deus se tornaram a âncora de minha fé e de meu testemunho, e cada um deles me foi confirmado por revelação por intermédio do Espírito Santo. Contudo, quero tomar alguns minutos para concentrar-me em duas dessas pedras de esquina — a Primeira Visão e o Livro de Mórmon. É significativo notar que cada uma delas tenha começado num ambiente familiar, em que filhos nasceram de bons pais e foram bem ensinados por eles (ver 1 Néfi 1:1). Os acontecimentos da vida de Leí e de Joseph Smith traçam paralelos entre si (ver 1 Néfi 1 e Joseph Smith—História 1):

- Cada um deles tinha uma necessidade específica. A de Leí era a de salvar a si mesmo e a sua família da iminente destruição de Jerusalém, e a de Joseph Smith era a de saber qual igreja era verdadeira.
- Cada um deles orou.
- Cada um deles teve uma visão do Pai e do Filho.
- A cada um foi dado um livro.
- Os dois pregaram.



- Cada um deles recebeu revelação por intermédio do Espírito Santo e também por meio de visões e sonhos.
- Por fim, foram ameaçados por pessoas iníquas. Leí e seu povo escaparam e sobreviveram. Joseph foi martirizado.

É de admirar que os missionários convidem aqueles que sinceramente buscam a verdade a começar seu estudo do Livro de Mórmon em 1 Néfi? Esse livro está *repleto* do Espírito do Senhor. Nos primeiros capítulos há uma clara mensagem de que a revelação e o Espírito Santo são concedidos não apenas aos profetas, mas também a pais, mães e filhos.

A mensagem sobre a revelação e o Espírito Santo prossegue por todo o Livro de Mórmon, conforme explicado em sua introdução. Essas verdades foram resumidas pelo profeta Joseph Smith: “Tirem o Livro de Mórmon e as revelações e onde está a nossa religião? Não temos nenhuma” (*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 204).

Como santos dos últimos dias, nosso testemunho do Livro de Mórmon dado a nós por revelação, garante-nos que esta religião e suas doutrinas são verdadeiras (ver introdução do Livro de Mórmon).

As coisas do Espírito são sagradas e difíceis de expressar. Nós, assim como Amon, declaramos: “Eis que vos digo que não posso expressar nem a mínima parte do que sinto” (Alma 26:16).

Contudo, testifico que o Espírito Santo é real e Ele é o testificador, o revelador, o consolador, o guia e o mestre celestial.

Presto humilde testemunho de que esta Igreja verdadeira e viva repousa sobre essas quatro pedras de esquina. Testifico que Jesus Cristo é realmente a principal pedra de esquina (ver Efésios 2:19–21). O Presidente Thomas S. Monson é o profeta do Senhor, e os quinze homens sentados atrás de mim são profetas, videntes, apóstolos e reveladores. Eles possuem o santo sacerdócio e as chaves do reino. Eu os amo, honro e apoio. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■



Mary N. Cook

Primeira Conselheira na Presidência Geral das Moças

Sê o Exemplo dos Fiéis

Quero convidá-las a “[serem] o exemplo dos fiéis (...) na fé [e] na pureza”.

Há pouco tempo, a pequena Ruby nasceu em nossa família. Olhei para seu rostinho lindo e maravilhei-me por saber que, antes de vir à Terra, ela morou na presença de nosso Pai Celestial. Ela aceitou Seu grande plano de felicidade e decidiu seguir o Pai e Jesus Cristo, nosso Salvador.¹ Devido a sua decisão, foi-lhe permitido vir à Terra para passar pela mortalidade e progredir rumo à vida eterna. Com o espírito unido ao corpo, Ruby entrou num período de aprendizado no qual poderá ser provada, tomar a decisão de seguir Cristo e preparar-se para ser digna da vida eterna.

Ruby chegou pura ao mundo, mas como parte do plano, enfrentará provações e tentações, e cometerá erros. Graças à Expição do Salvador, porém, Ruby poderá ser perdoada, receber a plenitude da alegria e tornar-se pura de novo — pronta para viver para sempre na presença de nosso Pai Celestial.

Poucas horas após seu nascimento, tive o privilégio de tomar aquela preciosa criancinha nos braços. Eu disse para a mãe dela: “Oh, temos que ensinar Ruby a ser uma mulher virtuosa, pura e de valor inestimável, como sugere seu nome”.²

A mãe respondeu: “Já comecei hoje”.

O que fará a mãe de Ruby para “começar hoje”? Como é que nós,

pais, avós e líderes, podemos encaminhar e manter nossos filhos — nossos jovens — no caminho da vida eterna? Precisamos “[ser] o exemplo dos fiéis”.³

O profeta Brigham Young disse: “Jamais devemos fazer algo que não desejemos ver nossos filhos fazerem. Devemos ser um exemplo das coisas que gostaríamos que eles imitassem”.⁴ Todos podemos “começar hoje” sendo esse bom exemplo.

Quero convidá-las hoje a “[serem] o exemplo dos fiéis” em dois princípios essenciais à salvação: “na fé, [e] na pureza”.⁵

Sejam um exemplo dos fiéis na fé. Fortaleçam ativamente sua própria fé em Jesus Cristo e seu testemunho Dele, preparando-se assim para testificar a seus filhos por palavras e pelo exemplo.

Quero contar-lhes algo a respeito de uma mãe maravilhosa cuja vida foi um exemplo de fé. Quando o Profeta Joseph Smith era bem jovem, ele observava sua mãe, Lucy Mack Smith, e aprendia com ela a respeito da fé em Deus. Lucy procurava respostas examinando as escrituras,⁶ e Joseph também utilizou essa prática, procurando orientação na Bíblia, como sua mãe fazia.⁷

Lucy também resolvia os problemas familiares buscando a ajuda do Senhor em oração pessoal. Certo dia,

viendo que havia discórdia na família a respeito de religião, Lucy conta que se retirou “para um bosque de belas cerejeiras, não muito longe de onde morava, e orou ao Senhor”.⁸

Lucy também orou com muita fé ao enfrentar problemas de saúde quando Joseph quase perdeu a perna devido a uma infecção óssea e quando a irmã de Joseph, Sophronia, quase morreu de febre tifoide. A respeito da doença de Sophronia, Lucy escreveu: “Fitei minha filha. Meu marido e eu demos as mãos e caímos de joelhos ao lado do leito dela, expressando toda a nossa angústia e súplica aos ouvidos do Senhor”.⁹ Sophronia sarou. Tenho certeza de que os filhos de Lucy sempre a viam orar com fé, esperando e recebendo respostas a essas orações.

Lucy orava com fé pedindo orientação, e Joseph também se retirou a um bosque, onde orou com fé, esperando uma resposta do Senhor, como sua mãe fazia.

Tal como Lucy, precisamos mostrar a nossos filhos e a nossos jovens como eles podem fortalecer sua fé e seu testemunho de Jesus Cristo, fortalecendo a nossa própria fé e testemunho, estudando as escrituras, e orando individualmente e com eles.

Ao contrário de Lucy Smith, somos hoje abençoados por termos mais do que a Bíblia. Temos as escrituras modernas e as palavras de nossos profetas atuais para “guiar-nos em segurança”¹⁰ no caminho da vida eterna. No Livro de Mórmon, aprendemos sobre pessoas que seguiram por esse caminho “continuamente agarradas à barra de ferro”¹¹, que foi comparada à “palavra de Deus”.¹² No mundo atual, repleto de tentações, talvez seja difícil manter-nos [agarrados], porque Satanás elabora meios para procurar afastar-nos do caminho do Senhor. Se segurarmos a barra com uma só



mão e mantivermos a outra no mundo colocaremos nossos filhos e nossos jovens em perigo de perderem o caminho. Se nosso exemplo não for firme, então, como disse Jacó, perderemos “a confiança de [nossos] filhos, por causa de [nossos] maus exemplos”.¹³

Pais, avós e líderes, sua mensagem precisa ser clara. Isso só pode acontecer se segurarmos a barra com ambas as mãos e vivermos de acordo com as verdades encontradas nas escrituras e nas palavras dos profetas modernos. Talvez não estejamos criando um profeta, como Lucy, mas sem dúvida estamos criando os líderes de amanhã, e nossas ações estão visivelmente relacionadas à fé e força espiritual de nossos filhos, tal como aconteceu com Lucy.

Sejam um exemplo dos fiéis na pureza. A única maneira de tornarmos puros é pela Expição de nosso Salvador. Para todos nós, o processo de purificação começa pela fé, pelo arrependimento e por nosso primeiro convênio, o batismo.

A fim de ajudar nossos filhos a viver seu convênio batismal, o Élder Robert D. Hales aconselhou: “Ensina-mos que no exato momento em que saem da água, eles saem do mundo e entram no reino de Deus. Por convênio, eles concordam em obedecer a Seus mandamentos”.¹⁴

“Os convênios nos colocam sob

a firme obrigação de honrar nossos compromissos para com Deus. Para cumprir nossos convênios, precisamos abandonar atividades ou interesses que nos impeçam de honrar esses convênios.”¹⁵

O livreto *Para o Vigor da Juventude* é uma ferramenta maravilhosa para ajudar os jovens a compreender essa obrigação sagrada de fazer convênios e as bênçãos da pureza que recebemos pelo cumprimento desses convênios. Ele contém palavras dos profetas modernos — a barra de ferro que vai guiá-los em segurança pelo caminho estreito e apertado, afastando-os das armadilhas de Satanás que podem retardar-lhes o progresso. Nesse livreto, vocês também encontrarão as muitas bênçãos que advêm da obediência e da busca de toda coisa “virtuosa [e] amável”.¹⁶

Pais, tenham seu próprio exemplo desse livreto e leiam-no. Vivam, vocês mesmos, esses padrões. Tenham conversas significativas a respeito do evangelho com os jovens, de modo a desenvolver neles seu próprio interesse de viver e descobrir por si mesmos o significado e o propósito desses padrões.

Os padrões encontrados nas seções “Diversão e Mídia” e “Vestuário e Aparência” podem ser particularmente desafiadores, porque se estão

tornando cada vez mais distantes dos padrões do mundo.

Precisamos ser um exemplo do que é “[virtuoso e] amável” na escolha de nossas próprias diversões. Precisamos tomar cuidado para que o tipo de mídia que deixamos entrar em nosso lar não embote a sensibilidade ao Espírito, não prejudique o relacionamento com nossos familiares e amigos, nem revele prioridades pessoais conflitantes com os princípios do evangelho. Por meio do exemplo, podemos ajudar nossos filhos a compreender que ao passar muito tempo utilizando a Internet, redes sociais e celulares, jogando videogames, ou vendo televisão, privamo-nos de atividades produtivas e interações valiosas com as pessoas.

Também somos um exemplo do que é virtuoso e amável em nosso vestuário e nossa aparência. Como povo do convênio, temos a responsabilidade de cuidar de nosso corpo, protegê-lo e vesti-lo adequadamente. Precisamos ajudar nossos filhos e jovens a compreender que respeitamos nosso corpo como um templo e como uma dádiva de Deus.¹⁷ Damos o exemplo, recusando-nos a comprar ou vestir roupas pouco recatadas que sejam demasiadamente justas, transparentes ou insinuantas.

As pessoas que guardam os



convênios se esforçam para ser obedientes “em todos os momentos e (...) em todos os lugares”¹⁸ devido a seu amor a Deus e a Suas bênçãos prometidas. Certa noite, ao caminhar com meu marido, passamos por uma recepção de casamento ao ar livre. Não conhecíamos as pessoas, mas elas nos deram a impressão imediata de virtude. A escolha da música e do vestuário era adorável. O vestido radiante da noiva era inquestionavelmente recatado, assim como os das damas de honra. Aquela família decidiu não misturar os caminhos do mundo com a santidade daquele dia.

Gostaria agora de dirigir uma palavra aos maravilhosos jovens de nossa Igreja. Obrigada pelo exemplo digno que vocês são para tantas pessoas: seus amigos, professores, líderes e familiares. Sei que muitos de vocês são o único membro da Igreja na família. Pode ser que frequentem a Igreja sozinhos. Quero elogiá-los por sua dedicação e por seu exemplo de retidão. Sejam pacientes e continuem

a viver em retidão. Há muitos que podem ajudá-los. O Presidente Thomas S. Monson disse: “Mesmo para uma família exemplar, (...) podem ser muito úteis o auxílio e o apoio de bons homens [e mulheres] que realmente se preocupam”.¹⁹

Olhem a seu redor, em sua ala e estaca, procurem líderes e amigos que são o exemplo dos fiéis e aprendam com eles.

Quando eu era jovem, identifiquei pessoas que eram um exemplo dos fiéis. Além de meus pais, uma delas foi minha tia Carma Cutler. Lembro-me vividamente de ouvi-la falar em uma noite dos padrões da estaca, quando eu tinha 16 anos. Ela ensinou a importância de sermos recatadas e dignas de um casamento no templo. Fiquei profundamente tocada com seu testemunho. Tinha observado sua vida virtuosa desde que eu era menina e sabia que ela vivia de modo condizente com o que ensinava. Tive vontade de seguir seu exemplo.

Rapazes e moças, *vocês* podem

começar hoje sendo um exemplo dos fiéis na fé e na pureza. Fortaleçam sua fé e seu testemunho diariamente por meio do estudo das escrituras e da oração. Guardem seu convênio batismal que vai ajudá-los a manter-se puros e a serem merecedores da orientação do Espírito Santo. Vocês podem começar hoje a ser o exemplo que outros vão seguir.

E, nunca se sabe, vocês podem vir a ser o exemplo de que a minha pequena Ruby vai precisar um dia. Por enquanto, Ruby iniciou de modo maravilhoso sua jornada pelo caminho da vida eterna. Seus pais estão estabelecendo padrões de retidão na casa dela, começando cada dia com a determinação de serem o exemplo dos fiéis. Espero que Ruby, usando seu arbítrio, decida seguir esse exemplo.

Sinto-me grata pelo plano de felicidade e testifico que esse é o único meio pelo qual a Ruby e todos nós podemos ser puros novamente e viver para sempre na presença de nosso Pai Celestial. Comecemos todos hoje mesmo. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Abraão 3:22–26.
2. Ver Provérbios 31:10.
3. I Timóteo 4:12.
4. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Brigham Young*, 1997, p. 173.
5. I Timóteo 4:12.
6. Ver Lucy Mack Smith, *History of Joseph Smith by His Mother*, ed. por Scot Facer Proctor e Maurine Jensen Proctor, 1996, p. 50.
7. Ver Joseph Smith—História 1:11–12.
8. Smith, *History of Joseph Smith*, p. 58.
9. Smith, *History of Joseph Smith*, p. 69.
10. “The Iron Rod”, *Hymns*, n° 274.
11. 1 Néfi 8:30.
12. 1 Néfi 11:25.
13. Jacó 2:35.
14. Robert D. Hales, *Return: Four Phases of Our Mortal Journey Home*, 2010, p. 60.
15. *Pregar Meu Evangelho, Guia para o Serviço Missionário*, 2005, p. 64.
16. Regras de Fé 1:13.
17. Ver I Coríntios 3:16.
18. Mosias 18:9.
19. Thomas S. Monson, “Exemplos de Retidão”, *A Liahona*, maio de 2008, p. 65.



Élder Dallin H. Oaks
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Duas Linhas de Comunicação

Precisamos usar tanto a linha pessoal quanto a linha do sacerdócio, devidamente equilibradas, para atingir o crescimento que é o propósito da vida mortal.

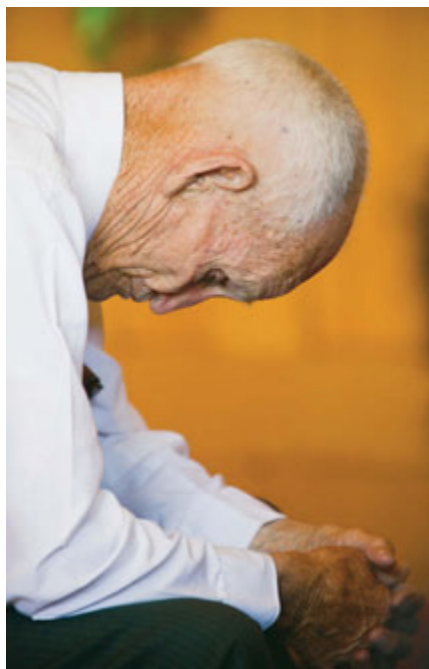
○ Senhor deu a Seus filhos duas linhas para comunicar-nos com Ele, que poderíamos chamar de linha pessoal e linha do sacerdócio. Todos nós devemos conhecer e ser guiados por essas duas linhas de comunicação essenciais.

I A Linha Pessoal

Na linha pessoal, oramos diretamente ao Pai Celestial, e Ele nos responde pelos canais que estabeleceu, sem nenhum intermediário mortal. Oramos a nosso Pai Celestial, em nome de Jesus Cristo, e Ele nos responde por intermédio de Seu Santo Espírito e de outras maneiras. A missão do Espírito Santo é prestar testemunho do Pai e do Filho (ver João 15:26; 2 Néfi 31:18; 3 Néfi 28:11), guiar-nos à verdade (ver João 14:26; 16:13), e mostrar-nos todas as coisas que devemos fazer (ver 2 Néfi 32:5). Essa linha pessoal de comunicação com nosso Pai Celestial por intermédio de Seu Santo Espírito é a fonte de nosso testemunho da verdade, de nosso conhecimento e de nossa orientação pessoal pelo amoroso Pai Celestial. É um elemento

essencial de Seu maravilhoso plano do evangelho, que permite a cada um de Seus filhos receber um testemunho pessoal de sua veracidade.

O canal pessoal e direto de comunicação com nosso Pai Celestial por meio do Espírito Santo baseia-se



na dignidade, e é tão essencial que recebemos o mandamento de renovar nossos convênios tomando o sacramento a cada Dia do Senhor. Desse modo, tornamo-nos dignos da promessa de ter sempre conosco Seu Espírito para guiar-nos.

E nessa linha pessoal de comunicação com o Senhor, nossas crenças e práticas são semelhantes às dos cristãos que pregam que não são necessários mediadores humanos entre Deus e o homem, porque todos temos acesso direto a Deus, segundo o princípio apoiado por Martinho Lutero, atualmente conhecido como “o sacerdócio de todos os crentes”. Falarei mais a esse respeito daqui a pouco.

A linha pessoal é de suprema importância nas decisões pessoais e no governo da família. Infelizmente, alguns membros de nossa Igreja subestimam a necessidade dessa linha direta e pessoal. Respondendo à indubitável importância da liderança profética — a linha do sacerdócio, que funciona principalmente para governar a comunicação celeste nos assuntos da Igreja — alguns procuram fazer com que seus líderes do sacerdócio tomem as decisões pessoais por eles, decisões essas que deveriam tomar por si mesmos por inspiração, por meio de sua linha pessoal. As decisões pessoais e o governo da família são primordialmente um assunto para a linha pessoal.

Sinto que devo acrescentar outros cuidados que devemos tomar em relação a essa preciosa linha direta de comunicação com o Pai Celestial.

Em primeiro lugar, em sua plenitude, a linha pessoal não funciona independentemente da linha do sacerdócio. O Dom do Espírito Santo — meio de comunicação entre Deus e o homem — é conferido pela autoridade do sacerdócio, quando autorizado por aqueles que possuem as chaves do sacerdócio.



Não vem simplesmente por desejo ou crença. E o direito da companhia constante do Espírito precisa ser confirmado a cada Dia do Senhor, ao tomarmos dignamente o sacramento e renovarmos nossos convênios batismais de obediência e serviço.

Semelhantemente, não podemos comunicar-nos de modo confiável por meio da linha direta pessoal se formos desobedientes ou se estivermos em desarmonia com a linha do sacerdócio. O Senhor declarou que “os direitos do sacerdócio são inseparavelmente ligados com os poderes do céu e que os poderes do céu não podem ser controlados nem exercidos a não ser de acordo com os princípios da retidão” (D&C 121:36). Infelizmente, é comum que pessoas que violam os mandamentos de Deus ou são desobedientes aos conselhos de seus líderes do sacerdócio declarem que Deus lhes revelou que não precisam obedecer a alguns mandamentos ou seguir certos conselhos. Essas pessoas podem receber revelação ou inspiração, mas não da fonte que supõem. O diabo é o pai das mentiras e está sempre ansioso por frustrar o trabalho de Deus com suas imitações astutas.

II. A Linha do Sacerdócio

Diferentemente da linha pessoal, na qual nosso Pai Celestial Se comunica conosco diretamente por meio do

Espírito Santo, a linha de comunicação do sacerdócio tem como intermediários adicionais e necessários nosso Salvador Jesus Cristo, Sua Igreja e Seus líderes designados.

Devido ao que Ele realizou por meio de Seu sacrifício expiatório, Jesus Cristo tem o poder de determinar as condições que precisamos cumprir para qualificar-nos para as bênçãos de Sua Expição. É por isso que temos mandamentos e ordenanças. É por isso que fazemos convênios. É assim que nos qualificamos para as bênçãos prometidas. Tudo isso vem por intermédio da misericórdia e graça do Santo de Israel “depois de tudo o que pudermos fazer” (2 Néfi 25:23).

Durante Seu ministério terreno, Jesus Cristo conferiu a autoridade do sacerdócio que leva Seu nome e estabeleceu uma Igreja, que também leva o Seu nome. Nesta última dispensação, Sua autoridade do sacerdócio foi restaurada e Sua Igreja foi restabelecida por meio de ministração celeste ao Profeta Joseph Smith. Esse sacerdócio restaurado e essa Igreja restabelecida estão no cerne da linha do sacerdócio.

A linha do sacerdócio é o canal pelo qual Deus falou a Seus filhos por meio das escrituras no passado. E é essa linha pela qual Ele fala atualmente por meio dos ensinamentos e conselhos dos profetas e apóstolos vivos e de outros líderes inspirados. Esse é o meio pelo

qual recebemos as ordenanças necessárias. Esse é o meio pelo qual recebemos chamados para servir em Sua Igreja. Sua Igreja é o meio e Seu sacerdócio é o poder por meio do qual temos o privilégio de participar de atividades cooperativas que são essenciais para a realização da obra do Senhor. Elas incluem a pregação do evangelho, a construção de templos e capelas, e o auxílio aos pobres.

No tocante a essa linha do sacerdócio, nossas crenças e práticas são semelhantes às de alguns cristãos que pregam que as ordenanças autorizadas (sacramentos) são essenciais e precisam ser realizadas por alguém que tenha sido autorizado e comissionado por Jesus Cristo (ver João 15:16). Também cremos nisso, mas evidentemente divergimos de outros cristãos em relação a como essa autoridade chega até nós.

Alguns membros e ex-membros de nossa Igreja não reconhecem a importância da linha do sacerdócio. Subestimam a importância da Igreja e de seus líderes e programas. Confiam inteiramente na linha pessoal, seguem seu próprio caminho, propondo-se a definir doutrinas e a dirigir organizações concorrentes que pregam coisas contrárias aos ensinamentos dos líderes-profetas. Nisso, espelham a atual hostilidade àquela que é depreciativamente chamada de “religião organizada”. Aqueles que rejeitam a

necessidade de uma religião organizada rejeitam a obra do Mestre, que estabeleceu Sua Igreja e seus líderes no meridiano dos tempos e que os restabeleceu em tempos modernos.

A religião organizada, estabelecida por autoridade divina, é essencial, conforme ensinou o Apóstolo Paulo:

“Querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo;

Até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a homem perfeito, à medida da estatura completa de Cristo” (Efésios 4:12–13).

Todos devemos nos lembrar da declaração do Senhor na revelação moderna de que a voz dos servos do Senhor é a voz do Senhor (ver D&C 1:38; 21:5; 68:4).

Sinto que devo acrescentar duas advertências que devemos lembrar em relação à confiança na linha vital do sacerdócio.

Em primeiro lugar, a linha do sacerdócio não elimina a necessidade da linha pessoal. Todos nós precisamos de um testemunho pessoal da verdade. À medida que nossa fé se desenvolve, precisamos confiar na fé e nas palavras

de outras pessoas, como nossos pais, professores ou líderes do sacerdócio (ver D&C 46:14). Mas, se dependermos unicamente de um determinado líder do sacerdócio ou de um professor para nosso testemunho pessoal da verdade, em vez de obtermos esse testemunho por meio da linha pessoal, estaremos sempre vulneráveis a desapontamentos causados pelas ações dessa pessoa. No tocante a um conhecimento amadurecido ou testemunho da verdade, não devemos depender de um mediador mortal que se interponha entre nós e o Pai Celestial.

Em segundo lugar, tal como na linha pessoal, a linha do sacerdócio não pode funcionar plena e devidamente em nosso benefício a não ser que sejamos dignos e obedientes. Muitas escrituras ensinam que, se alguém persistir na violação grave dos mandamentos de Deus, será “afastado de sua presença” (Alma 38:1). Quando isso acontece, o Senhor e Seus servos ficam grandemente limitados para dar-nos auxílio espiritual, e não podemos obtê-lo por nós mesmos.

A história nos fornece um exemplo vívido da importância de que os servos do Senhor estejam em sintonia com o Espírito. O jovem Profeta Joseph Smith não conseguia traduzir quando estava zangado ou perturbado.

David Whitmer lembrou: “Certa manhã, quando ele estava-se aprontando para continuar a tradução, houve um problema em sua casa que o deixou irritado. Foi algo que sua esposa Emma fizera. Oliver e eu subimos ao andar de cima, e Joseph logo chegou para continuar a tradução, mas não conseguiu fazer nada. Não conseguia traduzir uma única sílaba. Desceu as escadas, foi ao pomar e suplicou ao Senhor. Ficou ali por uma hora, voltou para casa, pediu perdão a Emma e, então, subiu as escadas para

onde estávamos, e a tradução prosseguiu sem problemas. Ele não conseguia fazer nada, a menos que fosse humilde e fiel.”¹

III. A Necessidade de Ambas as Linhas

Concluirei com mais alguns exemplos da necessidade que temos de ambas as linhas que o Pai Celestial estabeleceu para a comunicação com Seus filhos. Ambas são essenciais para o cumprimento de Seu propósito de levar a efeito a imortalidade e vida eterna de Seus filhos. Um antigo relato das escrituras sobre essa necessidade é o conselho dado a Moisés por seu sogro, Jetro, de que não deveria fazer tantas coisas. As pessoas esperavam diante de seu líder do sacerdócio de manhã até a noite para “consultar a Deus” (Êxodo 18:15) e também para “[julgar] entre um e outro” (v. 16). Sempre mencionamos como Jetro aconselhou Moisés a nomear juízes para lidar com os conflitos das pessoas (ver vv. 21–22). Mas Jetro também deu a Moisés um conselho que ilustra a importância da linha pessoal: “E declara-lhes os estatutos e as leis, e faze-lhes saber o caminho em que devem andar, e a obra que *[eles]* devem fazer” (v. 20; grifo do autor).

Em outras palavras, ele deveria ensinar os filhos de Israel a não levarem todas as questões ao seu líder do sacerdócio. Eles deveriam conhecer os mandamentos e buscar inspiração para resolver por si mesmos os seus problemas.

Acontecimentos recentes no Chile ilustram a necessidade das duas linhas. Houve um terremoto devastador no Chile. Muitos de nossos membros perderam a casa, alguns perderam familiares. Muitos perderam a confiança. Mas — como nossa Igreja está preparada para atender a essas desastres — rapidamente foram enviados





suprimentos, abrigos e outros auxílios materiais. Os santos do Chile ouviram a voz do Senhor por meio de Sua Igreja e de seus líderes, e atenderam a suas necessidades materiais. Mas, por melhor que funcionasse a linha do sacerdócio, não era o suficiente. Cada membro precisou buscar o Senhor em oração e receber a mensagem direta de consolo e orientação que vem por intermédio do Santo Espírito aos que buscam e ouvem.

Nosso trabalho missionário é outro exemplo da necessidade das duas linhas. Os homens e as mulheres que são chamados como missionários são dignos e dispostos graças aos ensinamentos que receberam por meio da linha do sacerdócio e do testemunho que receberam por meio da linha pessoal. São chamados por meio da linha do sacerdócio. Então, como representantes do Senhor e sob a direção de Sua linha do sacerdócio, eles ensinam os pesquisadores. Aqueles que buscam sinceramente a verdade ouvem a mensagem, e os missionários os incentivam

a orar para saber se é verdadeira, por eles mesmos, por meio da linha pessoal.

Um último exemplo aplica esses princípios à questão da autoridade do sacerdócio na família e na Igreja.² Toda autoridade do sacerdócio na Igreja funciona sob a direção daquele que possui as devidas chaves do sacerdócio. Essa é a linha do sacerdócio. Mas a autoridade que preside na família — seja o pai, ou a mãe que cria os filhos sozinha — funciona nos assuntos familiares sem a necessidade da autorização de alguém que possua as chaves do sacerdócio. É como a linha pessoal. Ambas as linhas precisam funcionar em nossa vida familiar e em nossa vida pessoal, se quisermos crescer e alcançar o propósito explicado no plano de nosso Pai Celestial para Seus filhos.

Precisamos usar tanto a linha pessoal quanto a linha do sacerdócio, devidamente equilibradas, para atingir o crescimento que é o propósito da vida mortal. Se a prática religiosa pessoal depender unicamente da linha pessoal,

o individualismo apaga a importância da autoridade divina. Se a prática religiosa pessoal depender demasiadamente da linha do sacerdócio, o crescimento individual fica prejudicado. Os filhos de Deus precisam de ambas as linhas para alcançar seu destino eterno. O evangelho restaurado ensina as duas, e a Igreja restaurada oferece as duas.

Testifico-lhes do profeta do Senhor, o Presidente Thomas S. Monson, que possui as chaves que governam a linha do sacerdócio. Testifico do Senhor Jesus Cristo, a Quem pertence esta Igreja. E testifico do evangelho restaurado, cuja verdade está à disposição de cada um de nós por meio da preciosa ligação pessoal com nosso Pai Celestial. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Em “Letter from Elder W. H. Kelley,” *The Saints’ Herald*, 1º de março de 1882, p. 68. Um relato semelhante é citado em B. H. Roberts, *A Comprehensive History of the Church*, vol. 1, p. 131.
2. Ver Dallin H. Oaks, “A Autoridade do Sacerdócio na Família e na Igreja”, *A Liahona*, novembro de 2005, p. 24.



Presidente Thomas S. Monson

O Divino Dom da Gratidão

Um coração grato (...) advém de expressarmos gratidão a nosso Pai Celestial por Suas bênçãos e às pessoas ao nosso redor por tudo o que elas nos proporcionam.

Esta sessão foi maravilhosa. Quando fui apoiado Presidente da Igreja, eu disse: “Vou dar a mim mesmo uma designação. Vou ser consultor do Coro do Tabernáculo!” Tenho muito orgulho do meu coro!

Minha mãe disse-me certa vez: “Tommy, estou muito orgulhosa do que você tem feito; mas tenho um comentário sobre isso. Você devia ter continuado com as aulas de piano”.

Então, fui até o piano e toquei uma música para ela: “Lá-lá-lá-ri-lá, [lá vamos nós] a uma festa de aniversário”.¹ Então, dei-lhe um beijo na testa e ela me deu um abraço.

Penso nela. Penso em meu pai. Penso em todas as Autoridades Gerais que me influenciaram, e em outros, inclusive nas viúvas a quem visitei — 85 delas — levando um frango para assar, às vezes um dinheirinho para elas.

Visitei uma delas tarde da noite. Era meia-noite e fui até o lar dos idosos, e a recepcionista disse: “Com certeza, ela está dormindo”, mas disse-me para não deixar de acordá-la, porque ela tinha dito: “Sei que ele virá”.

Segurei a mão dela; ela chamou-me

pelo nome. Estava bem acordada. Apertou minha mão contra os lábios e disse: “Sabia que você viria”. Como eu poderia faltar?

A bela música entenece meu coração.

Meus amados irmãos e irmãs, ouvimos mensagens inspiradas sobre verdade, esperança e amor. Nossos pensamentos se voltaram para Ele, que expiou nossos pecados, que nos mostrou como viver e como orar, e que demonstrou com Suas ações as bênçãos do serviço — sim, nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

No livro de Lucas, capítulo 17, lemos a Seu respeito:

“E aconteceu que, indo ele a Jerusalém, passou pelo meio de Samaria e da Galileia;

E, entrando numa certa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez homens leprosos, os quais pararam de longe;

E levantaram a voz, dizendo: Jesus, Mestre, tem misericórdia de nós.

E ele, vendo-os, disse-lhes: Ide, e mostrai-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, indo eles, ficaram limpos.

E um deles, vendo que estava são, voltou glorificando a Deus em alta voz;

E caiu aos seus pés, com o rosto em terra, dando-lhe graças; e este era samaritano.

E, respondendo Jesus, disse: Não foram dez os limpos? E onde estão os nove?

Não houve quem voltasse para dar glória a Deus senão este estrangeiro?

E disse-lhe: Levanta-te, e vai; a tua fé te salvou”.²

Por meio de intervenção divina, aqueles leprosos foram poupados de uma morte lenta e cruel, recebendo nova oportunidade de vida. A gratidão que um deles expressou conquistou a bênção do Mestre; a ingratidão dos outros nove deixou-O desapontado.

Meus irmãos e irmãs, será que nos lembramos de agradecer pelas bênçãos que recebemos? Uma expressão sincera de agradecimento não apenas nos ajuda a reconhecer nossas bênçãos, mas também abre as portas do céu e nos ajuda a sentir o amor de Deus.

Meu amado amigo, o Presidente Gordon B. Hinckley, disse: “Quando a pessoa é grata, não se porta com arrogância, presunção nem egoísmo. Ela tem um espírito de gratidão que lhe é típico. Esse espírito abençoará a vida de cada um”.³

No livro de Mateus, na Bíblia, lemos outro relato a respeito da gratidão, dessa vez expressa pelo Salvador. Ao viajar pelo deserto por três dias, mais de 4.000 pessoas O seguiram e viajaram com Ele. Ele teve compaixão delas, porque talvez não tivessem comido durante todos os três dias. Seus discípulos, porém, perguntaram: “De onde nos viriam, num deserto, tantos pães, para saciar tal multidão?” Assim como muitos de nós, os discípulos só viram o que faltava.

“Jesus disse-lhes: Quantos pães tendes? E [os discípulos] disseram: Sete, e



uns poucos de peixinhos.

Então [Jesus] mandou à multidão que se assentasse no chão,

E, tomando os sete pães e os peixes, e *dando graças*, partiu-os, e deu-os aos seus discípulos, e os discípulos à multidão”.

Observem que o Salvador deu graças pelo que tinham — e um milagre aconteceu em seguida. “E todos comeram e se saciaram; e levantaram, do que sobejou, sete cestos cheios de pedaços.”⁴

Todos já passamos por situações em que nos concentramos no que faltava, em vez de pensar em nossas bênçãos. O filósofo grego Epiteto disse: “Sábio é o homem que não se entristece pelas coisas que não tem, mas se regozija nas que tem”.⁵

A gratidão é um princípio divino. O Senhor declarou, por meio de revelação dada ao Profeta Joseph Smith:

“Agradecerás ao Senhor teu Deus em todas as coisas. (...)

E em nada ofende o homem a Deus

ou contra ninguém está acesa sua ira, a não ser contra os que não confessam sua mão em todas as coisas e não obedecem a seus mandamentos”.⁶

Lemos no Livro de Mórmon: “Que vivais rendendo graças diariamente pelas muitas misericórdias e bênçãos que [Deus] vos concede”.⁷

Independentemente das circunstâncias, todos temos muito pelo que agradecer, se simplesmente pararmos para contar nossas bênçãos.

Esta é uma época maravilhosa para viver na Terra. Embora haja muita coisa errada no mundo atual, há muitas coisas justas e boas. Há casamentos bem-sucedidos, pais que amam os filhos e se sacrificam por eles, amigos que se preocupam conosco e nos ajudam, professores que ensinam. Nossa vida é abençoada de incontáveis maneiras.

Podemos elevar-nos e elevar nossos semelhantes quando nos recusamos a ter pensamentos negativos e cultivamos a gratidão. Se por um lado a ingratidão se acha na lista dos pecados graves,

por outro, a gratidão faz parte das virtudes mais nobres. Alguém disse que “a gratidão é não somente a maior das virtudes, mas a mãe de todas elas”.⁸

Como podemos cultivar no coração um espírito de gratidão? O Presidente Joseph F. Smith, sexto Presidente da Igreja, deu-nos a resposta. Ele disse: O homem grato vê no mundo muitas coisas pelas quais deveria agradecer, e para ele o bem supera o mal. O amor derrota a inveja, e a luz expulsa as trevas de sua vida. E continuou: O orgulho destrói nossa gratidão e a substitui pelo egoísmo. Somos muito mais felizes na presença de uma alma grata e amorosa, e devemos ser muito cuidadosos ao cultivar, por meio de uma vida fervorosa, um espírito de gratidão para com Deus e para com o homem!⁹

O Presidente Smith disse que uma vida fervorosa é o ponto-chave para a gratidão.

Será que as posses materiais nos tornam felizes e gratos? Talvez momentaneamente. Contudo, as coisas que nos dão profunda felicidade e gratidão são aquelas que o dinheiro não pode comprar: a família, o evangelho, os bons amigos, a saúde, nossas aptidões e o amor que recebemos das pessoas a nossa volta. Infelizmente, essas são algumas das coisas às quais nem sempre damos o devido valor.

O escritor inglês Aldous Huxley escreveu: “A maioria dos seres humanos tem uma capacidade quase infinita de não dar valor ao que tem”.¹⁰

Em geral damos pouco valor exatamente àquelas pessoas que mais merecem nossa gratidão. Não esperemos até ser tarde demais para expressar essa gratidão. Ao falar de entes queridos que perdeu, certo homem declarou seu remorso desta forma: “Lembro-me daqueles dias felizes, e frequentemente desejava poder expressar aos mortos a gratidão que lhes era devida quando



vivos, e que foi tão pouco retribuída”.¹¹

A perda de entes queridos quase inevitavelmente traz ao nosso coração algum remorso. Minimizemos esses sentimentos o mais que pudermos, expressando-lhes com frequência nosso amor e gratidão. Nunca sabemos quando será tarde demais.

Um coração grato, portanto, advém de se expressar gratidão a nosso Pai Celestial por Suas bênçãos e às pessoas ao nosso redor por tudo o que elas nos proporcionam. Isso exige um esforço consciente — ao menos até que aprendamos realmente e cultivemos um espírito de gratidão. Frequentemente nos sentimos gratos e temos a *intenção* de expressar nossa gratidão, mas esquecemos, ou nem sempre chegamos a fazê-lo. Alguém disse que “sentir gratidão e não expressá-la é como embrulhar um presente e não entregá-lo”.¹²

Quando encontramos desafios e problemas na vida, em geral é difícil concentrar-nos em nossas bênçãos. Contudo, se buscarmos no fundo da alma e procurarmos direito, vamos sentir e reconhecer quantas coisas já recebemos.

Quero contar-lhes o relato de uma família que conseguiu descobrir bênçãos em meio aos desafios mais difíceis. É uma história que li há muitos anos e guardei comigo por causa da mensagem que ela transmitia. Foi escrita por Gordon Green e apareceu em uma revista americana há mais de 50 anos.

Gordon conta que foi criado em uma fazenda no Canadá, onde ele e os irmãos tinham de correr para casa, ao saírem da escola, enquanto as outras crianças ficavam jogando bola ou iam nadar. O pai, porém, conseguiu ajudá-los a compreender que o trabalho deles era importante. Isso se confirmava principalmente na época da colheita, quando a família comemorava o Dia de Ação de Graças, porque nesse dia o pai dava-lhes um grande presente. Ele fazia um levantamento de tudo o que tinham.

Na manhã do Dia de Ação de Graças, ele os levava até o porão onde havia barris de maçãs, caixas de beterrabas, cenouras armazenadas na areia e montanhas de batatas ensacadas, além de ervilhas, milho, vagem, geleias, morangos e outras conservas que enchiam as prateleiras. Ele fazia com que os filhos contassem tudo cuidadosamente. Depois, saíam para o celeiro e calculavam quantas toneladas de feno havia ali, e quantas sacas de trigo havia na tulha. Contavam as vacas, os porcos, as galinhas, os perus e os gansos. O pai dizia que queria verificar em que pé estavam as coisas, mas os meninos sabiam que a intenção dele era que eles percebessem, naquele dia de festa, quão abundantemente Deus os havia abençoado e feito frutificar suas horas de trabalho. Por fim, quando se sentavam para comer o banquete que a mãe preparara, podiam realmente sentir as

bênçãos que possuíam.

Gordon contou, porém, que o Dia de Ação de Graças de que se lembrava com mais gratidão foi o do ano em que parecia não terem nada pelo que agradecer.

O ano começou bem. Havia-lhes sobrado feno, tinham muitas sementes e quatro ninhadas de porcos; e o pai reservara um pouco de dinheiro para poder comprar uma empilhadeira de feno — uma máquina maravilhosa que a maioria dos fazendeiros apenas sonhava em ter. Foi também o ano em que a energia elétrica chegou a sua cidade — embora não para eles, porque não tinham como pagar.

Certa noite, quando a mãe de Gordon estava lavando a roupa, o pai assumiu o lugar dela no tanque e pediu à esposa que descansasse e pegasse seu tricô. Ele disse: “Você passa mais tempo lavando roupa do que dormindo. Não acha que deveríamos usar todo o dinheiro que temos e instalar energia elétrica?” Embora entusiasmada com a possibilidade, ela verteu lágrimas ao pensar na empilhadeira de feno que ele deixaria de comprar.

E assim, foram instalados fios elétricos na rua deles naquele ano. Embora nada fosse sofisticado, compraram uma máquina de lavar roupa que funcionava sozinha o dia inteiro, e penduraram lâmpadas bem claras no teto de cada cômodo. Não havia mais lâmpadas para encher de óleo, pavios para cortar ou chaminés cheias de fuligem



para lavar. Os lâmpões foram discretamente levados para o sótão.

A chegada da energia elétrica à fazenda foi quase a última coisa boa que lhes aconteceu naquele ano.

Assim que as plantações começaram a brotar, começaram as chuvas. Quando as águas finalmente baixaram, não havia restado uma única planta em lugar algum. Plantaram de novo, mas as chuvas mais uma vez destruíram as plantações. As batatas apodreceram na lama. Venderam, a preços muito baixos, algumas vacas e todos os porcos e outros animais que pretendiam manter, porque todos tiveram que fazer o mesmo. Tudo o que colheram naquele ano foi um canteiro de nabos que conseguiu sobreviver às tempestades.

Então, chegou novamente o Dia de Ação de Graças. A mãe disse: “Talvez seja melhor não fazermos nada este ano. Não nos restou nem sequer um ganso”.

Na manhã do Dia de Ação de Graças, porém, o pai de Gordon apareceu com uma lebre e pediu que a esposa a preparasse. Ela começou a tarefa de má vontade, dizendo que levaria muito tempo para cozinhar aquele animal velho. Quando o prato foi finalmente posto na mesa, com um pouco dos nabos que restaram, os filhos se recusaram a comer. A mãe de Gordon se pôs a chorar, mas então o pai fez uma coisa estranha. Subiu até o sótão, pegou um lâmpão a óleo, trouxe-o até a mesa e o acendeu. Mandou os filhos

apagarem as luzes elétricas. Quando restava apenas o lâmpão aceso, eles mal puderam crer que antes fosse tão escuro. Ficaram se perguntando se teriam enxergado alguma coisa sem as luzes brilhantes possibilitadas pela eletricidade.

O alimento foi abençoado, e todos comeram. Quando o jantar chegou ao fim, todos ficaram ali sentados em silêncio. Gordon escreveu:

“Na humilde penumbra do velho lâmpão, começamos a ver claramente de novo. (...)”

Foi uma refeição excelente. A lebre teve gosto de peru, e os nabos foram os mais gostosos de que consigo lembrar. (...)”

Nosso lar (...) apesar de tudo o que faltava, era extremamente rico para nós”.¹³

Meus irmãos e irmãs, é amável e honroso expressar gratidão. É generoso e nobre agir com gratidão; e quando vivemos sempre cheios de gratidão no coração, tocamos o céu.

Ao encerrar meu discurso de hoje, é minha oração que, além de todas as coisas pelas quais somos gratos, demonstremos sempre nossa gratidão por nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Seu glorioso evangelho responde às maiores perguntas da vida: De onde viemos? Por que estamos aqui? Para onde vai nosso espírito quando morremos? Esse evangelho leva a luz da verdade divina aos que vivem nas trevas.

Ele nos ensinou a orar. Ele nos ensinou a viver. Ele nos ensinou a morrer. Sua vida é um legado de amor. Curou os enfermos, ergueu os abatidos, salvou os pecadores.

Por fim, ficou sozinho. Alguns apóstolos duvidaram; um deles O traiu. Os soldados romanos Lhe trespassaram o lado. A multidão raivosa tirou-Lhe a vida. Mas ainda ressoam

do monte do Calvário estas Suas palavras compassivas: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”.¹⁴

Quem era aquele “homem de dores, e experimentado nos trabalhos?”¹⁵ “Quem é este Rei de glória”,¹⁶ aquele Senhor dos senhores? Ele é nosso Mestre. É nosso Salvador. É o Filho de Deus. É o Autor de nossa salvação. Ele convida: “Vinde após mim”.¹⁷ Instrui: “Vai, e faz da mesma maneira”.¹⁸ Roga: “Guardai os meus mandamentos”.¹⁹

Vamos segui-Lo. Vamos imitar Seu exemplo. Vamos obedecer a Suas palavras. Ao fazê-lo, daremos a Ele a divina dádiva da gratidão.

Minha sincera e profunda oração é que demonstremos em nossa vida pessoal essa maravilhosa virtude da gratidão. Que ela permeie nossa alma, agora e para sempre. No sagrado nome de Jesus Cristo, nosso Salvador. Amém. ■

NOTAS

1. John Thompson, “Birthday Party,” *Teaching Little Fingers to Play*, 1936, p. 8.
2. Lucas 17:11-19.
3. *Teachings of Gordon B. Hinckley*, 1997, p. 638.
4. Mateus 15:32-37; grifo do autor.
5. *The Discourses of Epictetus; with the Encheiridion and Fragments*, trad. George Long, 1888, p. 429.
6. Doutrina e Convênios 59:7, 21.
7. Alma 34:38.
8. Cicero, em *A New Dictionary of Quotations on Historical Principles*, sel. H. L. Mencken, 1942, p. 491.
9. Ver Joseph F. Smith, *Doutrina do Evangelho*, 5ª ed., 1975, p. 239.
10. Aldous Huxley, *Themes and Variations*, 1954, p. 66.
11. William H. Davies, *The Autobiography of a Super-Tramp*, 1908, p. 4.
12. William Arthur Ward, em Allen Klein, comp., *Change Your Life*, 2010, p. 15.
13. Adaptado de H. Gordon Green, “The Thanksgiving I Don’t Forget”, *Reader’s Digest*, novembro de 1956, pp. 69-71.
14. Lucas 23:34.
15. Isaías 53:3.
16. Salmos 24:8.
17. Mateus 4:19.
18. Lucas 10:37.
19. João 14:15.



Élder L. Tom Perry

Do Quórum dos Doze Apóstolos

O Sacerdócio de Aarão

O sacerdócio do qual vocês são portadores é uma dádiva especial, pois foi o próprio Senhor quem a concedeu. Usem-no, magnifiquem-no e vivam de modo a serem dignos dele.

Num discurso que fiz em uma conferência geral há 25 anos, utilizei um auxílio visual que ficou em pé, ao meu lado: meu neto mais velho. Ele acabara de receber o Sacerdócio Aarônico e de ser ordenado diácono. Aproveitei a oportunidade para dizer a ele o quanto era importante receber o Sacerdócio Aarônico.

Disse ao meu neto:

“Não estou muito contente com a situação do mundo que você e outros rapazes herdarão quando assumirem seu papel ao tornarem-se adultos. Durante o tempo em que nós da velha geração tivemos a idade e a possibilidade de influenciar o mundo, acho que falhamos com relação a vocês, pois deixamos o mundo chegar ao ponto em que chegou. Por esse motivo, vocês terão de conviver com muitas pessoas cuja criação não incluiu a compreensão dos valores tradicionais nem o respeito por esses valores. Com isso, a presença do grupo fica muito mais difícil e intensa.

Temos em casa rádios, toca-discos e aparelhos de televisão. Ainda que todos esses aparelhos possam proporcionar entretenimento sadio, muitas músicas e materiais

audiovisuais produzidos para dar-nos prazer não têm o padrão necessário para inspirar e incentivar os rapazes. Na verdade, a maior parte desses materiais é degradante. O simples ato de ligar um aparelho dentro de sua casa tem o potencial de destruir a noção do certo e do errado que existe dentro de vocês” (ver “Eu Confiro o Sacerdócio de Aarão”, *A Liahona*, janeiro de 1986, p. 41).

Quanto mais mudanças existem, mais as coisas permanecem as mesmas — exceto a tecnologia. Fico tentado a perguntar aos rapazes do Sacerdócio Aarônico se eles ao menos sabem o que é um toca-discos. Para quem não sabe, o toca-discos é um aparelho que as pessoas tinham na sala da casa e que ligavam para ouvir música. Imaginem só, tínhamos de andar até ele, em vez de carregá-lo conosco!

Também ensinei meu neto, Terry, quatro lições com base na história de Daniel, do Velho Testamento. Eu disse a ele que (1) mantivesse o próprio corpo saudável e limpo; (2) desenvolvesse o intelecto e se tornasse sábio; (3) fosse forte e resistisse às tentações, neste mundo que é tão cheio delas; e

(4) que confiasse no Senhor, principalmente quando mais precisasse de Sua proteção.

Encerrei meus conselhos ao Terry com estas palavras: As histórias encontradas nas escrituras nunca envelhecem. Elas serão uma leitura emocionante para você agora, como diácono, e continuarão emocionantes quando você for mestre, sacerdote, missionário, mestre familiar, presidente do quórum de élderes, ou em qualquer outro chamado que o Senhor lhe der. Elas lhe ensinarão a ter fé, coragem, amor ao próximo, confiança em si mesmo e no Senhor (ver *A Liahona*, janeiro de 1986, p. 43).

Tenho o prazer de dizer a vocês que Terry seguiu os conselhos que lhe dei há 25 anos. Ele posteriormente recebeu o Sacerdócio de Melquisedeque, foi missionário fiel, atualmente é presidente do quórum de élderes e é, claro, pai de uma bela filha.

Muita coisa mudou nestes últimos 25 anos. Outra coisa que aconteceu foi que muitos de meus netos cresceram e tiveram os próprios filhos. Em meados deste ano, tive a oportunidade de participar de um círculo de portadores do sacerdócio e colocar as mãos sobre a cabeça de meu bisneto mais velho, para que o pai lhe conferisse o Sacerdócio Aarônico. Apesar de meu bisneto não estar aqui ao meu lado hoje, quero dirigir minhas palavras a ele, bem como a todos vocês, rapazes excelentes que portam o Sacerdócio Aarônico.

O recebimento do Sacerdócio Aarônico é uma bênção muito especial. A história registra o dia glorioso em que o sacerdócio foi restaurado à Terra, dando ao homem o direito de agir novamente em nome de Deus na realização das ordenanças sagradas do sacerdócio. Foi no dia 5 de abril de 1829 que Oliver Cowdery chegou à casa de Joseph Smith, em Harmony, Pensilvânia. Oliver



falou com o Profeta e lhe fez perguntas quanto ao seu trabalho de tradução de um registro antigo, o Livro de Mórmon. Convencido da origem divina daquele trabalho, aceitou ser o escrevente do restante da tradução. O trabalho de tradução passou a avançar rapidamente, depois que Oliver se dedicou à tarefa de escrevente.

No dia 15 de maio de 1829, Joseph e Oliver já tinham chegado até 3 Néfi. Ficaram entusiasmados com a história de quando, após a Ressurreição, o Salvador visitou as Américas, e com Seus ensinamentos relativos ao batismo. Com a leitura de 3 Néfi, começaram a ponderar sobre a questão do batismo. Qual seria a maneira correta de batizar? E quem teria autoridade para realizar essa ordenança sagrada de salvação? Eles procuraram uma resposta para essas questões doutrinárias fundamentais. Decidiram buscar a resposta em uma oração, e foram a um local próximo, às margens do rio Susquehanna. Abriram o coração, e os céus se abriram para eles. Um anjo apareceu, apresentou-se como João Batista e disse a Joseph e a Oliver que agia sob a direção de Pedro, Tiago e João, que tinham o sacerdócio maior (ver Joseph Smith—História 1:72).

Depois, colocou as mãos sobre a cabeça de cada um e disse: “A vós, meus conservos, em nome do Messias, eu confiro o Sacerdócio de Aarão, que possui as chaves do ministério de anjos e do evangelho do arrependimento e do batismo por imersão para remissão de pecados; e ele nunca mais será tirado da Terra, até que os filhos de Levi tornem a fazer, em retidão, uma oferta ao Senhor” (D&C 13:1).

Posteriormente, Oliver comentou esse acontecimento nestas palavras: “Mas (...) pensa, pensa um pouco mais na alegria que nos encheu o coração e na surpresa com que nos curvamos (...), quando recebemos de suas mãos o Santo Sacerdócio” (nota de rodapé referente a Joseph Smith—História 1:71).

Havia séculos que a humanidade esperava que a autoridade de Deus fosse restaurada, que o poder e a glória do santo Sacerdócio Aarônico voltasse à Terra. A seção 107 de Doutrina e Convênios nos diz o motivo por que o sacerdócio menor é chamado de Sacerdócio Aarônico:

“O segundo sacerdócio chama-se Sacerdócio de Aarão, porque foi conferido a Aarão e sua semente por todas as suas gerações.

A razão de ser chamado sacerdócio menor consiste em que ele é um apêndice do maior, ou seja, do Sacerdócio de Melquisedeque; e tem poder para administrar ordenanças exteriores. (...)

O poder e autoridade do menor, ou seja, do Sacerdócio Aarônico, é possuir as chaves do ministério de anjos e administrar as ordenanças exteriores, a letra do evangelho, o batismo de arrependimento para remissão de pecados, conforme os convênios e mandamentos” (D&C 107:13–14, 20).

Os rapazes do Sacerdócio Aarônico não só recebem o poder e a autoridade para agir em nome do Senhor, no cumprimento de suas responsabilidades do sacerdócio, como também recebem as chaves do ministério de anjos.

Rapazes do Sacerdócio Aarônico, testifico a vocês que o Senhor está obrigado — por convênio solene — a abençoá-los de acordo com sua fidelidade. Se vocês derem ouvidos à voz de advertência do Espírito Santo e seguirem Sua orientação, serão abençoados com o ministério de anjos. Essa bênção acrescentará a sua vida sabedoria, conhecimento, poder e glória. Essa é uma bênção garantida que lhes foi prometida pelo Senhor.

Há alguns meses, tive a oportunidade de assistir à reunião de jejum e testemunho de certa ala. Um dos que se levantaram para prestar testemunho era consultor do Sacerdócio Aarônico. Seu testemunho renovou minha compreensão do que significa, para os portadores do Sacerdócio Aarônico, ter as chaves do ministério de anjos.

Aquele consultor contou algumas coisas que aconteceram naquela manhã com o Sacerdócio Aarônico da ala. Indo a pé para a Igreja, ele viu dois diáconos que iam de casa em casa dos membros, levando os envelopes de ofertas de jejum. Ficou impressionado com o fato de estarem usando suas melhores roupas de domingo e pela dignidade e reverência com que cumpriam aquela tarefa. Mais tarde, acompanhou dois sacerdotes que foram ministrar o sacramento na casa de um homem com deficiência física e mental. Era a primeira vez que aqueles dois rapazes iam àquela casa, e o consultor observou o quanto foram respeitosos e atenciosos no cumprimento daquela responsabilidade do sacerdócio.

Depois, o consultor narrou um acontecimento que o tocou profundamente, pois um dos sacerdotes lembrou-lhe do significado de ser um verdadeiro ministro de Jesus Cristo, sendo literalmente um anjo ministrador. O jovem sacerdote que passava a água para a congregação chegou a um homem que parecia ter Síndrome de Down. O homem não tinha condições de, por si mesmo, pegar o copo da bandeja e beber. O jovem sacerdote imediatamente cuidou da situação: com a mão esquerda, apoiou a parte de trás da cabeça do homem para que ele pudesse beber e, com a direita, pegou um copinho da bandeja e, gentil e lentamente, levou-o a seus lábios. Uma expressão de gratidão surgiu no rosto daquele homem — a expressão



que se vê no rosto daqueles a quem alguém ministrou. Depois, aquele excelente jovem sacerdote prosseguiu com sua tarefa de passar a água abençoada aos demais membros da congregação.

Em seu testemunho, o consultor expressou os sentimentos que lhe vieram ao coração naquele terno momento. Disse que verteu lágrimas de alegria, pois sabia que a Igreja estava em boas mãos, nas mãos de jovens atenciosos e obedientes que portavam o Sacerdócio Aarônico.

O presidente Ezra Taft Benson disse, certa vez: “Mostrem-me um rapaz que se conservou moralmente puro e que frequenta fielmente as reuniões da Igreja; mostrem-me um rapaz que magnificou seu sacerdócio e conquistou o Reconhecimento Dever para com Deus e é um Escoteiro da

Pátria; mostrem-me um rapaz que se formou no seminário e tem um testemunho ardente do Livro de Mórmon; mostrem-me um jovem assim, e eu lhes mostrarei um jovem capaz de realizar milagres para o Senhor no campo missionário e durante toda a sua vida” (ver “Aos ‘Jovens de Nobre Estirpe’”, *A Liahona*, julho de 1986, p. 46).

Aos pais desses jovens magníficos, tanto rapazes como moças: nós lhes encarregamos com a sagrada responsabilidade de ensinar aos seus filhos as doutrinas do santo sacerdócio. Seus filhos precisam aprender, desde cedo, que bênção é ter o sacerdócio eterno do Senhor; e que cada um deles, individualmente, precisa qualificar-se para receber essa bênção.

Bispos, vocês têm as chaves do sacerdócio para presidir os rapazes

do Sacerdócio Aarônico, para reunir-se com eles em conselho e para ensinar-lhes seus deveres do sacerdócio. Peço-lhes que se certifiquem de que todo rapaz digno de receber o Sacerdócio Aarônico compreenda as obrigações que terá e as bênçãos que receberá por portar esse sacerdócio. Ajudem-nos a aprender a magnificar o sacerdócio agora, dando-lhes tarefas importantes e ajudando-os a servir e ministrar a outras pessoas.

Rapazes, eu os desafio a edificar a vida sobre o alicerce da verdade e da retidão. Esse é o único alicerce que resistirá às pressões da vida e permanecerá firme ao longo das eternidades. O sacerdócio do qual vocês são portadores é uma dádiva especial, pois foi o próprio Senhor quem a concedeu. Usem-no, magnifiquem-no e vivam de modo a serem dignos dele. Quero que saibam que tenho um testemunho especial e pessoal do poder desse sacerdócio. Já recebi muitas — as mais variadas — bênçãos graças a ele.

Além disso, eu os desafio a decidirem hoje que vão honrar essa bênção grandiosa e vão preparar-se para avançar e receber todos os ofícios do Sacerdócio Aarônico: o ofício de diácono, o de mestre e o de sacerdote. Preparem-se para a grande bênção que é receber o Sacerdócio de Melquisedeque, pois precisarão estar dignos de recebê-lo antes de servir como missionários de tempo integral. É necessário que vocês se preparem para servir na obra do Senhor, principalmente para cumprir a grande responsabilidade de declarar o Seu evangelho ao mundo. Prometo-lhes que, se vocês se prepararem para receber Seu santo sacerdócio, Ele literalmente derramará bênçãos sobre sua cabeça. Presto-lhes esse testemunho em nome de nosso Senhor e Salvador, sim, de Jesus Cristo. Amém. ■



Élder David A. Bednar
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Receber o Espírito Santo

Estas quatro palavras — “Recebe o Espírito Santo” — não são uma afirmação passiva, mas sim, uma injunção do sacerdócio — uma admoestação autorizada para agir, e não simplesmente para receber a ação.

Meu discurso enfoca a importância de esforçar-nos em nossa vida diária para realmente recebermos o Espírito Santo. Oro pelo Espírito do Senhor, rogando que nos instrua e edifique a todos.

O Dom do Espírito Santo

Em dezembro de 1839, enquanto estavam em Washington D. C. para pedir reparação pelos males infligidos aos santos do Missouri, Joseph Smith e Elias Higbee escreveram o seguinte para Hyrum Smith: “Em nossa entrevista com o Presidente [dos Estados Unidos], ele nos perguntou em que nossa religião diferia das outras religiões de nossos dias. O irmão Joseph disse que diferíamos no modo do batismo e do dom do Espírito Santo pela imposição de mãos. Achamos que todas as outras considerações estão contidas no dom do Espírito Santo” (*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 102).

O Espírito Santo é o terceiro membro da Trindade. Ele é um ser de espírito que presta testemunho de toda verdade. As escrituras referem-se ao Espírito Santo como o Consolador (ver João 14:16–27; Morôni 8:26), como um instrutor (ver João 14:26;

D&C 50:14) e como um revelador (ver 2 Néfi 32:5). As revelações do Pai e do Filho são transmitidas pelo Espírito Santo. Ele é o mensageiro e a testemunha do Pai e do Filho.

O Espírito Santo manifesta-Se a homens e mulheres na Terra como o poder e como o dom do Espírito Santo. O poder pode vir a uma pessoa antes do batismo. Trata-se do testemunho convincente de que Jesus Cristo é nosso Salvador e Redentor. Por meio do poder do Espírito Santo, os pesquisadores sinceros podem adquirir uma convicção da veracidade do evangelho do Salvador, do Livro de Mórmon, da realidade da Restauração e do chamado profético de Joseph Smith.

O dom do Espírito Santo somente é concedido depois do batismo devidamente autorizado e pela imposição de mãos realizada por homens que possuam o Sacerdócio de Melquisedeque. O Senhor declarou:

“Sim, arrependei-vos e sede batizados, cada um de vós, para a remissão de vossos pecados; sim, sede batizados com água e então virá o batismo do fogo e do Espírito Santo. (...)”

E os que tiverem fé confirmareis na minha igreja, pela imposição das mãos, e conceder-lhes-ei o Dom do

Espírito Santo” (D&C 33:11, 15).

O Apóstolo Paulo deixou essa prática bem clara para os efésios, ao perguntar:

“Recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes? E eles disseram-lhe: Nós nem ainda ouvimos que haja Espírito Santo.

Perguntou-lhes, então: Em que sois batizados então? E eles disseram: No batismo de João.

Mas Paulo disse: Certamente João batizou com o batismo do arrependimento, dizendo ao povo que cresse no que após ele havia de vir, isto é, em Jesus Cristo.

E os que ouviram foram batizados em nome do Senhor Jesus.

E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam línguas, e profetizavam” (Atos 19:2–6).

O batismo por imersão é “a ordenança introdutória do evangelho. (...) Para que seja completo deve ser seguido do recebimento do dom do Espírito Santo” (*Guia para Estudo das Escrituras*, “Batismo”, pp. 20–21). O Profeta Joseph Smith explicou que “o batismo é uma ordenança sagrada preparatória para o recebimento do Espírito Santo; é o canal e a chave pelos quais o Espírito Santo será ministrado. O dom do Espírito Santo pela imposição de mãos não pode ser recebido por intermédio de nenhum outro princípio a não ser o da retidão” (*Ensina-mentos: Joseph Smith*, pp. 100–101).

A ordenança de confirmação de um membro novo da Igreja e a concessão do dom do Espírito Santo são simples e profundas. Portadores dignos do Sacerdócio de Melquisedeque colocam as mãos sobre a cabeça de uma pessoa e a chamam pelo nome. Depois, pela autoridade do santo sacerdócio e em nome do Salvador, a pessoa é confirmada membro de A Igreja de Jesus



Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e esta frase importante é proferida: “Recebe o Espírito Santo”.

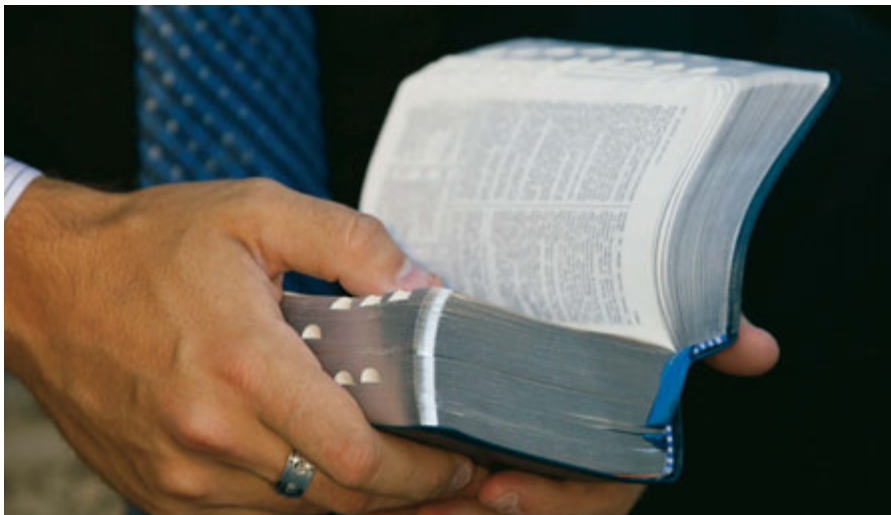
A simplicidade dessa ordenança pode fazer com que deixemos de perceber sua importância. Estas quatro palavras — “Recebe o Espírito Santo” — não são uma afirmação passiva, mas sim, uma injunção do sacerdócio — uma admoestação autorizada para agir, e não simplesmente para receber a ação (ver 2 Néfi 2:26). O Espírito Santo não se torna operante em nossa vida pela mera imposição de mãos e pelo pronunciamento dessas quatro palavras importantes. Ao receber essa ordenança, cada um de nós aceitou uma responsabilidade sagrada e contínua de desejar, buscar, trabalhar e viver de modo a realmente “receber o Espírito Santo” e os dons espirituais

que o acompanham. “Pois de que vale a um homem ser-lhe conferida uma dádiva e não a receber? Eis que ele não se regozija no que lhe foi dado nem se regozija naquele que faz a doação” (D&C 88:33).

O que devemos fazer para tornar essa admoestação autorizada de buscar a companhia do terceiro membro da Trindade uma realidade contínua? Gostaria de sugerir que precisamos (1) desejar sinceramente receber o Espírito Santo; (2) convidar devidamente o Espírito Santo para nossa vida; e (3) obedecer fielmente aos mandamentos de Deus.

Desejar Sinceramente

Em primeiro lugar, devemos desejar e buscar com anseio a companhia do Espírito Santo. Podemos aprender



uma grande lição sobre os desejos justos com os fiéis discípulos do Mestre descritos no Livro de Mórmon.

“E os doze ensinaram a multidão; e eis que fizeram com que a multidão se ajoelhasse por terra e orasse ao Pai em nome de Jesus. (...)”

E oraram por aquilo que mais desejavam; e desejavam que o Espírito Santo lhes fosse dado” (3 Néfi 19:6, 9).

Será que igualmente nos lembramos de orar sincera e constantemente pelo que devemos desejar acima de tudo, que é o Espírito Santo? Ou será que nos distraímos com os cuidados do mundo e a rotina da vida diária, dando pouco valor ou até negligenciando esse que é o mais precioso de todos os dons? O recebimento do Espírito Santo começa com nosso sincero e constante desejo de ter Sua companhia em nossa vida.

Convidar Devidamente

Recebemos e reconhecemos mais prontamente o Espírito do Senhor quando O convidamos devidamente para nossa vida. Não podemos compelir ou coagir o Espírito Santo nem dar-Lhe ordens. Em vez disso, devemos convidá-lo para nossa vida com a mesma brandura e ternura com que Ele nos sussurra (ver D&C 42:14).

Nossos convites à companhia do Espírito Santo ocorrem de diversas maneiras: pela realização e pelo cumprimento de convênios; por meio da oração sincera de indivíduos e famílias; pelo estudo diligente das escrituras; pelo fortalecimento de um relacionamento

adequado com familiares e amigos; pelo empenho em ter pensamentos, ações e linguagem virtuosos; e pela adoração em nosso lar, no templo sagrado e na igreja. De modo inverso, a despreocupação com a quebra de convênios e compromissos, a negligência nas orações e no estudo das escrituras, e os pensamentos, ações e linguagem impróprios fazem com que o Espírito Se afaste de nós ou nos abandone totalmente.

Tal como o rei Benjamim ensinou a seu povo: “E agora eu vos digo, meus irmãos, que depois de haverdes conhecido todas estas coisas e elas vos haverem sido ensinadas, se transgirdes e fordes contra aquilo que tem sido falado, de modo que vos afasteis do Espírito do Senhor e não tenha ele lugar em vós para guiar-vos pelas veredas da sabedoria, a fim de que sejais abençoados, favorecidos e preservados” (Mosias 2:36).

Obedecer Fielmente

É essencial que obedeçamos fielmente aos mandamentos de Deus para recebermos o Espírito Santo. Essa verdade nos é lembrada todas as semanas quando ouvimos as orações sacramentais e partilhamos dignamente do pão e da água. Quando manifestamos nossa disposição de tomar sobre nós o nome de Cristo, de sempre nos lembrar Dele e de guardar Seus mandamentos, recebemos a promessa de que teremos sempre Seu Espírito conosco (ver D&C 20:77). Portanto, tudo o que o evangelho do Salvador nos ensina a fazer e

a nos tornar visa abençoar-nos com a companhia do Espírito Santo.

Pensem nos motivos pelos quais oramos e estudamos as escrituras. Sim, ansiamos em comunicar-nos com o Pai Celestial por meio da oração e em nome de Seu Filho. E, sim, desejamos obter a luz e o conhecimento disponíveis nas obras-padrão. Mas lembrem-se do fato de que esses hábitos sagrados, acima de tudo, são meios pelos quais nos lembramos sempre do Pai Celestial e de Seu Filho Amado, sendo pré-requisitos para a companhia constante do Espírito Santo.

Ponderem sobre os motivos pelos quais adoramos na casa do Senhor e em nossas reuniões de domingo. Sim, servimos no templo a nossos parentes falecidos, e servimos a nossa família e nossos amigos nas alas e ramos em que moramos. E, sim, desfrutamos o convívio honrado que encontramos em meio a nossos irmãos e irmãs. Mas, acima de tudo, reunimo-nos para buscar as bênçãos e a instrução do Espírito Santo.

A oração, o estudo, as reuniões, a adoração, o serviço e a obediência não são itens isolados e independentes de uma longa lista de verificação do evangelho para tarefas a cumprir.





Na verdade, cada uma dessas práticas honrosas é um elemento importante na grande jornada espiritual do cumprimento do mandamento de recebermos o Espírito Santo. Os mandamentos de Deus aos quais obedecemos e o conselho inspirado dos líderes da Igreja que seguimos concentram-se principalmente na obtenção da companhia do Espírito. Fundamentalmente, todos os ensinamentos e atividades do evangelho centralizam-se em nosso empenho de chegar-nos a Cristo e de receber o Espírito Santo em nossa vida.

Todos devemos esforçar-nos para tornar-nos como os jovens guerreiros descritos no Livro de Mórmon, que “obedeceram a cada palavra de comando e cumpriram-nas com exatidão; sim, e tudo lhes aconteceu de acordo com sua fé. (...)”

E são diligentes em lembrarem-se do Senhor seu Deus diariamente; sim, esforçam-se para obedecer continuamente a seus estatutos e a seus julgamentos e a seus mandamentos” (Alma 57:21; 58:40).

Testemunho

O Senhor declarou que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos

Dias é “a única igreja verdadeira e viva na face de toda a Terra” (D&C 1:30). Esta Igreja restaurada é verdadeira porque é a Igreja do Salvador. Ele é “o caminho, e a verdade e a vida” (João 14:6). E é uma igreja viva por causa da ação, da influência e dos dons do Espírito Santo. Como somos abençoados por vivermos em uma época em que o sacerdócio está na Terra e em que podemos receber o Espírito Santo!

Vários anos depois de o Profeta Joseph Smith ter sido martirizado, ele apareceu ao Presidente Brigham Young e deixou este conselho sempre atual: “Diga aos irmãos que sejam humildes e fiéis e que se certifiquem de manter o Espírito do Senhor, que os conduzirá ao caminho correto. Sejam cuidadosos e não afastem a voz mansa e delicada; ela irá ensinar-lhes o que fazer e para onde ir; ela proporcionará os frutos do reino. Diga aos irmãos que mantenham seu coração aberto à convicção, de modo que, quando o Espírito Santo vier, seu coração esteja pronto para recebê-lo. Eles podem discernir o Espírito do Senhor de todos os outros espíritos; Ele irá sussurrar paz e alegria a sua

alma; e tirará a maldade, [o ódio, a inveja, o sofrimento e todo o mal] de seu coração; e desejará apenas fazer o bem, levar adiante a causa da retidão e edificar o reino de Deus. Diga aos irmãos que, se eles seguirem o Espírito do Senhor, farão o que é certo” (*Ensinamentos: Joseph Smith*, p. 103).

Oro para que desejemos com sinceridade e convidemos de forma adequada o Espírito Santo a nossa vida diária. Oro também para que todos sejamos fiéis na obediência aos mandamentos de Deus de modo a realmente recebermos o Espírito Santo. Prometo que as bênçãos descritas pelo Profeta Joseph Smith a Brigham Young se aplicam a todos os que ouvem ou leem esta mensagem, estando ao alcance deles.

Presto testemunho da realidade viva do Pai e do Filho. Testifico que o Espírito Santo é um revelador, um consolador e o maior professor com quem devemos aprender. Presto testemunho de que as bênçãos e os dons do Espírito operam na Igreja restaurada, viva e verdadeira de Jesus Cristo nestes últimos dias. Testifico essas coisas no sagrado nome do Senhor Jesus Cristo. Amém. ■



Élder Larry R. Lawrence
Dos Setenta

Pais Corajosos

O mundo realmente precisa de pais e mães corajosos que não tenham medo de abrir a boca para defender aquilo em que acreditam.

Quero falar hoje aos pais de adolescentes. Seus jovens brilhantes e cheios de energia são o futuro da Igreja, e por esse motivo, eles são um dos principais alvos do adversário. Muitos de vocês, pais e mães fiéis, ouvem a conferência hoje, orando por respostas que os ajudem a guiar seus filhos através dessa importante fase da vida. Meus netos mais velhos se tornaram adolescentes, por isso tenho esse assunto no coração. Não há pais perfeitos nem respostas fáceis, mas há princípios de verdade nos quais podemos confiar.

O tema da Mutual dos Rapazes e das Moças para 2010 foi tirado do livro de Josué e começa assim: “Esforça-te, e tem bom ânimo; não temas” (Josué 1:9). Essa frase das escrituras seria um bom tema para os pais também. Nestes últimos dias, o mundo realmente precisa de pais e mães corajosos que não tenham medo de abrir a boca para defender aquilo em que acreditam.

Imaginem por um momento que sua filha estivesse sentada nos trilhos e vocês ouvissem o apito do trem. Será que a avisariam para sair dos trilhos? Ou hesitariam, com receio de que ela os considerasse super protetores? Se ela ignorasse seu aviso, vocês

a levariam rapidamente para um lugar seguro? É claro que levariam! O amor que têm por sua filha falaria mais alto que tudo. Vocês dariam muito mais valor à vida dela do que à boa vontade dela em obedecer.

Os desafios e as tentações chegam até nossos adolescentes com a velocidade e a força de um trem de carga. Conforme somos lembrados na proclamação da família, os pais são responsáveis pela proteção dos filhos.¹ Isso significa tanto espiritual quanto fisicamente.

No Livro de Mórmon, lemos como Alma, o filho, aconselhou seu filho rebelde. Coriânton cometeu erros graves enquanto servia em uma missão entre os zoramitas. Alma o amou o suficiente para abordar o problema de modo bem direto. Expressou sua profunda decepção pelo filho ter sido imoral e explicou-lhe as graves consequências do pecado.

Sinto-me inspirado toda vez que leio estas corajosas palavras de Alma: “E agora o Espírito do Senhor me diz: Ordena a teus filhos que pratiquem o bem, (...) por conseguinte eu te ordeno, meu filho, no temor de Deus, que te abstenhas de tuas iniquidades” (Alma 39:12). Essa intervenção imediata do pai foi um ponto de transição

para Coriânton. Ele se arrependeu e serviu fielmente depois disso (ver Alma 42:31; 43:1–2).

Comparem o exemplo de Alma com o de outro pai, nas escrituras: Eli, do Velho Testamento. Eli servia como sumo sacerdote em Israel quando Samuel, o profeta, era criança. As escrituras explicam que o Senhor o repreendeu severamente “porque, fazendo-se os seus filhos execráveis, não os repreendeu” (1 Samuel 3:13). Os filhos de Eli nunca se arrependiram, e toda a Israel sofreu por causa da insensatez deles. A história de Eli nos ensina que os pais que amam os filhos não podem dar-se ao luxo de ficar intimidados por eles.

Há vários anos, numa conferência geral, o Élder Joe J. Christensen nos lembrou do seguinte: “A criação dos filhos não é um concurso de popularidade”.² Nesse mesmo espírito, o Élder Robert D. Hales observou: “Às vezes sentimos medo de nossos filhos — medo de aconselhá-los com receio de ofendê-los”.³

Há alguns anos, nosso filho de dezessete anos queria viajar no fim de semana com os amigos, todos bons rapazes. Pediu permissão para fazer a viagem. Eu queria dizer sim, mas por algum motivo me senti incomodado com aquilo. Compartilhei os sentimentos com minha mulher, que me deu todo o apoio. “Precisamos dar ouvidos a essa voz de advertência”, disse ela.

É claro que nosso filho ficou desapontado; perguntou por que não queríamos que ele fosse. Respondi sinceramente que não sabia o motivo. “Simplesmente não me sinto bem a respeito disso”, expliquei, “e amo você demais para ignorar esses sentimentos que tive”. Fiquei muito surpreso quando ele disse: “Está bem, pai, compreendo”.

Os jovens compreendem mais do que imaginamos, porque eles também têm o dom do Espírito Santo. Eles procuram reconhecer quando o Espírito fala, e observam nosso exemplo. Conosco, eles aprendem a prestar atenção aos sussurros do Espírito, de modo que, quando “não se sentem bem em relação a algo”, é melhor não fazer aquilo.

É extremamente importante que o marido e a mulher sejam unidos ao tomar decisões como pais. Se um deles não se sentir bem a respeito de algo, então a permissão não deve ser dada. Se um de vocês se sentir incomodado com um filme, um programa de televisão, um videogame, uma festa, um vestido, um traje de banho ou uma atividade na Internet, tenham a coragem de apoiar um ao outro e dizer “não”.

Quero ler para vocês a carta de uma mãe inconsolável. Seu filho adolescente perdeu gradualmente o Espírito e se tornou menos ativo na Igreja. Ela explicou como isso aconteceu: “Durante toda a adolescência de meu filho, preocupei-me e tentei fazer com que parasse de jogar videogames violentos. Conversei com meu marido e mostrei-lhe artigos nas revistas da Igreja e em jornais que advertiam a respeito desses jogos. Meu marido, porém, achou que não havia problema. Disse que nosso filho não estava nas ruas usando drogas e que eu devia parar de me preocupar. Houve ocasiões em que escondi os controladores de jogo, e meu marido os devolveu a ele. Para mim, passou a ser mais fácil ceder (...) do que combater. Eu sentia realmente que os videogames viciavam tanto quanto as drogas. Faria qualquer coisa para impedir que outros pais tivessem essa mesma experiência”.

Inmãos e irmãs, se seu marido ou



mulher não se sentir bem a respeito de algo, respeitem esse sentimento. Se tomarem o caminho fácil de não dizer nem fazer nada, podem estar permitindo um comportamento destrutivo.

Os pais podem impedir muito sofrimento ensinando os filhos a adiar relacionamento românticos até o momento em que eles estiverem prontos para o casamento. Começar precocemente a sair com um namorado ou uma namorada é muito perigoso. Quando eles formam um “casal”, isso cria uma intimidade emocional que geralmente conduz às intimidades físicas. Satanás conhece essa sequência e a usa para seus propósitos. Ele fará tudo o que puder para impedir que os rapazes sirvam em uma missão e para impedir os casamentos no templo.

É vital que os pais tenham a coragem de abrir a boca e intervir, antes que Satanás tenha sucesso. O Presidente Boyd K. Packer ensinou: “Quando a moralidade está envolvida,

temos tanto o *direito* quanto a *obrigação* de erguer a voz de advertência”.⁴

Sempre acreditei que nada realmente de bom acontece, quando é tarde da noite, e que os jovens precisam saber a que horas se espera que voltem para casa.

Os pais demonstram muita sabedoria quando ficam acordados para esperar os filhos que voltam para casa. Os rapazes e as moças tomam decisões bem melhores quando sabem que os pais os esperam acordados para saber como foi a noite deles e dar-lhes um beijo de boa noite.

Quero expressar minha advertência pessoal sobre uma prática muito comum em várias culturas. Refiro-me à prática de “pernoitar” ou “passar a noite” na casa de um amigo. Como bispo, descobri que um número muito grande de jovens quebrou a Palavra de Sabedoria ou a lei da castidade, pela primeira vez, quando dormia na casa de um amigo. Muito frequentemente, sua primeira exposição à pornografia



— ou até seu primeiro encontro com a polícia — ocorreu quando passava a noite fora de casa.

A pressão dos colegas se torna mais forte quando nossos filhos estão afastados de nossa influência e quando suas defesas estão enfraquecidas, tarde da noite. Se já se sentiram incomodados em relação a uma atividade com pernoite, não tenham medo de atender à voz interior de advertência. Mantenham sempre o espírito de oração quando se trata de proteger seus preciosos filhos.

A coragem dos pais nem sempre envolve dizer “não”. Os pais também precisam ter coragem de dizer “sim”

ao conselho dos profetas modernos. Nossos líderes da Igreja nos aconselharam a estabelecer padrões de retidão em nosso lar. Pensem nestas cinco práticas fundamentais que têm o poder de fortalecer nossos jovens: oração familiar; estudo das escrituras em família; reunião familiar; jantar em família; e entrevistas individuais regulares com cada filho.

É preciso coragem para tirar os filhos de qualquer coisa que estejam fazendo e reuni-los para ajoelha-rem-se juntos como família. É preciso coragem para desligar a televisão e o computador e guiar sua família pelas páginas das escrituras todos os dias. É

preciso coragem para recusar outros convites na noite de segunda-feira, para que possam reservar essa noite para a família. É preciso coragem e força de vontade para abster-nos de marcar compromissos demais, de modo que a família possa estar em casa para o jantar.

Um dos modos mais eficazes pelos quais podemos influenciar nossos filhos e filhas é aconselhá-los em entrevistas particulares. Se ouvirmos atentamente, podemos descobrir o desejo do coração deles, ajudá-los a estabelecer metas dignas e também compartilhar com eles as impressões espirituais que recebemos em relação a eles. O aconselhamento exige coragem.

Tentem imaginar no que a nova geração pode-se tornar, se esses cinco padrões justos forem aplicados constantemente em todos os lares. Nossos jovens podem tornar-se como o exército de Helamã: invencíveis (ver Alma 57:25–26).

A tarefa de criar filhos adolescentes nos últimos dias é algo que nos faz reconhecer nossa necessidade de inspiração. Satanás e seus seguidores esforçam-se para derrubar esta geração. O Senhor conta com pais valerosos para erguê-los. Pais: Esforcem-se e tenham bom ânimo; não temam (ver Josué 1:9). Sei que Deus ouve e atende a nossas orações. Testifico que o Senhor apoia e abençoa os pais corajosos. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver “A Família: Proclamação ao Mundo”, *A Liahona*, outubro de 2004, última contracapa.
2. Joe J. Christensen, “Rearing Children in a Polluted Environment”, *Ensign*, novembro de 1993, p. 11.
3. Robert D. Hales, “Com Todo o Sentimento de um Terno Pai: Uma Mensagem de Esperança às Famílias”, *A Liahona*, maio de 2004, p. 90.
4. Boyd K. Packer, “Our Moral Environment”, *Ensign*, maio de 1992, p. 67.



Élder Per G. Malm
Dos Setenta

Descanso para Vossa Alma

O descanso para nossa alma inclui paz na mente e no coração, que encontramos quando aprendemos e seguimos a doutrina de Cristo.

No centro de Gotemburgo, Suécia, há um amplo bulevar com belas árvores de cada lado. Certo dia, vi um buraco no tronco de uma grande árvore e, curioso, espiei pelo buraco e vi que a árvore era completamente oca por dentro. Oca, sim, mas vazia, não! Estava cheia de todo tipo de lixo.

Fiquei surpreso por ela ainda se manter em pé. Olhei então para cima e vi uma grande cinta de aço reforçando a parte superior do tronco. Havia vários fios de aço atados à cinta, os quais, por sua vez, estavam presos e firmados nos prédios próximos. De longe, ela se parecia com as demais. Somente quando se olhava para seu interior é que se notava que era oca, em vez de ter um tronco sólido e forte. Já havia muito que se iniciara o processo de enfraquecimento do tronco, um pouco ali, um pouco aqui. Não aconteceu de um dia para o outro. Contudo, assim como uma tenra muda cresce aos poucos até se tornar uma árvore forte, também podemos crescer passo a passo a fim de tornar-nos firmes e fortes, de dentro para fora, em contraste com a árvore oca.

É por meio da cura proporcionada pela Expição de Jesus Cristo que temos forças para nos tornar altos e fortes, e para encher nossa alma de luz, compreensão, alegria e amor. Ele “convida todos a virem a ele e a participarem de sua bondade; e não repudia quem quer que o procure” (2 Néfi 26:33). Esta é Sua promessa:

“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.

Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas” (Mateus 11:28–29).

A respeito desse descanso, o Presidente Joseph F. Smith disse: “Para mim, significa entrar no conhecimento e amor de Deus, tendo fé em Seu propósito e em Seu plano, a ponto de sabermos que estamos certos e não estamos correndo atrás de outra coisa, que não estamos sendo levados por todo vento de doutrina ou pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulentamente. Sabemos que a doutrina vem de Deus e não perguntamos a ninguém a seu respeito. Eles têm direito a suas opiniões,

ideias e divagações. O homem que alcançou esse grau de fé em Deus, a ponto de eliminar toda a dúvida e o temor, entrou no ‘descanso de Deus’” (*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja*: Joseph F. Smith, 1998, p. 56).

O descanso para nossa alma inclui paz na mente e no coração, que encontramos quando aprendemos e seguimos a doutrina de Cristo e nos tornamos Seus instrumentos no serviço e auxílio ao próximo. A fé em Jesus Cristo e a obediência a Seus ensinamentos nos dão uma firme esperança, que é uma âncora segura para nossa alma. Podemos tornar-nos firmes e inamovíveis. Podemos sentir uma duradoura paz interior, podemos entrar no descanso do Senhor. Somente quando nos afastamos da luz e da verdade é que uma sensação de vazio interior, como o da árvore oca, ocupará os recônditos de nossa alma, e poderemos chegar até a tentar preencher esse vazio com coisas sem valor duradouro.

Em vista de nossa existência como filhos espirituais, antes de vir à Terra e na vida após a morte, esta vida terrena é realmente um momento muito curto.

Este é, no entanto, um dia de provação, mas é também um dia de oportunidades, no qual escolhemos seguir o convite de não desperdiçar os dias de nossa provação (ver 2 Néfi 9:27). Os pensamentos que nos povoam a mente, os sentimentos que abrigamos no coração, as ações que decidimos realizar, tudo isso terá uma repercussão decisiva em nossa vida, tanto aqui quanto na vida futura.

Um hábito útil é o de elevar nossa visão diariamente para manter uma perspectiva eterna das coisas que planejamos e fazemos, especialmente se detectarmos a tendência de esperar até um “dia futuro” para fazer o que sabemos que devemos fazer hoje.

Ao longo do caminho, somos



ajudados em nossas decisões pela influência amparadora do Espírito. Se decidirmos agir de modo contrário à luz e compreensão que temos, sentiremos um peso na consciência, o que evidentemente não é agradável. Mas o peso na consciência é uma bênção, pois imediatamente nos lembra que é hora de nos arrepender. Se formos humildes e desejarmos fazer o certo, ficaremos ansiosos para agir prontamente e modificar nosso comportamento, ao passo que os orgulhosos que procuram “tornar-se uma lei para si [mesmos]” (D&C 88:35) permitem que Satanás os guie “pelo pescoço com um cordel de linho, até amarrá-los para sempre com suas cordas fortes” (2 Néfi 26:22) a menos que o espírito de arrependimento entre em seu coração. A aceitação das más influências jamais

resulta num sentimento de paz, simplesmente porque a paz é um dom de Deus e vem somente pelo Espírito de Deus. “Iniquidade nunca foi felicidade” (Alma 41:10).

Em nossas ações do dia a dia, geralmente são as coisas pequenas e simples que têm uma repercussão duradoura (ver Alma 37:6–7). O que dizemos, como agimos, como decidimos reagir são coisas que vão influenciar não apenas a nossa vida, mas também a das pessoas a nosso redor. Podemos edificar ou destruir. Um exemplo simples e positivo é uma história contada a respeito de minha avó. Ela mandou um de seus filhos pequenos comprar ovos. A criança a quem foi confiada a tarefa provavelmente voltou caminhando alegremente, mas a maioria dos ovos estavam quebrados

quando ela chegou em casa. Uma amiga da família que estava presente aconselhou minha avó a repreender a criança por comportar-se tão mal. Em vez disso, minha avó disse, com calma e sabedoria: “Não. Isso não vai recuperar os ovos. Vamos simplesmente usar o que pudermos e fazer panquecas para desfrutarmos juntos”.

Se aprendermos a lidar com as pequenas e simples coisas diárias, de modo sábio e inspirado, o resultado será uma influência positiva que vai solidificar a harmonia em nossa alma e edificar e fortalecer as pessoas a nosso redor. Isso acontece porque tudo o que nos insta a fazer o bem “é enviado pelo poder e dom de Cristo; por conseguinte [podemos] saber, com um conhecimento perfeito, que é de Deus” (Morôni 7:16).

A árvore oca de que lhes falei já não está mais de pé. Uns jovens puseram bombinhas no espaço vazio, fazendo com que pegasse fogo. Ela não pôde ser salva e teve de ser derrubada. Cuidado com as coisas que nos destroem de dentro para fora, sejam grandes ou pequenas! Elas podem ter um efeito explosivo e causar a morte espiritual.

Em vez disso, concentremo-nos nas coisas que vão manter uma paz duradoura em nossa mente e em nosso coração. Assim nossa “confiança se fortalecerá na presença de Deus” (D&C 121:45). A promessa de entrar no descanso do Senhor, para receber o dom da paz, é muito mais que uma satisfação temporária e mundana. É de fato um dom celestial: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (João 14:27). Ele tem o poder de curar e fortalecer a alma. Ele é Jesus Cristo, de quem presto testemunho, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■



Élder Jairo Mazzagardi
Dos Setenta

Evitar a Armadilha do Pecado

Continuem firmes, fazendo boas escolhas para comer do fruto da árvore da vida.

Em uma bela manhã de sol, convidei minha neta de quase oito anos para caminhar comigo nas proximidades de uma represa que é um reservatório de água de nossa bela cidade.

Caminhamos felizes, ouvindo o suave som das águas cristalinas de um riacho que corria ao longo do caminho. A trilha estava ladeada por belas árvores verdejantes e flores de doce perfume. Podíamos ainda ouvir o canto dos passarinhos.

Perguntei a minha neta de belos olhos azuis, cheia de vida e inocência, como ela estava-se preparando para o batismo.

Então, ela me respondeu com uma pergunta: “Vô, o que é o pecado?”

Orei mentalmente por inspiração e tentei responder da maneira mais simples possível: “Pecado é a desobediência intencional aos mandamentos de Deus. Isso faz o Pai Celestial ficar triste com nossos atos, e a consequência é sofrimento e tristeza”.

Visivelmente preocupada, ela perguntou: “E como ele nos agarra?”

A primeira parte da pergunta nos revela pureza, mas a segunda revela a preocupação de como evitar o

envolvimento com o pecado.

Para ela compreender de maneira mais clara, usei os elementos da natureza local para ilustrar. Mais adiante na trilha, encontramos um mourão de pedra de considerável tamanho que firmava uma cerca de arame farpado. Era uma estrutura pesada, e flores, arbustos e pequenas árvores cresciam ao seu redor. Com o tempo, aquelas plantas se tornariam maiores que o próprio mourão.

Lembrei-me de que, mais adiante na trilha, encontraríamos outro mourão que já tinha sido tomado aos poucos, quase imperceptivelmente, pela vegetação que crescera ao seu redor. O mourão não se dera conta de que, apesar de forte, seria envolvido e destruído pelas frágeis plantas. O mourão, imagino, poderia ter pensado: “Não há problema. Sou grande e forte, e essa plantinha não me fará mal algum”.

Assim, a árvore ao lado cresce sem que o mourão perceba; e então, o mourão começa a gostar da sombra que a árvore proporciona. Mas a árvore continua a crescer, envolve o mourão com dois de seus ramos, que a princípio parecem frágeis, mas que, com o tempo, abraçam o mourão e o cercam.

Ainda assim, o mourão não percebe o que está ocorrendo.

E logo, em nossa caminhada, encontramos o mourão proverbial. Ele tinha sido arrancado do solo pela árvore. Minha netinha parecia impressionada. Ela me perguntou: “Vovô, essa é a árvore do pecado?”

Expliquei-lhe que aquilo era apenas um símbolo ou exemplo de como o pecado nos agarra.

Não sei que efeito essa conversa terá para ela, mas para mim foi algo que me fez pensar nas muitas faces do pecado e em como ele entra em nossa vida, se permitirmos.

Precisamos estar atentos, porque as pequenas escolhas como, por exemplo, dormir cedo e levantar cedo, trazem grandes consequências. Doutrina e Convênios 88:124 nos ensina: “Recolhei-vos cedo (...) para que vosso corpo e vossa mente sejam fortalecidos”. Aqueles que vão cedo para cama, levantam-se descansados, com o corpo e a mente revigorados e protegidos pelo Senhor, devido à obediência.

Aquilo que parece ter pouca importância, tais como se deitar tarde, não orar determinado dia, não jejuar ou desrespeitar o Dia do Senhor — pequenos deslizos — nos farão perder a sensibilidade gradativamente, levando-nos a fazer coisas piores.

Quando eu era jovem, meu horário de chegar em casa era às dez da noite. Hoje, essa é a hora em que alguns saem de casa para se divertir. Todos sabem que é à noite que as piores coisas acontecem. É no horário das trevas que os jovens vão para lugares onde o ambiente não é bom e onde a música e a letra não permitem que o Espírito Santo os acompanhe. Então, sob tais condições, tornam-se presas fáceis do pecado.

Em geral, tornar-se presa do pecado começa com a escolha de amigos cujos



padrões não são consistentes com o evangelho; e, para ser popular ou ser aceito por eles, a pessoa compromete os princípios e as leis do evangelho, resvalando por caminhos que trarão somente dor e tristeza, tanto à pessoa quanto aos que a amam.

Precisamos estar atentos para não deixar o pecado crescer ao nosso lado. Há formas de pecado em toda parte — até mesmo, por exemplo, no computador ou no celular. Essas tecnologias são ferramentas de grande utilidade para o homem, trazendo-lhe muitos benefícios. Porém, seu uso inadequado — como o envolvimento com jogos que nos fazem perder tempo, programas que nos levam ao prazer carnal ou, ainda pior, para a pornografia — é destrutivo. A pornografia destrói o caráter e faz seu usuário afundar em uma areia movediça de imundície, da qual só escapa com muita ajuda.

Esse terrível monstro só traz dor e sofrimento tanto à própria pessoa, como também a seus inocentes filhos, ao cônjuge, ao pai e à mãe. O fruto do prazer carnal é a amargura e a tristeza. O fruto da obediência e do sacrifício é a serenidade e a alegria eternas.

As decisões sobre que padrões seguir

devem ser tomadas com antecedência, e não quando a tentação se apresentar. Nossos parâmetros devem ser:

- Isto farei, porque é certo, é do Senhor e me trará alegria.
- Isto não farei, porque me afastará da verdade, do Senhor e das alegrias eternas prometidas aos fiéis e obedientes.

Como o Pai sabia que faríamos escolhas erradas, Ele, em Seu maravilhoso plano de amor, providenciou um Salvador para o mundo, para expiar os pecados de todos os que se arrependem e forem até Ele buscar Sua ajuda, Seu consolo e Seu perdão, desejosos de tomar sobre si o nome Dele, Jesus Cristo.

Se pecarmos, devemos buscar ajuda bem depressa, porque sozinhos não conseguiremos sair de sua armadilha, assim como aquele mourão. Alguém precisará ajudar-nos a desvencilhar-nos.

Os pais podem ajudar, e o bispo é o homem chamado por Deus para ajudar. É a ele que devemos nos dirigir e abrir o coração.

Doutrina e Convênios 58:42–43 explica-nos:

“Eis que aquele que se arrependeu de seus pecados é perdoado e eu, o Senhor, deles não mais me lembro.

Desta maneira sabereis se um homem se arrepende de seus pecados — eis que ele os confessará e abandonará”.

Alguns meses depois do nosso passeio na represa, minha neta foi entrevistada pelo bispo — seu pai — para o batismo. Após a entrevista, perguntei a ela como tinha sido. Ela respondeu, quase com uma repressão: “Vovô, a entrevista é confidencial. Você sabe disso”.

Bispos, espero que levem a sério essa resposta. Parece-me que ela cresceu muito em compreensão em tão pouco tempo.

Assim como a árvore que descrevi trouxe tristeza, dor, sofrimento e prisão, outra árvore pode trazer o oposto. Ela é mencionada em 1 Néfi 8:10–12:

“E aconteceu que vi uma árvore cujo fruto era desejável para fazer uma pessoa feliz.

E aconteceu que me aproximei e comi de seu fruto; e vi que era o mais doce de todos os que já havia provado. Sim, e vi que o fruto era branco, exceto toda brancura que eu já vira.

E enquanto eu comia do fruto, ele encheu-me a alma de imensa alegria”.

Queridos irmãos e amigos, continuem firmes, fazendo boas escolhas para comer do fruto da árvore da vida. Se, por qualquer razão, você tiver errado ou saído do caminho, nossa mão está estendida e estamos dizendo: “Há esperança. Nós o amamos e queremos ajudá-lo a ser feliz”.

O Pai Celestial nos ama tanto, que nos deu Seu Filho Unigênito, Jesus Cristo.

Jesus Cristo nos ama tanto, que deu Sua vida para expiar nossos pecados!

O que estamos dispostos a dar para sermos limpos e receber essa alegria?

Dessas verdades, preste-lhes meu testemunho, no sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■



Élder Mervyn B. Arnold
Dos Setenta

O Que Você Fez com Meu Nome?

Um dia todos nós teremos de prestar contas a nosso Salvador Jesus Cristo quanto ao que fizemos com o nome Dele.

Quando o Presidente George Albert Smith era jovem, seu falecido avô, George A. Smith, apareceu-lhe num sonho e perguntou: “Gostaria de saber o que você fez com meu nome”. O Presidente Smith respondeu: “Nunca fiz com seu nome coisa alguma de que precise se envergonhar”.¹

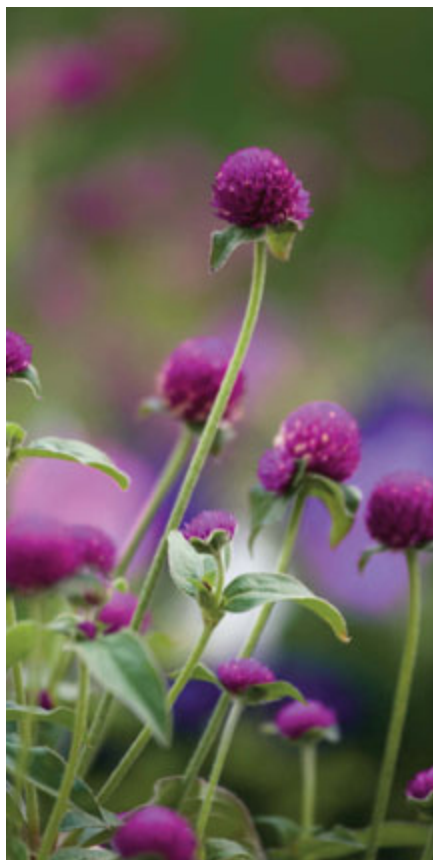
Todas as semanas, quando tomamos o sacramento, fazemos convênio e promessa de que estamos dispostos a tomar sobre nós o nome de Cristo, a lembrar-nos sempre Dele e a guardar Seus mandamentos. Se estivermos dispostos a fazer isso, temos a promessa da mais maravilhosa das bênçãos: que Seu Espírito estará sempre conosco.²

Assim como o Presidente George Albert Smith teve de prestar contas ao avô quanto ao que havia feito com seu nome, um dia todos nós teremos de prestar contas a nosso Salvador Jesus Cristo quanto ao que fizemos com o nome Dele.

A importância de se ter um bom nome é mencionada em Provérbios: “Vale mais ter um bom nome do que muitas riquezas; e o ser estimado é melhor do que a riqueza e o ouro”³ e o nome do justo é abençoado!⁴

Ao refletir sobre essas escrituras e sobre a importância de se ter um bom nome, veio-me à mente infinitas lembranças do bom nome e do legado que meus pais deixaram para meus quatro irmãos, minhas duas irmãs e para mim. Meus pais não possuíam riquezas do mundo, tampouco prata ou ouro. Nós morávamos, os nove, em uma casa com dois quartos, um banheiro e uma varanda fechada nos fundos, onde minhas irmãs dormiam. Quando meus pais morreram, meus irmãos e irmãs e eu nos reunimos para dividir seus bens terrenos, que eram poucos. Minha mãe deixou alguns vestidos, alguns móveis usados e uns poucos artigos pessoais. Meu pai deixou algumas ferramentas de carpinteiro, uns velhos rifles de caça e pouco mais que isso. As únicas coisas de algum valor monetário foram uma casa modesta e uma pequena poupança.

Choramos juntos e sentimos gratidão, sabendo que eles nos tinham deixado algo bem mais precioso do que ouro e prata. Eles nos deram seu amor e seu tempo. Frequentemente prestavam testemunho da veracidade do evangelho, algo que hoje podemos ler em seus preciosos diários. Não



tanto com palavras, porém mais pelo seu exemplo, eles nos ensinaram a trabalhar arduamente, a ser honestos e a pagar o dízimo integral. Também nos dotaram do desejo de estudar, de servir em uma missão e, mais importante, de encontrar uma companheira eterna, de casar no templo e de perseverar até o fim. Realmente nos deixaram o legado de um bom nome pelo qual sempre seremos gratos.

Quando o amado profeta Helamã e sua mulher foram abençoados com dois filhos, deram-lhes o nome de Leí e de Néfi. Helamã contou a seus filhos o motivo por que haviam recebido o nome de dois de seus antepassados que tinham vivido na Terra quase 600 anos antes do nascimento deles. Ele disse:

“Eis que, meus filhos, (...) eu vos dei os nomes de nossos primeiros pais [Leí e Néfi] (...) e assim fiz para que, quando vos lembrardes de vossos nomes (...) vos lembreis de *suas obras*; e quando vos lembrardes de *suas obras*, saibais que foi dito e também escrito que elas foram boas.

Portanto, meus filhos, desejo que pratiqueis o bem, *a fim de que possa ser dito de vós e também escrito o mesmo*

que foi dito e escrito sobre eles.

(...) para que tenhais o precioso dom da vida eterna.”⁵

Irmãos e irmãs, daqui a 600 anos, como nossos nomes serão lembrados?

Falando a respeito de como podemos tomar sobre nós o nome de Cristo e assim proteger nosso bom nome, Morôni ensinou:

“E novamente desejo exortar-vos a *virdeis a Cristo*, e a vos apegardes a *toda boa dádiva*, e a *não tocardes nem na dádiva má nem no que é impuro*. (...)

Sim, *vinde a Cristo*, sede aperfeiçoados nele e negai-vos a toda iniquidade”.⁶

No livreto inspirado *Para o Vigor da Juventude*, lemos que a liberdade de escolha é um princípio divino e eterno que traz consigo a responsabilidade moral pelas escolhas feitas. “Embora [sejamos] livres para escolher por [nós] mesmos, não [somos] livres para escolher as consequências de [nossas] ações. Ao tomar uma decisão, [arcaremos] com as consequências dessa decisão.”⁷

Pouco depois de minha querida Devonna e eu nos casarmos, ela me contou como havia aprendido na juventude a importante doutrina de

que somos livres para decidir, mas não para escolher as consequências de nossas ações. Com a ajuda de minha filha Shelly, gostaria de contar-lhes o que aconteceu com minha mulher:

“Quando eu tinha quinze anos, muitas vezes sentia que havia regras e mandamentos demais. Não sabia ao certo se uma adolescente normal, que gostava de se divertir, poderia desfrutar a vida com tantas restrições. Além disso, as muitas horas que eu trabalhava na fazenda de meu pai afetavam seriamente o tempo que eu tinha para estar com meus amigos.

Num determinado verão, uma de minhas tarefas era a de cuidar para que as vacas que pastavam nas montanhas não atravessassem a cerca e entrassem no campo de trigo. Se uma vaca ingerir trigo ainda em crescimento, ela pode inchar, chegando a sufocar e morrer. Havia uma vaca que sempre tentava esticar a cabeça para o outro lado da cerca. Certa manhã, eu cavalgava ao longo da cerca para verificar o gado, quando descobri que a vaca tinha derrubado a cerca e entrado no campo de trigo. Para minha consternação, percebi que ela estivera comendo trigo por muito tempo, porque já estava inchada, parecendo um balão. Pensei: ‘Que bicho imbecil! A cerca estava lá para protegê-la, mas ela a atravessou e comeu tanto trigo a ponto de colocar em risco a própria vida.’

Corri de volta para a fazenda para buscar meu pai. Mas, quando voltamos, nós já a encontramos no chão, sem vida. Fiquei triste com a perda daquele animal. Tínhamos providenciado para ela um belo pasto nas montanhas e erguemos uma cerca para afastá-la do trigo perigoso, mas ela insensatamente a atravessou, causando a própria morte.

Ao pensar na função daquela cerca, dei-me conta de que era uma proteção, tal como os mandamentos e as



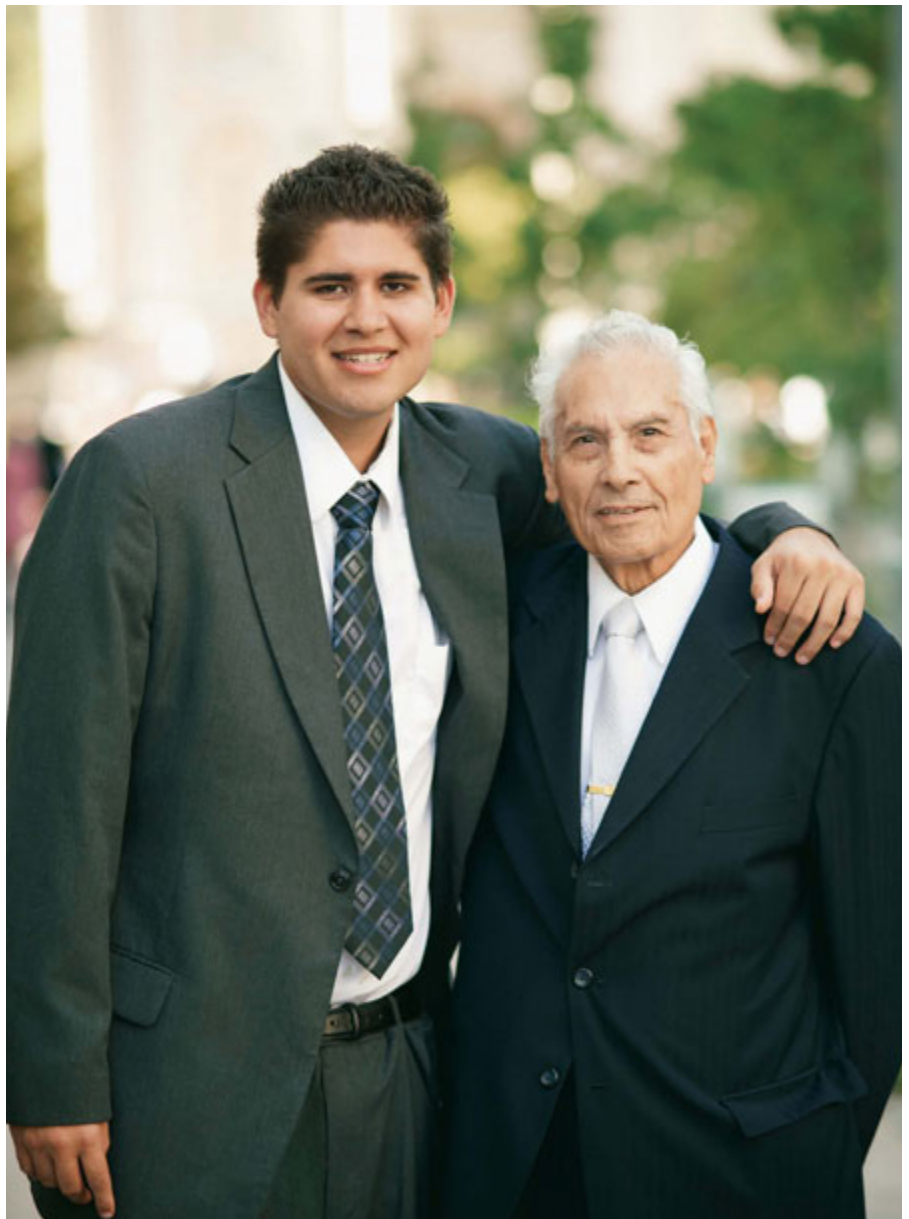
regras estabelecidas por meus pais. Os mandamentos e as regras eram para meu próprio bem. Compreendi que a obediência aos mandamentos me salvariam da morte física e da espiritual. Essa compreensão foi um ponto-chave em minha vida.”

Minha mulher, a irmã Arnold, aprendeu que nosso bondoso, sábio e amoroso Pai Celestial nos deu mandamentos — não para restringir-nos, como o adversário quer que acreditemos — mas para abençoar nossa vida e proteger nosso bom nome e nosso legado para as gerações futuras, tal como o fizeram para Leí e Néfi. Assim como a vaca sofreu as consequências de sua escolha, cada um de nós precisa aprender que a grama *nunca* é mais verde do outro lado da cerca — nem nunca será — porque “iniquidade nunca foi felicidade”.⁸ Todos teremos de sofrer as consequências de nossas escolhas quando esta vida chegar ao fim. Os mandamentos são claros, são protetores — não são restritivos — e as maravilhosas bênçãos da obediência são incontáveis!

Nosso Pai Celestial sabia que todos nós cometeríamos erros. Sou imensamente grato pela Expição, que permite que todos nos arrependamos e façamos os devidos ajustes para voltarmos a ser um com o Salvador e sentirmos a doce paz do perdão.

Nosso Salvador nos convida diariamente a que limpemos nosso nome e retornemos a Sua presença. Seu incentivo é cheio de amor e ternura. Visualizem comigo o abraço do Salvador, ao lermos Suas palavras: “Não volvereis a mim agora, arrependendo-vos de vossos pecados e convertendo-vos, para que eu vos cure?”⁹

Gostaria hoje de lançar a cada um de vocês o mesmo desafio que me foi dado por meus pais, que sempre serão lembrados por causa do seu



bom nome. Antes de agir, imaginem o Salvador do seu lado, e perguntem a si mesmos: “Eu pensaria, diria ou faria isso, sabendo que Ele está a meu lado?” Porque, sem dúvida, Ele está. Nosso amado Presidente Thomas S. Monson, que eu testifico ser um profeta, frequentemente cita o seguinte versículo das escrituras, ao falar de nosso Senhor e Salvador: “Irei adiante de vós. Estarei a vossa direita e a vossa esquerda e meu Espírito estará em vosso coração”.¹⁰

Que naquele glorioso dia, em que estaremos diante de nosso amado Salvador para prestar contas do que fizemos com Seu nome, possamos declarar:

“Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé”.¹¹ “Honrei o Teu nome.” Testifico que Jesus é o Cristo. Ele morreu para que possamos viver. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. *Presidentes da Igreja, Manual do Aluno*, manual do Sistema Educacional da Igreja, 2003, p. 134.
2. Ver Doutrina e Convênios 20:7.
3. Provérbios 22:1.
4. Ver Provérbios 10:7.
5. Helamã 5:6–8; grifo do autor.
6. Morôni 10:30, 32; grifo do autor.
7. *Para o Vigor da Juventude, livreto, 2001*, p. 4.
8. Alma 41:10.
9. 3 Néfi 9:13.
10. Doutrina e Convênios 84:88.
11. II Timóteo 4:7.



Élder M. Russell Ballard
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Quão Astuto É o Plano do Maligno

Há esperança para quem tem vícios e essa esperança existe graças à Expição do Senhor Jesus Cristo.

Irmãos e irmãs, a chegada do outono aqui nas Montanhas Rochosas traz consigo as gloriosas cores das folhas que passam do verde a um vibrante alaranjado, vermelho e amarelo. Durante o outono, toda a natureza está em transição, preparando-se para a fria e austera beleza do inverno.

O outono traz ainda mais emoções para quem gosta de pescar, pois esta é a época em que as trutas são levadas por uma fome insaciável a comer sem parar para ficarem fortes antes dos tempos de escassez de comida no inverno.

A meta do pescador é fisgar as trutas enganando-as com astúcia. O bom pescador estuda o comportamento das trutas, as condições climáticas, a corrente aquática, os tipos de insetos que as trutas comem e a época em que esses insetos nascem. Muitas vezes ele prepara à mão as iscas que usa. Sabe que esses insetos artificiais que levam anzóis minúsculos dentro precisam ser cópias perfeitas, porque as trutas percebem as menores diferenças e rejeitam a isca.

Que emoção é ver uma truta romper a superfície da água, engolir o inseto e resistir até que, finalmente, exausta, é recolhida pelo pescador. A prova está no embate entre a habilidade e o

conhecimento do pescador e a habilidade da nobre truta.

O uso de iscas artificiais para enganar e pegar peixes ilustra a maneira como muitas vezes Lúcifer nos tenta, engana e procura nos fisgar.

Assim como o pescador sabe que as trutas são motivadas pela fome, Lúcifer sabe qual é a nossa “fome” ou quais são as nossas fraquezas e nos tenta com iscas fabricadas que, se aceitas, podem fazer com que sejamos puxados do ribeirão da vida para suas garras impiedosas. Há pescadores que pescam e depois soltam os peixes na água sem fazer-lhes mal, Lúcifer não é assim, ele não liberta ninguém espontaneamente. Sua meta é tornar suas vítimas tão miseráveis quanto ele.

Leí disse: “E [Lúcifer] por haver caído do céu, tendo-se tornado miserável para sempre, procurou também a miséria de toda a humanidade” (2 Néfi 2:18).

Uno minha voz à das outras Autoridades Gerais e digo que Lúcifer é esperto e cheio de astúcia. Um dos principais métodos que ele emprega contra nós é sua habilidade de mentir e enganar para convencer-nos de que o mal é o bem e o bem é o mal. Desde o início, no grande conselho no céu,

Satanás procurou “destruir o arbítrio do homem, o qual (...) o Senhor Deus, lhe dera. (...)

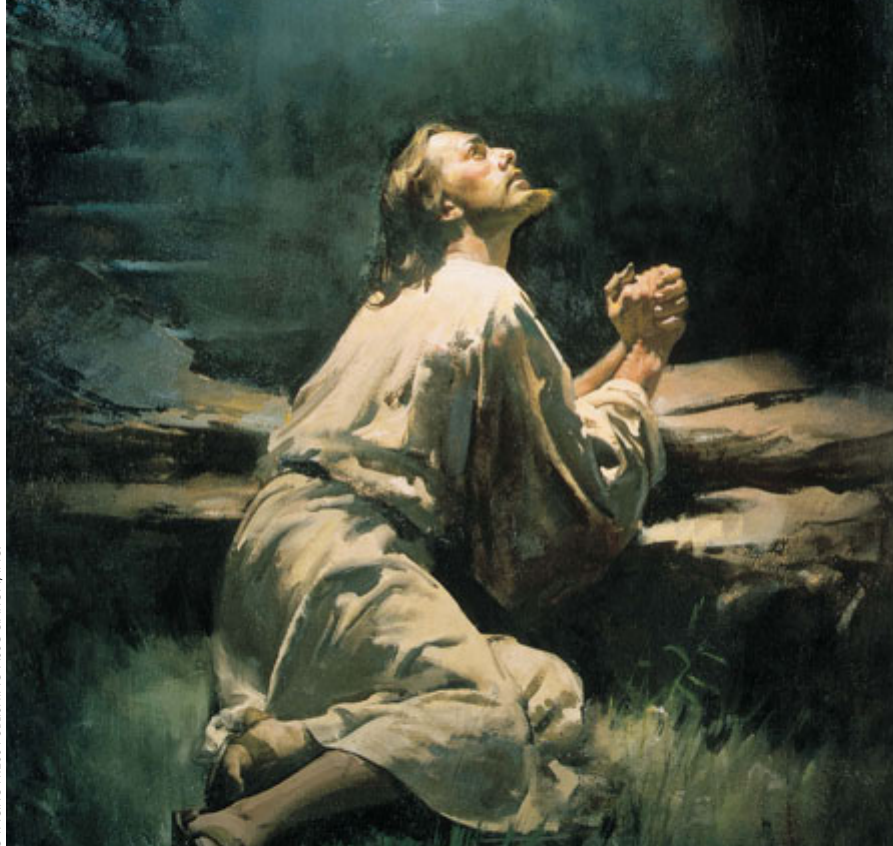
E ele tornou-se Satanás, sim, o próprio diabo, o pai de todas as mentiras, para enganar e cegar os homens e levá-los cativos segundo sua vontade” (Moisés 4:3–4).

A batalha pelo arbítrio dado por Deus continua até hoje. Satanás e seus subordinados mantêm suas iscas a nossa volta, na esperança de que vacilemos e as mordamos para que ele nos fisgue por meio do engano. Ele usa os vícios para roubar nosso arbítrio. Os vícios são tudo o que nos leva a render-nos a algo que nos faça abrir mão de nosso arbítrio e passar a ser dependente de qualquer substância ou comportamento destrutivos.¹

Os pesquisadores dizem que existe um mecanismo em nosso cérebro chamado de “centro de prazer”.² Quando ativado por certas drogas ou ações, ele se sobrepõe à parte de nosso cérebro que governa a força de vontade, o discernimento, a lógica e a moral. Isso leva o viciado a abandonar aquilo que sabe ser certo. Quando isso acontece, a pessoa foi fisgada e Lúcifer assume o controle.

Satanás sabe como nos capturar fazendo uso de substâncias artificiais e ações que nos dão prazer temporário. Já observei o impacto disso ao ver como é dura a luta para recobrar o controle, libertar-se dos vícios destrutivos e recuperar a autoestima e a independência.

Entre as drogas que mais causam dependência e que, quando tomadas de forma indevida, podem controlar nosso cérebro e eliminar nosso arbítrio estão: a nicotina; os opiáceos — heroína, morfina e outros analgésicos; os tranquilizantes; a cocaína; as bebidas alcoólicas; a maconha; e as metanfetaminas.



Sou grato por haver médicos treinados para prescrever a medicação certa para aliviar a dor e o sofrimento. Infelizmente hoje, em muitas comunidades, inclusive em algumas formadas por membros da nossa Igreja, muitas pessoas se tornam dependentes e abusam do uso de medicamentos. Lúcifer, que é o pai de todas as mentiras, sabe disso e usa sua influência para roubar o arbítrio das pessoas e aprisionar o usuário com suas terríveis correntes (ver 2 Néfi 28:22).

Há pouco tempo falei com uma irmã que estava na unidade psiquiátrica de um hospital local. Ela contou-me seu doloroso trajeto que a levou de um estado de total saúde física e mental, com um casamento e uma família excelentes, a um estado de doença mental, saúde debilitada e a dissolução de sua família; e tudo começou com o uso indevido de um analgésico que lhe foi receitado.

Dois anos antes de nossa conversa, ela machucou as costas num acidente de carro. O médico receitou um remédio para aliviar a dor quase insuportável. Ela achou que precisava de mais remédios; então, falsificou receitas e, por fim, recorreu à compra de heroína. Com isso ela foi presa e encarcerada.

Devido a sua obsessão por drogas, seu casamento se desfez. O marido divorciou-se dela e ficou com a guarda dos filhos. Ela contou-me que além de amenizar a dor, as drogas lhe davam temporariamente uma grande sensação de euforia e bem-estar. Mas o efeito de cada dose das drogas só durava algumas horas e parecia que essa sensação de alívio durava menos a cada vez. Ela começou a tomar a droga em quantidades cada vez maiores e entrou em um ciclo vicioso da dependência. As drogas passaram a ser sua vida. Na noite anterior a nossa conversa, ela tentou cometer suicídio. Ela disse que não suportava mais o sofrimento físico, emocional e espiritual. Sentia-se encurralada, sem saída e sem esperanças.

Essa irmã não é a única pessoa com problemas quanto ao abuso de medicamentos e uso de outras drogas; vemos isso em toda parte. Há lugares em que mais pessoas morrem devido ao abuso de medicamentos do que em acidentes de carro.³ Irmãos e irmãs, fiquem longe de toda e qualquer substância que possa aprisioná-los; cheirar uma vez só, tomar um comprimido só ou tomar só um copinho pode levar ao vício. Um

alcoólatra em recuperação me disse que uma única dose é a diferença entre o vício e a sobriedade. Satanás sabe disso. Não deixem que ele os fisque com as iscas mentirosas que rapidamente podem levá-los ao vício.

Agora, irmãos e irmãs, peço que não interpretem mal o que eu digo: Não estou questionando o uso de medicamentos restritos receitados pelo médico para aqueles que estão tratando uma doença ou enfrentam grande dor física. Esses remédios são de fato uma bênção. O que estou dizendo é que precisamos seguir fielmente a dosagem prescrita pelo médico e temos que manter esses remédios em um lugar seguro fora do alcance das crianças e de outras pessoas.

Também me preocupo muito com as práticas perniciosas e que levam ao vício como, por exemplo, as apostas e a maléfica pornografia que são tão destrutivas para o indivíduo, e que se alastram em nossa sociedade. Lembrem-se, irmãos, todo e qualquer vício implica em nos rendermos a algo, em abrimos mão de nosso arbítrio e em tornarmos-nos dependentes. Sendo assim, os videogames e as mensagens de texto pelo celular precisam ser acrescentados à lista. Há quem admita passar até dezoito horas por dia jogando, seguindo nível após nível em jogos eletrônicos, negligenciando todos os outros aspectos de sua vida. O ato de passar mensagens de texto pelo celular pode tornar-se um vício que faz com que se perca a comunicação humana pessoal e direta, que é tão importante. Há não muito tempo um bispo falou-me de dois jovens da sua ala que estavam lado a lado, mandando mensagens de texto um para o outro em vez de falarem um com o outro.

As pesquisas médicas dizem que os vícios ou dependências são “doenças



do cérebro”.⁴ Isso é verdade, mas acredito que uma vez que Satanás tenha a pessoa em suas mãos, o vício também se torna uma doença do espírito. Seja qual for o ciclo de dependência e vício em que alguém se encontre, sempre há esperança. O profeta Leí ensinou esta verdade eterna a seus filhos: “Portanto os homens são livres segundo a carne; e todas as coisas de que necessitam lhes são dadas. E são livres para escolher a liberdade e a vida eterna por meio do grande Mediador de todos os homens, ou para escolherem o cativo e a morte, de acordo com o cativo e o poder do diabo” (2 Néfi 2:27).

Quem quer que tenha um vício, se tiver o desejo de vencê-lo encontrará um meio de alcançar a liberdade espiritual, um meio de escapar do cativo, e esse método é comprovado: Começa com a oração, com a comunicação sincera, fervorosa e constante com o Criador de nosso espírito e de nosso corpo — nosso Pai Celestial. É o mesmo princípio que utilizamos para tentar superar um mau hábito ou arrependê-los de qualquer pecado. A fórmula para que nosso coração, corpo, mente e espírito sejam transformados encontra-se nas escrituras.

O profeta Mórmon aconselhou: “Portanto, meus amados irmãos, rogai ao Pai, com toda a energia de vosso coração, que sejais cheios desse amor que ele concedeu (...), que vos torneis os filhos de Deus; (...) que sejamos purificados, como ele é puro” (Morôni 7:48).

Essa e muitas outras escrituras testificam que há esperança para quem tem vícios e essa esperança existe graças à Expição do Senhor Jesus Cristo, quando nos humilhamos perante Deus,

rogando que sejamos libertados do cativo do vício e colocando completamente nossa alma a Seus pés, em oração fervorosa.

Os líderes do sacerdócio podem ajudar aqueles que têm dependência, se buscarem os seus conselhos. Quando necessário, podem encaminhá-los ao aconselhamento com profissionais credenciados e por meio dos Serviços Familiares SUD. O programa de recuperação de dependências, com base nos doze passos do programa dos Alcoólicos Anônimos, está facilmente à disposição por meio dos Serviços Familiares SUD.

Tanto ao próprio dependente como a sua família eu repito: a oração fervorosa é a chave para conquistar a força espiritual necessária para encontrar a paz e vencer a compulsão. O Pai Celestial ama a todos os Seus filhos, portanto agradeçam a Ele e expressem fé sincera Nele. Peçam-Lhe forças para vencer o vício que os aprisionou. Deixem todo o orgulho de lado e voltem completamente a própria vida e o coração para Ele. Peçam-Lhe que os encha do poder do puro amor de Cristo. É possível que tenham que fazer isso muitas vezes, mas eu lhes testifico que é possível transformar, purificar e curar seu corpo, mente e espírito, e vocês ficarão livres. Jesus disse: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarão em trevas, mas terá a luz da vida” (João 8:12).

Como nossa meta é tornar-nos mais semelhantes ao Salvador e, um dia, sermos merecedores de viver com o Pai Celestial, cada um de nós precisa passar pela grande mudança no coração descrita pelo profeta Alma no Livro de Mórmon (ver Alma

5:14). Nosso amor ao Pai Celestial e ao Senhor Jesus Cristo precisa transparecer em nossas escolhas e ações diárias. Eles prometeram paz, alegria e felicidade àqueles que cumprirem Seus mandamentos.

Irmãos e irmãs, fiquemos todos atentos às iscas enganadoras que nos são apresentadas pelo astucioso e falso pescador de homens que é Lúcifer. Que tenhamos a sabedoria e o discernimento espiritual para perceber e recusar as muitas coisas perigosas que ele nos oferece.

E, para aqueles que caíram em qualquer tipo de vício, há esperança, porque Deus ama a todos os filhos e porque, graças à Expição do Senhor Jesus Cristo, tudo é possível.

Eu já vi a bênção maravilhosa da recuperação que é capaz de libertar as pessoas das correntes do vício. O Senhor é nosso Pastor e nada nos faltará se confiarmos no poder da Expição. Sei que o Senhor é capaz de libertar, e libertará, quem se tornou prisioneiro do vício, pois o Apóstolo Paulo proclamou: “Posso todas as coisas em Cristo que me fortalece” (Filipenses 4:13). Oro humildemente que isso aconteça aos que se debatem com esse desafio nesta época de sua vida, e faço isso humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Em inglês, a palavra *addiction* [vício] tem três sentidos, um dos quais se refere ao ato de “render-se a um amo” audioenglish.net/dictionary/addiction.html.
2. Ver National Institute on Drug Abuse, *Drugs, Brains, and Behavior—the Science of Addiction*, 2010, p. 18, drugabuse.gov/scienceofaddiction/sciofaddiction.pdf.
3. Ver Erika Potter, “Drug Deaths Overtake Auto Deaths in Utah”, dezembro de 2009, universe.byu.edu/node/4477.
4. Ver National Institute on Drug Abuse, “The Neurobiology of Drug Addiction,” seção IV, nº 30, drugabuse.gov/pubs/teaching/teaching2/teaching5.html; ver também drugabuse.gov/funding/budget08.html.



Presidente Thomas S. Monson

Até Voltarmos a Nos Encontrar

Precisamos perseverar até o fim, porque nossa meta é a vida eterna na presença de nosso Pai Celestial.

Meus irmãos e irmãs, sinto o coração pleno ao chegarmos ao final desta maravilhosa conferência geral da Igreja. Fomos alimentados espiritualmente ao ouvir o conselho e testemunho dos que participaram de cada sessão. Tenho certeza de que falo em nome de todos os membros do mundo inteiro ao expressar minha profunda gratidão pelas verdades que nos foram ensinadas. Podemos fazer eco às palavras encontradas no Livro de Mórmon, daqueles que ouviram o sermão do grande rei Benjamim e “clamaram a uma só voz, dizendo: Sim, acreditamos em todas as palavras que nos disseste e também sabemos que são certas e verdadeiras, por causa do Espírito do Senhor Onipotente”.¹

Espero que reservem um tempo para ler os discursos da conferência, que serão publicados na edição de novembro das revistas *Ensign* e *A Liahona*, porque eles merecem ser estudados cuidadosamente.

Que bênção foi termos nos reunido aqui, neste magnífico Centro de Conferências, em paz, conforto e segurança. A imprensa efetuou uma cobertura sem precedentes desta conferência, que se estendeu por todos os

continentes e oceanos para pessoas do mundo inteiro. Embora estejamos bem distantes de muitos de vocês, sentimos seu espírito e lhes enviamos nosso amor e apreço.

Às Autoridades Gerais que foram desobrigadas nesta conferência, expresse a sincera gratidão de todos nós por seus muitos anos de serviço dedicado. Incontáveis são aqueles que foram abençoados por suas contribuições à obra do Senhor.

O Coro do Tabernáculo e os outros coros que participaram das sessões apresentaram músicas verdadeiramente celestiais que engrandeceram e embelezaram tudo o mais que aconteceu. Agradeço a vocês por compartilharem conosco seus talentos e habilidades musicais.

Tenho profundo amor e gratidão por meus fiéis conselheiros, o Presidente Henry B. Eyring e o Presidente Dieter F. Uchtdorf. Eles são realmente homens de sabedoria e compreensão, e seu serviço é inestimável. Não poderia fazer tudo o que fui chamado a fazer sem o apoio e auxílio deles. Amo e admiro meus irmãos do Quórum dos Doze Apóstolos e de todos os Quórums dos Setenta e do Bispado Presidente. Eles servem de modo abnegado e eficaz. Igualmente expresse minha gratidão às mulheres e aos homens que servem como líderes gerais das auxiliares.

Somos muito abençoados por termos o evangelho restaurado de Jesus Cristo. Ele nos dá resposta para perguntas a respeito de onde viemos, por que estamos aqui e para onde iremos quando esta vida terminar. Ele dá significado,



propósito e esperança para nossa vida.

Vivemos num mundo conturbado, um mundo com muitos desafios. Estamos aqui nesta Terra para enfrentar nossas dificuldades individuais da melhor maneira que pudermos, para aprender com elas e para vencê-las. Precisamos perseverar até o fim, porque nossa meta é a vida eterna na presença de nosso Pai Celestial. Ele nos ama, e tudo o que deseja é que tenhamos sucesso nessa meta. Ele vai ajudar-nos e abençoar-nos, se clamarmos a Ele em nossas orações, se estudarmos Suas palavras e se obedecermos a Seus mandamentos. Nisso encontramos a segurança; essa é a fonte da paz.

Que Deus os abençoe, meus irmãos e irmãs. Agradeço a vocês por suas orações por mim e por todas as Autoridades Gerais. Estamos profundamente gratos a vocês, por tudo o que fazem para edificar o reino de Deus na Terra.

Que as bênçãos do céu estejam com vocês. Que seu lar se encha de amor, de cortesia e do Espírito do Senhor. Que estejam a nutrir constantemente seu testemunho do evangelho, para que ele seja uma proteção para vocês contra as bofetadas de Satanás.

A conferência está agora encerrada. Ao voltarmos para casa, que o façamos em segurança. Que o espírito que sentimos aqui esteja e habite conosco ao cuidarmos das coisas com as quais nos ocupamos a cada dia. Que demonstremos mais bondade uns para com os outros, e que estejamos sempre a realizar a obra do Senhor.

Amo vocês, oro por vocês. Despeço-me agora “até voltarmos a nos encontrar” daqui a seis meses. Em nome de nosso Senhor e Salvador, sim, Jesus Cristo. Amém. ■

NOTA

1. Mosias 5:2.



Julie B. Beck

Presidente Geral da Sociedade de Socorro

“Filhas em Meu Reino”: A História e o Trabalho da Sociedade de Socorro

O estudo da história da Sociedade de Socorro define e exprime quem somos como discípulas e seguidoras de nosso Salvador, Jesus Cristo.

Esta reunião é uma dádiva para todas as filhas do Pai Celestial que desejam aprender e conhecer a vontade e a mente de Deus e compreender suas responsabilidades no plano Dele. Conversei com muitas de vocês no ano passado e senti o coração tocado ao fitá-las nos olhos, abraçá-las, rir e chorar com vocês e ouvi-las falar de suas tristezas, alegrias e vitórias. Cada uma de vocês tem um valor indescritível, e o Pai Celestial as conhece individualmente. Como filhas de Deus, vocês se preparam para designações eternas, e cada uma de vocês tem identidade, natureza e responsabilidade femininas. O sucesso das famílias e comunidades desta Igreja e do precioso plano de salvação depende de sua fidelidade. Oh, queridas irmãs, como amamos vocês e oramos por vocês!

Todas nós estamos no meio de uma experiência muito pessoal na mortalidade. Duas irmãs que conheci recentemente ilustram como se vive fielmente. Uma das irmãs mora na região central do Brasil. Sua adorável casa de tijolos vermelhos, com seu quintal de terra vermelha, cercada por um muro de tijolos vermelhos, é um refúgio e abrigo do mundo exterior. Seus filhos ativos e vivazes sabem cantar os hinos da Primária, e nas paredes da casa estão afixadas gravuras do Salvador, de templos e de profetas de Deus, recortadas da revista *A Liahona*. Ela e o marido fizeram sacrifícios pessoais para serem selados no templo a fim de que os filhos nascessem no convênio. Ela me disse que ora continuamente para que o Senhor lhe dê suficiente força e inspiração para criar

os filhos na luz, na verdade e na força do evangelho.

Outra irmã mora sozinha num minúsculo apartamento no octogésimo andar de um prédio em Hong Kong. Ela tem algumas dificuldades físicas, mas é independente e alegre. Ela é o único membro da Igreja na família. Numa pequena estante estão suas escrituras, seus manuais da Sociedade de Socorro e outros livros da Igreja. Ela fez de seu lar um refúgio repleto da presença do Espírito, e ela é uma luz para todos em seu ramo.

Advertências

Sabemos que muitas irmãs vivem em situação opressiva ou arriscada. Algumas passam fome constantemente, e outras precisam reunir coragem todos os dias para continuar a ter fé, apesar das frustrações e da traição que sofrem. Como vivemos nos últimos dias nesta Terra, há sinais de grandes dificuldades em toda parte. Há muitos mitos e conceitos errôneos sobre a força, o propósito e a posição das mulheres da Igreja. Os mitos mais difundidos dão a entender que somos menos importantes que os homens, que geralmente somos dóceis, mas mal-informadas, e que não importa o que façamos, jamais conseguiremos ser aceitas por nosso Pai Celestial. Como disse o Apóstolo Pedro, há “entre o povo falsos profetas, como entre vós haverá também falsos doutores, que introduzirão encobertadamente heresias de perdição, e negarão o Senhor que os resgatou”.¹

O Livro de Mórmon descreve o que acontece hoje:

“Pois eis que nesse dia [Satanás] se enfurecerá no coração dos filhos dos homens e incitá-los-á a irem-se contra o que é bom.

E a outros pacificará e acalatará com segurança carnal, de modo que dirão: Tudo vai bem em Sião; sim,



Sião prospera. Tudo vai bem — e assim o diabo engana suas almas e os conduz cuidadosamente ao inferno.

E eis que a outros ele lisonjeia, dizendo-lhes que não há inferno; e diz: Eu não sou o diabo, porque ele não existe — e assim lhes sussurra aos ouvidos até agarrá-los com suas terríveis correntes”.²

No crescente clima de cobrança de direitos, desculpas, apatia e tentação, as filhas de Deus que não são vigilantes, fervorosas e inspiradas sofrem um risco cada vez maior de se tornarem o que as escrituras descrevem como “mulheres néscias”³ que adoram “deuses estranhos”.⁴ Infelizmente, em consequência das dificuldades da vida e das difundidas heresias do mundo, muitas irmãs acreditam mais nos mitos do que na verdade. Esse desvio em relação ao plano de Deus é visto em pesquisas que demonstram que muitas não estão fazendo coisas essenciais como orar e ler as escrituras. O próprio Senhor disse que este é um “dia de advertência e não de muitas palavras”.⁵

A Sociedade de Socorro Foi Organizada para Ser uma Proteção e um Refúgio

Para zelar por Suas filhas, ensiná-las e inspirá-las nestes tempos perigosos, Deus autorizou o Profeta Joseph Smith a organizar as mulheres da Igreja. Essa organização estabelecida por Deus e dirigida pelo sacerdócio foi chamada de Sociedade de Socorro.

O propósito da Sociedade de Socorro é preparar as filhas de Deus

para as bênçãos da vida eterna, à medida que aumentam sua fé e dignidade pessoal, fortalecem a família e o lar, e buscam e ajudam os necessitados.

A Sociedade de Socorro esclarece nosso trabalho e nos une como filhas de Deus na defesa de Seu plano. Nesta época de identidades indefinidas, confusão e distração, a Sociedade de Socorro deve ser uma bússola e um guia para ensinar a verdade às mulheres fiéis. As mulheres justas de hoje buscam uma manifestação abundante de revelação para resistirem às distrações, para combaterem o mal e a destruição espiritual e para erguerem-se das tragédias pessoais aumentando sua fé, fortalecendo a família e provendo auxílio para o próximo.

A História e o Trabalho da Sociedade de Socorro

A nossa presidência orou, jejuou, ponderou e aconselhou-se com os profetas, videntes e reveladores para saber o que Deus deseja que façamos para ajudar Suas filhas a serem fortes diante das “calamidades que adviriam aos habitantes da Terra”.⁶ A resposta foi que as irmãs da Igreja deviam conhecer e aprender a história da Sociedade de Socorro. O conhecimento da história da Sociedade de Socorro fortalece a identidade e o valor das mulheres fiéis, que são importantes alicerces.

Consequentemente, uma história da Sociedade de Socorro para a Igreja está sendo concluída e estará

à disposição do público no ano que vem. Antecipando isso, a história da Sociedade de Socorro recebe cada vez mais atenção em lugares como a página das professoras visitantes da revista *A Liahona*. A preparação da história tem sido uma experiência inspirada e repleta de revelações.

Ao estudarmos a história da Sociedade de Socorro, descobrimos que a visão e o propósito do Senhor para a Sociedade de Socorro não foram de uma sonolenta reunião de domingo. Ele tinha muitas coisas em mente, algo bem maior do que um clube de senhoras ou um grupo de entretenimento para pessoas com interesses especiais.

Ele pretendia que a Sociedade de Socorro ajudasse a edificar Seu povo e a prepará-lo para as bênçãos do templo. Ele estabeleceu essa organização para adequar Suas filhas a Sua obra e convocar a ajuda delas na edificação de Seu reino e no fortalecimento dos lares de Sião.

A História Nos Ensina Quem Somos

Estudamos nossa história para entender onde estamos. Há um anseio mundial entre as mulheres de bem no sentido de conhecerem sua identidade, valor e importância. O estudo e a aplicação da história da Sociedade de Socorro definem e exprimem quem somos como discípulas e seguidoras de nosso Salvador Jesus Cristo. Nossa fidelidade e nosso serviço são sinais de nossa conversão e compromisso de lembrar-nos Dele e de segui-Lo. Em julho de 1830, no início da Restauração de Sua Igreja, o Senhor escolheu Sua primeira líder feminina desta dispensação e, numa revelação para ela, disse-lhe: “[Eu] me dirijo a ti, Emma Smith, minha filha; pois em verdade eu te digo: Todos os que recebem meu evangelho são filhos e filhas em meu reino”.⁷

A história da Sociedade de Socorro nos ensina que nosso Pai Celestial conhece Suas filhas. Ele as ama e lhes dá responsabilidades específicas, Ele fala com elas e as guia durante sua missão mortal. Além disso, a história da Sociedade de Socorro eleva e torna válida a posição das mulheres e mostra como elas trabalham em conjunto com os fiéis líderes do sacerdócio.

A História Nos Ensina o que Devemos Fazer

Estudamos nossa história para aprender o que devemos fazer. Pelo estudo da nossa história aprendemos o que devemos fazer a fim de preparar-nos para as bênçãos da vida eterna. A Sociedade de Socorro é uma organização que sempre teve a responsabilidade de organizar o potencial das irmãs, nas alas e ramos de Sião. Por intermédio das reuniões da Sociedade de Socorro, do ministério de professoras visitantes e do serviço prestado em ambas as situações, as filhas de Deus são ensinadas, cuidadas e inspiradas em sua responsabilidade no trabalho e reino do Senhor. As presidentes da Sociedade de Socorro das alas e dos ramos são chamadas para dirigir esse trabalho.

Há um ano, nesta reunião, anunciamos normas relativas às reuniões da Sociedade de Socorro. Estamos felizes em anunciar que na maior parte das alas e dos ramos em todo o mundo as presidências de Sociedade de Socorro e as irmãs aceitaram essas normas e o espírito que existe por trás delas. Tem sido uma alegria ver a renovação do propósito histórico e do trabalho da Sociedade de Socorro. Temos visto ainda maior dignidade, identidade e importância na Sociedade de Socorro, agora que todas as reuniões das irmãs são denominadas e anunciadas refletindo simplesmente o que são

— reuniões da Sociedade de Socorro. Estamos vendo um aumento na fé e na retidão pessoal, um fortalecimento das famílias e dos lares e mais assistência sendo oferecida pelas irmãs por meio do uso correto das reuniões da Sociedade de Socorro. Todas as normas referentes a reuniões da Sociedade de Socorro, professoras visitantes e outros trabalhos da Sociedade de Socorro são embasadas na história da Sociedade de Socorro e são aprovadas pela Primeira Presidência.

Sempre foi uma responsabilidade da Sociedade de Socorro participar do trabalho de salvação. Desde o início da Igreja restaurada, as irmãs foram as primeiras, as últimas e as sempre presentes no atendimento às situações que surgem no dia a dia. A partir da Sociedade de Socorro, as irmãs vão adiante para servir na Primária, nas Moças, na Escola Dominical e em outros trabalhos, e são um farol de luz e virtude para a nova geração. O serviço pessoal edifica cada irmã individualmente, mas o serviço unido de milhões de mulheres fiéis gera uma formidável força de fé na obra do Senhor. A história mostra que desde o início da Restauração as irmãs sempre estiveram à frente para compartilhar o evangelho, e continuam a fazê-lo ao servir em missões, ao preparar rapazes e moças para servir em uma missão e ao convidar amigos, vizinhos e familiares a compartilhar das bênçãos do evangelho. Também aprendemos na história que o Profeta Joseph Smith usava as reuniões da Sociedade de Socorro para instruir as irmãs em sua preparação para o templo. Hoje em dia, a história da família e o trabalho do templo continuam a fazer parte das principais obrigações da Sociedade de Socorro.

O entendimento de nosso propósito histórico ajuda as mulheres a



aprender e a determinar devidamente as prioridades, de modo a “não [despender] dinheiro naquilo que não tem valor, nem [seu] trabalho naquilo que não pode satisfazer”.⁸ A Sociedade de Socorro sempre teve a responsabilidade de fazer o que o Apóstolo Paulo ensinou — Ensinar as mulheres jovens a ser sóbrias, discretas e castas, e ensinar as casadas a amar o marido e os filhos e a fortalecer o lar.⁹ A história da Sociedade de Socorro nos ensina a cuidar das coisas essenciais que vão salvar-nos e santificar-nos, e das coisas necessárias que vão tornar-nos autosuficientes e úteis no reino do Senhor.

Um tema constante ao longo de toda a nossa história é o de que as irmãs que utilizam o poder do Espírito Santo agem sob a inspiração do Senhor em sua vida e recebem revelação para suas responsabilidades.

A História Une as Mulheres Fiéis

Estudamos nossa história porque ela unifica as mulheres fiéis. A história da Sociedade de Socorro é a história inspiradora de mulheres fortes, fiéis

e decididas. Como parte da Igreja restaurada do Senhor, a Sociedade de Socorro está hoje em aproximadamente 170 países. Por todo o mundo, as mulheres adultas da Igreja do Senhor podem receber responsabilidades grandes e importantes.

As meninas e as moças na Igreja aprendem a estabelecer metas por meio dos programas Fé em Deus e Progresso Pessoal, que as encaminham para o templo e para suas responsabilidades futuras. Na Sociedade de Socorro elas continuam a progredir rumo às bênçãos do templo e da vida eterna, aumentando sua fé e sua retidão pessoal, fortalecendo seu lar e sua família, e buscando e ajudando os necessitados. As irmãs fiéis aprendem a fazer essas coisas com bem pouco aplauso ou reconhecimento pelo trabalho que fazem. Isso ocorre porque a Sociedade de Socorro segue o ensinamento do Senhor Jesus Cristo, que disse que, quando damos esmolas (ou ofertas) em segredo, nosso Pai Celestial, que vê em segredo, recompensa-nos abertamente.¹⁰

Ao longo de toda a história e trabalho da Sociedade de Socorro, estamos unidas a uma grande irmandade mundial de jovens e idosas, ricas e pobres, instruídas e iletradas, solteiras e casadas, todas fortes e inamovíveis filhas de Deus.

O Conhecimento da História Pode Ajudar-nos a Mudar

Estudamos nossa história porque isso nos ajuda a mudar. Por fim, o valor da história não se concentra tanto em suas datas, épocas e locais. Ela é valiosa porque nos ensina os princípios, propósitos e modelos que devemos seguir, ajuda-nos a saber quem somos e o que devemos fazer, e nos une no fortalecimento dos lares de Sião e na edificação do reino de Deus na Terra. A Sociedade de Socorro, quando funciona de modo inspirado, pode substituir o temor, a dúvida e o egoísmo pela fé, esperança e caridade. Ao levarmos o trabalho do Senhor adiante, a história da Sociedade de Socorro continuará a ser escrita por irmãs fiéis do mundo inteiro. O Senhor fortalece a Sociedade de Socorro no presente em que vivemos e prepara um futuro glorioso para Suas filhas.

Presto-lhes meu testemunho da realidade de nosso Pai Celestial e de Seu Filho Jesus Cristo. Por intermédio do Profeta Joseph Smith, o evangelho — as boas novas de nossa identidade e nosso propósito — foi restaurado na Terra. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. II Pedro 2:1.
2. 2 Néfi 28:20–22.
3. II Timóteo 3:6.
4. Josué 24:23.
5. Doutrina e Convênios 63:58.
6. Doutrina e Convênios 1:17.
7. Doutrina e Convênios 25:1.
8. 2 Néfi 9:51.
9. Ver Tito 2:4–5.
10. Ver Mateus 6:4; 3 Néfi 13:4.



Silvia H. Allred

Primeira Conselheira na Presidência Geral
da Sociedade de Socorro

Firmes e Inamovíveis

Se formos fiéis e perseverarmos até o fim, receberemos todas as bênçãos do Pai Celestial, sim, a vida eterna e a exaltação.

Sinto-me grata pela oportunidade de fazer parte desta reunião de mulheres fiéis do mundo inteiro. Conheci milhares de vocês em muitos países diferentes. Sua fidelidade e devoção me fortaleceram. Seu exemplo de bondade e de dedicação ao evangelho é inspirador. Seus discretos atos de serviço abnegado e suas palavras de testemunho e convicção me tornaram humilde.

Faço a cada uma de vocês hoje as mesmas perguntas que fiz a muitas de vocês em nossas conversas.

1. O que a ajuda a ser firme e inamovível ao enfrentar os desafios que põem sua fé à prova?
2. O que a sustém em meio às provações e adversidades?
3. O que a ajuda a perseverar e a tornar-se uma verdadeira discípula de Cristo?

Algumas das respostas que vocês me deram incluem o seguinte:

1. Seu conhecimento de que o Pai Celestial as ama e Se importa com vocês;
2. Sua esperança de que, graças ao sacrifício expiatório de Jesus Cristo, todas as bênçãos prometidas aos fiéis serão cumpridas.

3. Seu conhecimento do plano de redenção.

Meu discurso de hoje desenvolverá essas declarações provenientes de seu coração.

Em Romanos 8:16 lemos: “O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus”. A primeira vez que me lembro de ter sentido com toda a certeza que o Pai Celestial me conhecia, me amava e Se importava comigo foi quando entrei nas águas do batismo, aos quinze anos de idade. Antes disso, eu sabia que Deus existia e que Jesus Cristo era o Salvador do mundo. Acreditava Neles e Os amava, mas nunca senti Seu amor e Sua preocupação para comigo, individualmente, até aquele dia, quando me regozizei na oportunidade de fazer os convênios batismais.

Dei-me conta do imenso milagre que tinha sido o fato de eu ter sido encontrada e ensinada pelos missionários, especialmente por haver somente uns poucos missionários em meio a dois milhões de pessoas! Soube então que o Pai Celestial me conhecia e me amava de modo tão especial a ponto de guiar os missionários até a minha casa.

Sei, hoje, que Deus é um Deus de amor. Isso é verdade porque somos

Seus filhos e Ele deseja que todos nós tenhamos alegria e felicidade eternas. Sua obra e Sua glória é que tenhamos imortalidade e vida eterna.¹ É por isso que Ele providenciou um plano eterno de felicidade para nós. Nosso propósito na vida é alcançar nossa própria vida eterna e exaltação, e ajudar outros a fazerem o mesmo. Ele criou esta Terra para que recebêssemos um corpo físico e fôssemos provados em nossa fé. Ele deu-nos o precioso dom do arbítrio, por meio do qual podemos escolher o caminho que leva à felicidade eterna. O plano de redenção do Pai Celestial é para nós. É para todos os Seus filhos.

“E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra.”²

“E ele deu-lhes mandamentos de que adorassem ao Senhor seu Deus (...). E Adão foi obediente aos mandamentos do Senhor.”³

Adão e Eva tiveram filhos, e o plano continuou a ser levado a efeito.

Sinto-me grata por saber que todas nós temos um papel vital e essencial como filhas de Deus. Ele concedeu atributos divinos a Suas filhas com o propósito de levar Seu trabalho adiante. Deus confiou às mulheres o trabalho sagrado de gerar e criar filhos. Nenhum outro trabalho é mais importante. É um chamado sagrado. O mais nobre ofício para uma mulher é o trabalho sagrado de edificar uma família eterna, de preferência ao lado do marido.

Sei que algumas de nossas irmãs não receberam as bênçãos do casamento ou de filhos. Quero assegurar-lhes de que, no devido tempo, vocês receberão todas as bênçãos prometidas aos fiéis. Vocês precisam

“prossequir com firmeza em Cristo, tendo um perfeito esplendor de esperança” e perseverar até o fim, para ter vida eterna.⁴ Do ponto de vista eterno, a falta das bênçãos “não [durará] mais que um momento”.⁵

Além disso, vocês não precisam estar casadas para cumprir os mandamentos e para beneficiar familiares, amigos e conhecidos. Seus dons, talentos, aptidões, habilidades e força espiritual são extremamente necessários para a edificação do reino. O Senhor confia em sua disposição de cumprir esses deveres essenciais.

O Senhor disse:

“Eu não me esquecerei de ti.

Eis que nas palmas das minhas mãos eu te gravei; os teus muros estão continuamente diante de mim”.⁶

O Senhor ama vocês! Ele conhece suas esperanças e suas decepções. Não Se esquece de vocês, porque suas dores e seus sofrimentos estão continuamente diante Dele.

A maior expressão do amor de Deus por nós foi Sua disposição de enviar Seu Filho amado, Jesus Cristo, para expiar nossos pecados e ser nosso Salvador e Redentor.

Lemos em João 3:16: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.

O Salvador diz: “Como o Pai me amou, também eu vos amei a vós”.⁷

A disposição de Jesus Cristo de ser o cordeiro do sacrifício foi uma expressão de Seu amor pelo Pai e de Seu infinito amor por todos nós, individualmente.

Isaías descreveu o sofrimento do Salvador:

“Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si. (...)

Ele foi ferido por causa das nossas



transgressões, e moído por causa das nossas iniquidades; (...) e pelas suas pisaduras fomos sarados”.⁸

O próprio Senhor declarou: “Pois eis que eu, Deus, sofri essas coisas por todos, para que não precisem sofrer caso se arrependam”.⁹

Ele rompeu as cadeias da morte, permitindo que toda a humanidade seja ressuscitada. Deu-nos a dádiva da imortalidade.

Jesus Cristo tomou sobre Si nossos pecados, sofreu e morreu para satisfazer as exigências da justiça, de modo que não precisemos sofrer, se nos arrependermos.

Demonstramos aceitar Jesus Cristo como nosso Salvador quando depositamos fé Nele, arrependemo-nos de nossos pecados e recebemos as ordenanças de salvação exigidas para entrar na presença de Deus. Essas ordenanças de salvação são símbolos dos convênios que fazemos. Os convênios de obediência a Suas leis e a Seus mandamentos nos unem a Deus e nos fortalecem a fé. Nossa fé e firmeza em Cristo nos dão a coragem e a confiança de que necessitamos para enfrentar os desafios da vida, que fazem parte de nossa vida mortal.

Logo depois que meu marido foi chamado para presidir a Missão Paraguai Assunção, em 1992, assistimos a uma conferência de ramo em uma comunidade isolada do Chaco Paraguai.¹⁰ Viajamos quatro horas por uma estrada pavimentada e mais sete horas por uma estrada mais rústica, sem pavimentação. Os perigos e desconfortos da longa viagem foram logo esquecidos assim que fomos recebidos pelos alegres e hospitaleiros membros de Mistolar.

Julio Yegros era o jovem presidente do ramo. Ele e a mulher, Margarita, eram uma das poucas famílias que haviam sido seladas no templo. Pedilhes que contassem como havia sido sua viagem ao templo.

Naquela época, o templo mais próximo ficava em Buenos Aires, na Argentina. A viagem até lá exigia 27 horas — só de ida — para chegar ao templo, e eles foram com seus dois filhos pequenos. Isso aconteceu no meio de um inverno muito frio, mas com muito sacrifício conseguiram chegar ao templo e foram selados como família eterna. No caminho de volta, os dois bebês ficaram muito doentes e morreram. Eles os enterraram pelo



Auckland, Nova Zelândia

caminho e voltaram para casa de mãos vazias. Estavam tristes e solitários, mas surpreendentemente se sentiam consolados e em paz. Contaram o seguinte sobre o ocorrido: “Nossos filhos foram selados a nós na casa do Senhor. Sabemos que os teremos de volta conosco para toda a eternidade. Esse conhecimento nos trouxe paz e consolo. Temos de permanecer dignos e fiéis aos convênios que fizemos no templo, e assim vamos reunir-nos a eles”.

Como aumentar nossa fé e esperança de modo a torná-las semelhantes às daqueles fiéis membros do Paraguai?

Como fortalecer nossa crença nas declarações que ouvimos repetidas vezes de tantos de vocês, de que acreditam no amor que Deus tem por vocês, confiam que receberão Suas bênçãos e compreendem o plano de redenção por intermédio do Salvador Jesus Cristo e o papel importante que desempenham em Seu plano?

Vou sugerir quatro coisas que me ajudaram: A oração, o estudo das escrituras, a obediência e o serviço.

Oração

A oração é o ato de comunicar-nos com o Pai Celestial. Quando oramos, reconhecemos nossa fé Nele e em Seu poder de abençoar-nos.

Lemos em Alma 37:37: “Aconselha-te com o Senhor em tudo o que fizeres e ele dirigirá-te para o bem; sim, quando te deitares à noite, repousa no Senhor, para que ele possa velar por ti em teu sono; e quando te levatares pela manhã, tem o teu coração cheio de agradecimento a Deus; e se fizeres essas coisas, serás elevado no último dia”.

Estudar as Escrituras

O conhecimento e a compreensão do plano do Pai Celestial ajudam-nos a saber quem somos e em quem devemos nos tornar.

O Senhor nos ordenou: “Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam”.¹¹

Há uma grande necessidade de que todas as mulheres estudem as escrituras. À medida que conhecermos melhor as verdades contidas nas escrituras, poderemos aplicá-las em nossa vida e ter maior capacidade de cumprir os propósitos de Deus. A oração pessoal diária e o estudo diário das escrituras também propiciam a influência e o poder do Espírito Santo em nossa vida.

Obediência

O Senhor diz: “Se me amais, guardai os meus mandamentos”.¹² Nossa fiel obediência vai ajudar-nos a desenvolver os atributos de Deus e mudar nosso coração.

Somos aconselhados, em Doutrina e Convênios:

“Apega-te aos convênios que fizeste. (...)”

Guarda meus mandamentos continuamente e receberás uma coroa de retidão”.¹³

Nosso compromisso de viver o evangelho promove nossa fé e esperança em Jesus Cristo.

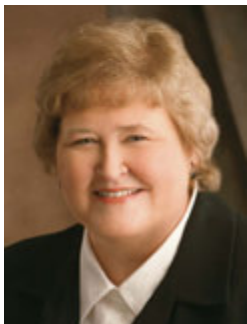
Serviço

Temos muitas oportunidades de servir ao Senhor. Foi pedido a toda irmã que busque e ajude os pobres e necessitados ao seu redor. Os “pobres e os necessitados” incluem aqueles com necessidades espirituais e emocionais. Cada uma de nós também recebeu o encargo de “salvar nossos mortos”, o que pode ser feito pelo trabalho de história da família e do templo. Recebemos o mandamento de compartilhar o evangelho com as pessoas, e há muitas maneiras de participar do trabalho missionário. Todas essas coisas são meios pelos quais podemos servir ao Senhor. Nosso Pai Celestial espera que as fortes fortaleçam as fracas, e nossa própria fé será fortalecida ao fortalecermos Seus filhos e cuidarmos Deles.

Sei que o Pai Celestial ama cada um de Seus filhos de modo perfeito, individual e constante. Sei que, como mulheres, nós desempenhamos um papel essencial no plano de felicidade. O máximo de nosso empenho é tudo o que Ele exige de nós, e todas somos necessárias na edificação do reino. A Expição é real. Jesus Cristo é nosso Salvador e Redentor. Testifico-lhes que, se formos fiéis e perseverarmos até o fim, receberemos todas as bênçãos do Pai Celestial, sim, a vida eterna e a exaltação. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Moisés 1:39.
2. Gênesis 1:27–28.
3. Moisés 5:5.
4. 2 Néfi 31:20.
5. Doutrina e Convênios 121:7.
6. Isaías 49:15–16.
7. João 15:9.
8. Isaías 53:4–5.
9. Doutrina e Convênios 19:16.
10. A área semi-árida e parcialmente habitada do oeste paraguaio.
11. João 5:39.
12. João 14:15.
13. Doutrina e Convênios 25:13, 15.



Barbara Thompson

Segunda Conselheira na Presidência Geral
da Sociedade de Socorro

E Apiedai-vos de Alguns, Usando de Discernimento

A beleza no programa de professoras visitantes é ver vidas transformadas, lágrimas enxugadas, testemunhos florescendo, pessoas amadas, famílias fortalecidas.

Queridas irmãs, que bênção é estar com vocês, sentir sua força e seu amor ao Senhor. Obrigada pelo amor e pela compaixão que partilham com as pessoas diariamente.

Nos primeiros dias da Sociedade de Socorro em Nauvoo, sabemos que as irmãs viajavam de casa em casa, ministrando umas às outras, avaliando necessidades, levando alimentos, cuidando dos enfermos e demonstrando compaixão a cada mulher e sua família.¹ Isso me traz à mente a seguinte passagem do livro de Judas: “E apiedai-vos de alguns, usando de discernimento”.² Ao ponderar sobre essa escritura e seu significado, meus pensamentos voltam-se para o Salvador e as muitas passagens das escrituras que nos falam do amor e da compaixão que Cristo teve por todos.

No Novo Testamento lemos, com frequência, que Cristo sentia “grande compaixão”³ pelas pessoas ao cuidar de suas necessidades. Ele

teve compaixão ao ver que estavam famintas e as alimentou; que estavam doentes e as curou; que precisavam de conhecimento espiritual e as ensinou.

Ter compaixão significa sentir amor e misericórdia por alguém. Significa ser solidário e desejar aliviar o sofrimento alheio. Significa mostrar bondade e carinho ao próximo.

O Salvador pede-nos que façamos o que Ele fez:⁴ que carreguemos os fardos uns dos outros, que consolemos quem necessitar de consolo, que choremos com os que choram,⁵ que alimentemos os famintos, que visitemos os enfermos,⁶ que socorramos os fracos, que ergamos as mãos que pendem⁷ e que “[ensinemos] a doutrina do reino uns aos outros”.⁸ Para mim, essas palavras e atos descrevem as professoras visitantes — aquelas que ministram umas às outras.

O trabalho das professoras visitantes dá às mulheres a oportunidade de cuidar, fortalecer e ensinar umas

às outras. Assim como um mestre do Sacerdócio Aarônico tem a responsabilidade de “zelar sempre pela Igreja [e] estar com os membros e fortalecê-los”,⁹ uma professora visitante demonstra amor ao levar em conta, em espírito de oração, as necessidades de cada mulher a quem foi chamada para servir.

A irmã Julie B. Beck nos lembrou: “Por seguirmos o exemplo e os ensinamentos de Jesus Cristo, valorizamos essa sagrada atribuição de amar, conhecer, servir, compreender, ensinar e ministrar em Seu nome”.¹⁰

Hoje gostaria de abordar dois assuntos:

- As bênçãos que vocês levam às pessoas ao servir como professoras visitantes;
- E as bênçãos que recebemos ao servir ao próximo.

As Bênçãos Que Vocês Levam às Pessoas ao Servir Como Professoras Visitantes

Há pouco tempo, conversei com um grupo de mulheres em Anchorage, no Alasca. Havia cerca de doze mulheres na sala e outras seis acompanhavam o evento por teleconferência, espalhadas por cidades de todo o Alasca. Muitas dessas mulheres moravam a centenas de quilômetros da capela. Elas me ensinaram o que é ser professora visitante.

Para visitar pessoalmente todas as irmãs seria preciso pegar avião ou barco ou percorrer distâncias enormes de carro. É claro que o tempo e os gastos inviabilizavam as visitas a cada casa. Contudo, essas irmãs sentiam-se intimamente ligadas, pois oravam com fervor umas pelas outras e buscavam a orientação do Espírito Santo para conhecer as necessidades umas das outras, embora o contato pessoal fosse pouco frequente. Elas conseguiam



manter contato por telefone, correio e Internet. Serviam com amor porque tinham feito convênios com o Senhor e desejavam abençoar e fortalecer suas irmãs.

Outra dupla dedicada de professoras visitantes na República Democrática do Congo caminhava grandes distâncias para visitar uma mulher e seu bebê. Essas irmãs preparavam a mensagem em espírito de oração, ávidas por saberem como fazer a diferença na vida da querida mulher que visitavam. Essa irmã vibrava com sua visita. Afinal, era uma mensagem do céu enviada especialmente para ela. Com a visita àquele lar humilde, tanto a irmã e seus familiares quanto as professoras visitantes, foram todos edificadas e abençoados. A longa caminhada não pareceu um sacrifício. Essas professoras visitantes tiveram compaixão, fazendo a diferença para o bem e abençoando a vida da mulher.

Longas distâncias, custos elevados e preocupações com a segurança inviabilizam contatos pessoais mensais em algumas regiões do mundo; mas, por meio de revelação pessoal, as irmãs que verdadeiramente tentam amar-se, fortalecer-se e zelar umas pelas outras encontram maneiras significativas de cumprir esse chamado do Senhor.

Uma presidente inspirada da Sociedade de Socorro reúne-se em conselho com seu bispo e distribui as

designações das professoras visitantes a fim de ajudá-lo a zelar por todas as mulheres da ala. Ao compreendermos esse processo de coordenação e revelação, entenderemos melhor nossa importante responsabilidade de ministrar, e confiaremos mais plenamente na orientação do Espírito em nosso trabalho.

Sou uma daquelas que visitava várias mulheres a cada mês e depois declarava orgulhosamente, com um suspiro de alívio: “Cumpri meu dever de professora visitante!” Bem, minha prestação de contas pode ter sido perfeita; mas, se essa foi a única motivação, que vergonha!

A beleza no programa de professoras visitantes não é exibir 100 por cento no relatório mensal, mas sim, ver vidas transformadas, lágrimas enxugadas, testemunhos florescendo, pessoas amadas, famílias fortalecidas, pessoas alegres, famintos alimentados, enfermos visitados e os que choram sendo consolados. Na verdade, o trabalho das professoras visitantes nunca *termina*, pois estamos sempre zelando e fortalecendo.

Outra bênção do programa das professoras visitantes é o aumento do amor e da união. As escrituras nos indicam como conseguir isso: “E mandou (...) que olhassem para frente com um único fito, tendo uma fé e um batismo, tendo os corações entrelaçados em unidade e amor uns para com os outros”.¹¹

Muitas mulheres contam que o que as levou de volta à atividade na Igreja foi o fato de uma professora visitante fiel visitá-las todos os meses e ministrar a elas, resgatando-as, amando-as e abençoando-as.

Às vezes, a mensagem será a coisa mais importante a partilhar em determinada visita. Algumas mulheres têm raras oportunidades de aprimorar

a própria espiritualidade; uma delas é a mensagem que vocês levam. As Mensagens das Professoras Visitantes, publicadas na revista *A Liahona*, são mensagens do evangelho que ajudam cada mulher a aumentar a fé, fortalecer a família e ressaltar o serviço abnegado.

Outras vezes, a bênção mais importante de sua visita será simplesmente ouvir. O ato de ouvir traz consolo, compreensão e cura. Já em outras ocasiões, talvez vocês precisem arregaçar as mangas para ajudar a fazer algo na casa ou acalmar uma criança que chora.

As Bênçãos Que Recebemos ao Servir ao Próximo

As bênçãos que recebemos ao servir ao próximo são muitas. Já me flagrei dizendo: “Preciso terminar meu trabalho de professora visitante!” (Esses eram momentos em que me esquecia que estava visitando e ensinando mulheres. Eram momentos em que eu considerava esse trabalho um fardo, em vez de uma bênção.) Posso dizer honestamente que, quando fazia as visitas, sempre me sentia melhor. Eu era edificada, amada e abençoada — em geral muito mais do que a irmã visitada. Meu amor cresceu. Meu desejo de servir aumentou. E pude ver como é belo esse programa criado pelo Pai Celestial para cuidarmos umas das outras e zelarmos umas pelas outras.

Outras bênçãos de ser professora visitante são as oportunidades de conhecer irmãs e fazer amizades que não seriam possíveis de outra forma. Às vezes, esse trabalho permite que sejamos a resposta às preces de alguém. A revelação pessoal e as experiências espirituais estão estreitamente ligadas ao programa das visitas.

Algumas das experiências mais tocantes, alegres e espirituais de minha

vida foram as que eu tive ao visitar o lar das mulheres em minha ala e no mundo afora. Nessas ocasiões, ensinamos o evangelho umas às outras, choramos juntas, rimos juntas, resolvemos problemas juntas, e eu fui edificada e abençoada.

Certa noite, nos últimos dias do mês, estava-me preparando para viajar e ainda não visitara uma de minhas irmãs. Já era tarde. Eu não havia combinado nada. Não telefonara. Estava sem companhia. Mas decidi que era importante visitar minha amiga Julie. A filha de Julie, Ashley, nascera com a doença dos ossos de vidro. Embora tivesse quase seis anos de idade, Ashley era muito pequena e conseguia fazer poucas coisas além de mexer os braços e falar. Passava o dia todo deitada num tapete de pele de carneiro. Ashley era uma criança alegre e feliz, e eu adorava ficar ao lado dela.

Naquela noite, quando cheguei à casa de Julie, ela me convidou para entrar e Ashley chamou, dizendo que queria mostrar-me algo. Entrei e me ajoelhei no chão ao lado de Ashley, enquanto sua mãe ficou do outro lado. Ashley disse: “Olhe só o que consigo fazer!” Então, com um pouco de ajuda da mãe, Ashley conseguiu virar-se de lado e voltar à posição inicial. Ela demorara quase seis anos para atingir essa meta maravilhosa. Ao batermos palmas, incentivarmos, rirmos e chorarmos juntas, naquela ocasião especial, agradei ao Pai Celestial por ter feito meu trabalho de professora visitante e não ter perdido aquele grande momento. Embora essa visita tenha ocorrido há muitos anos e a doce Ashley já tenha falecido, serei eternamente grata por essa experiência especial que tive com ela.

Minha própria mãe querida foi uma professora visitante maravilhosa e dedicada por muitos anos. Ela refletia



continuamente sobre as maneiras de abençoar as famílias que visitava. Prestava atenção especial aos filhos das mulheres que visitava, na esperança de fortalecer a família. Lembro-me de ver uma criança de cinco anos correr até a minha mãe na igreja e dizer: “A senhora é minha professora visitante. Amo você”. Fazer parte da vida de cada mulher maravilhosa e sua respectiva família era uma bênção para minha mãe.

Nem todas as experiências relacionadas ao trabalho de professoras visitantes são doces e maravilhosas. Às vezes é algo difícil, como visitar um lar onde não somos muito bem-vindas ou tentar marcar horário com uma irmã que tem a agenda sempre lotada. Pode ser que a construção de um bom relacionamento com certas irmãs demore mais. Mas, quando verdadeiramente procuramos amar todas as irmãs, orar por elas e cuidar delas, o Espírito Santo nos ajudará a encontrar maneiras de zelar por elas e fortalecê-las.

O Presidente Thomas S. Monson é mestre em ministrar como o Salvador. Ele é visto constantemente visitando e ajudando as pessoas. Ele ensinou: “Estamos cercados por pessoas que necessitam de nossa atenção, de nosso incentivo, de nosso apoio, de nosso consolo e de nossa bondade. (...) Somos as mãos do Senhor aqui

na Terra, com o encargo de servir e edificar Seus filhos. Ele precisa de cada um de nós”.¹²

“E ninguém pode participar desta obra, a menos que seja humilde e cheio de amor, tendo fé, esperança e caridade, sendo temperante em todas as coisas, em tudo o que lhe for confiado.”¹³

As mulheres de quem somos professoras visitantes foram confiadas a nós. Que tenhamos amor e compaixão, para assim fazermos a diferença na vida das irmãs confiadas aos nossos cuidados.

Irmãs, eu as amo. Oro para que se sintam envolvidas pelo amor de nosso Pai Celestial e de nosso Salvador, Jesus Cristo. Testifico-lhes que o Salvador vive. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Ver Jill Mulvay Derr, Janath Russell Cannon e Maureen Ursenbach Beecher, *Women of Covenant: The Story of Relief Society*, 1992, pp. 32–33.
2. Judas 1:22.
3. Mateus 9:36; 14:14.
4. Ver João 13:15.
5. Ver Mosias 18:8–9.
6. Ver Mosias 4:26.
7. Ver Doutrina e Convênios 81:5.
8. Doutrina e Convênios 88:77.
9. Doutrina e Convênios 20:53.
10. Julie B. Beck, “Sociedade de Socorro — Um Trabalho Sagrado”, *A Liahona*, novembro de 2009, p. 113.
11. Mosias 18:21.
12. Thomas S. Monson, “O Que Fiz Hoje por Alguém?” *A Liahona*, novembro de 2009, p. 86.
13. Doutrina e Convênios 12:8.



Presidente Thomas S. Monson

A Caridade Nunca Falha

Em vez de sermos críticos e de julgarmos uns aos outros, que possamos ter o puro amor de Cristo por nossos companheiros nesta jornada da vida.

Nossas almas se regozijaram e alcançaram o céu. Fomos abençoados com linda música e mensagens inspiradas. O Espírito do Senhor está aqui. Oro para que a inspiração do Pai esteja comigo agora, enquanto compartilho com vocês algumas ideias e sentimentos.

Começo contando uma pequena história que ilustra meu ponto de vista.

Um jovem casal, Lisa e John, mudou-se para um novo bairro. Certa manhã, enquanto tomavam o desjejum, Lisa olhou pela janela e viu a vizinha do lado pendurando a roupa que tinha lavado.

“Aquela roupa não está limpa!” exclamou Lisa. “Nossa vizinha não sabe lavar roupas direito!”

John deu uma olhada, mas não disse nada.

Toda vez que a vizinha pendurava a roupa lavada, Lisa repetia seu comentário.

Algumas semanas depois, Lisa ficou surpresa ao ver pela janela as roupas lavadas da vizinha, bonitas e bem limpas. Ela então disse ao marido: “Olhe, John, ela finalmente aprendeu a lavar direito! Como será que conseguiu?”

John respondeu: “Bem, querida, eu sei a resposta. Talvez seja bom saber que levantei cedo, hoje, e lavei os vidros das nossas janelas!”

Esta noite, gostaria de compartilhar com vocês algumas ideias sobre como enxergamos os outros. Será que estamos olhando através de vidros que precisam ser limpos? Estaremos fazendo julgamentos sem conhecer todos os fatos? O que enxergamos, ao olhar para os outros? Que julgamentos fazemos deles?

O Senhor disse: “Não julgueis”.¹ E continuou: “E por que reparas tu no argueiro que está no olho de teu irmão, e não vês a trave que está no teu olho?”² Ou, parafraseando, por que reparas naquilo que pensas ser a roupa suja do teu próximo, mas não percebes a imundície nos vidros da tua casa?

Nenhum de nós é perfeito. Não conheço ninguém que declare sê-lo. No entanto, por alguma razão, apesar de nossas imperfeições, temos a tendência de apontar os erros dos outros. Julgamos as pessoas tanto pelo que fazem como pelo que deixam de fazer.

Não há como conhecer o coração, as intenções ou as circunstâncias de

outra pessoa, que talvez diga ou faça algo que consideremos motivo de crítica. Por isso, há o mandamento: “Não julgueis”.

Há quarenta e sete anos, na conferência geral, fui chamado para o Quórum dos Doze Apóstolos. Naquela época, eu vinha servindo em um dos comitês gerais do sacerdócio da Igreja e por isso, antes de meu nome ser apresentado para apoio, fui sentar-me com meus colegas daquele comitê do sacerdócio, como de praxe. Minha esposa, no entanto, não sabia aonde ir ou com quem se sentar. A verdade é que ela não conseguia um lugar no Tabernáculo para se sentar. Uma boa amiga dela, que era membro de uma das juntas gerais das auxiliares e estava sentada em uma área designada para as juntas, convidou a irmã Monson para sentar-se com ela. Essa irmã não sabia nada sobre meu chamado — que seria anunciado em breve — mas ela viu a irmã Monson, percebeu sua dificuldade, e graciosamente ofereceu-lhe um lugar. Minha querida esposa ficou aliviada e grata por essa gentileza. Quando se sentou, entretanto, ouviu altos cochichos na fileira de trás, proferidos por uma pessoa da junta que expressou aos seus pares o seu desagrado, porque um membro da junta tivera a audácia de convidar uma “intrusa” para sentar-se na área reservada só para eles. Nada justificaria esse comportamento hostil, fosse quem fosse que tivesse sido convidada a sentar-se ali. No entanto, fico imaginando como aquela mulher se sentiu, quando ficou sabendo que a “intrusa” era a esposa do mais novo apóstolo.

Não só nos sentimos inclinados a julgar os atos e as palavras dos outros, mas também muitos de nós julgam a aparência — as roupas, o penteado, o tamanho — a lista é enorme.

Um caso clássico de julgar a

aparência foi publicado em uma revista de circulação nacional há muitos anos. É uma história verdadeira — que talvez já conheçam, mas que vale a pena repetir.

Uma mulher chamada Mary Bartels morava bem em frente à entrada da clínica de um hospital. A família morava no térreo, e ela alugava os cômodos de cima para pacientes ambulatoriais da clínica.

Certa noite, um homem de aparência horrível bateu à porta e perguntou se havia um quarto onde poderia passar a noite. Ele era corcunda, cheio de rugas, e tinha o rosto torcido por um inchaço avermelhado e em carne viva. Ele disse que estivera procurando um quarto desde o meio-dia, mas sem sucesso. “Acho que é por causa da minha aparência”, disse. “Sei que é horrível, mas o médico disse que ela pode melhorar, depois de alguns tratamentos.” Ele sugeriu que ficaria feliz de dormir na cadeira de balanço da varanda. Durante a conversa, Mary compreendeu que o pequeno corpo do pobre homem abrigava um coração enorme. Embora todos os quartos estivessem ocupados, ela pediu que ele esperasse até ela arranjar um lugar para ele dormir.

À noite, o marido de Mary armou uma cama de lona para o homem. De manhã, Mary viu que as roupas de cama estavam impecavelmente dobradas e ele estava na varanda. Recusou o desjejum, mas antes de partir, perguntou se poderia voltar no próximo tratamento. “Não vou incomodar”, prometeu ele. “Durmo bem até numa cadeira.” Mary garantiu-lhe que ele seria bem-vindo de novo.

Durante os vários anos do tratamento, ele se hospedou na casa de Mary. Era pescador, e sempre trazia de presente frutos do mar ou vegetais que ele mesmo cultivava. Em outras



ocasiões, ele lhe enviava pacotes pelo correio.

Ao receber esses presentes tão gentis, Mary costumava lembrar-se do comentário de uma vizinha, depois que o velho curvado e desfigurado saiu da sua casa naquele primeiro dia. “Você hospedou ontem aquele homem de aparência horrível? Eu me recusei a fazer isso. Você vai perder hóspedes, se continuar a hospedar gente assim.”

Mary sabia que talvez tivesse *mesmo* perdido um ou outro hóspede, mas pensou: “Ah, se pudessem pelo menos conhecê-lo, talvez pudessem ter suportado melhor as próprias enfermidades”.

Depois que o homem faleceu, Mary foi visitar uma amiga que tinha um jardim. Ao olhar as flores da amiga, observou um belo crisântemo dourado, plantado em um balde velho, enferrujado e amassado. A amiga explicou: “Eu não tinha mais vasos; mas, sabendo como esta flor seria bonita, quis preservá-la, plantando-a neste balde velho. É só por um tempinho, até poder replantá-la no jardim”.

Mary sorriu, ao imaginar uma cena como essa no céu. “Esta é particularmente bonita”, Deus poderia ter dito, a respeito da alma do velho. “Ela não se importará de começar com esse corpo pequeno e deformado.” Mas isso foi há muito tempo; e, no jardim de Deus, como aquela bela alma deve-se sobressair!³

As aparências enganam e são uma medida falsa para se julgar alguém. O Salvador admoestou: “Não julgueis segundo a aparência”.⁴

Certa mulher que pertencia a uma organização de mulheres reclamou quando outra foi escolhida para representar a organização. Ela não conhecia a mulher indicada, mas tinha visto uma foto dela e não havia gostado do que viu, considerando-a um tanto gorda. Ela comentou: “Entre tantas milhares de mulheres desta organização, sem dúvida poderiam ter escolhido uma representante melhor”.

Verdade seja dita, a escolhida não era nenhuma “modelo”. Mas os que a conheciam e sabiam de suas qualidades viam nela muito mais do que sua fotografia revelava. A foto, de fato, *mostrava* que ela tinha um sorriso amável e que demonstrava confiança. O que a foto *não mostrava* era o fato de ser uma amiga leal e compassiva, uma mulher inteligente, que amava o Senhor e amava as filhas de Deus, e as servia. Também não mostrava que ela fazia serviços voluntários na comunidade e era uma vizinha altruísta e presertativa. Em resumo, a foto não refletia quem de fato ela era.

Pergunto, então: se as atitudes, ações e inclinações espirituais se refletissem na *aparência física*, será que as feições da mulher que reclamou seriam tão agradáveis quanto as daquela a quem ela criticou?

Minhas queridas irmãs, cada uma de vocês é incomparável. Cada uma é diferente das outras, de muitas maneiras. Algumas de vocês são casadas. Algumas ficam em casa com os filhos, enquanto outras trabalham fora. Algumas de vocês já têm o ninho vazio. Há também aquelas que são



casadas, mas que não têm filhos. Há as que são divorciadas, e há as viúvas. Muitas de vocês são solteiras. Algumas têm curso superior, algumas não. Há aquelas que podem comprar tudo o que está na última moda, e há aquelas que se dão por felizes se tiverem uma roupa adequada para usar no domingo. Diferenças assim são praticamente inumeráveis. Será que são essas diferenças que nos levam a julgar uns aos outros?

Madre Tereza, a freira católica que trabalhou a maior parte da vida com os pobres na Índia, expressou esta profunda verdade: “Se você julgar as pessoas, não terá tempo de amá-las”.⁵ O Salvador admoestou-nos: “O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei”.⁶ Pergunto-lhes: *Podemos amar-nos uns aos outros, como o Salvador determinou, se julgarmos uns aos outros?* E respondo, — ecoando Madre Tereza: “Não, não podemos”.

O Apóstolo Tiago ensinou: “Se alguém entre vós cuida ser religioso, e não refreia a sua língua, antes

engana o seu coração, a religião desse [ou dessa] é vã”.⁷

Sempre amei o lema da Sociedade de Socorro: “A caridade nunca falha”.⁸ Mas, o que é caridade? O profeta Mórmon nos ensina que “a caridade é o puro amor de Cristo”.⁹ Em sua mensagem de despedida escrita aos lamanitas, Morôni declara: “A não ser que tenhais caridade, não podeis de modo algum ser salvos no reino de Deus”.¹⁰

Considero a caridade — ou o “puro amor de Cristo” — o oposto das críticas e do julgamento. Falando em caridade, não estou no momento pensando no auxílio aos que sofrem e que recebem a doação de nossos recursos. Isso, é claro, também é necessário e apropriado. Hoje à noite, no entanto, tenho em mente a caridade que se manifesta na tolerância que temos com os outros e na brandura com seus atos; no tipo de caridade que perdoa, no tipo de caridade que é paciente.

Tenho em mente a caridade que nos impele a sermos afáveis,

compassivos e misericordiosos, não somente quando há doença, aflição e sofrimento, mas também por ocasião das fraquezas ou dos erros por parte de outros.

Há uma necessidade concreta do tipo de caridade que dá atenção àqueles que passam despercebidos, esperança aos que estão desanimados e ajuda aos que estão aflitos. A verdadeira caridade é o amor em ação. A necessidade de caridade existe em todo lugar.

A caridade necessária é a que se recusa a satisfazer-se em ouvir e repetir relatos das desventuras que ocorrem aos outros, a menos que seja para o benefício daquele que sofre. O educador e político norte-americano Horace Mann disse, certa vez: “Ter compaixão pelo sofrimento é humano; aliviá-lo é divino”.¹¹

Caridade é ter paciência com a pessoa que nos decepcionou; é resistir ao impulso de se ofender com facilidade. É aceitar fraquezas e limitações. É aceitar as pessoas como elas realmente são. É enxergar, além da aparência física, os atributos que não se extinguirão com o tempo. É resistir ao impulso de categorizar as pessoas.

A caridade, esse puro amor de Cristo, manifesta-se quando um grupo de mulheres jovens de uma ala de solteiros viaja centenas de quilômetros para assistir ao funeral da mãe de uma de suas irmãs da Sociedade de Socorro. A caridade se manifesta quando professoras visitantes dedicadas procuram mês após mês, ano após ano, a mesma irmã desinteressada e crítica. Ela se evidencia quando uma viúva idosa é lembrada e levada aos programas da unidade e às atividades da Sociedade de Socorro. Ela é sentida quando a irmã que se senta sozinha na Sociedade de Socorro recebe o

convite: “Venha, sente-se conosco”.

Em centenas de pequenos gestos, todas vocês vestem o manto da caridade. A vida não é perfeita para nenhum de nós. Em vez de sermos críticos e de julgarmos uns aos outros, que possamos ter o puro amor de Cristo por nossos companheiros nesta jornada da vida. Reconheçamos que cada irmã está fazendo o melhor que pode para lidar com os próprios desafios, e que nos empenhemos em fazer o *nosso* melhor para ajudar.

A caridade foi definida como “a espécie de amor mais sublime, nobre e forte”,¹² o “puro amor de Cristo (...); e para todos os [todas as] que a possuírem, no último dia tudo estará bem”.¹³

“A caridade nunca falha”. Que esse lema secular da Sociedade de Socorro, essa verdade eterna, possa guiá-las em tudo o que fizerem. Que ele permeie sua alma e seja expresso em todos os seus pensamentos e em todas as suas ações.

Manifesto meu amor por vocês, minhas irmãs, e oro para que as bênçãos dos céus estejam sempre com vocês. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

NOTAS

1. Mateus 7:1.
2. Mateus 7:3.
3. Adaptado de Mary Bartels, “The Old Fisherman”, *Guideposts*, junho de 1965, pp. 24–25.
4. João 7:24.
5. Madre Teresa, em R. M. Lala, *A Touch of Greatness: Encounters with the Eminent* [Um Toque de Grandeza: Encontros com o Eminentel], 2001, p. x.
6. João 15:12.
7. Tiago 1:26.
8. I Coríntios 13:8.
9. Morôni 7:47.
10. Morôni 10:21.
11. Horace Mann, *Lectures on Education*, 1845, p. 297.
12. *Guia para Estudo das Escrituras*, “Caridade”, p. 27.
13. Morôni 7:47.

Índice das Histórias Contadas na Conferência

Esta lista contém uma seleção de histórias verdadeiras extraídas dos discursos da conferência geral para uso no estudo individual, na reunião familiar e em outras situações de ensino. O número entre parênteses refere-se à primeira página do discurso.

Orador	História
Élder Jeffrey R. Holland	Os pais de Jeffrey R. Holland pagam a missão dele (6).
Rosemary M. Wixom	As crianças oram enquanto a mãe dirige através da nevasca (9).
Élder D. Todd Christofferson	O avô de D. Todd Christofferson tosquia ovelhas e paga toda a missão (16). Um sócio empresarial divide os ativos de maneira desigual (16).
Élder Robert D. Hales	Robert D. Hales enverniza o assoalho e vê-se preso em um dos cantos (24).
Élder Quentin L. Cook	Certo bispo ajuda um homem a arrepender-se de ato desonesto (27).
Élder Russell M. Nelson	Russell M. Nelson compartilha o Livro de Mórmon com os amigos (47). Jovem entra para a Igreja depois de navegar no site mormon.org (47).
Élder Patrick Kearon	Patrick Kearon é picado por um escorpião (50).
Élder Juan A. Uceda	Um pai briga com a filha durante o estudo das escrituras em família (53).
Presidente Henry B. Eyring	Spencer W. Kimball visita o pai de Henry B. Eyring no hospital (59).
Presidente Thomas S. Monson	Clayton M. Christensen recusa-se a jogar basquete no domingo (67).
Presidente Henry B. Eyring	Presidente da Sociedade de Socorro recolhe roupas para doar aos pobres (70).
Presidente Boyd K. Packer	Mulher arrependida é incentivada a não olhar para trás (74).
Élder Jay E. Jensen	Jay E. Jensen ora e recebe testemunho por intermédio do Espírito Santo (77).
Presidente Thomas S. Monson	Certa família aprende a dar graças mesmo durante os momentos de provação (87).
Élder L. Tom Perry	Jovem sacerdote ajuda homem com deficiência a tomar o sacramento (91).
Élder Larry R. Lawrence	Pais pedem ao filho que fique em casa devido a seus sentimentos com relação a uma atividade (98).
Élder Mervyn B. Arnold	Vaca morre depois de comer muito trigo (105).
Élder M. Russell Ballard	Mulher torna-se dependente devido à prescrição de drogas (108).
Silvia H. Allred	Tragédia atinge família ao voltar do templo após terem sido selados (116).
Barbara Thompson	Barbara Thompson é abençoada por ter feito visita de professora visitante à mãe de Ashley (119).
Presidente Thomas S. Monson	Casal dono de pousada permite que um homem desfigurado se hospede em sua casa (122).

A Presidência Geral das Auxiliares

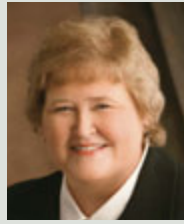
SOCIEDADE DE SOCORRO



Silvia H. Allred
Primeira Conselheira



Julie B. Beck
Presidente



Barbara Thompson
Segunda Conselheira

MOÇAS



Mary N. Cook
Primeira Conselheira



Elaine S. Dalton
Presidente



Ann M. Dibb
Segunda Conselheira

PRIMÁRIA



Jean A. Stevens
Primeira Conselheira



Rosemary M. Wixom
Presidente



Cheryl A. Esplin
Segunda Conselheira

RAPAZES



Larry M. Gibson
Primeiro Conselheiro



David L. Beck
Presidente



Adrián Ochoa
Segundo Conselheiro

ESCOLA DOMINICAL



David M. McConkie
Primeiro Conselheiro



Russell T. Osguthorpe
Presidente



Matthew O. Richardson
Segundo Conselheiro

Ensinaamentos para os Nossos Dias

As aulas do Sacerdócio de Melquisedeque e da Sociedade de Socorro realizadas no quarto domingo de cada mês serão dedicadas aos “Ensinaamentos para os Nossos Dias”. Todas as aulas poderão ter por base um ou mais discursos proferidos na conferência geral mais recente. Os presidentes de estaca e de distrito podem escolher quais discursos devem ser usados, ou podem delegar essa responsabilidade aos bispos e presidentes de ramo. Os líderes devem reforçar a importância de que tanto os irmãos do Sacerdócio de Melquisedeque como as irmãs da Sociedade de Socorro estudem o mesmo discurso no mesmo domingo.

Aqueles que participam das aulas do quarto domingo são incentivados a estudar e a levar para a sala de aula a edição da revista com os discursos da última conferência geral.

Sugestões para Preparar a Aula com Base nos Discursos

Ore para que o Espírito Santo esteja ao seu lado ao estudar e ao ensinar o(s) discurso(s). Talvez você

queira preparar a aula usando outro material, mas os discursos da conferência fazem parte do currículo aprovado. Sua tarefa é ajudar outras pessoas a aprender e a viver o evangelho como nos foi ensinado na mais recente conferência geral da Igreja.

Estude o(s) discurso(s) procurando princípios e doutrinas que atendam às necessidades dos alunos. Procure também histórias, referências das escrituras e declarações no(s) discurso(s), que o(a) ajudem a ensinar essas verdades.

Faça um esboço de como pretende ensinar esses princípios e doutrinas. Seu esboço deve incluir perguntas que ajudem os membros da classe a:

- Procurar princípios e doutrinas no(s) discurso(s).
- Pensar a respeito do seu significado.
- Compartilhar a compreensão, as ideias, as experiências e o testemunho.
- Aplicar esses princípios e doutrinas à própria vida. ■

MESES	MATERIAL PARA AS AULAS DO QUARTO DOMINGO
Novembro de 2010 a Abril de 2011	Discursos publicados na edição de novembro de 2010 de <i>A Liahona</i> *
Maio de 2011 a Outubro de 2011	Discursos publicados na edição de maio de 2011 de <i>A Liahona</i> *

*Esses discursos estão disponíveis (em vários idiomas) no site conferencia.LDS.org.



O Presidente Monson Solicita Mais Missionários e Anuncia Cinco Novos Templos

O Presidente Thomas S. Monson abriu a 180ª Conferência Geral Semestral, realizada no sábado e domingo, 2 e 3 de outubro de 2010, fazendo um chamamento para que mais membros sirvam como missionários; ele também anunciou cinco novos templos.

O Presidente Monson repetiu o chamado a “todo rapaz digno e capaz”, para que se prepare para servir; disse que as moças que desejarem servir são bem-vindas e expressou a necessidade da Igreja de “muitos mais casais idosos” que queiram servir.

“O serviço missionário é um dever do sacerdócio”, disse ele, “uma obrigação que o Senhor espera de nós, que tanto recebemos Dele”.

O Presidente Monson anunciou que cinco novos templos se encontram em fase de planejamento para construção: Hartford, Connecticut, EUA; Indianápolis, Indiana, EUA; Lisboa, Portugal; Tijuana, México; e Urdaneta, Filipinas.

Os novos templos elevarão para 23 o número de templos anunciados

ou em fase de construção. Quando ficarem prontos, esses 23 templos elevarão para 157 o número de templos da Igreja no mundo.

“Continuamos a construir templos”, disse o Presidente Monson. “(...) Continuemos fielmente a frequentar os templos, que estão sendo construídos cada vez mais perto de nossos membros” (“Ao Voltarmos a Nos Encontrar”, *A Liahona e Ensign*, novembro de 2010, p. 4).

Os novos templos serão os primeiros da Igreja em Portugal, em Indiana e em Connecticut. O Templo de Urdaneta será o terceiro nas Filipinas e o Templo de Tijuana será o décimo terceiro no México.

Nos seis meses entre a conferência geral de abril e a de outubro, a Igreja dedicou quatro novos templos: Templo de Gila Valley Arizona; Templo de Vancouver Colúmbia Britânica; Templo de Cebu City Filipinas, e Templo de Kiev Ucrânia. Está prevista a rededicação do Templo de Laie Havaí em 21 de novembro de 2010, depois de uma longa reforma. ■

Próxima Reunião Mundial de Treinamento de Liderança

Mais uma reunião mundial de treinamento de liderança será realizada no sábado, 13 de novembro de 2010. Essa transmissão dará instruções sobre os novos manuais da Igreja: *Manual 1: Presidentes de Estaca e Bispos*, e *Manual 2: Administrar a Igreja*.

Estão convidados para participar da transmissão os seguintes membros: Autoridades Gerais; Setentas de Área; presidências de estaca, de missão, de templo e de distrito; secretários de estaca e de distrito; secretários executivos de estaca e de distrito; sumos conselheiros; presidências da Sociedade de Socorro, dos Rapazes, das Moças, da Primária e da Escola Dominical de estaca e de distrito; bispados; presidências de ramo; secretários de ala e de ramo; secretários executivos de ala e de ramo; líderes e assistentes do grupo de sumos sacerdotes; presidências do quórum de élderes; presidências da Sociedade de Socorro, dos Rapazes, das Moças, da Primária e da Escola Dominical da ala e do ramo; líderes de missão da ala.

O treinamento será transmitido em mais de 30 idiomas. Procurem os líderes locais do sacerdócio para mais informações sobre os horários dessa transmissão. ■

Os Membros Tornam a Conferência Parte de Sua Vida

Você ouviu as mensagens; você sentiu o Espírito; você se comprometeu a seguir os conselhos. Mas agora, que a conferência geral já acabou, o que fará para torná-la parte de sua vida nos próximos seis meses?

Os membros da Igreja ao redor do mundo compartilham ações que os ajudam a se lembrar das mensagens da conferência geral e colocá-las em prática.

Incluir a Conferência Geral em Seu Cotidiano

Ouvir os discursos enquanto pratica exercícios, dirige, executa as tarefas domésticas ou se arruma para enfrentar o dia.

—James, Ontário, Canadá

Sugerir aos membros da família que se revezem escolhendo discursos para ouvir durante o desjejum.

—Ashlee, Washington, EUA

Assistir a partes da conferência geral em família aos domingos.

—Grant, Califórnia, EUA

Incluir os Discursos nas Reuniões Familiares

Selecionar mensagens que você deseja examinar de novo em família e distribuir atribuições aos membros da família para darem aula nas próximas reuniões familiares.

—Vern e Jennifer, Utah, EUA



Ler ou assistir a um discurso e identificar metas que sua família pode traçar e alcançar.

—Tony, Arizona, EUA

Usar os Discursos no Estudo das Escrituras

Alternar a leitura das escrituras pela manhã e a leitura dos discursos da conferência, à noite.

—Diane, Washington, EUA

Ler um discurso para seus filhos todas as noites antes de dormirem.

—Heather, Utah, EUA

Ler todas as referências de escrituras ao terminar a leitura de cada discurso.

—Becky, Utah, EUA

Usar cores para destacar tudo que os oradores nos pediram especificamente, e empenhar-se para seguir seus conselhos.

—Helen, Austrália

Estudar por Tópicos

Fazer uma lista que combine os

tópicos abordados na conferência geral com as coisas que você deseja melhorar em sua vida. Estudar um tópico por vez, para que possa melhorar antes da próxima conferência geral.

—Rebecca, Texas, EUA

Centralizar o foco em um tópico específico no estudo pessoal das escrituras, durante alguns dias, ou na reunião familiar durante algumas semanas.

—Francis, Nigéria

Compartilhar as Mensagens com Outras Pessoas

Incluir citações da conferência geral nos informativos e materiais impressos distribuídos.

—Todd, West Virginia, EUA

Criar ou participar de um clube de leitura da conferência geral, seja pela Internet ou pessoalmente. Toda semana, estudar um discurso e entrar no clube preparado para compartilhar suas ideias.

—Stephanie, Utah, EUA



Errata

Na parte interna da primeira capa da edição de maio de 2010, com os discursos da conferência, a terceira sentença da legenda para *Harmony, Pensilvânia*, de Al Rounds, deveria ser: “Aqui o Profeta Joseph traduziu grande parte do Livro de Mórmon”.

Na edição de outubro de 2010 das revistas *Ensign* e *A Liahona*, *Templos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*, a fotografia do Templo de Washington D.C., nas páginas 4 e 5, e a do Templo de Portland Oregon, na última capa, foram tiradas por Robert A. Boyd. ■

A FAMÍLIA

PROCLAMAÇÃO AO MUNDO

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA E O CONSELHO DOS DOZE APÓSTOLOS DE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

NÓS, A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA e o Conselho dos Doze Apóstolos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, solenemente proclamamos que o casamento entre homem e mulher foi ordenado por Deus e que a família é essencial ao plano do Criador para o destino eterno de Seus filhos.

TODOS OS SERES HUMANOS—homem e mulher—foram criados à imagem de Deus. Cada indivíduo é um filho (ou filha) gerado em espírito por pais celestiais que o amam e, como tal, possui natureza e destino divinos. O sexo (masculino ou feminino) é uma característica essencial da identidade e do propósito pré-mortal, mortal e eterno de cada um.

NA ESFERA PRÉ-MORTAL, os filhos e filhas que foram gerados em espírito conheciam e adoravam a Deus como seu Pai Eterno e aceitaram Seu plano, segundo o qual Seus filhos poderiam obter um corpo físico e adquirir experiência terrena a fim de progredirem rumo à perfeição, terminando por alcançar seu destino divino como herdeiros da vida eterna. O plano divino de felicidade permite que os relacionamentos familiares sejam perpetuados além da morte. As ordenanças e os convênios sagrados dos templos santos permitem que as pessoas retornem à presença de Deus e que as famílias sejam unidas para sempre.

O PRIMEIRO MANDAMENTO dado a Adão e Eva por Deus referia-se ao potencial de tornarem-se pais, na condição de marido e mulher. Declaramos que o mandamento dado por Deus a Seus filhos, de multiplicarem-se e encherem a Terra, continua em vigor. Declaramos também que Deus ordenou que os poderes sagrados de procriação sejam empregados somente entre homem e mulher, legalmente casados.

DECLARAMOS que o meio pelo qual a vida mortal é criada foi estabelecido por Deus. Afirmamos a santidade da vida e sua importância no plano eterno de Deus.

O MARIDO E A MULHER têm a solene responsabilidade de amar-se mutuamente e amar os filhos, e de cuidar um do outro e dos filhos. “Os filhos são herança do Senhor” (Salmos 127:3).

Os pais têm o sagrado dever de criar os filhos com amor e retidão, atender a suas necessidades físicas e espirituais, ensiná-los a amar e servir uns aos outros, guardar os mandamentos de Deus e ser cidadãos cumpridores da lei, onde quer que morem. O marido e a mulher—o pai e a mãe—serão considerados responsáveis perante Deus pelo cumprimento dessas obrigações.

A FAMÍLIA foi ordenada por Deus. O casamento entre o homem e a mulher é essencial para Seu plano eterno. Os filhos têm o direito de nascer dentro dos laços do matrimônio e de ser criados por pai e mãe que honrem os votos matrimoniais com total fidelidade. A felicidade na vida familiar é mais provável de ser alcançada quando fundamentada nos ensinamentos do Senhor Jesus Cristo. O casamento e a família bem-sucedidos são estabelecidos e mantidos sob os princípios da fé, da oração, do arrependimento, do perdão, do respeito, do amor, da compaixão, do trabalho e de atividades recreativas salutaras. Segundo o modelo divino, o pai deve presidir a família com amor e retidão, tendo a responsabilidade de atender às necessidades de seus familiares e de protegê-los. A responsabilidade primordial da mãe é cuidar dos filhos. Nessas atribuições sagradas, o pai e a mãe têm a obrigação de ajudar-se mutuamente, como parceiros iguais. Enfermidades, falecimentos ou outras circunstâncias podem exigir adaptações específicas. Outros parentes devem oferecer ajuda quando necessário.

ADVERTIMOS que as pessoas que violam os convênios de castidade, que maltratam o cônjuge ou os filhos, ou que deixam de cumprir suas responsabilidades familiares, deverão um dia responder perante Deus pelo cumprimento dessas obrigações. Advertimos também que a desintegração da família fará recair sobre pessoas, comunidades e nações as calamidades preditas pelos profetas antigos e modernos.

CONCLAMAMOS os cidadãos e governantes responsáveis de todo o mundo a promoverem as medidas designadas para manter e fortalecer a família como a unidade fundamental da sociedade.

Esta proclamação foi lida pelo Presidente Gordon B. Hinckley como parte de sua mensagem na Reunião Geral da Sociedade de Socorro, realizada em 23 de setembro de 1995 em Salt Lake City, Estado de Utah, EUA.



“Rapazes, eu os admoesto a prepararem-se para servir como missionários. Mantenham-se limpos, puros e dignos de representar o Senhor. Mantenham sua saúde e suas forças (...),” disse o Presidente Thomas S. Monson durante a sessão de abertura da 180ª Conferência Geral Semestral. “Uma palavra para vocês, moças: embora não tenham a mesma responsabilidade de servir como missionárias de tempo integral, como os rapazes do sacerdócio têm, vocês também fazem uma valiosa contribuição como missionárias, e ficamos felizes quando decidem servir. E agora para vocês, irmãos e irmãs mais idosos, precisamos de muitos mais casais idosos. (...) Há poucas ocasiões em sua vida em que vocês desfrutarão o doce espírito e a satisfação de servirem juntos em tempo integral na obra do Mestre.”